

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E**  
**EDUCAÇÃO**

**DEISIANE MARIA MOREIRA CABRAL**

**A BOLA LARANJA DO TRIÂNGULO MINEIRO: realização de dois livros-  
reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia**

**UBERLÂNDIA, 2017**

**DEISIANE MARIA MOREIRA CABRAL**

**A BOLA LARANJA DO TRIÂNGULO MINEIRO: realização de dois livros-  
reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia**

Relatório de Defesa apresentado ao curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a aquisição do título de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio

**UBERLÂNDIA, 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

C117b Cabral, Deisiane Maria Moreira, 1991-  
2017 A bola laranja do Triângulo Mineiro : realização de dois livros-reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia / Deisiane Maria Moreira Cabral. - 2017.  
288 f. : il.

Orientador: Rafael Duarte Oliveira Venancio.

Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Inclui bibliografia.

Produto: 2 livros reportagens.

1. Educação - Teses. 2. Basquetebol - História - Uberlândia (MG) - Teses. 3. Jornalismo esportivo - Uberlândia (MG) - Teses. 4. Esportes - Aspectos culturais - Teses. I. Venancio, Rafael Duarte Oliveira. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof(a). Dr(a). Rafael Duarte Oliveira Venâncio  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



---

Prof(a). Dr(a). Marcelo Marques Araújo  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU



---

Prof(a). Dr(a). Luciano Victor Barros Maluly  
Universidade de São Paulo - USP

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	5
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	8
2.1 O jornalismo esportivo em pauta	8
2.2 Livro-reportagem: um veículo de construção de narrativas de realidade	11
2.3 O esporte da bola laranja	16
2.3.1 <i>O Brasil e o basquete</i>	19
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE DESENVOLVIMENTO DOS PRODUTOS</b>	23
3.1 Roteiro para elaboração dos livros-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia	26
3.2 Pré-Produção	26
3.2.1 <i>Roteiro geral de Pré-produção</i>	26
3.2.2 <i>Roteiro de Pré-produção que utiliza Mídias Escritas/Impressas</i>	28
3.2.3 <i>Roteiro geral de Pré-produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)</i>	29
3.3 Produção	30
3.3.1 <i>Roteiro geral de Produção</i>	30
3.3.2 <i>Roteiro de Produção que utiliza Mídias Escritas</i>	32
3.3.3 <i>Roteiro geral de Produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)</i>	32
3.4 Pós-produção	33
3.4.1 <i>Roteiro geral de Pós-produção</i>	33
3.4.2 <i>Roteiro de Pós-produção que utiliza Mídias Escritas</i>	34
3.4.3 <i>Roteiro geral de Pós-produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)</i>	35
3.5 Recursos necessários	36
3.6 Linha do Tempo do Basquete de Uberlândia	36
<b>4 MEMORIAL DESCRITIVO DOS PRODUTOS</b>	67
4.1 Livro-reportagem "A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia"	67
4.1.1 <i>Descrição da obra</i>	67
4.1.2 <i>Relato do desenvolvimento do trabalho</i>	68

4.2 Livro-reportagem "Ídolos do basquete de Uberlândia" .....	70
4.2.1 <i>Descrição da obra</i> .....	70
4.2.2 <i>Relato do desenvolvimento do trabalho</i> .....	71
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
<b>APÊNDICE A- Materiais Pesquisados</b> .....	78
<b>APÊNDICE B- Livro-reportagem impresso “A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia”</b> .....	79
<b>APÊNDICE C- Livro-reportagem digital “Ídolos do Basquete de Uberlândia”</b> .....	221

## 1 APRESENTAÇÃO

O esporte faz parte de toda cultura e, aliás, é cultura. Trata-se de uma paixão de milhares de pessoas. Estamos falando de algo que mexe com a emoção do ser humano, seja para praticar ou mesmo torcer. Por falar nisso, existem inúmeras modalidades esportivas individuais ou coletivas. Em Uberlândia, um esporte que ganhou notoriedade não só no cenário regional, mas também elevou o nome da cidade em escala nacional nos últimos anos foi o basquete. A cidade se tornou referência quando o assunto é o esporte da bola laranja.

Este trabalho versa sobre o jornalismo esportivo. Dentro desse tema, levando em consideração a representatividade do basquete uberlandense, o assunto retratado é o esporte da bola laranja e o objeto de estudo é a história do basquete em Uberlândia.

Existe uma história sobre o basquete de Uberlândia, Minas Gerais, que não foi contada. Em que contexto essa modalidade esportiva emergiu na cidade? Quando foi o primeiro jogo do esporte? Quais foram os primeiros atletas? E a primeira equipe de basquete? Quando o esporte se profissionalizou? Quantos e quais times existiram? Quais foram as conquistas desses times? Afinal qual é a história? Qual é a importância histórica desse esporte para a cidade uberlandense? Existem tantas perguntas. Tantas curiosidades.

Sabemos que existe uma história, mas que não foi narrada. Ela está espalhada na memória daqueles que vivenciaram o esporte na cidade, seja jogando, trabalhando ou torcendo. Ela está registrada em documentos oficiais e nas páginas de jornais. Está guardada em acervos de emissoras de rádios e televisões. Encontra-se espalhada pela internet. São fragmentos dispersos em lugares, objetos e pessoas distintas, mas não existe uma junção das diversas histórias em um único lugar. Há, inclusive, muitos dados, fatos, recordações sobre o basquete de Uberlândia que não são conhecidos.

É mergulhando nessas inquietações, levando em conta a inexistência de produtos que tragam à tona a história do basquete uberlandense, que surge a proposta do produto de Mestrado do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação: narrar uma história que não foi contada. Resgatar a memória esportiva do basquete da cidade, desde as práticas educativas até as equipes profissionais, por meio de livro-reportagem.

O estudo se centra na trajetória do basquete em Uberlândia, pois o que se pretende é documentar a história do esporte. O trabalho busca revelar como a prática esportiva se tornou uma marca que elevou o nome da cidade de Uberlândia quando o assunto é esporte. Além

disso, visa mostrar que a modalidade possui uma importância histórica para a cidade do Triângulo Mineiro.

O objetivo geral da proposta de produto é produzir dois livros-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia. A proposta é, justamente, resgatar a história do esporte na cidade por meio de narrativas de realidade, produzindo um trabalho que contribua para a construção da identidade esportiva de Uberlândia. São objetivos específicos: apreender em que contexto o basquete emergiu em Uberlândia; descobrir quando foi o primeiro jogo do esporte na cidade mineira; saber quais foram os primeiros atletas da modalidade esportiva, além de descobrir quais jogadores e membros da comissão técnica fizeram parte do basquete uberlandense; conhecer qual foi a primeira equipe de basquete da cidade; mapear quantos e quais times amadores e profissionais existiram e quais foram as conquistas dessas equipes; conhecer a história do esporte de bola laranja em Uberlândia desde o surgimento até o contexto atual e divulgá-la.

Dessa forma, o produto principal do curso de Mestrado é o livro-reportagem impresso intitulado “A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia”. O produto foi resultado de um longo processo. Para a produção da obra sobre a história do basquete em Uberlândia foram utilizados diversos procedimentos metodológicos, a saber: pesquisa bibliográfica sobre os postulados teóricos que nortearam todo o trabalho como as noções de livro-reportagem, narrativas, memória, jornalismo esportivo e basquetebol; pesquisa documental sobre a história do basquete uberlandense em acervos de jornais e na internet; produção de pautas, coleta de dados, contato com as fontes e realização de entrevistas com as fontes; redação das reportagens para compor o livro-reportagem; revisão do material produzido e envio da produção para a Editora para a realização dos serviços de diagramação, produção de capa e impressão da obra.

Durante a realização do projeto proposto, surgiu a ideia de construção de um segundo produto. As pesquisas e entrevistas realizadas reuniram muitos dados e deram origem a outro livro-reportagem que engloba a história do basquete de Uberlândia por meio de um foco diferente do produto principal: se centra nos personagens, isto é, nos agentes que ajudaram a construir a trajetória do esporte na cidade do Triângulo Mineiro. Trata-se de um livro digital intitulado de “Ídolos do basquete de Uberlândia”. Para a produção da obra, foram necessários os mesmos procedimentos elencados anteriormente, com a exceção do envio do material para

a Editora. No caso do livro digital, após a produção da capa e a diagramação do texto, o material foi enviado para publicação na *Amazon*.

Obras que tragam à tona o registro histórico do basquete uberlandense são importantes para que essa história não seja perdida, para que não seja apenas uma recordação daqueles que assistiram ou participaram dela. Assim, os livros serão fonte documental para futuras pesquisas sobre o basquete em Uberlândia. Poderão, ainda, abrir caminhos para futuros trabalhos sobre o tema.

Os livros irão suprir uma lacuna: a da inexistência de produtos que pautem essa história. Trata-se de um projeto relevante, pois contribuirá para a preservação da memória esportiva do basquete uberlandense. Assim, todo o universo do esporte da bola laranja de Uberlândia será estampado nas páginas dos livros, permitindo que essa história não se perca no tempo, mas que venha para o conhecimento de todos e que seja a permanência viva por meio da obra.

Este relatório foi dividido em cinco partes. A primeira compreendeu a apresentação do trabalho. Na segunda etapa vamos apresentar os capítulos conceituais intitulados “O Jornalismo Esportivo em pauta”, “Livro-Reportagem: um veículo de construção de narrativas de realidade”, “O Esporte da Bola Laranja” e “O Brasil e o Basquete”. O terceiro capítulo trata-se da exposição dos procedimentos metodológicos de desenvolvimento dos livros-reportagem. Logo após, traremos o “Memorial descritivo dos produtos” que compreende a descrição das obras e o relato de desenvolvimento dos produtos. Por fim, apresentaremos as considerações finais do trabalho.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O jornalismo esportivo em pauta

O produto desenvolvido no curso de Mestrado versa sobre o jornalismo esportivo. Trata-se de uma especialidade da atividade jornalística resultado da segmentação da informação. Estamos falando do jornalismo especializado em que “o campo jornalístico, que olha para o todo, passa a voltar-se, com um olhar muito próprio, para campos específicos, para segmentos e domínios pontuais da sociedade” (TAVARES, 2008, p. 3-4).

Com a segmentação da informação passamos, então, a ter a cobertura especializada de assuntos direcionada para públicos específicos: “a especialização destina-se tanto ao tema, quanto ao perfil do receptor que se pretende atingir” (ABIAHY, 2005, p. 16). É neste contexto que se encaixa o jornalismo esportivo: uma cobertura específica sobre o tema esporte. A cobertura esportiva tem muita força no Brasil, pois

O esporte tem uma significativa importância para o campo jornalístico, já que a cultura brasileira está permeada por ele. Dessa forma, na medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço e, da mesma maneira, é requisitado aos mídias mais especialização para a cobertura jornalística (BORELLI, 2002, p. 12).

Nesta concepção, a prática jornalística esportiva vai de encontro com os interesses de milhares de pessoas. O esporte é algo popular e as pessoas gostam de ver partidas e campeonatos e acompanhar os noticiários do universo esportivo. A demanda aumentou “justamente pelo envolvimento que os leitores têm com o esporte, pelas paixões que move, pelos imaginários que nutre, pelas cifras que movimenta, etc” (BORELLI, 2002, p. 13).

Por falar em paixão, o título do livro de Celso Unzelte sobre a prática jornalística esportiva “Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão” diz muito sobre o que é o jornalismo esportivo. Pois, mais do que a definição de que se trata de uma especialidade do jornalismo dedicada à cobertura esportiva, a editoria de esportes é uma cobertura de paixão. Paixão de quem relata, muitas vezes, e paixão de quem lê, ouve ou vê matérias esportivas.

Trata-se de uma paixão de milhares de pessoas. Como afirma Celso Unzelte, “a paixão é inerente ao esporte, e, por extensão, à atividade do jornalista esportivo. Mais inteligente do que negá-la é saber lidar tanto com sua paixão quanto com a dos outros” (UNZELTE, 2009, p.

15). Aliás, “o esporte, por suas próprias características (ludicidade, entretenimento, lida com paixões, emoções, valores, etc) é um tema que perpassa interesses, cotidianos, sentimentos, anseios e expectativas de vários campos sociais” (BORELLI, 2002, p. 18).

Logo, tratar de esportes é lidar diretamente com emoção. Para Barbeiro, “a emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos” (BARBEIRO, BARBEIRO; 2006, p. 45). E o autor completa: “Dizem que não se faz um bom jornalismo sem emoção. Concordamos. Mas sempre com o compromisso com a verdade também presente” (BARBEIRO, BARBEIRO; 2006, p. 46).

O fato de lidar com emoção e paixão não exclui a característica de que jornalismo esportivo é jornalismo. E isso significa que a prática jornalística esportiva possui técnicas que norteiam o seu fazer:

Antes de tudo, o Jornalismo Esportivo é um jornalismo técnico. De números, de fatos, de jogo e de dinâmicas próprias. Possui suas interfaces com a História, com a Sociologia e com a Economia, mas sua atividade-fim é relatar o jogo, opinar de acordo com os parâmetros postos e entrar na lógica de interesse público que o esporte demanda. Como o esporte é pura competição, essa situação permeia o Jornalismo Esportivo, especialmente no desenvolvimento de subjetividade. A opinião jornalística de esportes pressupõe não só um time que você torce, mas também todos os outros que você não torce (VENANCIO, 2014, s.p).

Além de utilizar os elementos típicos do fazer jornalístico como produção de pautas, entrevistas, edição, redação e revisão; o jornalismo esportivo usa ferramentas da própria atividade esportiva:

Assim como o trabalho jornalístico como um todo tem suas próprias regras, com a cobertura esportiva não é diferente. Neste sentido, a cobertura esportiva é realizada com ferramentas gerais, do próprio jornalismo, e com ferramentas específicas do esporte. Isto é, as regras gerais (entrevistas com fontes, formas de apreensão, construção do lead, apresentação do título, texto claro e conciso, composição da página e outros valores exigidos pelos manuais de redação) valem para todas as editorias. Porém, o jornalismo acaba incorporando fatores característicos do esporte, como a descrição da ficha técnica em jogos, o uso de expressões características do campo competitivo (linguagem agonizante, de combate, mais despojada, em função do campo ser, sobretudo, de entretenimento, etc) (BORELLI, 2002, p. 10).

O universo esportivo é um campo diverso. Além de existirem inúmeras modalidades esportivas para serem cobertas e dos assuntos pertinentes a tais atividades, como descrever partidas ou competições, noticiar resultados e rankings, há mais para se contemplar nos noticiários esportivos. Isso porque “os acontecimentos esportivos não se limitam ao campo da competição, uma vez que representam também aspectos culturais, econômicos, políticos, etc” (BORELLI, 2002, p.13). Além disso,

Para as mídias em geral, o esporte é muito mais que a ocorrência do fato em si (o esporte enquanto tal, o jogo dentro de campo), ele não é tematizado apenas nesta temporalidade, pois há a preparação para o jogo (uma pré-agenda) e também ressonâncias do acontecimento (as repercussões), que chamamos de pós-agenda (BORELLI, 2002, p.9).

Sabemos que o jornalismo esportivo rende boas histórias. Sejam histórias cotidianas sobre uma partida de certa modalidade esportiva ou mesmo histórias sobre o passado de um atleta, modalidade ou clube. A verdade é que a prática do jornalismo esportivo cabe num caderno de um jornal impresso, nas páginas de revistas, em portais de notícias na internet ou sites específicos sobre esportes (como blogs) em coberturas em rádios e canais televisivos. O jornalismo esportivo pode, ainda, ir além e transcender o jornalismo periódico, pois ele também cabe perfeitamente em livros.

Segundo Barbeiro e Barbeiro, “a linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos” (BARBEIRO, BARBEIRO; 2006, p. 54). Atualmente, a linguagem usada na cobertura jornalística esportiva segue as especificidades de cada veículo – jornal impresso, revista, rádio, televisão e internet. Mas em qualquer que seja o meio de comunicação uma coisa é certa: a editoria de esportes permite uma liberdade textual. O jornalista não precisa seguir o lead<sup>1</sup> clássico usado nas matérias periódicas em geral. Ele pode usar a criatividade para narrar fatos e histórias do universo esportivo por meio de um texto leve e agradável aos leitores ou ouvintes, buscando prender a atenção dos espectadores. A linguagem é inclusive uma estratégia para envolver o espectador com a matéria.

---

<sup>1</sup> Trata-se do primeiro parágrafo de uma matéria jornalística respondendo as seis perguntas básicas: Quem, o quê, quando, onde, como e por que.

## 2.2 Livro-reportagem: um veículo de construção de narrativas de realidade

O formato escolhido para se contar a história do basquete de Uberlândia é o livro-reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009), o gênero<sup>2</sup>, que está em expansão no Brasil, é um meio de comunicação familiar nas editorias do ocidente. O autor enfatiza que o livro-reportagem cumpre uma função importante: “prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2009, p. 1).

Mais do que ser um meio de comunicação jornalístico não periódico, o livro-reportagem é um veículo que possibilita trabalhar temas em profundidade, com uma abordagem ampla. Não se trata de ficção. No livro-reportagem, há um mergulho nos temas em que se aborda. E aquilo que se reporta se debruça na realidade. Estamos falando de um gênero em que encontramos a narrativa do real.

De acordo com Lima (2009, Estação de embarque XIII), trata-se de um “produto cultural de características peculiares” que combina elementos do jornalismo e da literatura. Para o autor:

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validade. (LIMA, 2009, Estação de embarque XV).

Seguindo a fórmula clássica da notícia em que se busca responder as perguntas básicas que compõem o lead da matéria (o quê, quando, onde, como e por que), na imprensa cotidiana há temas e sujeitos não abordados ou trabalhados em profundidade. Além de ser um veículo que informa de forma ampliada, o livro-reportagem possibilita, ainda, preencher essa lacuna da imprensa cotidiana. Lima considera que mais do que preencher vazios, o livro-reportagem “avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística” (LIMA, 2009, p.4).

O formato está intrinsecamente ligado ao jornalismo. Lima o considera um subsistema do sistema jornalismo. O livro-reportagem incorpora técnicas do fazer jornalístico, como o

---

<sup>2</sup> Gênero, neste caso, está sendo usado como sinônimo de formato.

processo de produção, redação e edição. Além disso, quem produz o livro, geralmente, é um jornalista.

Assim, levando em conta a sua face dinâmica, o livro-reportagem é um subsistema por incorporar elementos procedentes do jornalismo — os próprios autores, sua narrativa por excelência, que é a reportagem, seus recursos técnicos — e, em menor escala, do sistema editorial — os meios de produção específicos do setor, as condições peculiares de produção de livros e suas condicionantes, as editoras, o mercado editorial, o público, os esquemas de distribuição do produto livro, e assim por diante (LIMA, 2009, p. 39).

Como o próprio nome livro-reportagem indica, trata-se de um livro composto por reportagens. Reportagem é uma categoria do jornalismo em que a abordagem ampliada acerca de um tema, evento ou pessoa ganha vez. É justamente com o intuito de ir além do tratamento raso dado a notícia que surge a reportagem no jornalismo. Como afirma Lima,

Por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de *reportagem*. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande-reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides já mencionadas (LIMA, 2009, p. 18).

Assim, podemos afirmar que “o livro-reportagem é o veículo da comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). É a forma de se comunicar o real por meio de narrativa. Aliás, “a narrativa não é privilégio da arte ficcional” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11). Trata-se de “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11). Neste contexto, entende-se por narrativa:

[...] o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato (LIMA, 2009, p. 138).

Segundo Lima, há livros-reportagem que se originam de material veiculado na imprensa cotidiana e outros que provém, desde o início, de um projeto. Além disso, existem aqueles produzidos a partir de algo que repercute na atualidade e outros que não se limitam ao aqui e agora e trabalham temáticas que envolvem o passado de algo ou alguém. Neste contexto, “o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas” (LIMA, 2009, p. 44-45). Este é ponto positivo do livro-reportagem, pois:

O livro-reportagem permite esse retorno ao *que já foi* para lhe reposicionar em termos do que este *representa hoje*, transformado, reequipado de nova vestimenta. A ponte que permite essa conexão entre os fatos desenrolados no passar do tempo, para o leitor, é a periodicidade, testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer o homem moderno não se esquecer do movimento incessante da existência. E da periodicidade aproveita-se o livro-reportagem para impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento. O vazio do tempo, entre o presente e o passado histórico — que supõe um distanciamento mais prolongado do atual —, é coberto pelo livro-reportagem (LIMA, 2009, p. 46).

Outro ponto positivo do livro-reportagem é que ele é um produto que não possui caráter passageiro. O que ele veicula não tem valor apenas no presente, mas possui significado no futuro, pois é um meio de comunicação que pode eternizar uma história de vida, uma pessoa, um acontecimento.

Além disso, uma característica marcante do livro-reportagem é a liberdade de criação que o formato possui. A começar pela temática. Há uma diversidade de temas que podem ser explorados. Como afirma Lima (2009, p. 49), “essa modalidade da comunicação jornalística trata dos mais variados assuntos, da tecnologia à arte literária”. Além da temática, o livro-reportagem possibilita também liberdade de angulação, isto é, no enfoque dado ao que se narra. É o autor que determina como abordará o tema escolhido e quais recursos utilizará.

A liberdade se estende às fontes, uma vez que o autor pode usar fontes variadas. E o livro-reportagem não se prende à atualidade, pois há uma liberdade temporal, como afirma Lima: “livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade, resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que todavia segue causando efeitos neste” (LIMA, 2009, p. 85).

Para Lima existem diferentes grupos de livros que se distinguem quanto ao tema ou ao tratamento narrativo. O autor classifica os tipos de livros-reportagem existentes: “livro-reportagem-perfil”, “livro-reportagem-depoimento”, “livro-reportagem-retrato”, “livro-reportagem-ciência”, “livro-reportagem-ambiente”, “livro-reportagem-história”, “livro-reportagem nova consciência”, “livro-reportagem-instantâneo”, “livro-reportagem-atualidade”, “livro-reportagem-antologia”, “livro-reportagem-denúncia”, “livro-reportagem-ensaio” e “livro-reportagem-viagem”.

Não vamos explicitar cada um dos tipos citados por Lima. Neste trabalho, vamos nos ater a falar apenas de duas categorias por se tratar das obras desenvolvidas sobre a história do basquete de Uberlândia: o livro-reportagem-história e o livro-reportagem-perfil. Como o nome indica, o livro-reportagem-história é aquele que traz uma história que tem significado para o presente. Assim, o livro-reportagem-história:

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distantes no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados (LIMA, 2009, p. 54).

Seguindo essa concepção, no “livro-reportagem-história” há uma reconstrução de algo que aconteceu. Para isso utiliza-se da memória, “entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais, esse método de captação encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem” (LIMA, 2009, p. 127). Neste contexto, a memória é um elemento utilizado para a coleta de fatos que irão compor uma história. Segundo Jacques Le Goff, “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1924, p. 49).

Já no livro-reportagem-perfil o foco da obra é uma pessoa, conforme explanação de Lima:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2009, p. 51-52).

Considerando que o livro-reportagem é um veículo de construção de narrativas de realidade, o livro-reportagem-perfil é, assim, uma narrativa de personagem. O foco é, justamente, o personagem e o relato se volta para quem é a pessoa, abordando aspectos de sua vida, do seu passado e/ou presente. O livro-reportagem-perfil também pode ser um livro-reportagem-história na medida em que envolve o passado do personagem relatado. É o que acontece, por exemplo, quando se conta a trajetória de vida de determinado indivíduo.

O livro-reportagem é resultado da inquietude do jornalista: seja para falar de algo com profundidade, seja para construir narrativas do real. O tratamento dado ao texto no livro em questão agrega recursos do jornalismo e da literatura. Por se tratar de uma obra que contém uma narrativa extensa, Lima destaca algumas características que o texto do livro-reportagem deve apresentar: “o texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando exatamente para combater o ruído da dispersão” (LIMA, 2009, p. 145).

Por falar em recursos da literatura, existe uma especialidade do jornalismo muito utilizada na produção de uma obra em que se contam histórias da realidade. Estamos falando do jornalismo literário. Utilizar o jornalismo literário em uma produção,

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente emburhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

Para Felipe Pena, o jornalismo literário está ligado à linguística. E mais: é uma forma que nos permite dar “musicalidade” ao texto. De acordo com o autor, “estamos sempre ‘empalavrando’ o mundo. O que falta é valorizar a musicalidade” (PENA, 2006, 21). Assim, a forma literária possibilita a construção de um texto mais leve e agradável aos leitores. Em uma obra em que se conta narrativas longas, esse tratamento dado ao conteúdo é importante pois contribui para prender a atenção do leitor.

Aliás, o jornalismo esportivo tem tudo a ver com texto leve e agradável aos leitores. Dessa forma, o jornalismo esportivo nos permite usar uma linguagem mais “musicalizada”. Como afirma Celso Unzelte, “muita gente gosta de esportes, opinião sobre

esse assunto todo mundo tem. Imprescindível, mesmo, é saber traduzir isso em uma boa reportagem, em um bom texto, em um título ou chamada que prenda a atenção do leitor ou espectador” (UNZELTE, 2009, p. 16).

### 2.3 O esporte da bola laranja

Massachusetts, Estados Unidos. Springfield College<sup>3</sup>. Inverno de 1891. É neste cenário que surgia uma nova modalidade esportiva no mundo: o basquete. Obra do professor canadense James Naismith. Segundo o site da Confederação Brasileira de Basketball (CBB), tudo começou porque o rigoroso inverno de Massachusetts tornava-se um empecilho para a prática esportiva ao ar livre. Diante da barreira, o diretor do Springfield College, Luther Halsey Gullick incumbiu a Naismith a tarefa de “pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas” (CBB, 2015, s.p). Dada a missão, Naismith logo teve as primeiras ideias de como deveria ser o novo jogo:

Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Sem dúvida, deveria ser jogado com uma bola, maior que a de futebol, que quicasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um sentido coletivo. Havia um outro problema: se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existiria. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida por muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances (CBB, 2015, s.p).

Com o intuito de conceder grau de dificuldade ao invento esportivo, Naismith pensou em criar um alvo que ficasse no alto.

Mas qual seria o melhor local para fixar o alvo? Como ele seria? Encontrando o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de cerca de 8 polegadas quadradas (45,72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssego. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0m, uma em cada lado do ginásio. Mediu a altura. Exatos 3,05m, altura esta que permanece até hoje. Nascia a cesta de basquete (CBB, 2015, s.p).

---

<sup>3</sup> Colégio Internacional da Associação Cristã de Moços (ACM).

A cesta de basquete era fechada, o que dificultava o andamento do jogo, pois toda vez que um jogador acertava o alvo alguém tinha que retirar a bola de dentro do cesto. Mais tarde decidiram cortar a base do cesto para que a bola caísse na quadra e o jogo continuasse normalmente.

Não existe um registro do dia exato da primeira partida. O que se tem notícia é que o primeiro jogo de basquete foi realizado em dezembro de 1891. Já a primeira partida oficial do novo esporte aconteceu em 11 de março de 1892. A primeira bola foi criada 1891 pela A. C. Spalding & Brothers de Chicopee Falls e as primeiras cestas sem fundo surgiram em 1892, desenhadas por Lew Allen, de Connecticut. Em 1932 ocorreu a primeira conferência internacional de basquete. A conferência trouxe uma novidade: nascia ali a Federação Internacional de Basquetebol, a FIBA.

O jogo criado naquele inverno de 1891 adquiriu sucesso com o passar dos anos. Um dos momentos marcantes do basquete aconteceu em 1936, quando o esporte foi incluído nas Olimpíadas de Berlim. Na ocasião, o inventor da modalidade esportiva Naismith “lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas” (CBB, 2015, s.p.).

O esporte criado por James Naismith foi chamado de basketball. Em português, chamamos a modalidade de basquetebol ou basquete. Também nos referimos a ele por esporte de bola ao cesto, tradução da nomenclatura: basket - cesto e ball – bola. Outra expressão usada é esporte da bola laranja em referência a bola utilizada na prática dessa modalidade esportiva.

A FIBA é responsável pela regulação e organização do basquete em nível mundial e pela definição das regras internacionais do esporte da bola laranja. De acordo com as regras oficiais de basquetebol aprovadas pela instituição atualmente, uma equipe de basquete é constituída de até doze membros, dos quais um é capitão. O jogo de basquete é disputado por dois times e cada equipe entra em quadra com cinco jogadores titulares e sete reservas. O jogo é conduzido pelo árbitro e um ou dois fiscais, além dos oficiais de mesa (um apontador<sup>4</sup>, um assistente de apontador<sup>5</sup>, um cronometrista<sup>6</sup> e um operador do cronômetro de 24 segundos<sup>7</sup>). Além disso, soma-se a equipe um comissário<sup>8</sup>, se estiver presente.

---

<sup>4</sup> O apontador é responsável por cuidar da súmula do jogo. É ele quem anota o nome e número de cada jogador, bem como o sumário dos pontos e o registro das faltas cometidas. Ele também, dentre outras funções, notifica os pedidos de tempo e efetua substituições.

<sup>5</sup> O assistente de apontador é responsável por operar o placar e auxiliar o apontador.

<sup>6</sup> O cronometrista tem à sua disposição um relógio de jogo e um cronômetro. Ele é responsável por cronometrar o tempo de jogo, os tempos debitados (interrupções da partida) e os intervalos de jogo.

O tamanho da quadra de jogo, definida pela FIBA, é de 28m de comprimento por 15m de largura, mas as Federações Nacionais podem aprovar quadras de 26m por 14m. A bola é jogada apenas com as mãos. As regras determinam: a bola “pode ser passada, lançada, tapeada, rolada ou driblada em qualquer direção” (FIBA, 2010, p. 20) e “um jogador não poderá correr com a bola, chutá-la ou bloqueá-la deliberadamente com qualquer parte da perna, ou golpeá-la com o punho” (FIBA, 2010, p. 20). Além disso, é proibido driblar com as duas mãos ao mesmo tempo.

A finalidade de uma partida de basquete é a marcação de pontos pelas equipes: “O objetivo de cada equipe é marcar pontos na cesta dos adversários e evitar que a outra equipe pontue” (FIBA, 2010, p.5). Vence o jogo a equipe que fizer o maior número de pontos ao final da partida. Por falar nisso, uma partida de basquete possui quatro períodos de dez minutos cada. O tempo é cronometrado e só conta com a bola em jogo. O tempo de jogo parado significa cronômetro parado também. Dessa forma, o tempo útil de um jogo de basquete é de 40 minutos.

O jogo se inicia quando um dos árbitros lança a bola ao alto no círculo central com a presença de um jogador de cada equipe, que disputam a posse da bola. Durante a partida, existem intervalos entre todos os períodos de tempo: são dois minutos entre o primeiro e o segundo período e entre o terceiro e quarto período; e quinze minutos entre o segundo e terceiro tempo, exatamente no meio do jogo. Em caso de empate no fim do tempo do último período, o jogo continua com períodos extras de cinco minutos de duração cada um até que haja o desempate entre as equipes.

O tempo de posse de bola para uma equipe realizar o ataque é de 24 segundos, ou seja, o time tem esse tempo para lançar a bola no cesto adversário. Dos 24 segundos, a equipe pode ficar com a posse da bola em sua zona de defesa no máximo oito segundos. Além disso, um jogador não pode permanecer na área restritiva dos adversários por mais de três segundos quando a posse de bola for de sua equipe. Outra regra é que o tempo máximo para um atleta permanecer com a bola sem driblar é de cinco segundos.

---

<sup>7</sup> O operador de 24 segundos possui em relógio de 24 segundos à sua disposição para controlar o tempo de posse de bola das equipes que é, justamente, de 24 segundos.

<sup>8</sup> “O comissário sentará entre o apontador e o cronometrista. Sua tarefa principal durante o jogo é supervisionar o trabalho dos oficiais de mesa e auxiliar o árbitro e o(s) fiscal (is) no bom funcionamento do jogo” (FIBA, 2015, p. 54).

Uma cesta é convertida quando a bola atravessa a cesta do time adversário. A pontuação varia: a cesta de lance livre vale um ponto, a da área de campo vale dois pontos e a cesta feita antes da linha de três pontos corresponde a três pontos.

### ***2.3.1 O Brasil e o basquete***

O Brasil não demorou muito a conhecer a nova prática esportiva criada nos Estados Unidos. Cinco anos depois de o basquete ter sido inventado por lá, o esporte da bola laranja chegou ao Brasil por meio do estadunidense Augusto Shaw. Shaw formou-se em Artes pela Universidade de Yale em 1892. Na Universidade ele conheceu a novidade esportiva da época e ao vir para o Brasil, dois anos depois de se graduar, Shaw trazia para os solos brasileiros mais que seus conhecimentos em Artes. Augusto Shaw

recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Na bagagem, trouxe mais do que livros sobre história da arte. Havia também uma bola de basquete. Mas demorou um pouco até que o professor pudesse concretizar o desejo de ver o esporte criado por James Naismith adotado no Brasil. A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Para piorar, havia a forte concorrência do futebol, trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande coqueluche da época entre os homens (CBB, 2015, s.p.).

Shaw teve, então, um obstáculo a enfrentar: convencer os homens que o basquete não era um esporte apenas feminino. O professor conseguiu quebrar a resistência dos seus alunos e o resultado foi a criação da primeira equipe do esporte da bola laranja no Brasil em 1896 - a equipe do Mackenzie College. A partir daí o basquete começou a se difundir no país e sua aceitação nacional, segundo a CBB, “veio através do Professor Oscar Thompson, na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro” (CBB, 2015, s.p.).

As primeiras competições de basquete no Rio de Janeiro aconteceram em 1912. Já em 1913 o basquete foi introduzido em um clube pela primeira vez:

Em 1913, quando da visita da seleção chilena de futebol a convite do América Futebol Clube, seus integrantes, membros da ACM de Santiago, passaram a frequentar o ginásio da rua da Quitanda. Henry Sims, convenceu os dirigentes do América a introduzir o basquete no clube da rua Campos Salles, no bairro da Tijuca. Para animá-los, arranjou um jogo contra os chilenos oferecendo uma equipe da ACM, com o uniforme do América que

triunfou pelo curioso score de 5 a 4. O plano vingou e o América foi o primeiro clube carioca a adotar o basquete (CBB, 2015, s.p.).

Em 1915 as primeiras regras do basquete foram traduzidas para o português. É nesse ano também que ocorre a primeira competição de basquete da América do Sul. O torneio contou com a participação de seis equipes e repercutiu positivamente: “O sucesso foi tão grande que a Liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres no Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquete em 1916. O primeiro campeonato oficializado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo” (CBB, 2015, s.p.).

A primeira seleção brasileira de basquete foi convocada em 1922. A data marcava a comemoração do Centenário do Brasil nos Jogos Latino-Americanos - torneio entre as seleções do Brasil, Argentina e Uruguai. A seleção brasileira estreou no esporte da bola laranja vencendo a competição. Em 1933 nasceu a Federação Brasileira de Basketball, quando os clubes começaram a adotar outros esportes para além do futebol:

Em 1933 houve uma cisão no esporte nacional, quando os clubes que adotaram o profissionalismo do futebol criaram entidades especializadas dos vários desportos. Nasceu assim a Federação Brasileira de Basketball, fundada a 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Em assembleia aprovada dia 26 de dezembro de 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de Basketball (CBB, 2015, s.p.).

O basquete é um esporte que tem grande importância histórica para o Brasil no universo esportivo. A modalidade esportiva se configurava como o segundo esporte mais popular do país (atrás do futebol) e dava muito orgulho para os brasileiros. Aliás, o basquetebol foi o primeiro esporte coletivo que conquistou medalhas para o país em nível mundial.

Antes de o Brasil conquistar glórias com o esporte jogado com os pés, o basquete trazia triunfos para o país. Em 1948 o país conquistava a medalha de bronze nas Olimpíadas com a equipe masculina. Foi a primeira medalha brasileira em esportes coletivos na competição mundial: “Uma medalha de bronze, no basquete masculino. E o Brasil volta ao pódio após 28 anos (entre os quais estão incluídos oito de nova paralisação olímpica por conta da Segunda Guerra Mundial), conquistando também sua primeira premiação em esportes coletivos” (VEJA, 2012, s.p.).

A seleção brasileira de basquete masculino ganhou mais dois bronzes nos Jogos Olímpicos, em 1960 e em 1964. Antes do feito com o esporte da bola laranja, o Brasil só tinha ganhado medalhas nas Olimpíadas em 1920 com o tiro esportivo. “A primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos aconteceu em 1920, na edição realizada em Antuérpia, na Bélgica. Já nessa primeira participação, conquistamos a nossa primeira medalha de ouro” (FRANÇA, 2009, s.p). Na época, a país levou três medalhas: uma de ouro, uma de prata e uma de bronze.

Se compararmos com o futebol, vamos ver que a primeira participação da seleção brasileira de futebol em Olimpíadas ocorreu em 1952, quatro anos depois da conquista do bronze pela equipe de basquete. Segundo a revista Veja, um dos marcos da participação brasileira desta época “foi a estréia no torneio de futebol. Com um time de amadores - como exigia o regulamento à época -, os brasileiros chegaram só até o 5º lugar” (VEJA, 2009, s.p). Já a primeira medalha no Brasil com o futebol nos Jogos Olímpicos só veio em 1984, quando o time conquistou a de prata.

Em mundiais a participação do basquete brasileiro também rendeu frutos. Como consta no site da CBB, a seleção brasileira conquistou dois títulos no Campeonato Mundial de Basquete, um em 1959 e outro em 1963 quando se consagrou bicampeã mundial em casa. Na ocasião, a seleção conseguia um grande feito que era motivo de muito orgulho para os brasileiros: o país se tornava bicampeão mundial nos dois esportes mais expressivos da época, o futebol (em 1958 e em 1962) e o basquete (em 1959 e em 1963). A conquista gerou muita emoção nos torcedores: “No ginásio, 25 mil vozes cantavam em coro: ‘É com o pé, é com a mão, o Brasil é bicampeão’. Em seguida, entoaram o hino nacional brasileiro. O Maracanãzinho foi tomado pela emoção. Todos se abraçavam” (MALVEIRA, 2013, p.23). Depois disso, no futebol o Brasil sagrou-se pentacampeão em 2002. Já no basquete, a seleção conquistou medalhas de prata em 1954 e 1970 e de bronze em 1967 e 1978.

Já na esfera nacional, o Brasil possui um campeonato de basquete masculino há 50 anos. Nesse meio século de trajetória, o torneio teve mais de uma configuração. A primeira competição nacional de basquetebol masculina foi criada em 1965 com o nome de Taça Brasil. O torneio se estendeu até 1989, já que em 1990, a Taça Brasil se transformou em Campeonato Nacional Masculino. O Campeonato Nacional foi disputado até 2008 e em 2009 o torneio passou a se chamar Novo Basquete Brasil (NBB) de responsabilidade da Liga Nacional de Basquete (LNB).

A Liga Nacional de Basquete (LNB) foi fundada em 1º de agosto 2008 “reunindo as principais lideranças e os mais representativos clubes do basquete brasileiro, com o objetivo de reconduzir o esporte ao posto de segundo mais popular do Brasil, atrás apenas do futebol”, (LNB, 2015, s.p). A ideia de implantar a LNB surgiu com o intuito de se criar “uma liga independente, gerida pelos próprios clubes” (LNB, 2015, s.p). Em dezembro do mesmo ano ocorreu o lançamento do Novo Basquete Brasil (NBB) pela LNB em parceria com a Rede Globo e chancela da CBB. Assim, o NBB é um campeonato brasileiro masculino adulto de basquete que teve sua primeira edição em 2009 e continua na ativa até os dias atuais.

A Liga Nacional de Basquete também criou e organiza a Liga Ouro e a Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB). A Liga Ouro surgiu em 2013 e é a divisão de acesso à elite do basquete: o NBB. Já a Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB)

foi criada dois anos antes, em 2011, em parceria com o Ministério do Esporte, com o objetivo de ser uma competição nacional de alto nível para atletas com idade inferior aos 22 anos, que representarão o Brasil nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. Mais de 60 atletas formados na LDB já atuaram nas competições principais do basquete brasileiro (LNB, 2015, s.p).

Além da existência de um campeonato nacional de basquete masculino, há também um torneio nacional feminino. O primeiro campeonato nacional de basquete feminino recebeu o nome de Taça Brasil e foi disputada de 1984 até 1997. Em 1998, o campeonato ganhou um novo formato e passou a ser intitulado de Campeonato Nacional Feminino, disputado até 2009. Em maio de 2010 surgiu a Liga de Basquete Feminino (LBF) que “nasceu com o propósito de contribuir para o renascimento do basquete feminino e devolver a modalidade ao lugar que sempre mereceu no esporte brasileiro” (LBF, 2015, s.p).

Atualmente, o basquete tem mais de 120 anos de história. O esporte que surgiu no fim do século 19 se espalhou pelo mundo e hoje, segundo dados da CBB, ele é praticado por mais de 300 milhões de pessoas em todo o planeta.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE DESENVOLVIMENTO DOS PRODUTOS**

A proposta de produto para o curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação foi produzir um trabalho sobre a história do basquete de Uberlândia. A ideia era narrativizar uma história que não foi contada, resgatando a memória do esporte da cidade. Como já mencionado, as pesquisas resultaram em dois produtos: o livro-reportagem “A Bola Laranja do Triângulo Mineiro - a história do basquete em Uberlândia” e a obra “Ídolos do basquete de Uberlândia”.

A elaboração do referencial metodológico foi embasada pelos estudos de Gil (2002) e Laville e Dionne (1999) sobre elaboração de projetos de pesquisa. A pesquisa é de finalidade aplicada, pois tem aplicação imediata na sociedade. Quando à natureza, o estudo é qualitativo, já que não se trata apenas de um levantamento de informações quantificáveis, mas de observar qualitativamente os registros disponíveis encontrados e transformá-los em livros.

Além disso, de acordo com a classificação de Gil (2002), a pesquisa é exploratória, pois se trata de uma pesquisa inédita que envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com as fontes para buscar as informações sobre a história do basquete uberlandense e usá-las para a produção das obras.

Quanto aos procedimentos a pesquisa é de base documental, pois utilizou documentos impressos e digitais para a coleta de informações. Vale ressaltar que o termo documental “designa toda fonte de informações já existente” (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 166). Além disso, houve pesquisa de campo, pois a coleta de dados também foi feita por meio de entrevistas.

Os produtos foram resultado de um longo processo. O primeiro passo foi a pesquisa bibliográfica. O aporte teórico foi importante para entendermos e trabalharmos os conceitos que permeiam o trabalho e foi primordial para a aquisição e ampliação de conhecimento na área. Além disso, contribuíram para orientar a produção do livro-reportagem. Dessa forma, os conceitos de jornalismo esportivo, livro-reportagem, memória e narrativa foram trabalhados e materiais sobre a história do basquete mundial, no Brasil e em Uberlândia também foram pesquisados.

Para a produção dos livros-reportagem sobre a história do basquete uberlandense foram realizadas pesquisas de notícias divulgadas na mídia e depoimentos de pessoas que participaram ou assistiram a história do esporte na cidade. Dessa forma, como já mencionado,

foi realizada uma pesquisa documental, para recolher dados e fatos importantes que eram essenciais para construir a narrativa almejada. As pesquisas foram feitas em acervos de jornais e na internet.

Outro método utilizado para a coleta de informações e histórias sobre o basquete em Uberlândia foi a pesquisa de campo, uma vez que foram realizadas entrevistas. Assim, a pesquisadora estabeleceu contato com as fontes e, posteriormente, realizou entrevistas para conhecer a história do basquete uberlandense em diferentes períodos e sob diversos ângulos: quando surgiu, em que contexto, como e quando a prática esportiva passou a fazer parte das escolas e da universidade, quais os times existiram no contexto amador e profissional, quais os jogos marcantes e os títulos conquistados, como era a torcida. Estes são alguns dos pontos trabalhados nos livros-reportagem.

As fontes são um ponto chave para os livros, pois elas configuram um meio importante para conhecermos diversas histórias sobre o basquete de Uberlândia ao longo dos anos. De acordo com Lage, quanto à natureza, “as fontes podem ser mais ou menos confiáveis (...) pessoais, institucionais ou documentais” (LAGE, 2004, p. 62). Elas se dividem em oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; testemunhas e experts. O autor fala em oficiais aquelas “mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc” (LAGE, 2004, p. 62). Já oficiosas são as que possuem ligação com uma entidade ou indivíduo, mas que não tem autorização para falar em nome da instituição ou pessoa. As fontes independentes, para Lage, são aquelas que não possuem vínculo com um fato, entidade ou indivíduo.

Nilson Lage aborda, ainda, que as “fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números” (LAGE, 2004, p. 65) e “fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2004, p. 66). O autor destaca que o testemunho se apoia na memória de quem assistiu ou vivenciou um fato e que os experts são os especialistas que são consultados para darem “versões ou interpretações de eventos”.

Após a seleção de fontes, a próxima fase é a realização de entrevistas. Segundo Lage, “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a

reconstituição de fatos” (LAGE, 2004, p. 73). Para o autor, do ponto de vista dos objetivos, a entrevista pode ser ritual, temática, testemunhal e de profundidade. A entrevista é ritual quando é breve, temática por abordar um tema, testemunhal quando o entrevistado conta sobre algo que assistiu ou participou e em profundidade quando a entrevista gira em torno da figura do entrevistado e aborda vários aspectos de vida da pessoa. Quanto às circunstâncias de realização, a entrevista pode ser ocasional, quando não é combinada com antecedência; de confronto, em que o entrevistado responde acusações; coletiva, quando o entrevistado recebe jornalistas de diversos veículos e responde perguntas deles; e dialogal, quando a entrevista é marcada previamente e reúne o jornalista e o entrevistado em um mesmo ambiente.

Para a produção dos livros-reportagem foram utilizadas fontes primárias, secundárias e testemunhais. As entrevistas foram temáticas, por abordarem o basquete; testemunhais, por se tratar do relato do entrevistado sobre algumas histórias do basquete que ele protagonizou, participou ou assistiu; e dialogais, por serem marcadas previamente e reunir entrevistado e entrevistador em um determinado ambiente. Elas foram realizadas, preferencialmente, de forma presencial. Quando não foi possível, foram mediadas, isto é, realizadas por meio de algum recurso tecnológico. No caso, foram feitas por telefone e whatsapp.

Após essa etapa, o próximo passo foi compor as narrativas sobre a história do basquete de Uberlândia: “A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia” e “Ídolos do basquete de Uberlândia”. O intuito foi justamente escrever contando histórias. Para isso, foram utilizadas as pesquisas realizadas na mídia (impressa e digital) e as entrevistas com as fontes. A junção dos dois métodos forneceu os dados, fatos e testemunhos para a construção dos livros-reportagem com a memória do esporte em questão. Por fim, foi realizada a revisão do material produzido, a diagramação da obra, a impressão do livro (no caso da obra impressa) e a disponibilização do livro na plataforma digital (no caso da obra digital).

Os procedimentos para execução dos livros-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia foram divididos em etapas, elencados abaixo em pré-produção, produção e pós-produção. A primeira etapa da execução dos produtos propostos foi a pré-produção que englobou as seguintes ações:

- Pesquisa sobre a história basquete: sua origem mundial;
- Pesquisa sobre aspectos históricos do esporte da bola laranja no Brasil;

- Levantamento de dados em acervos de jornais e na internet sobre a prática esportiva do basquete no contexto estudantil, universitário, amador e profissional na cidade de Uberlândia;
- Produção de pautas para as entrevistas;
- Busca de fontes que participaram ou assistiram a história do basquete uberlandense;
- Contato com as fontes e agendamento de entrevistas com as pessoas selecionadas.

Já a segunda fase do processo de desenvolvimento dos livros-reportagem foi a produção que compreendeu:

- Entrevista com as fontes;
- Transcrição das entrevistas e seleção das partes que seriam utilizadas na construção dos livros-reportagem;
- Produção das reportagens que iriam compor as obras com as diversas histórias acerca do basquete de Uberlândia, a partir das entrevistas e pesquisas realizadas;

Após a produção, a última etapa da construção dos livros-reportagem foi a pós-produção que contemplou:

- Revisão das reportagens produzidas;
- Diagramação dos livros-reportagem;
- Produção das capas dos livros-reportagem sobre a história do basquete uberlandense.
- Envio do livro para a gráfica para impressão (no caso da obra impressa); e
- Disponibilização do livro na plataforma digital (no caso da obra digital).

### **3.1 Roteiro para elaboração dos livros-reportagem sobre a história do basquete de Uberlândia**

Abaixo segue o roteiro que serviu de base para a elaboração dos produtos em questão em formato de pingue-pongue. O roteiro é composto por três fases: pré-produção, produção e pós-produção.

### **3.2 Pré-Produção**

#### ***3.2.1 Roteiro geral de Pré-produção***

- Qual é o caráter prático do seu projeto? O que você, resumidamente, se propôs a fazer?

A proposta foi produzir dois livros-reportagem sobre o basquete de Uberlândia. A obra impressa versa sobre a história do basquete uberlandense e o livro digital se centra nas personalidades que ajudaram a construir essa história.

- Qual é o tipo de intervenção que você pretende fazer?

Ser o canal para o conhecimento e divulgação de fatos históricos sobre o esporte da bola laranja em Uberlândia e, assim, contribuir para a preservação da memória esportiva uberlandense.

- Qual é o local onde foi realizado tal projeto? Descreva-o.

O projeto foi realizado em Uberlândia, cidade em que se pesquisa a história esportiva do basquete. Para conhecer os acontecimentos em relação ao esporte da bola laranja em Uberlândia foi realizada uma pesquisa em acervos de jornais e na internet. O Arquivo Municipal de Uberlândia foi o local onde se pesquisou os dados históricos sobre o basquete, pois lá temos o acervo dos jornais *A Tribuna* e o *Correio de Uberlândia*. Além disso, foram realizadas entrevistas com fontes, que são pessoas que ajudaram a construir a história do basquete uberlandense de forma direta, como atletas, técnicos e equipe técnica ou com aqueles que assistiram tal história, como os torcedores.

- Qual foi o tipo de colaboradores que você precisou?

Os principais colaboradores necessários para tornarem a execução dos produtos possíveis foram: o pesquisador, o redator, o revisor, o diagramador e o web designer. Vale ressaltar que os serviços de pesquisa e redação foram realizados pela própria pesquisadora. Além disso, a pesquisadora contou com a colaboração de profissionais para realizar os demais serviços de desenvolvimento dos livros-reportagem.

- Qual o nível de comprometimento necessário das pessoas do local?

Acreditamos que as pessoas foram comprometidas ao máximo com a temática e tiveram o compromisso com a verdade. Isso foi muito importante, pois é por meio das fontes (e das pesquisas) que pudemos conhecer a história que contamos nos livros. Aliás, os livros retratam algo concreto: uma história que realmente aconteceu, a história do basquete em Uberlândia.

- Qual é a necessidade primeira do seu projeto?

Contar uma história que não foi contada, uma vez que não existem produtos sobre o tema em questão.

- Quais atividades foram feitas antes da execução do projeto?

Antes da execução do projeto, os procedimentos feitos se encaixam na pré-produção e já foram elencadas anteriormente. De modo geral, se refere às pesquisas, produção de pautas, seleção de fontes e agendamento de entrevistas.

### ***3.2.2 Roteiro de Pré-produção que utiliza Mídias Escritas/Impressas***

- Qual o tipo de material escrito que foi utilizado?

O tipo de material utilizado nas pesquisas realizadas foi o textual. Assim, matérias publicadas em jornais e textos divulgados em *sites* e *blogs* e artigos científicos que tratam do basquete uberlandense foram considerados.

- Como esse material escrito afetará o local escolhido?

Os livros serão os meios para se conhecer a história do basquete uberlandense. Assim, o material escrito pesquisado vai afetar a percepção da comunidade uberlandense sobre o esporte da bola laranja, pois ainda não existe um registro de memória do basquete.

- É material de leitura, leitura e escrita ou só escrita?

Trata-se de material de leitura, no caso da utilização dos jornais e documentos oficiais para pesquisas, e escrita, no caso da produção de pautas.

- A equipe do projeto produziu os materiais ou contratou terceiros?

Os materiais de pesquisa encontram-se no Arquivo Municipal de Uberlândia e na internet. A pesquisa foi realizada pela própria pesquisadora, não havendo contratação de terceiros para esta etapa da execução do produto.

- Descreva os materiais escritos.

Na fase de pré-produção foram utilizados jornais e artigos científicos como fonte de pesquisa sobre a história do basquete uberlandense. Edições de jornais antigos, que circulavam na cidade desde o início dos anos de 1900 foram consideradas para sabermos se falavam e o que noticiavam sobre o esporte da bola laranja em Uberlândia. Além disso, matérias que circularam em *sites* e *blogs* também foram usadas. Tais materiais nos forneceram dados sobre

atletas, times e campeonatos de basquete realizados com a participação de equipes uberlandenses. Por meio dos noticiários, encontramos, ainda, fontes para a realização de entrevistas. Por falar nisso, produzimos pautas que utilizamos nas entrevistas com as fontes.

- Qual é a relação do público-alvo com eles?

É por meio dos materiais pesquisados que a pesquisadora conseguiu informações sobre o tema e pôde executar os produtos que chegarão ao público-alvo servindo para sanar curiosidades e serem fontes de consultas sobre a história do basquete uberlandense. Como o público-alvo do livro-reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia são os torcedores, os admiradores do esporte da bola laranja, há uma relação de fã também. O basquete é um esporte de grande paixão em Uberlândia, então existe identificação do público com os materiais: há uma vontade de conhecer o passado desconhecido do basquete, de lembrar as histórias que eles vivenciaram, de guardar o registro. E ainda tem uma relação com o futuro, pois os materiais servirão para a formação das gerações futuras. Por meio dos livros, as histórias do basquete uberlandense se manterão vivas e as obras permitirão que o legado dos que fizeram o basquete em Uberlândia ser um esporte significativo para a cidade e motivo de orgulho para os uberlandenses permaneça vivo para as futuras gerações.

### ***3.2.3 Roteiro geral de Pré-produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)***

- Qual o tipo de material visual estático foi utilizado?

Além do material em formato texto, o trabalho produzido conta com algumas fotografias também.

- Como esse material visual afetar o local escolhido?

As fotografias são um recurso importante para o produto, pois contribui para contar a história sobre o basquete uberlandense. Dessa forma, a pesquisa em acervos além de considerar os materiais escritos, também observou as imagens que envolvem o universo da bola laranja em Uberlândia. A imagem é importante para se ter um panorama visual de como era um jogo, atleta ou competição, por exemplo, ao longo dos anos.

- É material de desenho, desenho e fotografia ou só fotografia?

O material pesquisado foi apenas fotografia.

- A equipe do projeto produziu os materiais ou contratou terceiros?

As fotografias utilizadas vieram de acervos de jornais publicados, além de arquivo pessoal das fontes. A pesquisa foi feita pela própria autora.

- Descreva os materiais fotográficos.

Foram pesquisadas fotos de atletas, jogos, torcedores, times e locais de competição por exemplo.

- Qual é a relação do público-alvo com eles?

Os materiais fotográficos que foram pesquisados ajudarão a contar a história do basquete uberlandense. É com os recursos textuais e visuais encontrados que a pesquisadora conseguiu dados e informações sobre o tema e pôde executar os produtos que chegarão ao público-alvo. Como o público-alvo dos livros-reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia são os torcedores do esporte da bola laranja, há uma relação de fã neste caso também. O basquete é um esporte de grande paixão em Uberlândia, então existe identificação do público com os materiais visuais: o desejo de conhecer o passado e lembrar fatos presenciados não só por meio de textos, mas também por meio de imagens. As fotografias possibilitam ver, por exemplo, como eram os atletas do basquete, os jogos, os times, os locais de competições e a torcida de determinada época. Assim, como os materiais escritos, os materiais visuais servirão para a formação das gerações futuras. As histórias do basquete uberlandense se manterão vivas por meio de textos e imagens e as obras permitirão que o legado dos que fizeram o basquete em Uberlândia ser um esporte significativo para a cidade e motivo de orgulho para os uberlandenses permaneça vivo para as futuras gerações.

### **3.3 Produção**

#### ***3.3.1 Roteiro geral de Produção***

- Descreva todas as atividades que permitiram a realização dos produtos.

Na fase da produção foram realizadas as seguintes atividades: entrevistas com as fontes; transcrição das entrevistas e seleção das partes que seriam utilizadas na construção dos livros-reportagem; produção das reportagens que comporiam as obras com as diversas histórias acerca do basquete em Uberlândia.

- Demonstre como essas atividades contribuíram para a realização dos produtos.

Foi a execução dessas atividades que tornaram possível a construção das obras com as narrativas de realidade sobre o basquete uberlandense.

- Mostre como as atividades se inter-relacionaram.

Uma atividade levou à realização de outra. E foi o conjunto, a integração dessas ações que resultaram nos produtos almejados: os livros-reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia e sobre as personalidades que ajudaram construir essa história. Assim, as entrevistas com as fontes nos trouxeram diversas informações sobre a trajetória do esporte da bola laranja e sobre a vida e carreira de jogadores e membros da comissão técnica. A transcrição das entrevistas ajudou na seleção das partes que seriam utilizadas na construção dos livros-reportagem. Dessa forma, a seleção de trechos das entrevistas e as pesquisas feitas nos acervos foram a base para a produção das reportagens que compõem as obras em questão.

- Qual é a relação do público-alvo com tais atividades?

É por meio dessas atividades, juntamente com os procedimentos da pré-produção que o público-alvo poderá conhecer a história do esporte da bola laranja em Uberlândia nos livros-reportagem produzidos. Sem tais atividades não seria possível a execução dos produtos. Acreditamos que o público-alvo se interessa em saber da história não apenas através dos registros publicados na imprensa, mas por meio do testemunho daqueles que ajudaram a construir tal história. Além disso, a maioria das fontes que contaram histórias sobre o basquete uberlandense são ídolos, logo envolve o sentimento de fã do público-alvo com os entrevistados e, portanto, com essas atividades.

- Como o local reagirá a essas atividades?

As atividades da produção foram importantes e, juntamente com as pesquisas, serviram de base para a produção dos livros-reportagem. Assim, tais atividades vão afetar a percepção da comunidade uberlandense sobre o esporte da bola laranja, pois ainda não existe um registro de memória do basquete.

- Quais foram as expectativas com a execução de tais atividades?

A expectativa era de que a realização das atividades desse origem a produtos inéditos quando o assunto é o universo esportivo da bola laranja em Uberlândia. Esperava-se que as pesquisas e as entrevistas trouxessem dados e informações sobre o basquete desde a sua

prática esportiva em escolas e a formação de times amadores até a criação de equipes profissionais. Com a execução das atividades, foi possível a construção de narrativas de realidades sobre a história do basquete uberlandense e, por meio delas, essa história virá para o conhecimento de todos e contribuirá para a preservação da memória do basquete de Uberlândia.

### ***3.3.2 Roteiro de Produção que utiliza Mídias Escritas***

- Demonstre a interação das mídias escritas em seus produtos com o público-alvo.

O público-alvo irá conhecer a trajetória do basquete uberlandense por meio de textos, que são as reportagens. O recurso textual é a conexão do público com a história: é por meio da mídia escrita que tal história virá à tona e poderá ser conhecida pelo público.

- Qual é a parcela de participação das mídias escritas na execução dos produtos?

O recurso textual tem participação fundamental na execução dos produtos. O formato é o principal meio utilizado, uma vez que os produtos são livros-reportagem. São as reportagens escritas que contêm as informações e os acontecimentos envolvendo o basquete em Uberlândia. Assim, por meio dos textos, as pessoas poderão conhecer a história do basquete uberlandense desde sua origem até o contexto atual, além de poderem conhecer mais sobre a vida e carreira de personalidades ligadas ao esporte da bola laranja da cidade mineira.

- Qual a principal contribuição das mídias escritas para os produtos?

A principal contribuição da mídia escrita para os livros-reportagem é que o recurso textual permite que as histórias envolvendo o basquete e os ídolos do esporte em Uberlândia sejam narradas nas obras impressa e digital.

### ***3.3.3 Roteiro geral de Produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)***

- Demonstre a interação das mídias visuais em seus produtos com o público-alvo

O público-alvo irá conhecer a história do basquete uberlandense por meio de textos. Mas, para além do recurso textual, as mídias visuais são importantes para contar essa história. Por meio das imagens, as pessoas poderão ver com os próprios olhos, por exemplo, como eram jogadores de épocas distantes ou recentes. Vale ressaltar que foram usadas mídias visuais apenas no livro impresso “A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia”.

- Qual é a parcela de participação das mídias visuais na execução dos produtos?

Uma história pode ser contada utilizando não apenas o formato texto. Aliás, a utilização de mídias visuais enriquece uma história. O uso de fotos no livro-reportagem sobre o basquete em Uberlândia tem um papel importante: mostrar como era um atleta, time ou competição em determinada época. Dessa forma, algumas fotografias são utilizadas na obra impressa como complemento ao texto.

- Qual é a principal contribuição das mídias visuais para os produtos?

A principal contribuição das mídias visuais para o livro-reportagem impresso sobre a história do basquete em Uberlândia é ajudar a contar essa história e servir de prova para os relatos textuais.

### **3.4 Pós-produção**

#### ***3.4.1 Roteiro geral de Pós-produção***

- Como você pretende avaliar os resultados dos produtos?

Os resultados dos produtos poderão ser avaliados observando a repercussão dos livros-reportagem entre o público-alvo. As mídias sociais, por exemplo, podem ser utilizadas como um canal para averiguarmos tal repercussão.

- Como você acredita que ficará o público-alvo após os produtos?

O público-alvo terá em mãos dois produtos inéditos: sobre a história do basquete uberlandense e sobre a trajetória de ídolos que passaram pelo esporte da bola laranja em Uberlândia. Acreditamos que as pessoas ficarão satisfeitas com os produtos, pois poderão conhecer fatos e informações sobre o basquete uberlandense desde sua origem até a atualidade, além de saberem mais sobre grandes nomes do esporte de bola ao cesto.

- Como você acredita que o local ficará após os produtos?

Após o desenvolvimento dos livros-reportagem, a cidade de Uberlândia contará com dois produtos únicos sobre o basquete uberlandense que serão meios importantes para guardar a memória esportiva da cidade e, assim, preservar a própria história de Uberlândia.

- Os produtos demandam continuidade?

Como os produtos se tratam de um resgate histórico e a história não acaba, ela continua com o passar do tempo, se houver mais acontecimentos envolvendo a prática do basquete em Uberlândia, o produto impresso demandará continuidade. Já o livro digital demanda continuidade, pois conta trajetórias de vida de personalidades até o dado momento. Cada pessoa retratada segue construindo sua história, logo haverá mais dados sobre suas vidas e carreiras e, portanto, demanda continuidade.

- Os produtos demandam outros projetos, produtos, planos de aplicação?

Os produtos demandarão outros projetos ou produtos no futuro se e/ou quando houver a continuidade da história do basquete em Uberlândia e a continuidade das trajetórias de vida das personalidades retratadas.

- Quais serão as contribuições de seus produtos?

Os livros-reportagem construídos reúne toda a história do basquete uberlandense, contribuindo para sua divulgação. Assim, as obras serão os meios que trarão essa história para o conhecimento de todos e contribuirão para a preservação da memória esportiva de Uberlândia.

### ***3.4.2 Roteiro de Pós-produção que utiliza Mídias Escritas***

- Qual será o legado do material escrito dos produtos?

O maior legado do material escrito é poder contar uma história que não foi contada e, assim, contribuir para divulgar a trajetória do basquete uberlandense para o público. Além disso, o material servirá, ainda, para disseminar trajetórias de vida de personalidades ligadas ao basquete de Uberlândia.

- Haverá mudanças da relação do público-alvo com os materiais escritos?

Sim, pois com os materiais produzidos, o público irá adquirir conhecimentos sobre o basquete uberlandense desde sua origem até o contexto atual e sobre alguns ídolos que passaram pelo esporte na cidade do Triângulo Mineiro.

- Você acredita que haverá ganhos a partir dos materiais escritos produzidos e utilizados nos produtos?

Sim. Os produtos poderão ser publicados e vendidos on-line e/ou em livrarias e, assim, se comercializados haverá ganhos com a venda dos livros-reportagem.

- Os materiais escritos sobreviverão após a realização dos produtos? De que forma?

Sim. Após a construção dos produtos, os materiais escritos estarão prontos para serem usados, prontos para serem lidos pelo público. Esse é o saldo positivo de se produzir livros-reportagem. Trata-se de produtos que não possuem caráter passageiro. O que os livros veiculam não terão valor apenas no presente, mas possuirão significado no futuro, pois será um meio de comunicação que irá eternizar a história do esporte da bola laranja em Uberlândia.

### ***3.4.3 Roteiro geral de Pós-produção que utiliza Mídias Visuais Estáticas (desenho e fotografia)***

- Qual é o legado do material visual do produto?

O maior legado do material visual é que ele ajuda a contar uma história que não foi contada e, assim, contribui para divulgar a trajetória do basquete em Uberlândia para o público. Vale ressaltar que o material visual foi utilizado apenas no livro impresso “A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia”.

- Haverá mudanças da relação do público-alvo com o material visual?

Sim, pois com o recurso visual, o público poderá conhecer a história do basquete uberlandense não apenas lendo, mas também vendo imagens.

- Você acredita que haverá ganhos a partir do material visual produzido e utilizado no produto?

Sim. O produto poderá ser publicado e vendido on-line ou por meio de livrarias e, assim, se comercializado haverá ganhos com a venda do livro-reportagem.

- O material visual sobreviverá após a realização do produto? De que forma?

Sim. Após a construção do produto, o material visual Está pronto para ser usado, pronto para ser visto pelo público. Como afirmado anteriormente, esse é o saldo positivo de se produzir um livro-reportagem. Trata-se de um produto que não possui caráter passageiro. O que o livro veicula não tem valor apenas no presente, mas possuirá significado no futuro, pois será um meio de comunicação que irá eternizar a história do esporte da bola laranja em Uberlândia.

### 3.5 Recursos necessários

Para a construção dos livros-reportagem sobre a trajetória do basquete uberlandense foram utilizados vários recursos: material humano, de consumo e de custeio. Dessa forma, para a execução do projeto almejado foram necessários os seguintes materiais:

- Material humano: pesquisador, redator, revisor, diagramador e web designer.
- Material de consumo: vale transporte, alimentação, canetas, bloco de anotações, crédito para celular e internet 3G.
- Material de custeio: serviço de impressão da obra, notebook, câmera fotográfica, gravador de voz, fone de ouvido, celular, pen drive, software para edição de fotografia e software de edição gráfica.

Os gastos com os recursos necessários para a execução dos produtos foram custeados pela pesquisadora.

### 3.6 Linha do Tempo do Basquete de Uberlândia

Com base nas pesquisas realizadas nos jornais uberlandenses *A Tribuna* e *Correio de Uberlândia* traçamos um relatório dos principais acontecimentos envolvendo o basquete uberlandense ao longo dos anos. Dessa forma, apresentamos também alguns dos arquivos pesquisados catalogados abaixo.

**1928-** A primeira notícia sobre o basquete é veiculada no jornal “A Tribuna”. Nesta época Uberlândia ainda era Uberabinha. Uma curiosidade é que esta foi umas das únicas vezes em que o esporte da bola laranja mencionado nas páginas dos jornais pesquisados relaciona-se com equipes femininas. O primeiro jogo do esporte de bola ao cesto que se tem registro foi uma disputa entre as equipes chamadas de Rosa Encarnada e Rosa Branca. Rosa Encarnada venceu a equipe adversária por 4 a 1.



Jornal *A Tribuna* de 18 de julho de 1928.

**1933-** Criação da Associação Atlética de Uberlândia (A.A. de Uberlândia). Acontece o primeiro campeonato de basquete da cidade de Uberlândia. Realizam-se jogos amistosos entre a equipe local e a Associação Atlética de Araguari. Dos dois jogos realizados, Araguari levou a melhor em ambos vencendo Uberlândia por 12 a 11 no primeiro e 8 a 6 no segundo.

conhecido na sociedade bellorizontina pelos cargos de destaque que tem occupado.

## Pelo sport

Não se sabe bem a razão porque paralysoou o campo de tennis. Esse campo está fazendo falta. Se em outra cidade o temos porque só a nossa esmurece sem levar por diante um sporte tão útil e tão fino? Falta de dinheiro? Falta de boa vontade? Falta de iniciativa? Nada disso. Não cremos que Uberlandia se resinta da falta de algum elemento para ter o seu campo de tennis. Temos aqui conseguido coisas mais difficeis. Actualmente o que existe é falta de conhecimento do sporte. Effectivamente são poucos os rapazes que aqui poderiam, a principio, praticar esse sporte, e são muitos os elementos que viriam a pratical o, futuramente. Os sportes sempre fizeram parte da sociabilisação. Elles formam os intercambios individuaes e até os internacionaes. O tennis, entretanto, é um dos sportes mais finos, praticado sempre em ambiente conveniente á familia, principalmente numa cidade como a nossa. Si com um dos rios mais bellos do Brasil Central, raso, limpo, em leito de pedra, cuja agua azulada é um constante convite á natação e regatas, não praticamos ahi sportes aquaticos, acabemos, pelo menos, o nosso campo de tennis, para que um desanimo assim não nos cahia como attestado de mau gosto.

### BOLA AO CESTO

Associação Athletica x Associação Athletica Uberlandense

Conforme estava annunciado realizou se domingo ultimo na quadra de esportes do Grupo Escolar, desta cidade o jogo entre os bandos de Araguary e de Uberlandia.

Justamente ás 15,20 entraram em campo os quadros secundarios.

Ás 16,20 deu-se inicio á partida principal, obedecendo a seguinte escalação:

Araguary — Nivaldo, Idalirio, Jair, Puga (cap) e Delio

Uberlandia — Pedro (cap.), Waldemar, Cleanto, Rubens e Maia.

Ambos os conjunctos achavam-se bem preparados. A turma araguaryna, em magnifica forma, portou-se a altura de honrar mais uma vez o nome de seu Club, pela fama de que goza no Triangulo Mineiro.

A turma uberlandense diante do seu afamado adversario impoz se pela sua actuação forte e decisiva, dominando-o por completo de principio a fim. A nossa turma estava optima e o adversario encontrou em Pedro e Waldemar uma forte barreira. Cleanto, Rubico e Maia, da linha atacante local, foram de um verdadeiro assombro, desenvolveram bellissimas jogadas.

No ataque destacou se Maia, o homem que não perde tempo em augmentar o rosario de pontos para os seus. Sempre attento e veloz. Cleanto e Rubico agiram com a maxima precisão. Os nossos portaram com superioridade em todos os pontos, pois que estavam levando de vencida, pela contagem de 11 pontos a 8, os araguarynos.

Nos ultimos minutos quiz a sorte favorecer aos araguarynos que numa lucta titanica deante do seu valoroso adversario conseguiram levar de vencida pela contagem de 12 pontos a 11.

Deve-se notar o ambiente de cordialidade reinante da numerosa e selecta assistencia, e os rapazes de ambas as turmas, juntamente a acção justa e criteriosa do sr. juiz Joaquim Gaspar e o fiscal sr. Sylvio Mendonça.

Parabens ao quinteto de Uberlandia.

Clark

---

O sr. que tem visto o sacrificio desta folha em servir a sua zona por que não a assigna?

E a sra. ? por que não obriga seu marido a assignal-a?

173

Jornal A Tribuna de 27 de setembro de 1933.

1934- Ocorre a comemoração do primeiro aniversário da fundação da A.A. de Uberlândia. Também acontece a inauguração da quadra de cimento da Associação local. No ano de 1934, Uberlândia realiza amistosos com equipes de fora de Minas Gerais: Franca e Ribeirão Preto.

## Pelo sport

Inauguração da magnífica Quadra de cimento da A. A. de Uberlândia. 2 magníficos encontros. A Quadra está formidável. Completamente remodelada, podendo-se afirmar sem receio, que é uma das melhores, senão a melhor da nossa zona. Como decorreram os jogos. Assistência formidável, distinta e entusiasta.

Conforme foi anunciado, realizou-se na segunda-feira última a esperada inauguração da nova Quadra da Associação, completamente remodelada e magnificamente cimentada. Foram disputados 2 jogos estupendos, sendo um entre os garotos e o outro entre os rapazes. Ambos os jogos foram magníficos, e prenderam de entusiasmo, a grande assistência, que compareceu na aprazível Quadra da nossa Athletica. Os Quadros dos garotos, tiveram as denominações de Ruy Miranda x João G. Rezende, os dois primeiros cooperadores para a formação da Associação, tendo os conjuntos, as seguintes escalasções: — RUY: Ruy — José — Clelio — Celino — Braieron — JOÃO: Fernando — Olavo — Tute — Santinho — Sema. Foi um jogo empolgante, sahindo victoriosamente o quadro de Ruy, pela contagem de 32 x 15. Deste quadro, é de inteira justiça, salientar o jogo desenvolvido por Celino, Clelio e Braieron, que estão em plena forma. Do quadro de João Rezende, Fernando enquanto jogou, esteve optimo. E' um bom guarda, e muito progredirá, se tiver mais boa vontade de treinar. Olavo, o minúsculo guarda, substituiu Helio, que não compareceu. E' muito cavador, intelligente. Nenen substituiu Fernando, jogando muito bem. Beme, esforçado, mas bastante infeliz. Tute com altos e baixos, e Juquita que substituiu Olavo, regular. Os quadros dos rapazes, tiveram as denominações de João Peixoto e Adib Zacharias, os dois mais entusiastas torcedores da Associação, tendo as seguintes escalasções: PEIXOTO — Geraldo — Fuedo depois L'aboa — Cleanto — Rubens — Ernane. ADIB: Eudoxio — Zenon — Maia — Zico —

Napoleão. Venceu o conjunto de Adib. No quadro vencido, faltou conjunto, sobresahindo as jogadas individuais, ao contrario do que succedeu com o vencedor, onde houve muita harmonia, e boa combinação. A disciplina imperou em toda linha. Arbitragens optimas. Enthusiasmo formidável. Assistencia das maiores que já vimos, tudo enfim concorrendo para mais uma grande victoria da nossa Associação Athletica. Para proximo mez de Setembro, temos grandes jo-

gos, com os conjuntos da Escola Profissional de Franca, e Antartico. Gestohol Clube de Ribeirão Preto. O entusiasmo pelo basquete, aviva-se dia a dia em nossa cidade, sendo de notar que em menos de 1 mez, mais 3 boas quadras já conta a nossa cidade, no Gymnasio, Escola Normal e Lycen.

Jornal A Tribuna de 26 de agosto de 1934

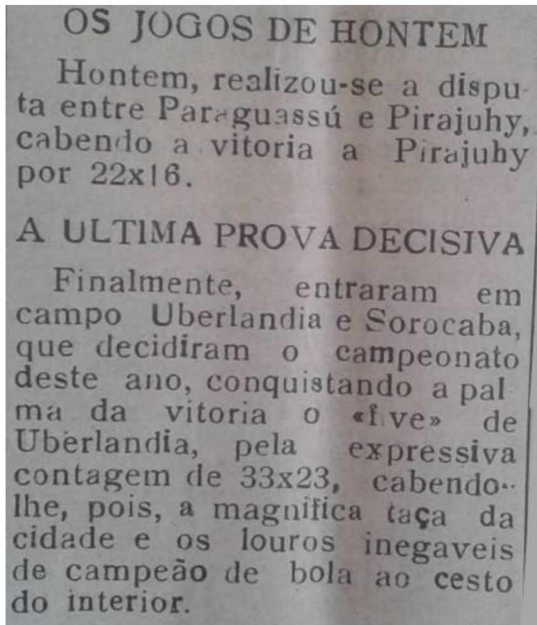
1936- Baby Barioni cria os Jogos Abertos do Interior (na época chamados de Campeonato Aberto do Interior) em Monte Alto, estado de São Paulo. A primeira competição realizada em

Monte Alto conta com a presença das equipes de Monte Alto, Piracicaba, Uberlândia, Mirassol, Franca e Olímpia disputando apenas a modalidade de basquete. Uberlândia, representada pela Associação Atlética Uberlândia sagra-se a primeira campeã do Campeonato Aberto do Interior.



Jornal *A Tribuna* de 25 de dezembro de 1936

**1937-** Uberlândia sedia a segunda edição do Campeonato Aberto do Interior. Pela segunda vez consecutiva, a cidade mineira vence a competição e torna-se bicampeã. Vale ressaltar que Uberlândia foi a única cidade fora do Estado de São Paulo a sediar o Campeonato.



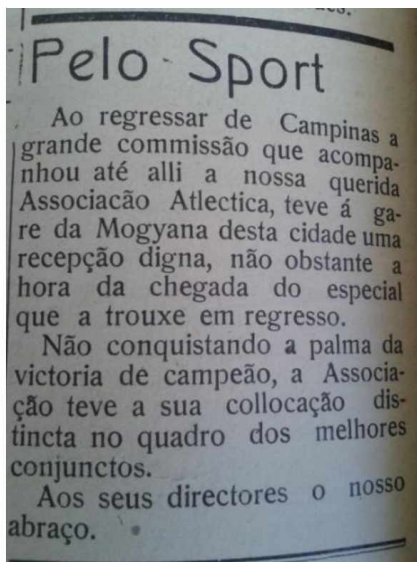
Jornal *A Tribuna* de 11 de setembro de 1937

**1938-** Uberlândia vence a terceira edição do Campeonato Aberto do Interior realizado em Sorocaba, São Paulo, e sagra-se tricampeã da competição.



Jornal *A Tribuna* de 26 de outubro de 1938

1939- Uberlândia participa da quarta edição dos Jogos Abertos realizados em Campinas. Ocorrem também disputas entre a equipe uberlandense e as de Penha e Ribeirão Preto.



Jornal *A Tribuna* de 19 de outubro de 1939

1940- A A. A. Uberlândia realiza amistosos com os times Cíelo Moto Clube e Atlético Mineiro de Belo Horizonte. Uberlândia participa da quinta edição dos Jogos Abertos em São Carlos em três modalidades: basquete, natação e pedestrianismo.



Jornal *A Tribuna* de 11 de outubro de 1940

## O embarque, ontem, dos atletas uberlandenses

### Embaixada esportiva "Dr. Vasco Gifoni"

Seguiu ontem para São Carlos, linda cidade do interior paulista, e onde este ano se realizarão os jogos abertos do Campeonato do interior de Bola ao Cesto, Natação e Atletismo, a luzida turma dos rapazes, nossos conferaneos, pertencentes à Associação Atlética local.

Os valentes e denodados rapazes, dirigidos e orientados pelo simpático esporteman Boulanger Fonseca, num gesto de justa homenagem e gratidão ao nosso ilustre Prefeito Municipal, grande amigo dos esportes, resolveram dar o seu nome à embaixada que este ano representará Uberlândia no campeonato a realizar-se em S. Carlos.

Ao embarque, ontem, da garbosa rapaziada uberlandense comparece-

ram diversos elementos do nosso meio esportivo, bem como figuras de projeção no nosso meio social, além do sr. Boulanger Fonseca, presidente da Allética, dr. Vasco Gifoni, dr. Zaluar de Campos Henriques, Delegado Regional de Polícia e muitos outros.

«Correio de Uberlândia» que ali esteve representado por um de seus auxiliares, apresentou aos valentes rapazes votos de boa viagem.

Em 50 fumantes exigentes 49 fumam

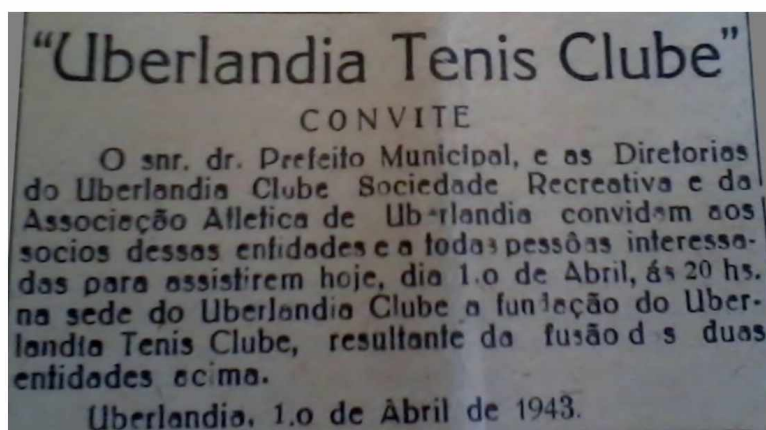
## Fulgor

O Imperador dos bons cigarros!

Com a for

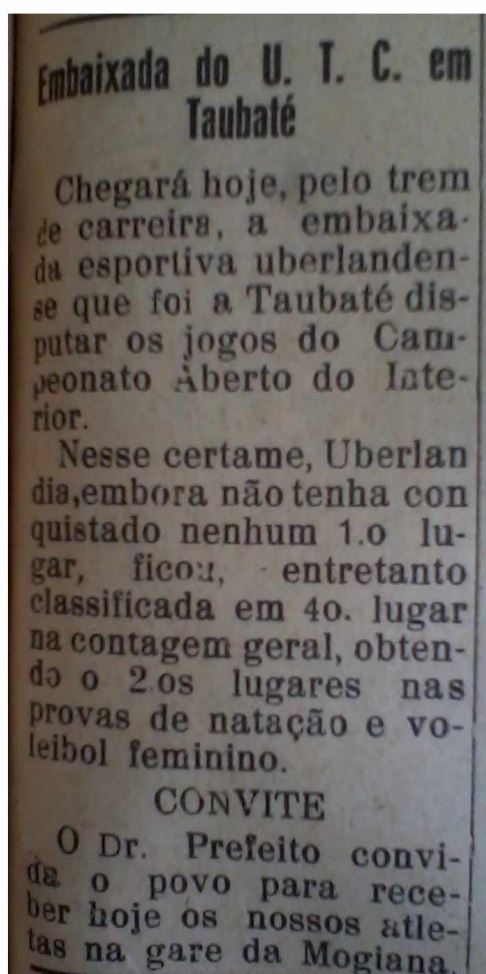
Jornal *A Tribuna* de 12 de outubro de 1940

**1943-** Com a fusão do Uberlândia Clube e Associação Atlética Uberlândia, o Uberlândia Tênis Clube (UTC) é fundado. Uberlândia participa dos Jogos Abertos do Interior em Sorocaba nas modalidades de bola ao cesto, vôlei, natação e tênis.



Jornal Correio de Uberlândia de 1º de março de 1943

1944- Uberlândia participa do Campeonato Aberto do Interior em Taubaté com a equipe do UTC. A delegação de Uberlândia não conquista nenhum primeiro lugar na competição, mas fica classificada na quarta colocação geral. As equipes femininas de natação e voleibol feminino conquistam o segundo lugar nas provas.



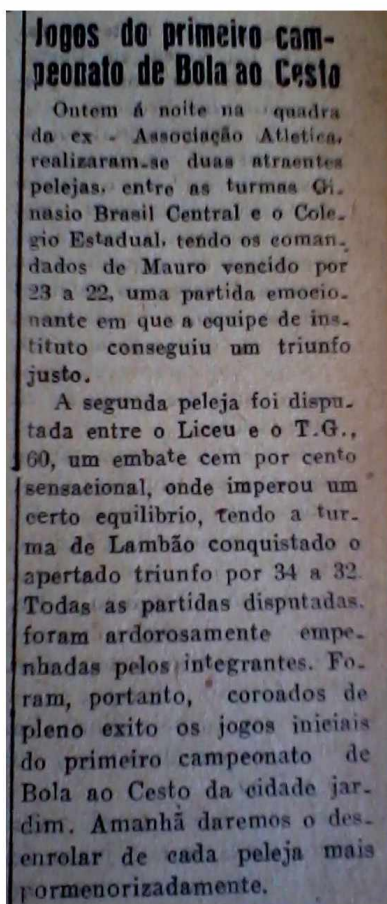
Jornal Correio de Uberlândia de 26 de setembro de 1944

**1945-** Uberlândia participa dos Jogos Abertos em Campinas e fica em sexto lugar na classificação geral. A equipe de Vôlei feminino conquista o primeiro lugar na modalidade nos Jogos Abertos.

Classificação geral dos concorrentes aos Jogos Abertos de 1945	
<i>Nelson de Godoy Costa, representante do «Correio de Uberlândia» junto ao X Campeonato dos Jogos Abertos em Campinas</i>	
Campeonato absoluto: Santos, 93 pontos; vice-campeão absoluto Campinas, 47 pontos; 3.º colocado, Baurú, 30 pontos; 4.º colocado Taubaté, 17 pontos; 5.º Rio Claro, 15 pontos; 6.º Ribeirão Preto e Uberlândia, 14 pontos.	ca Federação Paulista de Volley ball. Atletismo masculino: Santos; Santos; Atletismo feminino: Santos; Natação masculina: Ribeirão Preto; Natação feminina: Santos; Tennis masculino: Santos; Tennis feminino: Baurú; Xadrez masculino: Santos; Xadrez feminino: Baurú; Desfile, vencedor São José dos Campos; Disciplina, vencedora Araraquara; Torneio de Lance Livre, campeão masculino, cidade de Santos; campeão feminino, cidade de Lins; campeão individual masculino, Celidonio Garcia, Santo
Campeão masculino: Santos, 45 pontos; campeão feminino Santos, 48 pontos; Uberlândia 5.º lugar, 10 pontos. Basket ball masculino: Taubaté; Basket ball feminino: Santos. Volley ball masculino: Santos. Volley ball feminino: UBERLÂNDIA, ta-	

Jornal Correio de Uberlândia de 14 de outubro 1945

**1946-** Depois de um ano inativo, o UTC volta a ativa no basquete contra Ribeirão Preto. Acontece o primeiro Campeonato de Basquete de Uberlândia, sagrando-se campeão o Instituto Brasil Central. Uberlândia joga contra Campinas. Uberlândia completa 10 anos de participação nos Jogos Abertos. Uberlândia participa do Campeonato Aberto do Interior realizado em Santos. Acontece a primeira Olimpíada Colegial de basquete e o Colégio Estadual conquista o primeiro lugar da competição.



Jornal Correio de Uberlândia de 24 de maio 1946

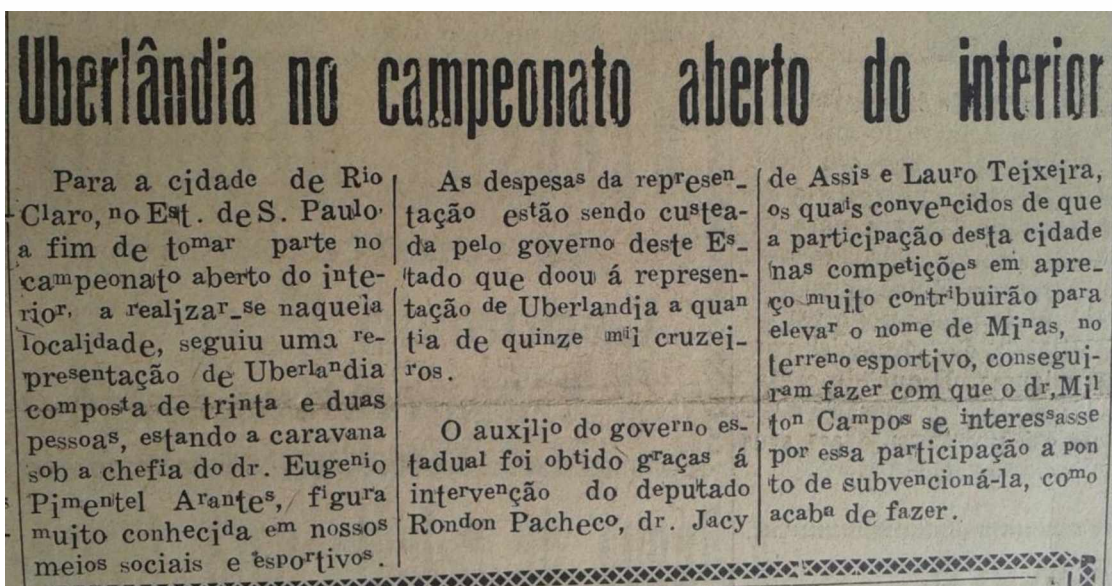
1947- Uberlândia realiza o segundo Campeonato Aberto de Basquete da cidade. No Torneio Início da competição os bancários vencem, já no Campeonato Aberto é o Tiro de Guerra que se torna o campeão. Atletas uberlandenses fazem campanha para conseguirem ajuda financeira do povo para custear a ida da caravana de Uberlândia a Ribeirão Preto para participar dos Jogos Abertos na cidade paulista, o que acaba se concretizando.



Jornal Correio de Uberlândia de 23 de junho de 1947

1948- Acontece o terceiro Campeonato Uberlandense de Basquetebol. O Fluminense vence o Torneio Início. Uberlândia participa do Campeonato Aberto do Interior em Santos.

1949- Uberlândia participa do Campeonato Aberto do Interior em Rio Claro, São Paulo. A equipe de Vôlei feminino conquista o bicampeonato nos Jogos Abertos.

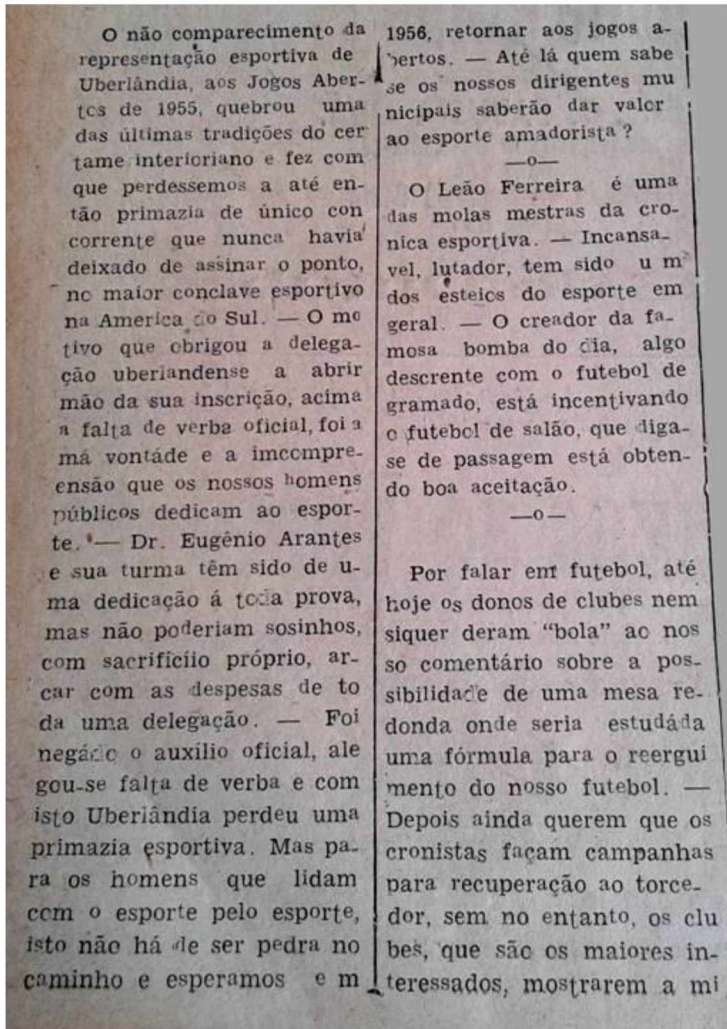


Jornal Correio de Uberlândia de 9 de outubro de 1949

**1950-** Uberlândia participa dos Jogos Abertos em Sorocaba. No basquete não houve triunfo, mas a equipe de Vôlei feminino conquista o vice-campeonato.

**1952-** Cria-se o Campeonato do Obelisco, uma competição comemorativa de basquete entre as cidades participantes da primeira edição do Campeonato Aberto do Interior em 1936 (Monte Alto, Piracicaba, Franca, Mirassol, Olímpia e Uberlândia).

**1955-** Realiza-se homenagem a Boulanger Fonseca, o fundador da A.A. Uberlândia, o primeiro presidente do UTC e o grande incentivador do basquete e dos esportes em geral em Uberlândia e que no ano de 1955 torna-se presidente do Uberlândia Esporte Clube. Pela primeira vez, Uberlândia não comparece aos Jogos Abertos.

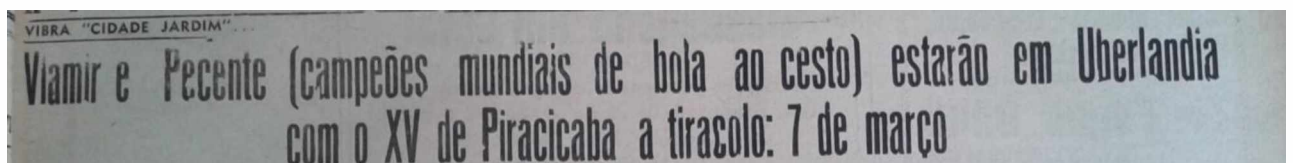


Jornal *Correio de Uberlândia* de 13 de outubro de 1955

**1956-** No Campeonato Mineiro do Interior realizado em Uberaba a equipe de basquete do UTC conquista o vice-campeonato.

**1958-** Uberlândia era para ser sede do Campeonato Regional de Basquete de 1958, mas há um retrocesso e mudam a sede para Patos de Minas. Com isso, Uberlândia afirma que não participaria da competição caso não fosse sede e, assim, acaba sendo classificada para o Certame do Interior das Alterosas sem jogar o Campeonato do Interior Mineiro.

**1959-** Wlamir e Pecente, campeões mundiais de basquete, vem a Uberlândia com a equipe XV de Piracicaba, de São Paulo.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 22 de fevereiro de 1959

**1960-** A cidade de Uberlândia participa dos Jogos Abertos da Alta Mogiana e a equipe feminina de vôlei conquista vitória. A U.E.S.U (União dos Estudantes Secundários de Uberlândia) realiza a sua primeira olimpíada colegial e o vencedor é o Colégio Brasil Central.

**1961-** Uberlândia sedia os Jogos Abertos da Alta Mogiana de 1961, em sua quarta edição, e conquista o primeiro lugar na modalidade de basquete. Uberlândia vence Araguari em amistoso.

Quadro de honra classificação das cidades da J.A.M.	
<b>BOLA AO CESTO MASCULINO</b>	<b>BOLA AO CESTO FEMININO</b>
1. — lugar — Uberlândia	1. — lugar — Rib. Preto
2. — Rib. Preto	2. — Franca
3. — Franca	3. — Uberlândia
4. — Andópolis	<b>VOLEIBOL FEMININO</b>
5. — Batatais	1. — Uberlândia
6. — Sertãozinho	2. — Uberaba
<b>VOLEIBOL MASCULINO</b>	3. — Franca
1. — Franca	<b>ATLETISMO FEMININO</b>
2. — Uberlândia	1. — Franca
3. — Altinópolis	2. — Uberlândia
4. — Batatais	3. — Uberaba
5. — Ituiutaba	4. — Ituiutaba
6. — Pontal	<b>NATAÇÃO FEMININA</b>
<b>ATLETISMO MASCULINO</b>	1. — Rib. Preto
1. — Rib. Preto	2. — Franca
2. — Franca	3. — Uberlândia
3. — Uberlândia	4. — Ituiutaba
4. — Batatais	<b>FUTEBOL DE SALÃO</b>
5. — Goiatuba	1. — Altinópolis
6. — Andópolis	2. — Uberlândia
<b>NATAÇÃO MASCULINA</b>	3. — Franca
1. — Rib. Preto	4. — Uberaba
2. — Uberlândia	5. — Sertãozinho
3. — Batatais	6. — S. Joaquim da Barra
4. — Franca	<b>TENIS MASCULINO</b>
<b>TENIS DE MESA</b>	1. — Rib. Preto
1. — Uberaba	2. — Franca
2. — Uberlândia	3. — Uberlândia
3. — Morrão Agudo	4. — Ituiutaba
4. — Batatais	<b>CICLISMO</b>
5. — Franca	1. — Uberlândia
<b>XADRES MASCULINO</b>	2. — Uberaba
1. — Uberlândia	3. — Rib. Preto
2. — Rib. Preto	
3. — Franca	
<b>ROCHA</b>	
1. — Uberlândia	
2. — Franca	

Jornal *Correio de Uberlândia* de 13 de julho de 1961

**1963-** Uberlândia vence o Campeonato Mineiro de Basquete. Uberlândia recebe o time de basquete do Corinthians, com três campeões mundiais do esporte de bola ao cesto: Wlamir, Mosquito e Ubiratan. Uberlândia participa dos Jogos Abertos da Alta Mogiana em Batatais.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 3 de abril de 1963

**1964-** Uberlândia Tênis Clube recebe a visita do Drinks Clube de Uberaba e vence o adversário. Já em disputa com Morrinhos, o clube uberlandense sofre derrota. Araguari sedia os Jogos Abertos da Alta Mogiana e Uberlândia conquista o segundo lugar na modalidade de basquete.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 26 e 27 de maio de 1964

**1965-** Uberlândia participa dos Jogos Abertos da Alta Mogiana em Ribeirão Preto e conquista o terceiro lugar em basquete. Acontece a primeira Olimpíada Universitária em Uberlândia com a participação da Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Filosofia, Escola de Engenharia e Conservatório Musical. A Faculdade de Direito vence a Olimpíada, sagrando-se campeã nas categorias de basquete e futebol de salão.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 2 e 3 de outubro de 1965

**1966-** A Seleção Universitária de Uberlândia disputa jogos em Brasília no aniversário da capital e sagra-se campeã. É realizada a segunda edição dos Jogos Universitários de Uberlândia e a vencedora da competição é a Faculdade de Ciências Econômicas que conquista o primeiro lugar em Basquete, xadrez e futebol de salão.

**1967-** Acontece a terceira edição dos Jogos Universitários e a Faculdade de Ciências Econômicas vence a modalidade de basquete pela segunda vez.

**III JOGOS UNIVERSITÁRIOS EM FOCO**  
 Terminaram domingo os III Jogos Universitários de Uberlândia. Sucesso de ponta a ponta. Festa esportiva que marcou presença dos universitários e levou para a Praça de Esportes, um "mar de belzas" moças. Eis os campeões:

**XADRES**  
 1.o) Engenharia  
 2.o) Economia  
 3.o) Direito  
 4.o) Filosofia

**TENIS DE MESA — MASCULINO**  
 1.o) Engenharia  
 2.o) Economia  
 3.o) Direito  
 4.o) Filosofia

**FEMININO**  
 1.o) Filosofia  
 2.o) Economia  
 3.o) Engenharia  
 4.o) Direito

**VOLEI MASCULINO**  
 1.o) Direito  
 2.o) Economia  
 3.o) Engenharia  
 4.o) Filosofia

**FEMININO**  
 1.o) Filosofia  
 2.o) Direito  
 3.o) Economia  
 4.o) Engenharia

**BASQUETE**  
 1.o) Economia  
 2.o) Engenharia  
 3.o) Direito

**CLASSIFICAÇÃO — GERAL E FINAL**  
 1.o) Economia — Campeã — 57 pontos  
 2.o) Engenharia e Direito — 52 pontos  
 3.o) Filosofia

**ARRECADAÇÃO: NCr\$ 1.680**

Jornal *Correio de Uberlândia* de 31 e 31 de maio de 1967

1968- Uberlândia sedia o Campeonato Mineiro do Interior de basquete e vence. É realizada a quarta edição da Olimpíada Universitária e novamente a Economia fica em primeiro lugar na modalidade de basquete. O Praia Clube enfrenta o time de São Bernardo do Campo e é derrotado

**Começa hoje o Estadual de Basquete na PEMG**

\* EMOCIONANTE noite esportiva logo mais na Praça de Esportes Minas Gerais dá por iniciado o certame mineiro de basquetebol. A torcida do especializado comparecerá para aplaudir o quadro do UTC e conhecer o valor de seus adversários no quadra do clube da Cipriano Del'Favero.

Jornal *Correio de Uberlândia* de 13 e 14 de fevereiro de 1968

1969- O Jornal *Correio de Uberlândia* realiza concurso esportivo para eleger os atletas preferidos do povo e na modalidade de basquete o campeão eleito é Sérgio Santos. A quinta edição dos Jogos Universitários é realizada e a Economia vence pela quarta vez a modalidade de basquete.

Disputas acirradas na preferência do povo sensação na reta final do concurso esportivo			
Totais gerais até agora:			
<b>FUTEBOL PROFISSIONAL</b> 1.o—Renato: 1.497 2.o—Neiriberto: 1.322 3.o—Santana: 536 4.o—Zé Rubens: 310	3.o—Carlinhos: 554 4.o—Anísio: 522	2.o—Araimilton Leme: 1.077 3.o—Ricardo (Bambú): 427 4.o—Jacob: 401	<b>BOCHAS</b> 1.o—Zecão: 1.582 2.o—Carlos Piva: 1.552 3.o—Farid: 96 4.o—Aldo Borges: 73
<b>FUTEBOL AMADOR</b> 1.o—Itelino (Operário): 1.163 2.o—Goulart (Ipiranga): 792 3.o—Ismael (Rio Branco): 422 4.o—Najada (Floresta): 383	<b>BASQUETE</b> 1.o—Sérgio: 941 2.o—João Paulo (Engenharia): 767 3.o—Célio (Economia): 700 4.o—Ricardo (Bambú): 571	<b>TENIS MESA</b> 1.o—Procópio: 1.327 2.o—Ernesto Finetti: 903 3.o—Eduardo Daud: 388 4.o—Lacy Vieira: 359	Comissão Escrutinadora: Eduardo Scaff, Pres; La- martine Ribeiro, Antônio Couto Andrade (versador), Ruy de Paula, Bel. José Pe- reira Pires.
<b>FUTEBOL DE SALÃO</b> 1.o—Norberto Póvoa: 1.398 2.o—Hugsmar: 597	<b>VOLEY</b> 1.o—Wagner Leme: 1.403 2.o—Henrique Botelho: 1.309 3.o—Potyguara: 560 4.o—Cícero: 136	<b>XADREZ</b> 1.o—Roberto Zardo: 1.525 2.o—Hélio Benício: 1.359 3.o—Reny Cury: 348 4.o—Mancina: 242	ATENÇÃO: A última apuração será dia 11, ter- ça-feira.
<b>TENIS CAMPO</b> 1.o—Maurício Bernardes: 1.290	<b>SINDICATO RURAL DE UBERLÂNDIA</b>		

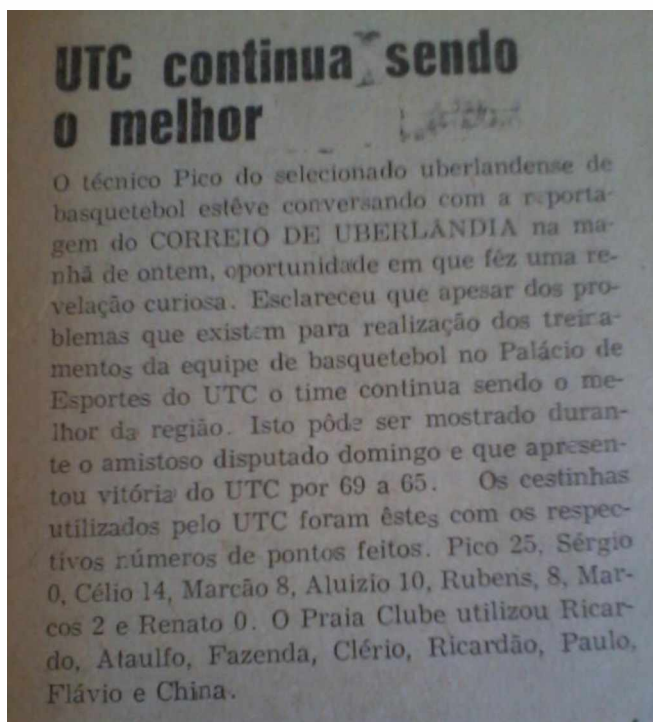
Jornal *Correio de Uberlândia* de 6 de fevereiro de 1969

**1970-** Uberlândia participa do Campeonato de Basquetebol do Interior Mineiro e conquista o vice-campeonato. Acontece a sexta edição dos Jogos Universitários e pela quinta vez a Economia é a campeã da competição. Os universitários uberlandenses participam dos Jogos Universitários do Estado de Minas Gerais e a equipe de basquete conquista o segundo lugar. O time do América Mineiro joga contra o UTC nas categorias juvenil e adulto. Os juvenis uberlandenses perdem para o time de Belo Horizonte, já o time de adultos locais vencem. Uberlândia recebe o time campeão de Minas Gerais, o Minas Tênis Clube, com seus quadros juvenil e adulto e derrota o campeão mineiro em ambas as categorias. Já em disputa na capital mineira, o Uberlândia Tênis Clube perde para o Minas.

<h2>Basquete do UTC: vice-campeão do interior mineiro</h2>	<p>Encerrou-se, em Belo Horizonte, a disputa do Campeonato Mineiro do interior de Basquetebol, com o jogo decisivo entre os times do UTC e de Varginha. Demonstrando o cansaço e a desvantagem física de seus atletas, o UTC não suportou os atletas de Varginha que venceu o jogo com um saldo de 8 pontos. O Uberlândia ficou em 2.o lugar na competição. Formiga classificou-se em terceiro, enquanto Varginha ficou em quarto. As demais cidades foram desclassificadas. Dr. Eugênio está lutando agora para trazer a disputa do Campeonato Estadual para Uberlândia, quando da inauguração do Palácio dos Esportes do UTC.</p>
--	---

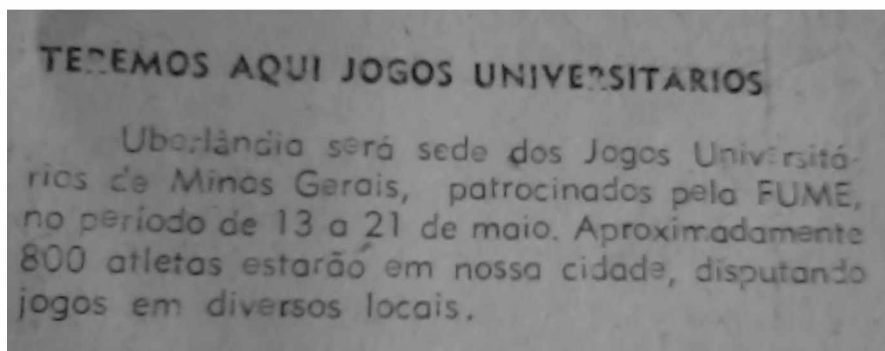
Jornal *Correio de Uberlândia* de 27 de janeiro de 1970

**1971-** Há dificuldades para a realização de treinos de basquete, mesmo assim a equipe do Uberlândia Tênis Clube derrota a equipe do Praia Clube em amistoso. O time do UTC vence a equipe do Clube de Bagres de Franca.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 2 de fevereiro de 1971

**1972-** Uberlândia sedia os Jogos Universitários Mineiros e é a campeã da competição, além de conquistar o primeiro lugar nas modalidades de basquete e futebol de salão masculino e vôlei feminino.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 12 de abril de 1972

**1973-** Uberlândia participa do Campeonato Mineiro de basquete infanto-juvenil e adulto representando o Triângulo Mineiro e conquista a terceira colocação na classificação geral em ambos.

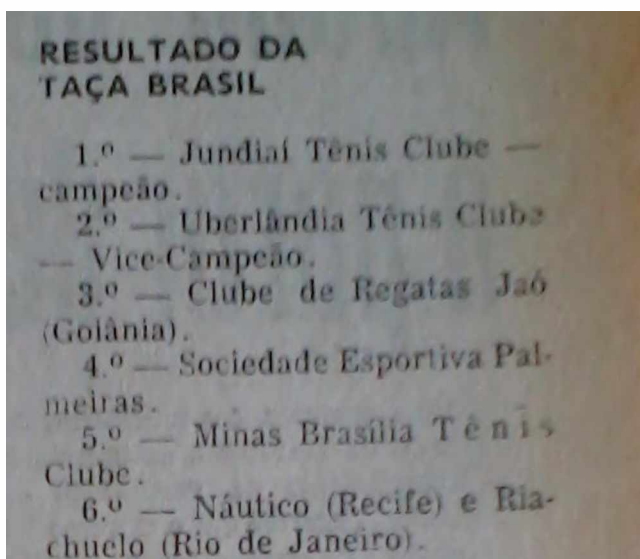
**1974-** A equipe do Uberlândia Tênis Clube participa e conquista o Campeonato Mineiro de Basquetebol Juvenil. O UTC faz amistoso com a equipe de Oswaldo Cruz, de São Paulo, e perde. Uberlândia vai a Franca e empata com a equipe francana.

Chaparral 22 x Brasília 13. Isto pela Chave A.	Basquetbol Juvenil de maneira invicta, com os seguintes resultados.
Chave B	UTC 64 x Itaúna 43.
Bandeirante 15 x Az de Ouro 22.	UTC 67 x Sete Lagoas 27
Independente 22 x Do's de Ouro 18.	UTC 54 x Formiga 37.
	UTC 71 x Varginha 23.
	UTC 52 x Formiga 29.
	UTC 71 x Figueiras (Governador Valadares) 53.
<b>QUADRANGULAR:—</b>	
Está sendo organizado um Torneio quadrangular de futebol, reunindo os quadros do Guarani, Colchoaria, Mangue e Olhos D'água. Acerto final deverá ser conhecido ainda hoje.	<b>GATO:—</b>
	O técnico Gato do Uberlândia Tênis Clube, campeão Mineiro foi convidado para dirigir a Seleção Mineira. Está estudando, devendo dar uma resposta nas próximas horas. Alguns jogadores Uieceanos serão convocados.
<b>CAMPEÃO MINEIRO:—</b>	
O Uberlândia Tênis Clube, conquistou o campeonato Mineiro de	

Jornal *Correio de Uberlândia* de 29 de janeiro de 1974

**1975-** São realizados os Primeiros Jogos de Integração Regional com participação de Uberaba, Jaboticabal, Franca, Batatais, Ituverava e Uberlândia, que vence a competição.

**1976-** Uberlândia faz excursão pelo estado de São Paulo e a equipe juvenil do UTC vence o Palmeiras no Parque Antártica. Na excursão, o Uberlândia Tênis clube também vence a equipe de Santo André e Sírio, perdendo apenas para o Corinthians. A equipe juvenil do UTC participa do campeonato Mineiro do interior e vence. Como vencedor do interior, Uberlândia disputa o Campeonato Mineiro e conquista o título estadual juvenil. A equipe de adultos vence o Campeonato do Interior, mas não consegue o triunfo no estadual. Uberlândia sedia a Taça Brasil de Basquetebol Juvenil e consegue o vice-campeonato na competição.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 27 de abril de 1976

1977- Em amistoso com Patos de Minas, a equipe Juvenil de Uberlândia leva a melhor e vence. Uberlândia sedia o Campeonato Mineiro de Basquetebol Juvenil e fica em segundo lugar na competição. O UTC realiza amistosos com a equipe de Pinheiros, São Paulo, e vence na categoria adulto e perde na juvenil. Uberlândia sedia o Campeonato Brasileiro de Basquete Juvenil e consegue o quarto lugar na disputa.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 23 de fevereiro de 1977

1978- A equipe do Flamengo vem a Uberlândia e derrota o UTC em amistoso. Uberlândia conquista o título estadual de basquetebol juvenil.

## UTC jogou bem mas perdeu para o Mengo

Mesmo praticando boas jogadas, o Uberlândia Tênis Clube não conseguiu vencer o Flamengo do Rio, no sábado. E no domingo, representando o Praia Clube, conheceu nova derrota. Sábado, o Uberlândia Tênis perdeu de 85 a 76 e no domingo de 84 a 79. O Uberlândia Tê-

nis, esteve assim representado: Tank, Garibaldi, Marquinhos, Gelatina, Fernando, Olavo, André, Divino, Guilherme, Michel e Beto. O Flamengo: — Binha, Bigú, Paulo, Sérgio, Celso, Hucht, Walter, Ricardo, Carlão, Caio, Beto e Renato. O Fla-

mengo mostrou um time certo e porque é realmente o vice-campeão brasileiro. Seu conjunto de basquete ganhou, mas teve que lutar muito. O UTC está bem e a derrota não é análise que possa desmerecer o seu five.

Jornal *Correio de Uberlândia* de 1º de agosto de 1978

**1979-** Uberlândia conquista o Campeonato Mineiro do Interior Juvenil e é vice-campeão Estadual de Basquetebol Juvenil.

## Uberlândia Tênis Clube conquista título de basquete do interior

O Uberlândia Tênis C. confirmou na quadra de luta, a conquista do título máximo do interior mineiro de basquetebol juvenil, ao derrotar na final a esquadra representativa de Sete Lagoas, folgadoamente, por 106 x 62. Quadro uteceano confirmou o seu favoritismo, pois a rigor não houve surpresas na colocação final da competição.

### Resultados das 2 últimas rodadas

Nas duas últimas rodadas do Campeonato Mineiro de Basquetebol do Interior, categoria Juvenil aqui realizado, foram estes os resultados: Perdões 95 x Uberaba 56, Sete Lagoas 80 x Patos de Minas 78 e Uberlândia 92 x Formiga 45. Patos de Minas 62 x Uberaba 91 — Perdões 45 x Formiga 49 e Uberlândia 106 x Sete Lagoa 62.

### Colocação Final

Com o término do Campeo-

nato Mineiro do Interior, os quatro primeiros colocados foram estes:

- 1.o — Uberlândia Tênis Clube — Campeão
- 2.o — Sete Lagoas — Vice-Campeão
- 3.o — Uberaba
- 4.o — Patos de Minas

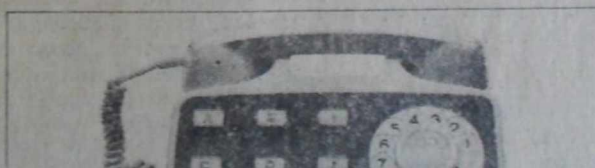
O Campeão e o vice-campeão, disputarão o título estadual, contra o campeão e o vice-campeão da capital. No ano passado o Uberlândia Tênis Clube, conseguiu superar todos os obstáculos e chegar ao cetro máximo, derrotando o Minas Tênis Clube na partida decisiva.

### Mais um ginásio

O UTC ao término do certame do interior, inaugurou o Mini-Ginásio "João Pedro Gustin", na presença do Secretá-

rio do Trabalho, o qual foi homenageado, Sebastião Pinheiro Chagas — Presidente da Diretoria de Esportes Minas Gerais — Erasmo Ângelo Presidente do Conselho Regional de Desportos, Prefeito Virgílio Galassi e outras altas autoridades. O pronunciamento feito pelo presidente Natal Jairo de Oliveira foi muito aplaudido, pois na realidade, foi ele o presidente que fez "balançar a roseira no UTC", acelerando o trabalho do Sérgio Santes ex-presidente do clube.

Na mesma ocasião foi também assinado um convênio, pelo qual o UTC receberá mais 500 mil cruzeiros para dar sequência a série de obras que ali se realiza.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 18 de setembro de 1979

**1982-** Uberlândia sedia o seletivo para a Taça Brasil de Basquete Masculino. A equipe do UTC representa a cidade e garante vaga para a competição nacional. Na grande disputa, o time uberlandense joga a primeira fase, mas não consegue avançar no certame.

**1986-** Uberlândia sedia o Campeonato Estadual de Basquete Adulto Masculino e o UTC conquista o vice-campeonato.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 12 de dezembro de 1986

**1988-** A cidade de Uberlândia realiza a final do Campeonato Estadual de Basquete Infantil Masculino e o time do UTC leva o título da competição.

**1989-** A equipe adulta masculina do Uberlândia Tênis Clube participa do Campeonato Estadual de Basquete, mas não se classifica para as finais do torneio.

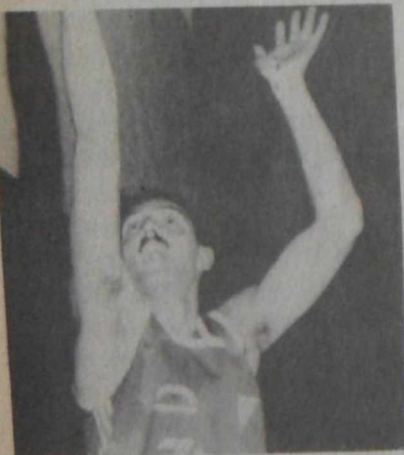
**1990-** O UTC participa do Campeonato Estadual Masculino Adulto e se classifica em terceiro lugar na competição.

**1991-** O UTC participa do II Campeonato Nacional de Basquete Masculino e termina o certame na décima primeira colocação.

## Quem é quem no UTC/ANGLO

O apoio dado pelo Curso Anglo ao UTC - Uberlândia Tênis Clube na formação do UTC/ANGLO proporcionou a montagem de uma equipe não apenas competitiva, mas com jogadores de larga experiência e renome nacional. Graças a isso, o basquete uberlandense conseguiu chegar, pela primeira vez, ao Campeonato da Liga Nacional.

Aqui, cada um dos jogadores que compõem a equipe do UTC/ANGLO:



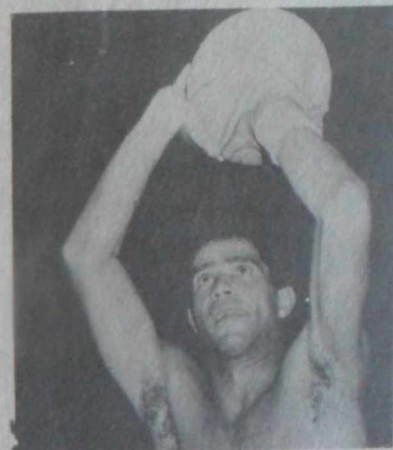
**Fernandinho (Armador)** - 29 anos, 1m80, várias vezes convocado para a Seleção Mineira. Já foi pretendido por várias equipes, entre elas Limeira/SP, Minas Tênis, Matão/SP mas nunca deixou o UTC/Anglo por questões sentimentais.

**Amilton (Ala)** - 24 anos, 1m94. Foi um dos principais destaques da equipe no



campeonato mineiro do ano passado, sendo o "cestinha" da competição com mais de 400 pontos. Chegou ao UTC/Anglo em 1989 proveniente da AABB de Brasília.

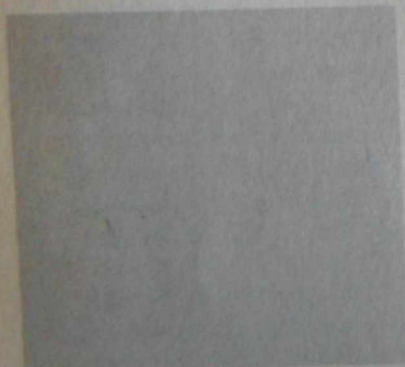
**Rubão (Ala)** - 26 anos, 1m86. Foi contratado pelo UTC/Anglo em 1988, depois de ter jogado pelo Fluminense do Rio de Janeiro e América de Rio Preto/



SP. Foi a revelação dos Jogos Abertos de São Paulo de 1986.

**Feitosa (Pivô)** - 24 anos, 2m12. Jogou pela AABB/Brasília e pela Portuguesa de São Paulo.

**Mário (Pivô)** - 29 anos. É natural de Uberlândia e sempre jogou pelo UTC/Anglo, onde começou a carreira.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 16 de janeiro de 1991

**1992-** O Uberlândia Tênis Clube faz seletivo para a terceira edição do Campeonato Nacional de Basquete Masculino e se classifica para o torneio nacional. Por falta de patrocínio a equipe uberlandense acabou não participando da competição.

**1998-** Surge a equipe de basquete profissional Unitri Uberlândia. O time uberlandense conquista o título do Campeonato Estadual de Basquete Masculino Adulto e se classifica para o Campeonato Nacional de 1999.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 15 de julho de 1998

**1999-** O Unitri participa do Campeonato Nacional de Basquete Masculino e termina a competição em nono lugar. Já na disputa do Campeonato Estadual, o Unitri leva a melhor e se torna bicampeão mineiro.

## Unit vence Ginástico e é bicampeão mineiro

Bastaram dois jogos para o Unit/Uberlândia conquistar o título de campeão mineiro de Basquete de 1999 e garantir vaga para a Liga Nacional do ano que vem. O Ginástico de Belo Horizonte bem que tentou, mas prevaleceu a superioridade do time uberlandense. O Unit venceu em BH por 111 x 90 e o segundo jogo, em Uberlândia, pelo placar de 93 x 74. O público de aproximadamente 1.500 pessoas no ginásio Homero Santos do UTC foi importante para a vitória, uma vez que o Ginástico dificultou as ações do Unit em vários momentos da partida. O cestinha nos dois jogos, com 24 pontos em cada, foi o armador Marc Brown. **Página B-4**

Jornal *Correio de Uberlândia* de 7 de dezembro de 1999

**2000-** O Unitri fatura o terceiro lugar no Campeonato Nacional de Basquete e se torna tricampeão mineiro.

**2001-** O Unitri Uberlândia termina o Campeonato Nacional de Basquete na quinta colocação. A equipe uberlandense participa da Liga Sul-Americana pela primeira vez. Na disputa mineira, o time de Uberlândia conquista o tetracampeonato.

**2002-** Novamente, o Unitri fica em quinto lugar no Campeonato Nacional. A equipe fatura pentacampeonato na competição mineira.

**2003-** O Unitri é vice-campeão brasileiro de basquete e fatura o hexacampeonato no Campeonato Estadual.

**2004-** O time do Unitri é vice-campeão da Liga Sul-Americana e conquista o título do Campeonato Nacional de Basquete. A equipe participa também do Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões e fica em quarto lugar na competição. O Unitri conquista pela sétima vez o Campeonato Estadual.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 1º de julho de 2004

**2005-** O Unitri conquista o título da Liga Sul-Americana, se torna vice-campeão do Campeonato Nacional de Basquete e fatura a segunda colocação no Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões. O time uberlandense é campeão mineiro pela oitava vez.





Jornal *Correio de Uberlândia* de 29 de abril de 2005

**2006-** A equipe do Unitri fatura o terceiro lugar na Liga Sul-Americana e conquista o título do Campeonato Estadual pela nona vez.

2007- O Unitri se classifica em terceiro lugar no Campeonato Nacional de Basquete Masculino temporada 2006/2007. A equipe uberlandense encerra suas atividades pela primeira vez.



UBERLÂNDIA

# Unitri acaba com o time de basquete

Equipe tem 9 títulos mineiros, um nacional e um sul-americano

Uberlândia não vai disputar as competições da temporada 2007/2008 de basquete. O senador Wellington Salgado, um dos diretores do Unitri, confirmou ontem a extinção do time e disse que a decisão é consequência da falta de apoio do poder público uberlandense. O diretor da Futel, Alberto Martins, disse que isso não é verdade. O clube deve enviar ainda hoje uma carta liberatória à Federação Mineira de Basquete, concedendo passe livre a todos os jogadores, que, com exceção do pivô Douglas, tiveram seus contratos encerrados no fim de junho. A maioria esperava renegociar com o Unitri. **PÁGINA A10**

Jornal *Correio de Uberlândia* de 21 de julho de 2007

**2010-** O Unitri Uberlândia retoma suas atividades. O time conquista o título mineiro pela décima vez.

**BASQUETE**

ARMADOR VALTINHO, ALA BRASÍLIA E PIVÔ ESTEVAM SÃO NOMES JÁ CONFIRMADOS PARA COMEÇAR OS TREINOS EM AGOSTO

## Uberlândia volta a ter time de basquete

**FEDERICO SILVA**  
Fotografia: J. J. CORREIO

No dia 1º de agosto, a comissão técnica e os jogadores da equipe profissional de basquete, que disputarão o Campeonato Mineiro e a Liga Nacional de Basquete (LNB), serão apresentados em Uberlândia. O retorno do time foi confirmado nesta semana em uma reunião entre a Prefeitura e Uberlândia e a direção da equipe. O município será responsável por ceder toda a estrutura para o novo time.

De acordo com Fernando Larralde, supervisor da equipe, desde 1999, o nome do time será Uberlândia/Unitri/Universo e os jogadores já estão contratados: o armador Valtinho, o ala Brasília e o pivô Estevam, ídolos da torcida e que fizeram parte do grupo campeão sul-americano em 1995. Hoje, os três contratados estão no Universo Brasília que terminou em primeiro lugar a fase de classificação e está disputando os playoffs da LNB. "Conversei com eles e firmamos o acordo. Eles se identificam com a torcida, com a cidade e gostam de jogar aqui", disse Larralde.

A comissão técnica ainda não foi definida, mas se cogita o nome do ex-jogador Rato, que jogou pela seleção brasileira e parou de jogar há seis meses. De acordo com Fernando Larralde, o restante do grupo só será definido com a chegada do técnico. "O Rato é um dos nomes, mas a Liga ainda está em andamento, por isso, vamos definir depois. Quando tudo estiver certo, consultaremos quem for contratado e veremos quais os jogadores estrangeiros e brasileiros ele nos indica para fazermos as contratações", disse.

### TREINOS E JOGOS

#### SABIAZINHO SERÁ UTILIZADO

A equipe profissional de basquete de Uberlândia realizará seus treinos no ginásio do UTC e os jogos serão tanto no clube quanto na Arena Sabiazinho. Segundo Larralde, no início, os jogos serão abertos ao público. "Os primeiros jogos do Mineiro e alguns jogos da LNB serão realizados no ginásio do UTC, só as partidas mais importantes e os playoffs acontecerão no Sabiazinho. Inicialmente, o intuito é deixar os portões abertos pra atrair de novo o público apaixonado pelo basquete", disse.

De acordo com o supervisor, alguns jogadores da base do UTC poderão ser aproveitados na nova equipe. "O técnico que virá vai observar o time juvenil do UTC e devemos usar alguns jogadores para compor o nosso elenco", disse.



**TÍTULOS**

EM NOVE ANOS O UBERLÂNDIA/UNITRI/UNIVERSO CONQUISTOU

- 1998 a 2006 – nove títulos mineiros consecutivos
- 2003 – Vice-campeão brasileiro
- 2004 – Campeão brasileiro e vice-campeão sul-americano
- 2005 – Campeão sul-americano e vice-campeão brasileiro
- 2006 – Vice-campeão brasileiro

**IDOL** da torcida uberlandense, Valtinho é um dos principais nomes da nova equipe

Jornal *Correio de Uberlândia* de 9 de abril de 2010

**2010/2011-** O Unitri fica em sexto lugar do Novo Basquete Brasil (NBB) temporada 2010/2011.

**2011-** A equipe de Uberlândia é campeã mineira pela décima primeira vez.

**2011/2012-** O Unitri se classifica em sexto lugar no NBB temporada 2011/2012.

**2012-** O Unitri se torna campeão mineiro pela décima segunda vez.

**2012/2013-** O Unitri Uberlândia é vice-campeão do NBB temporada 2012/2013.



Jornal *Correio de Uberlândia* de 2 de junho de 2013

**2013-** O Unitri é campeão mineiro pela décima terceira vez.

**2014-** O Unitri leva o título mineiro pela décima quarta vez.

**2015-** O Unitri Uberlândia encerra suas atividades pela segunda vez em sua história.

## 4 MEMORIAL DESCRITIVO DOS PRODUTOS

As pesquisas realizadas sobre a trajetória do basquete da cidade de Uberlândia deram origem a dois produtos: dois livros-reportagem que englobam a temática trabalhada no curso de Mestrado Profissional em Tecnologias e Comunicação e Educação. O produto principal desenvolvido é a obra impressa "A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia" e o produto secundário é o livro digital "Ídolos do basquete de Uberlândia".

### 4.1 Livro-reportagem "A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia"

Primeiramente apresentaremos a descrição da obra e, em seguida, vamos abordar como foi o desenvolvimento do livro.

#### 4.1.1 Descrição da obra

O livro-reportagem "A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia" conta a trajetória do esporte de bola ao cesto uberlandense. A obra traz os primeiros registros da modalidade na cidade mineira, aborda a prática do esporte nas escolas e na universidade, além dos times que existiram desde a época em que o esporte era amador até o surgimento do basquete profissional.

Para tanto, a obra foi dividida em diversas reportagens que, com a exceção da primeira, vai narrando cronologicamente a história do basquete uberlandense. Isso porque o livro traz, primeiramente, uma reportagem sobre o fim do time profissional, o Unitri Uberlândia. A escolha por começar da época mais recente é para mostrar a situação atual do esporte na cidade. Além disso, trata-se da parte da história da modalidade que gerou grande impacto em Uberlândia por se tratar do encerramento das atividades de uma equipe que trouxe muitas conquistas e deu orgulho para os torcedores uberlandenses.

A partir daí, as demais reportagens contam a história de forma cronológica e temática, ou seja, estão dispostas em uma sequência de fatos históricos do esporte. É como se fosse uma linha do tempo do esporte da bola laranja de Uberlândia. Algumas vezes, por exemplo, os acontecimentos são situados no tempo, mas de acordo com determinada temática: o basquete nas práticas escolares, o basquete na universidade.

Ao todo, o livro conta com 45 reportagens, a saber: "Era uma vez Unitri Uberlândia Basquete", "A bola laranja chega ao Triângulo Mineiro", "Do campo para as quadras", "Uberlândia *versus* Araguari e outros encontros cestobolísticos", "A primeira conquista não

se esquece”, “Bicampeã!”, “Uma, duas, três vezes campeã!”, “Mais amistosos, mais competições, mais Associação Atlética de Uberlândia”, “Uma nova história do basquete amador uberlandense”, “O basquete nas práticas escolares”, “O UTC nos Jogos Abertos do Interior”, “Nem tudo foram flores: crises no basquete de Uberlândia”, “O basquete do Uberlândia Tênis Clube na década de 50”, “Wlamir Marques e Pecente: um *show* à parte em Uberlândia”, “*Show* do UTC nos Jogos Abertos da Alta Mogiana”, “O evento do ano!”, “Noite de gala do basquete em Uberlândia”, “O basquete uberlandense ganha a universidade”, “O basquete do UTC agita o fim da década de 60 e início dos anos 70”, “Uberlândia como sede de eventos esportivos”, “A década do basquete juvenil”, “Aos trancos e barrancos”, “O UTC e o Campeonato Nacional de Basquete”, “1998: nasce um campeão”, “O início de mais um sonho”, “Um degrau por vez”, “Levando o basquete de Uberlândia para fora do país”, “2002: é penta!”, “No meio do caminho tinha um COC/Ribeirão Preto”, “Um grito engasgado na garganta”, “Ou, ou, ou é campeão!”, “O Unitri no Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões”, “Do Brasil para a América do Sul”, “Na trave, ou melhor, no aro!”, “Vice no Sul-Americano de Clubes Campeões”, “Um campeonato sem campeão”, “Fechando o ano com chave de ouro”, “Terceiro lugar no Nacional”, “Fim do Unitri? Um baque geral!”, “O UTC no Nacional de 2008”, “Na área de novo: a volta do Unitri”, “Unodecacampeão mineiro e quinto lugar no NBB”, “Palmas para os vice-campeões”, “Mais um troféu para a galeria do Unitri” e “14 títulos não são para qualquer um”. Além disso, a obra conta com o “Prefácio” e a “Galeria das conquistas” contendo quatro fotos de momentos marcantes do basquete de Uberlândia.

#### **4.1.2 Relato do desenvolvimento do trabalho**

Os jornais impressos *A Tribuna* e *Correio de Uberlândia* serviram de base para a construção da obra "A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia". Além disso, os sites do *Correio de Uberlândia*, *Globo Esporte*, *Confederação Brasileira de Basquete (CBB)*, *Liga Nacional de Basquete (LNB)* e o *Blog Unitri Uberlândia* foram consultados também.

A pesquisa em jornais impressos foi realizada no Arquivo Público de Uberlândia entre os meses de fevereiro e agosto de 2016. A pesquisa consistiu em averiguar os jornais existentes desde o início do século 20 na cidade de Uberlândia para saber quando o basquete começou a aparecer na imprensa uberlandense, isto é, para ter um recorte do início da prática do esporte de bola ao cesto na cidade.

Dessa forma, os jornais impressos pesquisados foram os seguintes: *Gazeta de Uberabinha* (1900), *O Progresso* (1907 a 1914), *A Livraria Kosmos* (1909 a 1916), *O Paranahyba* (1914), *O Commercio* (1915-1916), *O Brazil* (1916), *O Binóculo* (1916), *Diário de Uberabinha* (1917), *A Notícia* (1918), *A Escola* (1919), *A Notícia* (1918 a 1919), *A Tribuna* (1919 a 1940), *Correio de Uberlândia* (1940 a julho de 2013). A partir de agosto 2013 até agosto de 2015, a pesquisa foi realizada no *Correio de Uberlândia Online*.

Ao averiguar todos esses jornais, verificou-se que o objeto de estudo estava presente apenas em dois deles a partir do fim da década de 1920: *A Tribuna* e *Correio de Uberlândia*. Dessa forma, foram pesquisadas mais de 1.300 edições do jornal *A Tribuna* e mais de 23 mil do *Correio de Uberlândia*.

O método usado consistiu em folhear todos os exemplares manualmente para encontrar matérias esportivas sobre o basquete uberlandense. Quando apareciam notícias sobre o esporte da bola laranja nos jornais, as matérias eram fotografadas. Assim, todas as notícias envolvendo o basquete foram registradas por meio de fotografias, editadas com a data em que foram veiculadas e o nome do jornal em que foram divulgadas. Além disso, as informações principais de todas as matérias sobre o basquete uberlandense foram anotadas em bloco de anotações com data de veiculação, nome do jornal, número da edição, título da matéria e linha fina. Tudo isso foi feito para se ter um controle dos acontecimentos do basquete ao longo do tempo, isto é, o quê, quando e como acontecia certo fato envolvendo a modalidade.

A organização dos arquivos coletados de acordo com as datas dos fatos facilitou o trabalho de análise dos dados. Todas as matérias fotografadas foram lidas. As informações principais foram colhidas para a elaboração das reportagens que comporiam o livro-reportagem em questão.

Além disso, foram realizadas entrevistas com quinze pessoas ligadas ao basquete de Uberlândia entre os meses de agosto e outubro de 2016. Assim, foram entrevistados: Lioni, Marcão, Reny Simão e Rubão (jogadores de basquete do Uberlândia Tênis Clube) e Brasília, Cambraia, Cardoso, Edicarlos, Flaviano, Helinho, Hélio Rubens, Lara, Reilla, Robert Day e Valtinho (atletas, membros da comissão técnica, radialista e torcedores do time profissional Unitri Uberlândia). A maioria das entrevistas foi feita pessoalmente. Algumas foram realizadas por telefone e outras por meio do Whastapp. As entrevistas foram transcritas e os dados principais foram utilizados para o desenvolvimento da obra proposta.

Como mencionado anteriormente, alguns sites foram usados como fonte de pesquisa também: *Correio de Uberlândia*, *Globo Esporte*, *Confederação Brasileira de Basquete (CBB)*, *Liga Nacional de Basquete (LNB)* e o *Blog Unitri Uberlândia*.

Os dados encontrados nos jornais pesquisados, nos *sites* consultados e nas entrevistas realizadas foram usados para a construção do livro-reportagem. Juntas, as informações principais coletadas nas diversas fontes de pesquisa embasaram a elaboração das reportagens que compõem o livro-reportagem proposto. As reportagens foram escritas separadamente e, depois de terminadas, juntadas em um único arquivo organizadas em uma sequência cronológica para situar o acontecimento no tempo. Depois de pronto, o material produzido foi revisado e enviado para a editora para a execução dos serviços de diagramação, produção da capa e impressão da obra.

A maior dificuldade encontrada na produção da obra foi em relação a alguns dados pesquisados. Por vezes, faltava alguma informação, como por exemplo, uma edição do jornal trazia que iria acontecer determinado jogo, mas na edição seguinte não havia matéria referente a essa partida anunciada. Em outras ocasiões, a escalação do time não era divulgada, ou trazia um mesmo nome em duas equipes, ou, ainda, era divulgada com menos jogadores do que um time entra em quadra para jogar. Então, nesse último caso, não se sabe se o time jogou com menos jogadores ou se faltou a veiculação do nome de algum atleta pelo jornal. Além disso, em alguns momentos o placar de determinado jogo não era divulgado e, em outros, não se anunciava as equipes que os times de Uberlândia enfrentavam em certos campeonatos.

Em virtude disso, pode ser que algumas informações no livro soem estranhas, como nos casos citados acima. Mas vale ressaltar que os dados presentes na obra “A bola laranja do Triângulo Mineiro - A história do basquete de Uberlândia” foram divulgados conforme encontrados nas pesquisas realizadas, respeitando o que foi veiculado, a forma como foi divulgado nos veículos de comunicação e o que foi contado pelos entrevistados.

## **4.2 Livro-reportagem "Ídolos do basquete de Uberlândia"**

Primeiramente apresentaremos a descrição da obra e, em seguida, vamos abordar como foi o desenvolvimento do livro.

### **4.2.1 Descrição da obra**

O projeto de pesquisa “A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia” deu origem ao livro-reportagem digital “Ídolos do basquete de Uberlândia”.

Durante a realização do produto proposto no curso de Mestrado, surgiu a ideia de um segundo produto. As pesquisas e entrevistas realizadas reuniram muitos dados, que iam além do foco do livro-reportagem impresso sobre a trajetória do basquete uberlandense. Para que tais dados não ficassem apenas guardados nos arquivos pessoais da pesquisadora, foi elaborada uma segunda obra com o objetivo de ser um complemento do produto principal.

“Ídolos do basquete de Uberlândia” é uma obra que se centra nas personalidades que participaram da história do basquete de Uberlândia. Mais que contar a trajetória do basquete uberlandense, o livro-reportagem em questão estampa histórias de vida. Trata-se de um livro que traz histórias de jogadores, membros da comissão técnica, imprensa e torcedores. É uma forma de conhecermos mais sobre a carreira, a vida e a ligação de cada personalidade com a cidade de Uberlândia.

O livro-reportagem digital é composto por nove reportagens, a saber: “Lione: um ídolo do basquete uberlandense dos anos 60”, “O sexto jogador do Unitri Uberlândia”, “Cardoso: desde o início até o fim”, “Lara: o basquete pelas ondas do rádio”, “Hélio Rubens Garcia: um colecionador de títulos”, “Helinho: uma jornada de sucesso”, “Valtinho, o Maestro!”, Robert Day: o norte-americano que conquistou em cheio os brasileiros” e “Brasília é boa gente”. Além disso, a obra conta com o “Prefácio: Uma arte chamada basquete”.

#### ***4.2.2 Relato do desenvolvimento do trabalho***

Para a construção do livro digital “Ídolos do basquete de Uberlândia” foram utilizados dados coletados nas pesquisas realizadas nos jornais impressos e *sites* citados no item 4.1.2 e, principalmente, as informações adquiridas por meio das entrevistas. Isso porque as pesquisas e, especialmente, as entrevistas revelaram mais que os fatos históricos de times de Uberlândia. Mostraram histórias de vida. Daí a ideia de desenvolver um segundo produto que se centra nos personagens que passaram pelo basquete uberlandense.

As pesquisas e entrevistas foram realizadas conforme descritas no item 4.1.2. Na obra em questão foram utilizadas as entrevistas feitas com Lioni (jogador de basquete do Uberlândia Tênis Clube) e Brasília, Cambraia, Cardoso, Edicarlos, Flaviano, Helinho, Hélio Rubens, Lara, Reilla, Robert Day e Valtinho (atletas, membros da comissão técnica, radialista e torcedores do time profissional Unitri Uberlândia).

Os dados encontrados nos jornais pesquisados, nos *sites* consultados e, sobretudo, nas entrevistas realizadas serviram de base para a construção do livro-reportagem digital. As

reportagens foram escritas separadamente. Cada reportagem aborda um personagem do basquete de Uberlândia: a torcida, um jogador, um técnico, um membro da comissão técnica ou um componente da imprensa. Depois de terminadas, as reportagens contando histórias de vida, trajetórias da carreira e a ligação de cada personalidade com a cidade de Uberlândia foram juntadas em um único arquivo. Depois de pronto, o material produzido foi revisado e diagramado. A capa foi produzida e o livro foi disponibilizado na plataforma digital da *Amazon*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem impresso sobre a trajetória do esporte da bola laranja uberlandense e a obra digital sobre os ídolos do basquete de Uberlândia podem trazer muitas contribuições. A começar pelo fato de que nos livros as histórias sobre o universo do basquete da cidade foram narradas com detalhes. Assim, as obras buscam contribuir para a construção de um saber: a história do basquete de Uberlândia. Além disso, revelam a trajetória de personalidades que passaram pelo esporte da bola laranja da cidade mineira.

As obras irão suprir uma lacuna: a da inexistência de produtos que pautem essa história. Trata-se de um projeto importante, pois contribuirá para a preservação da memória esportiva do basquete uberlandense e dos sujeitos envolvidos com a trajetória do esporte da bola laranja em Uberlândia. Ao preservar a história esportiva de Uberlândia, os livros podem contribuir para a preservação da história da própria cidade. Isso se deve ao fato de o esporte ser parte da cultura uberlandense e, portanto, ser parte da história de Uberlândia.

Os livros-reportagem produzidos com o registro histórico além de poder suprir a curiosidade das pessoas em relação ao basquete uberlandense podem também ser materiais de cunho bibliográfico. Neste contexto, eles servirão de consultas para futuras pesquisas. Como não há meios que reúnam tal história, as obras poderão ser base para pesquisas na área, fontes de consultas sobre o basquete em Uberlândia desde as práticas estudantis até a formação do time profissional da modalidade, além de servirem de fontes sobre a trajetória de ídolos do esporte que passaram pela cidade mineira.

Além disso, a obra digital “Ídolos do Basquete de Uberlândia” traz o registro de histórias de jogadores e técnicos que são ídolos não só em Uberlândia, mas em todo o Brasil. Trata-se de grandes nomes do basquete brasileiro que passaram pelo esporte da bola laranja da cidade mineira e que são conhecidos nacionalmente. Sendo assim, o livro terá o papel de preservar não só a memória esportiva uberlandense, mas as trajetórias de vida de ídolos do basquete do país.

Podemos dizer que os livros-reportagem desenvolvidos trarão muitos ganhos. Ganha o jornalismo esportivo, que contará com duas obras especializadas narrando fatos históricos sobre o esporte da bola laranja. Ganha o basquete, que terá sua história documentada. Ganha Uberlândia, que possuirá sua história esportiva preservada, pois o basquete é parte importante

dessa história. Ganham os atores<sup>9</sup>, que ajudaram a construir a história do basquete em Uberlândia, pois terão suas memórias preservadas. Ganham as pessoas, as apaixonados pelo universo esportivo, em especial as que gostam do esporte da bola laranja, que vão ter em mãos uma obra recheada com muitas informações envolvendo o basquete. Assim, com os livros-reportagem todo o universo do basquete uberlandense será estampado nas páginas das obras, permitindo que essa história não se perca no tempo, mas que eternize a trajetória do esporte da bola laranja em Uberlândia.

---

<sup>9</sup> A expressão “atores” está sendo usada como sinônimo das pessoas que participaram da história do basquete uberlandense, sendo jogadores, técnicos ou parte da equipe de técnica, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

- ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. O jornalismo especializado na sociedade da informação. 2005. In: **BOCC – Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiah-y-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- ALEIXO, Caroline. “No adeus a Uberlândia, Salgado bate martelo e crava: ‘Ficaremos na Bahia’”. **Globo Esporte**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2015/08/no-adeus-uberlandia-salgado-bate-martelo-e-crava-ficaremos-na-bahia.html>. Acesso em: 29 out. 2015.
- A TRIBUNA. Uberlândia. 1919-1940.
- BARBEIRO, Heródoto; BARBEIRO, Patrícia Rangel. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORELLI, Viviane. O Esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador: 2002. Disponível em: <http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- CBB. **A História oficial do basquete**. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/OBasquete/BasqueteBrasil>. Acesso em: 03 nov. 2015.
- CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia. 1940-2013.
- ESTADÃO. “Uberlândia anuncia fim das atividades no basquete brasileiro”. **Estadão Online** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/basquete,uberlandia-anuncia-fim-das-atividades-no-basquete-brasileiro,1658479> Acesso em: 29 out. 2015.
- FRANÇA, Ana. “O Brasil na história dos Jogos Olímpicos”. **How Stuff Works**. Disponível em: <http://esporte.hsw.uol.com.br/jogos-olimpicos2.htm>. Acesso em: 03 dez. 2015.
- GATTI, Giseli Cristina do Vale; INÁCIO FILHO, Geraldo e GATTI JÚNIOR, Geraldo. **A escola na cidade: percepções de alunos e de alunas sobre os saberes disseminados no Ginásio Mineiro de Uberlândia (décadas de 1910 a 1950)**. **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Sergipe: 2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/88.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4ª. ed., 2002, p. 19-23.
- GOMIDE, Alberto. “Basquete tem título esquecido”. **Correio de Uberlândia Online**. Uberlândia: Algar Media, 2014. Disponível em:

<http://www.correiodeuberlandia.com.br/colunas/resenha-esportiva/basquete-tem-titulo-esquecido/>. Acesso em: 30 out. 2015.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista jornalística**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Trad. Monteiro, Heloísa; Settinieri, Francisco. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LBF. Sobre a LBF. Disponível em: <http://ligadebasquetefeminino.com.br/lbf/>. Acesso em: 03 nov. 2015.

LNB. Sobre a LNB. Disponível em: <http://lnb.com.br/lnb/>. Acesso em: 03 nov. 2015.

LE GOFF, J. **História e memória**. 1924. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MALVEIRA, Auri. Wlamir Marques: O Diabo Loiro. São Paulo: Panda Books, 2013.

MENDES, Dolores. “Uberlândia 124 anos: Muito além do grito de gol”. **Correio de Uberlândia online**. Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/uberlandia-124-anos-muito-alem-do-grito-de-gol/> Acesso em: 30 out. 2015.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

CBB. **Regras Oficiais de Basquetebol 2010**. Disponível em: [http://legado.cbb.com.br/arbitragem/LIVRO\\_DE\\_REGRAS\\_2010v2.pdf](http://legado.cbb.com.br/arbitragem/LIVRO_DE_REGRAS_2010v2.pdf). Acesso em: 02 dez. 2015

SOARES, Eder. “Time de basquete de Uberlândia vai mesmo para Salvador”. **Correio de Uberlândia online**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/esportes/time-de-basquete-de-uberlandia-vai-mesmo-para-salvador/>. Acesso em: 29 out. 2015.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Entre objetos, objetos no entre: Revista, Jornalismo Especializado e Qualidade de Vida. In: **Contemporanea**, v. 6, p. 1-22, 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3529/2582>. Acesso em: 13 nov. 2015.

UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE. “Torcida Organizada”. **Site do Uberlândia Esporte Clube**. Uberlândia. Disponível em: <http://www.uberlandiaesportecube.com.br/torcida-organizada>. Acesso em: 29 out. 2015.

UNZELTE, C. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

VEJA. “Na equipe de tiro, nossos heróis do pós-guerra”. **Veja Online**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasil-nos-jogos/brasil-jogos-1920.shtml>. Acesso em 02 dez. 2015.

VEJA. “Terminada a guerra, o Brasil retorna ao pódio”. **Veja Online**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasil-nos-jogos/brasil-jogos-1948.shtml>. Acesso em 02 dez. 2015.

VEJA. “Surge o maior herói brasileiro das Olimpíadas”. **Veja Online**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasil-nos-jogos/brasil-jogos-1952.shtml>. Acesso em 02 dez. 2015.

VEJA. “Bis na medalha de bronze do basquete masculino”. **Veja Online**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasil-nos-jogos/brasil-jogos-1964.shtml>. Acesso em 02 dez. 2015.

VEJA. “As voltas do basquete e da natação”. **Veja Online**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/olimpiadas/2012/brasil-nos-jogos/brasil-jogos-1960.shtml>. Acesso em 02 dez. 2015.

VENANCIO, R. D. O. “No basquete, antes da Unitri e do UTC, tinha o A. A. Uberlândia”. **Correio de Uberlândia Online**. Uberlândia: Algar Media, 2014. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/blogs/lupa-esportiva/basquete-antes-da-unitri-e-utc-tinha-ouberlandia/>. Acesso em 30 out. 2015.

VENANCIO, R. D. O. “Nós somos diferentes”. **Observatório da Imprensa**. São Paulo. 2014. Disponível em [http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/\\_ed788\\_nos\\_somos\\_diferentes/](http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed788_nos_somos_diferentes/). Acesso em 13 out. 2015.

## APÊNDICE A- Materiais Pesquisados

A pesquisa nos jornais uberlandenses para se descobrir o que se falava nas páginas dos jornais sobre o basquete e como era a prática do esporte da Bola Laranja na cidade englobou o período de 1900 ao ano de 2015. Foram realizadas pesquisas no Acervo Municipal de Uberlândia nos seguintes jornais:

Gazeta de Uberabinha- 1900

O Progresso- 1907 a 1914

A Livraria Kosmos- 1909 a 1916

O Paranahyba- 1914

O Commercio- 1915-1916

O Brazil- 1916

O Binóculo- 1916

Diário de Uberabinha- 1917

A Notícia- 1918

A Escola- 1919

A Notícia- 1918 a 1919

A Tribuna- 1919 a 1940

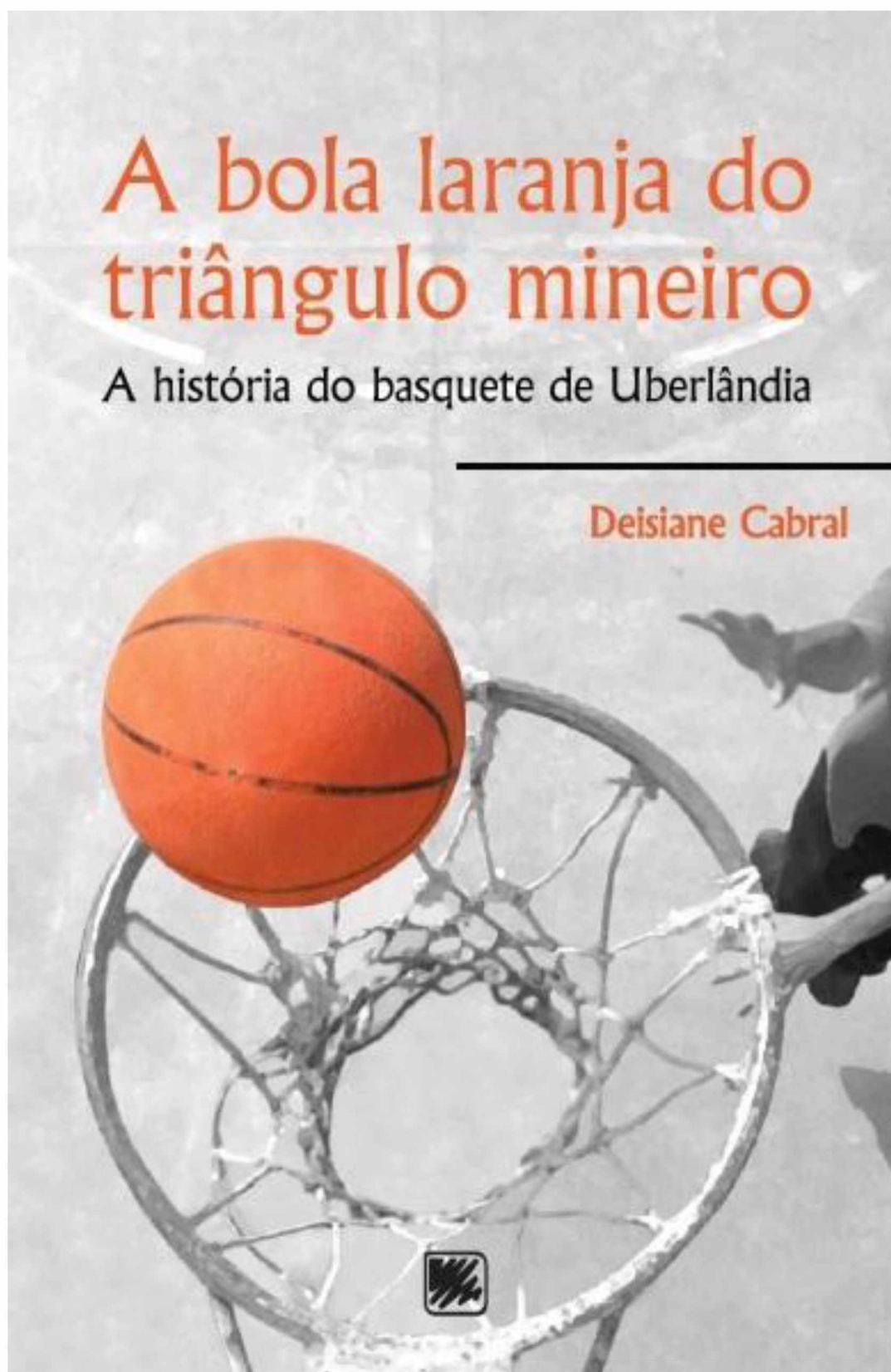
Correio de Uberlândia- 1940 a julho de 2013 (jornal impresso)

Correio de Uberlândia – Agosto de 2013 a 2015 (digital).

A pesquisa consistiu em folhear todos os exemplares do jornal em busca das informações pretendidas e registrar os dados encontrados por meio de fotografia.

Vale ressaltar que foram realizadas, ainda, pesquisas em sites da Internet como o Correio de Uberlândia (<http://www.correiodeuberlandia.com.br/home/>), como já mencionado, o site do Globo Esporte (<http://globoesporte.globo.com/>) e o Blog Unitri Uberlândia (<http://unitriuberlandiabasquete.blogspot.com.br>).

**APÊNDICE B- Livro-reportagem impresso “A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia”**



Deisiane Cabral

# A Bola Laranja do Triângulo Mineiro

A história do basquete de Uberlândia

*Às pessoas que construíram a história do basquete uberlandense.*

*Aos jogadores que passaram pelos times de Uberlândia e marcaram a trajetória do esporte na cidade.*

*Aos torcedores que vibraram com o basquete de Uberlândia e que hoje colecionam saudades.*

*Aos uberlandenses e todos que simpatizam com a cidade.*

*Aos que conhecem um pouco de sua história e aos que não conhecem, mas que porventura desejam conhecer.*

*Dedico este livro aos que amam esporte, especialmente aos apaixonados pelo universo da bola laranja.*

## Agradecimentos

Para fazer este trabalho eu entrei em quadra. E, para dizer a verdade, muitas pessoas entraram em quadra comigo também. Juntos, formamos um time. E agradeço a cada um por tudo.

À minha família, por ser minha base. Ao meu pai José Maria, à minha mãe Jucelina e às minhas irmãs Josi e Geizi, obrigada por sempre apoiarem as minhas escolhas e se sacrificarem para que eu possa realizar os meus sonhos. Obrigada por me ajudarem direta e indiretamente nessa minha jornada acadêmica.

Ao meu orientador, Rafael, por acreditar em mim e abraçar o desafio que escolhi traçar no percurso do mestrado. Obrigada pelas orientações e por ser calmaria nos meus momentos de tempestade.

Ao pessoal do Arquivo Público de Uberlândia por me atender tão bem, me ajudar com informações e pelas conversas paralelas que deixaram os meus dias mais leves. Obrigada, Jô, Paulo, Marlene, Marluce e Marta.

Às minhas amigas que torceram por mim, compreenderam a minha falta de tempo e me ajudaram de alguma forma. Em especial, agradeço a Val por ser a minha primeira leitora e me ajudar com a revisão da obra.

Aos jogadores que passaram pelo basquete uberlandense, membros da equipe técnica, imprensa e torcedores. Lioni, Marcão, Reny Simão, Rubão, Brasília, Cambraia, Hélio Rubens, Helinho, Valtinho, Robert Day, Lara, Edicarlos, Cardoso, Reilla e Flaviano: muito obrigada por compartilharem comigo as suas memórias. Aliás, aqui vocês representam todas as outras pessoas que ajudaram a construir a trajetória do basquete na cidade.

E preciso agradecer a todos os atletas que vestiram a camisa de Uberlândia. Obrigada pelos jogos incríveis, pelo *show* de bola laranja nas quadras e pela dedicação. Obrigada pelas inúmeras emoções que vocês proporcionaram aos torcedores e pelas alegrias que trouxeram para a cidade. Sem vocês não haveria história para contar.

Vocês fizeram história e hoje são histórias traduzidas nas páginas deste livro.

*“Exilar a memória no passado  
é deixar de entendê-la  
como força viva do presente.  
Sem memória, não há presente humano,  
Nem tão pouco futuro.”*

*Ulpiano Bezerra de Meneses*

## Sumário

Prefácio .....	86
Era uma vez Unitri Uberlândia Basquete .....	87
A bola laranja chega ao Triângulo Mineiro .....	90
Do campo para as quadras .....	92
Uberlândia versus Araguari e outros encontros cestobolísticos .....	94
A primeira conquista não se esquece.....	97
Bicampeã!.....	99
Uma, duas, três vezes campeã! .....	102
Mais amistosos, mais competições, mais Associação Atlética de Uberlândia.....	104
Uma nova história do basquete amador uberlandense.....	108
O basquete nas práticas escolares .....	111
O UTC nos Jogos Abertos do Interior.....	113
Nem tudo foram flores: Crises no basquete de Uberlândia .....	115
O basquete do Uberlândia Tênis Clube na década de 50 .....	117
Wlamir Marques e Pecente: um show à parte em Uberlândia.....	120
<i>Show</i> do UTC nos Jogos Abertos da Alta Mogiana.....	122
O evento do ano! .....	125
Noite de gala do basquete em Uberlândia.....	128
O basquete uberlandense ganha a Universidade .....	130
O basquete do UTC agita o fim da década de 60 e início dos anos 70.....	133
Uberlândia como sede de eventos esportivos.....	137
A década do basquete juvenil .....	139
Aos trancos e barrancos .....	143
O UTC e o Campeonato Nacional de Basquete .....	145
1998: Nasce um campeão.....	149
O início de mais um sonho.....	154
Um degrau por vez.....	157
Levando o basquete de Uberlândia para fora do país.....	160
2002: É penta! .....	163
No meio do caminho tinha um COC/Ribeirão Preto .....	165
Um grito engasgado na garganta .....	171
“Ou, ou, ou é campeão!” .....	173
O Unitri no Campeonato Sul-americano de Clubes Campeões .....	180
Do Brasil para a América do Sul.....	181

Na trave, ou melhor, no aro! .....	186
Vice no Sul-Americano de Clubes Campeões .....	188
Um campeonato sem campeão .....	190
Fechando o ano com chave de ouro .....	192
Terceiro lugar no Nacional .....	195
Fim do Unitri? Um baque geral!.....	198
O UTC no Nacional de 2008 .....	201
Na área de novo: a volta do Unitri .....	202
Unodecacampeão mineiro e quinto lugar no NBB.....	205
Palmas para os vice-campeões.....	207
Mais um troféu para a galeria do Unitri .....	213
14 títulos não são para qualquer um.....	215
Galeria das conquistas .....	218
Referências.....	220

## Prefácio

Meu mundo ficou laranja nos últimos dois anos. E que cor linda para se pintar a vida, não?! O tom alaranjado coloriu os meus dias desde que eu entrei para o Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2015. Mas foi em 2016 que a cor tomou conta completamente do meu dia a dia.

Nesse tempo, mergulhei em águas desconhecidas, mas que tinham minha admiração e respeito: o basquete. A bola do jogo era desvendar uma história desconhecida, buscar informações do passado e resgatar lembranças do esporte da cesta da cidade de Uberlândia.

Foram sete meses pesquisando. Quinze pessoas entrevistadas e mais de 23 mil exemplares de jornais pesquisados. Entre eles, *A Tribuna* e o *Correio de Uberlândia*. Nesse período, foi como se eu estivesse em uma máquina do tempo e pudesse voltar ao passado. Eu realmente voltei ao passado. Eu visitei um passado que eu não vivi e revisei um passado que eu vivi.

Por meio dos jornais e das entrevistas, eu, realmente, viajei no tempo e pude ver muita coisa. Eu pude ver além do meu foco. Eu vi uma vila se tornando cidade e uma pequena cidade se expandindo e se transformando na segunda maior de Minas Gerais. Eu vi o nascimento de uma paixão por um esporte: o basquete! Eu vi os primórdios desse esporte e o vi se tornando uma tradição pelo século 20 afora, e pelo 21 também.

Eu vi o esporte da bola laranja cair no gosto do público uberlandense. Eu vi o basquete amador e vi o profissional. Eu vi times renomados jogarem contra Uberlândia. Jogarem em Uberlândia. Eu vi times acabando e outros surgindo. Eu vi o basquete morrer nas crises e renascer.

Eu vi Uberlândia fazer história e conquistar um campeonato tipicamente paulista. Eu vi jogos amistosos e campeonatos. Eu vi vitórias e derrotas. Eu vi títulos estaduais, nacionais e até sul-americano.

Eu vi jogadores excelentes, treinadores excelentes e equipes técnicas excelentes. Eu vi craques dando *show* em quadra e se tornando ídolos. Eu vi uma torcida apaixonada ser o sexto jogador do time.

Eu vi o jornal mudar. O português mudar. A editoria de esportes mudar e ganhar muito mais espaço com o tempo. Eu vi tudo isso e escrevi este livro para que outras pessoas também possam ver.

## Era uma vez Unitri Uberlândia Basquete

O calendário marcava 3 de abril de 2015. Era sexta-feira. Podia ser um dia qualquer para um monte de gente. Mas não foi para muitos uberlandenses. Não foi para os muitos apaixonados pelo basquete do Unitri Uberlândia. Era o último jogo da equipe uberlandense na temporada 2014/2015 no NBB (Novo Basquete Brasil).

No ginásio Homero Santos do Uberlândia Tênis Clube (UTC), Unitri *versus* Palmeiras. A arquibancada não estava lotada como costumava ficar. Cerca de 200 torcedores foram acompanhar de pertinho aquela derradeira partida dos representantes de Uberlândia no esporte da bola laranja.

Às 20 horas as duas equipes entraram em quadra. O primeiro arremesso na cesta foi do Palmeiras, que abriu o placar. O Unitri tentava cesta de dois pontos, mas a bola ficava no aro. Tentava cesta de três pontos e, de novo, a bola não passava. O time paulista marcava. De repente, o Palmeiras já tinha 11 pontos enquanto o Unitri não saía do 0. Os dois primeiros pontos do time de Uberlândia só saíram quando o adversário estava com 12. O Palmeiras ainda ampliou a diferença para 17 a 2. O time uberlandense conseguiu diminuir e terminou o primeiro quarto perdendo por 23 a 12.

No segundo período, o Unitri melhorou o desempenho em quadra, mas o Palmeiras continuava à frente no placar com 41 a 37. Parecia que mais uma derrota estava a caminho. Mas no terceiro tempo o cenário mudou. A equipe local conseguiu uma virada espetacular e fechou o quarto vencendo por 61 a 57. E aí, o Unitri continuou na frente na contagem de pontos e, ao apito final, a vitória do time de Uberlândia veio por 82 a 78 em cima do Palmeiras. A temporada não tinha sido fácil para o Unitri. O time venceu nove dos trinta jogos que disputou. Com aproveitamento de 30,0%, a equipe terminou o campeonato em décimo terceiro lugar.

Naquele mês de abril, a história do basquete uberlandense ganhava um capítulo nada agradável para os apaixonados pelo Lobo Guará. No dia 25 de março saiu o primeiro anúncio sobre o fechamento do tradicional time de basquete de Uberlândia. A notícia divulgada pela rádio uberlandense Vitoriosa rapidamente se espalhou pelas redes sociais. Diversos *sites*, não só de Uberlândia, mas de todo o Brasil, estamparam a informação no dia seguinte: “Um dos mais tradicionais times do basquete brasileiro, o Uberlândia, está com seus dias contados. A direção do clube confirmou que deixará o esporte profissional após o fim da atual edição do NBB, no início de abril”, dizia o *Estadão*. Wellington Salgado, o presidente da equipe e responsável pela sua criação, deu o veredito. O time iria fechar as portas. O motivo alegado foram questões

econômicas. Para Flaviano, torcedor da equipe e presidente da torcida organizada Inferno Verde, aquele foi um dia triste para a história do basquete de Uberlândia. “O pior dia foi quando a gente ficou sabendo que não ia ter mais o basquete na cidade. Esse foi o pior dia pra nós aqui, para quem gosta do basquete”, lembra Flaviano.

E aquele duelo entre Palmeiras e Unitri não foi só o último da temporada como também foi o último do time de Uberlândia. Os torcedores fizeram bonito na quadra. Empurraram a equipe. Aplaudiram os jogadores. Os atletas, por sua vez, agradeceram o apoio. No fim, a torcida fez coro: “Fica, Unitri!”. Não ficou. O time mineiro encerrou as atividades mesmo e, em agosto de 2015, a franquia foi transferida para a Bahia.

Essa não foi a primeira vez que o time do Lobo Guará encerrou suas atividades. Em 2007 a equipe fechou as portas e só voltou à ativa três anos depois, em 2010. No ano de 2015, Uberlândia se despediu de uma história de 17 anos de conquistas.

“É uma história fantástica, então, quando se fala em Unitri, eu me lembro de sucesso porque foi um time vitorioso. Foi um time que em poucos anos conquistou muita coisa”, ressalta Lara, a radialista que cobriu o basquete da equipe uberlandense durante toda sua trajetória.

O Unitri Uberlândia se tornou uma equipe de destaque no esporte de bola ao cesto e levou o nome da cidade ao cenário nacional e para a América do Sul. “Pra cidade, eu acho que nunca tiveram tanta projeção a nível nacional e internacional, especialmente. Porque Uberlândia não era conhecida internacionalmente. Era conhecida só aqui no Brasil. Então, quando surgiu essa ideia do basquete, o basquete ficou conhecido na Argentina, na Venezuela, Uruguai, Colômbia, todo lugar que a gente viajava, a gente viajava com o nome de Uberlândia”, destaca Cardoso, que foi o mordomo do Unitri desde 1998 até 2015.

O basquete foi um esporte muito significativo para Uberlândia. “A cidade tem uma tradição muito grande de basquete, então foi importante. É duro perder agora, era o esporte da cidade mesmo. Igual o futebol é pro Brasil, o basquete era pra Uberlândia”, recorda Brasília, o pivô que jogou pelo Unitri por seis temporadas. A equipe uberlandense conquistou inúmeros fãs para além dos já amantes de basquete. Os torcedores acompanharam partidas, torceram e lotaram os ginásios. Para Edicarlos, que foi preparador físico do time por cinco anos: “Uberlândia é carente de um esporte de alto rendimento e o basquete era a vida de muitas pessoas aqui dentro da cidade. Quem teve no UTC lotado com 3, 4 mil pessoas sabe o que é aquele UTC mexer, vibrar, aquele calor humano. Era a alegria de muitas pessoas e não tem mais”.

O que lembrar daquele dia 3 de abril de 2015? Bom, tornou-se um dia histórico para o universo do basquete uberlandense, que vai ficar marcado para sempre na memória. Foi um dia

de saudade. E saudade é sinônimo do vazio que fica. Vazio dos torcedores que não têm mais jogos do tradicional time para assistirem. Vazio dos jogos na cidade, que não acontecem mais. Vazio da quadra que foi palco de grandes jogos. Palco de vitórias e também de derrotas. Palco de *shows* de jogadas. Palco onde pisaram grandes estrelas da bola laranja. Onde ídolos despontaram. Palco de festa da torcida que fazia o ambiente ferver. Em um lugar onde se fez tanto barulho, hoje impera o silêncio.

O sentimento que fica é o de perda. Como ressalta Cambraia, que integrou o Unitri por seis temporadas e se tornou um ídolo do time, “quando a equipe saiu, não foi a primeira vez, tinha saído antes, mas dessa vez foi definitiva, todo mundo perdeu. A cidade perdeu, a comunidade perdeu, as empresas perderam também, os atletas perderam o lugar de jogar, o mercado de trabalho. Então eu acho que todo mundo perde”.

Foi com pesar que aqueles que fizeram parte da trajetória da equipe receberam a notícia do fim do Unitri. “Ah, eu fiquei triste, eu gosto muito de Uberlândia, eu gosto da cidade, eu gosto de tudo de Uberlândia. Foram 10 anos. Eu sei do bem que o basquete traz para a cidade, pras crianças. Você não ter isso daí, eu fico triste demais de saber que Uberlândia não tem aquilo que era a alegria do povo”, destaca Valtinho, um dos grandes ídolos do basquete da cidade. Tristeza também foi o que sentiu Helinho, outro ídolo do Unitri: “Eu fiquei muito triste. Quando qualquer time encerra, eu fico muito triste, assim como quando qualquer time começa eu fico muito feliz, mas um time que eu fiz parte e que eu tinha o maior carinho e eu sei o quanto a torcida é apaixonada, com certeza deixou todos muito tristes realmente”, revela.

Que o time de basquete do Unitri acabou, muita gente já sabe. Passou na TV. Circulou nas rádios. Saiu no jornal impresso. Espalhou-se pela internet. Mas tem um monte de coisas que ninguém sabe. A relação entre a cidade de Uberlândia e o esporte da bola laranja é antiga e rende pano pra manga. Vamos lá!

## A bola laranja chega ao Triângulo Mineiro

Massachusetts, Estados Unidos. *Springfield College*. Inverno de 1891. É nesse panorama que surgia uma nova modalidade esportiva no mundo: o Basquete. Obra do professor canadense James Naismith. Nascia um esporte jogado com as mãos, que usava uma bola laranja e o objetivo do jogo era arremessá-la no cesto do adversário. A partir daí, o esporte ganhou o mundo. Ganhou o Brasil, que em 1896 pôde conhecer a nova criação. Ganhou uma cidade no interior de Minas Gerais, bem no Triângulo Mineiro.

Tudo começou em 1928. Uberlândia nem era Uberlândia ainda. Era Uberabinha. É que o pequeno povoamento foi originado do distrito de São Pedro de Uberabinha. O diminutivo fazia referência à cidade à qual o distrito pertencia: Uberaba. Em 1888 São Pedro do Uberabinha emancipou-se e se transformou em um município. E aí surgiu a vila e mais tarde a cidade de Uberabinha, que só se tornou Uberlândia oficialmente em 1929.

No fim da década de 20, o município de Uberabinha tinha mais de 27 mil habitantes e a população urbana ultrapassava os 6 mil. A cidade já tinha luz, já que o fornecimento de energia elétrica chegou nas redondezas em 1912. E contava também com aparelhos telefônicos. Tinha ainda uma estação ferroviária. A Mogiana foi inaugurada em Uberabinha em 1895 e se localizava no local onde, atualmente, está o Terminal Central e a Praça Sérgio Pacheco. A companhia, com sede em Campinas, operava nos estados de São Paulo e Minas Gerais. A estação de ferro era elo entre a cidadezinha e outros centros urbanos. Era por ela que as pessoas iam e vinham. E a história do lugar ia sendo construída. Foi esse o cenário que serviu de palco para o início de uma nova prática esportiva na cidade mineira: o basquete.

Não se sabe quem trouxe o esporte da bola laranja para a então Uberabinha nem quando exatamente aconteceu o primeiro jogo. Mas uma coisa é certa: o primeiro registro de um jogo de basquete na cidade aconteceu em 1928. *Basketball!* Trazia o jornal *A Tribuna* do dia 18 de Julho. Era a primeira matéria veiculada fazendo referência a um jogo de basquete na cidade mineira.

Foi no domingo, dia 15 de julho, que se reuniram no campo da Villa Operaria duas equipes femininas para disputar uma partida de basquete. O jogo era um “*match*”. A equipe, um “*team*”. Os jogadores, os “*players*” e o basquete, “*basketball*”. Era comum ver as palavras inglesas no vocabulário esportivo da época. O jornal não poupou elogios às mulheres dos times. O que também era bastante corriqueiro nos veículos de imprensa da época. As matérias eram adjetivadas. De um lado estavam as “encantadoras uberabinhenses” da equipe Rosa Encarnada e do outro as “não menos famosas e encantadoras” da Rosa Branca.

Daura Ribeiro, Conceição Maia, Conceição Grama, Maria Carneiro, Talica de Souza, Edith Guimarães, Orlandina Carneiro e Bilú Vicentino defendiam a Rosa Encarnada. Já pela Rosa Branca lutavam Amelia Spini, Maria Carneiro, Finca Cunha, Laurinha Toledo, Dinah Fonseca, Diva Fonseca e Chrisantina Machado. A partida foi acompanhada pela torcida de ambas as partes. Rosa Encarnada marcou primeiro e abriu o placar. Rosa Branca fez apenas um ponto e o time adversário marcou mais três. Fim de jogo e a contagem de 4 a 1 anunciava a equipe de Rosa Encarnada como a vencedora. O jogo dividido em dois tempos, diferentemente do que é hoje, que soma quatro períodos, e a baixa contagem de pontos revelam como eram os primórdios do esporte que mais tarde se tornaria uma das grandes paixões uberlandenses.

É bom lembrar que o jornalismo esportivo não era como hoje. Nas páginas dos jornais, ele se misturava com as outras notícias. Surgia timidamente. Era como um coadjuvante. Com o passar dos anos, ele foi conquistando espaço. Conquistando seu espaço. Mas se tinha um esporte que aparecia na imprensa era o basquete. E é a partir da década de 30 que o esporte de bola ao cesto se consolida em Uberlândia. A cidade ia crescendo e a tradição pela modalidade também.

## Do campo para as quadras

Um lugar: sede do Uberabinha Sport Club. Alguns esportistas: Ruy Miranda, João Guimarães Rezende, João Maia, Alfredo Simão, José dos Santos Júnior, João Mendonça e o Sr. Boulanger Fonseca. Pronto! Acontecia ali uma reunião entre pessoas que amavam esportes. O palco para o encontro era um clube de futebol, mas o assunto nada tinha a ver com o esporte de bola aos pés. A missão era outra: a criação de uma associação que tomasse conta da evolução do cestobol na cidade de Uberlândia.

Era início de agosto de 1933 quando o basquete uberlandense dava seu pontapé inicial. À frente da reunião estava um cara devotado no mundo dos esportes. Tratava-se de Boulanger Fonseca e Silva, que atendia ao convite dos jovens entusiasmados.

Boulanger Fonseca iniciou os primeiros trabalhos da nova associação. Da reunião já saíram o nome e a primeira diretoria, ainda provisória, da sociedade criada.

O nome e a diretoria foram decididos por votações. E daí é que veio o nome de Associação Atlética de Uberlândia (A.A. de Uberlândia). Boulanger Fonseca foi eleito presidente, João Maia, secretário, José dos Santos Júnior, tesoureiro e João Mendonça para a comissão técnica. A diretoria provisória teria mandato de três meses e seria a responsável pela ordenação definitiva da entidade. Nascia a primeira equipe amadora do basquete uberlandense. Nascia uma geração vitoriosa do esporte da bola laranja.

Pois é, Boulanger Fonseca e companhia protagonizaram, naquela reunião, a criação do time de basquete pioneiro de Uberlândia.

A data de 13 de agosto acabou ficando conhecida como o dia de aniversário da Associação Atlética de Uberlândia. Porém, a prática do basquete da entidade começou a aparecer um pouco antes n’*A Tribuna*. No início de agosto de 1933, o jornal veiculava a matéria intitulada “Bola ao Cesto e Athletismo”. A recém-criada Associação Atlética promovia o Campeonato de Bola ao Cesto da cidade.

Foi no domingo, dia 6 de agosto, no pátio do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, que aconteceu o torneio início da competição. Aliás, o pátio da escola não era mais um pátio. Transformou-se na nova quadra da A.A. de Uberlândia localizada na Rua Santos Dumont. Transformou-se no cenário de inúmeras partidas, amistosos, campeonatos e conquistas no basquete.

O Torneio Início do Campeonato de Bola ao Cesto de Uberlândia foi disputado por quatro equipes. O time Branco se formou com Braga, Lisbôa, Cleanto, Sylvio e Napoleão. O Vermelho

jogou com Daniel, Filhinho, Marinho, Saraiva, Zico e Simão. O time Azul entrou em quadra com Zenon, Ruy, Maia, Rubens, Wady e Helio. Já o Verde teve Santos, Pedro, Marinho, Saraiva e Fuêd atuando pela equipe.

A primeira disputa do torneio foi entre os times Branco e Verde e quem levou a melhor foi o Branco, que bateu o adversário pela contagem de 12 a 5. Um dos motivos apontados como determinantes pela derrota do quadro Verde foi o fato de a turma ter jogado desfalcada. Já o segundo jogo ocorreu entre os elencos Vermelho e Azul. O time Vermelho teve uma boa atuação em quadra e derrotou o Azul. E sendo assim, a final da competição ficou por conta dos quadros Branco e Vermelho. Em quadra não teve jeito para o quinteto Vermelho, quem se sagrou campeão do Torneio Início foi o Branco, vencendo a equipe adversária por 2 a 1.

Nessa época as equipes somavam poucos pontos. Vencer de 2 a 1 no basquete é algo inimaginável nos dias de hoje. Mas os tempos eram outros. Não existia cesta de 3 pontos e podemos dizer que a cidade engatinhava ainda no mundo da bola ao cesto. Eram apenas os primeiros passos de uma caminhada rumo às muitas glórias que o basquete uberlandense ainda iria conquistar. Uma longa caminhada, pois o esporte que começou a ser praticado no fim da década de 1920 se fortaleceu na década de 30 como uma paixão e se tornou uma tradição que se manteria por décadas. Uma tradição que ultrapassou o século 20 e continuou a fazer história nos anos 2000.

## Uberlândia *versus* Araguari e outros encontros cestobolísticos

Em 1933 também foi a vez de duas cidades vizinhas começarem a se enfrentar nos amistosos cestobolísticos. Associação Atlética de Araguari *versus* Associação Atlética de Uberlândia. Era o primeiro jogo intermunicipal da atlética uberlandense. Araguari já tinha fama no triângulo mineiro quando o assunto era o esporte da bola laranja. Na tarde do domingo, dia 24 de setembro de 1933, os quadros secundários abriram os trabalhos na quadra esportiva do Bueno Brandão. Uma hora depois começava a partida principal do dia.

Araguari jogou com Nivaldo, Idalírio, Jair, Puga e Delio; e Uberlândia entrou em quadra com Pedro, Waldemar, Cleanto, Rubens e Maia. A partida ia bem a favor do quadro uberlandense, que foi superior ao adversário na maior parte do jogo. Clark, o cronista esportivo do jornal *A Tribuna*, não poupou elogios ao quinteto de Uberlândia. Dizia ele que o elenco da Associação Atlética atuou de forma forte, decisiva e com precisão; e que a turma era ótima e fazia lindas jogadas. E, assim, a turma de Uberlândia passou fácil pelos adversários no primeiro tempo, vencendo pelo placar de 11 a 8. Mas o que parecia vitória certa mudou nos últimos minutos do jogo. A sorte favoreceu os araguarinos, que conseguiram virar a partida e terminaram vitoriosos, marcando 12 pontos contra os 11 dos uberlandenses.

Outro domingo memorável para aquele ano de 1933 foi o dia de um novo encontro entre a Atlética de Araguari e a Associação Atlética de Uberlândia em 17 de dezembro. Naquele dia, a vizinha Araguari fez uma excursão a Uberlândia. Tratava-se do primeiro encontro de um total de três valendo a taça oferecida pelo Sr. Antonio Soares de Azevedo.

Eram 9h45 da manhã quando o trem de ferro estacionou em solo uberlandense. O apito do comboio proclamava a chegada do expresso de Araguari. Anunciava a chegada dos atletas vindos da cidade vizinha. Não vinham apenas jogadores da Atlética de Araguari. Junto com o quadro, lá estavam os torcedores araguarinos desembarcando na plataforma. A torcida uberlandense também marcou presença na estação da Mogiana, aguardando os visitantes.

Em meio à multidão que se formou na gare da Mogiana, surgiam os esportistas: Nivaldo, Puga, Pires, Sposel e Idalírio. Um a um, os atletas iam sendo recebidos com entusiasmo pelos uberlandenses. A embaixada araguarina era chefiada pelo Dr. Carlos Caminha e senhora, Dr. José Machado e senhora, Dr. Mario Pereira e senhora, Geraldo Sposel, Brasil Accioli, Celestino Francon e Edson Rodrigues.

Depois de ser bem recebida pelo público de Uberlândia, era hora de a caravana vizinha passear pela cidade. A visita teve direito a hospedagem no Grande Hotel, almoço para os

esportistas, passeio ao campo do Uberabinha Sport Clube, ao Grupo Escolar *Gymnasio* e até parada para sorvete pelo caminho. É que os araguarinos puderam provar o sorvete da Sorveteria Uberlândia, oferecido pela senhora Odette Rezende Guimarães.

Depois de muitos passeios era chegada a hora do vamos ver. Minutos antes do jogo, uma chuva desabou em Uberlândia. Com o mau tempo, o estado da quadra não era, nem de longe, o esperado para aquela tarde esportiva. A chuva a deixou em péssimo estado. Isso foi o bastante para o quadro de Araguari sugerir a retirada do lance livre da partida. A sugestão foi acatada.

O prélio entre Uberlândia e Araguari começou de tardezinha. O público marcou presença e fez bonito, aplaudindo as equipes. Araguari formou com Idalício, Damini, Spospel, Puga e Pires. Uberlândia jogou com Pedro, Waldemar, Zico, Saraiva, Cleanto e Maia. Maia era um excelente jogador de basquete. E naquele jogo, em que o adversário levava a melhor, ele conseguiu fazer a mais bela cesta do jogo, segundo o cronista Marco do jornal *A Tribuna*.

Araguari se saiu melhor no primeiro tempo. No segundo, o clima esquentou entre os jogadores e, por algumas vezes, o jogo teve de ser interrompido para apaziguarem os ânimos. Uberlândia conseguiu empatar o jogo, mas, na reta final da partida, Araguari encestou mais. Quando o apito marcou o fim do confronto, o placar foi de 8 a 6 para os visitantes. A suspensão dos lances livres na partida, devido ao acordo entre os times, foi apontada como o fator de derrota da equipe uberlandense. Os visitantes impuseram um jogo bruto e pesado, e o árbitro, Sylvio Mendonça, ficou impossibilitado de punir as faltas máximas.

O ano de 1933 acabou e a disputa da taça “Soares de Azevedo” continuou em 1934. Mas, antes de enfrentar Araguari, Uberlândia recebeu o quinteto de outra vizinha. Em fevereiro de 1934, Uberaba veio à terra da Associação Atlética para uma partida do esporte da bola laranja. O prélio marcou a vitória do quadro local sobre os adversários por 35 a 1. Uma contagem um tanto quanto alta para a época.

E, enfim, chegou o momento de Uberlândia fazer uma excursão para Araguari. Assim, no domingo de 11 de março, a caravana da A. A. de Uberlândia partiu rumo à cidade vizinha. A delegação foi constituída pelos cestobolistas uberlandenses acompanhados por sua torcida. Depois do almoço servido aos visitantes, a embaixada uberlandense aproveitou o encontro de bola ao cesto para passear pelas ruas araguarinas.

Os quintetos entraram em quadra no fim da tarde. O jogo tão esperado começou empolgante e a torcida vibrou com os quadros de basquete. Vibração essa que acompanhou as jogadas pela quadra. Zico, do Uberlândia, foi ovacionado. Em um ritmo animado, a A. A. de Uberlândia fazia 5 pontos, enquanto o placar do adversário não saía do 0. Tava bom demais para

os jogadores uberlandenses, mas quis o tempo mudar. Os minutos iam passando e os araguarinos reagindo ao jogo. De cesta em cesta, eles encheram o papo. Ou melhor, o placar! Empataram a partida e de virada terminaram o primeiro tempo com mais pontos: 7 a 5. No segundo tempo Araguari também levou a melhor e derrotou Uberlândia por 11 a 10.

Para fechar a temporada com a cidade vizinha, mais três jogos aconteceram entre as Atléticas de Uberlândia e Araguari. Todos foram marcados por uma contagem pequena de pontos. O segundo embate de 1934 somou 18 a 14 a favor dos araguarinos, o terceiro 8 a 6 e o último 10 a 9. A turma de Araguari era mais experiente e treinava há mais tempo, fator que ocasionou as derrotas da Associação Atlética de Uberlândia.

O primeiro ano de existência da A. A. de Uberlândia marcou o progresso do basquete uberlandense. Vieram melhorias. A iluminação chegou. Em maio de 1934, a Atlética de Uberlândia inaugurava a luz na sua quadra localizada na Rua Santos Dumont. O ano trouxe novos empreendimentos como o fechamento do local com grades, a pintura e o calçamento da quadra. No mês de agosto daquele ano, a quadra cimentada estava pronta para ser estreada.

Em outubro daquele ano de evolução das dependências da Atlética local, Uberlândia recebeu a visita da embaixada da A. A. Escola Profissional de Franca. A equipe francana desembarcou em solo uberlandense a convite da A. A. de Uberlândia. As equipes disputaram dois jogos de bola ao cesto. Os atletas uberlandenses foram melhores que os francanos e venceram ambas as partidas.

Novembro foi o mês do esperado confronto entre os jogadores da Atlética local e o time do Antarctica Cestobol Clube de Ribeirão Preto. A turma de basquete do Antarctica veio de uma companhia de cerveja instalada na cidade desde 1911 – a Cervejaria Antarctica. Daí o nome. O conjunto de Ribeirão Preto era um dos mais fortes no basquete paulista. A equipe trouxe para a disputa os jogadores Manaia I, Manaia II, Lafayette, Joaquim, Soares, Amin e Leopoldo. A Associação Atlética de Uberlândia entrou em quadra representada por Maia, Ernani, Zico, Zenon, Geraldo, Cleanto e Rubico.

Um grande público compareceu à quadra para ver o embate entre mineiros e paulistas. Na grande partida, do dia 18 de novembro, quem abriu o placar foi o time visitante. Nos primeiros minutos do jogo, os uberlandenses iam perdendo por 4 a 0. Aí, Zico encestou e fez a torcida vibrar com o primeiro ponto dos locais. O Antarctica fez mais 2 pontos e a A. A. de Uberlândia mais 3, antes de terminar o primeiro tempo com a contagem de 6 a 4 a favor dos visitantes. No segundo tempo, os atletas uberlandenses reagiram ao jogo, conseguiram empatar e de virada bateram o Antarctica Cestobol Clube por 18 a 12.

## **A primeira conquista não se esquece**

Em 1936 o inventor do basquete, James Naismith, lançava ao alto uma bola laranja para iniciar o primeiro jogo da modalidade nos Jogos Olímpicos de Berlim. O ano entrou para a história, pois marcava a estreia do esporte de bola ao cesto nas Olimpíadas. Na ocasião, o time dos Estados Unidos sagrou-se campeão, vencendo o Canadá por 19 a 8 na final da competição. Assim, a medalha de ouro foi para os EUA, o Canadá ficou com a de prata e o México levou a de bronze. 1936 também foi um ano e tanto para o cestobol uberlandense, que começou a brilhar e a se projetar como uma força do basquete para fora de Minas Gerais.

Baby Barioni, um paulista descendente de italianos, criou o Campeonato Aberto do Interior no ano de 36. Baby era um apelido carinhoso que Horácio G. Barioni ganhou. Ele foi jogador de basquete, cronista esportivo e acabou realizando eventos na área pelo interior de São Paulo. A cidade berço para a competição, que mais tarde passou a se chamar Jogos Abertos do Interior, foi Monte Alto. Lá aconteceu a primeira edição do campeonato que reuniu seis cidades participantes disputando uma única modalidade esportiva – o cestobol. Monte Alto, Piracicaba, Mirassol, Franca, Olímpia, de São Paulo; e no meio de todas essas equipes paulistas lá estava também uma representante mineira: Uberlândia!

Só que a participação uberlandense não foi por acaso. O que havia de comum entre essas cidades? A Companhia Mogiana! Como na época as pessoas viajavam de trem, a estação ferroviária era o elo entre Minas Gerais e São Paulo. O meio de transporte possibilitava a aproximação das cidades mineiras e paulistas, já que ligava os estados e encurtava as distâncias.

A primeira vez não se esquece. O título número um de Uberlândia no basquete veio neste memorável ano de 1936. Tá aí um ano para nunca se esquecer mesmo. Foi a primeira vez que a Associação Atlética de Uberlândia sagrou-se campeã de uma competição. E logo na primeira edição do Campeonato Aberto do Interior. Helio, Bira, Brayerson, Geraldo e Zico trouxeram para Minas Gerais a almejada taça da cidade de Monte Alto.

“UBERLANDIA VICTORIOSA!” trazia *A Tribuna* em caixa-alta e com letras bem grandes. O título vistoso anunciava com orgulho a grande vitória uberlandense. “Apoteose” registrava o jornal para se referir ao feito de Uberlândia. A expressão quer dizer glorificação. Significa conceder uma grande homenagem a alguém. Assim, o periódico traduzia o triunfo da equipe da cidade no campeonato. Aqueles que chegaram de Monte Alto, conseguindo o grande louvor, não eram mais meros atletas. Os pupilos de Boulanger Fonseca eram os heróis da conquista. Eles levaram o nome de Uberlândia para o interior paulista.

A vitória da Associação Atlética era resultado do comprometimento e amor de seu elenco pelo clube. Era resultado de uma turma que deixou de lado outros entretenimentos e se dedicou ao esporte da bola laranja. No dia da chegada da equipe na cidade, o tempo estava chuvoso. Mesmo assim, uma multidão foi receber os atletas na Mogiana, afinal eles se tornaram motivo de orgulho para a população uberlandense. Torcedores, jornalistas e autoridades marcaram presença por lá. A estação ficou em clima de festa e os cestobolistas receberam homenagem de honra ao mérito.

A conquista, dizia Washington Lemes, “foi uma das melhores e mais confortadoras perspectivas do amor uberlandense pelas suas coisas. Estamos satisfeitos. Em muitos annos de incentivo não se conseguiria uma demonstração mais vibrante e que melhor correspondesse ao acto esportivo digno dos maiores elogios, praticado por este punhado uberlandense que sabem honrar e elevar Uberlandia. Assim é que é. Assim é que deve ser”. Em 1936, em solos paulistas, a festa foi toda mineira.

## Bicampeã!

Foi chegada a vez de a primeira campeã do Campeonato Aberto do Interior sediar a competição. Sim! O campeonato paulista foi realizado em solos mineiros em sua segunda edição. A terra da Associação Atlética de Uberlândia foi a anfitriã da competição de 1937. E, aliás, Uberlândia foi a única cidade fora de São Paulo a sediar o evento. Ser palco para os Jogos Abertos deixou o interior mineiro todo animado. O entusiasmo reinava na cidade. O interesse de outras cidades em participar do certame cresceu. Naquele ano o campeonato não teria só o basquete. A natação também passou a ser disputada em 37.

Boulanger Fonseca foi o homem à frente do grande evento esportivo. Como presidente da Comissão Central Organizadora, tratou logo de autorizar a reforma da quadra de basquete. Entre os trabalhos de melhorias estavam a instalação de grades, piso e marcador novos, além de tribunas de honra.

Grandes clubes esportivos de basquete do interior voltaram seus olhos para Uberlândia, enquanto a cidade vivia dias sob uma atmosfera esportiva. No dia 5 de setembro foi dada a largada. Começava o segundo Campeonato Aberto do Interior. A abertura dos jogos aconteceu na sala de projeções do Cine Avenida local. O evento contou com a participação das delegações, das autoridades locais – como o prefeito da época, Vasco Giffoni –, além de esportistas da cidade mineira, torcedores e imprensa. Depois do ato oficial, houve um desfile das embaixadas presentes pelas avenidas centrais de Uberlândia.

Araguari, Presidente Prudente, Sorocaba, Franca, Pirajuí, Olímpia, Piracicaba, Araraquara, Ipameri, Paraguaçu, Mococa, Amparo e Uberlândia. Essas foram as cidades participantes do Campeonato. Antes de começarem os jogos, as cidades de Casa Branca, Monte Alto, São José dos Campos e Ribeirão Preto desistiram da participação, enviando suas desculpas devido à impossibilidade de estarem presentes. Já Uberaba estava inscrita, mas não compareceu para o certame.

No basquete, foram necessárias quinze rodadas para se conhecer a grande campeã. Primeiro jogaram Araraquara e Franca. A equipe de Araraquara bateu Franca por 33 a 31. Pirajuí derrotou Olímpia pela contagem de 27 a 14. No terceiro jogo, Piracicaba passeou em quadra e venceu Presidente Prudente por 53 a 8. Paraguaçu levou a melhor na quarta partida e fez 20 a 19 em cima de Araguari. Depois, Sorocaba ganhou de Ipameri, fazendo 29 pontos contra 12 da adversária. Na sequência, Ipameri caiu diante de Franca pelo placar de 28 a 11. No sétimo jogo, Piracicaba bateu Presidente Prudente por 13 a 12, mas foi derrotada, em seguida, por Franca pela

contagem de 46 a 13. No nono encontro, Piracicaba venceu Araraquara por 43 a 20. Já no décimo, Olímpia derrotou Paraguaçu pelo placar de 13 a 11.

No décimo primeiro jogo, duas vizinhas mineiras se encontrariam em quadra. Era Uberlândia contra Araguari, mas a equipe araguarina simplesmente não apareceu para a partida e a vitória foi para os uberlandenses. Depois Ipameri venceu Presidente Prudente por 25 a 24, Sorocaba bateu Olímpia pela contagem de 25 a 20 e Pirajuí derrotou Paraguaçu por 22 a 16. E aí chegou a grande final. A decisão foi disputada por Uberlândia e Sorocaba. A Associação Atlética local fez bonito em quadra e venceu, em casa, a equipe de Sorocaba pelo placar de 33 a 23. O espetáculo se repetiu. Uberlândia conquistava, pela segunda vez, o título de campeã de bola ao cesto do interior. Era bicampeã!

Na classificação, Uberlândia ficou com o primeiro lugar. Sorocaba conquistou a segunda colocação e Olímpia, a terceira. Helio, Bira, Brayerson, Geraldo, Zico, Hubayde, Zenon Adjardes fizeram história. Foram as estrelas da A. A. de Uberlândia e trouxeram o bicampeonato para a cidade mineira. E tudo acabou em festa. No dia 12 de setembro, o evento foi encerrado no salão do Ginásio Mineiro com um baile em homenagem às cidades participantes do II Campeonato Aberto do Interior.

Nesse mesmo 1937, quando Uberlândia já ostentava em seu currículo o título do Campeonato Aberto do Interior, houve um duelo entre campeões. A Atlética uberlandense tornara-se um time respeitável na época. Respeitável também era o Corinthians, que em 1936 levantou a taça de campeão paulista de basquete. O mesmo Corinthians que incluiu as atividades de bola ao cesto no clube com a inauguração do Parque São Jorge em 1928.

Assim, no dia 16 de março de 37 se reuniram no Parque São Jorge as duas turmas campeãs. De um lado, os mineiros. Do outro, os paulistas. E não pense que os mineiros não tiveram torcida ao jogarem longe de casa. O prélio foi realizado em um ambiente amigável. O jornal *A Tribuna* trazia que o jogo “decorreu esta num ambiente de simpatia para Uberlândia tendo mesmo causado a todos admiração a ardente torcida que os filhos da nossa terra aqui tiveram: a mais gentil, a mais camarada, a mais entusiástica...”.

Foi a primeira vez que a Associação Atlética de Uberlândia foi exibir o seu basquete no Parque São Jorge. Foi a primeira vez que os cestobolistas uberlandenses enfrentaram o Corinthians. A turma dirigida por Boulanger Fonseca fez bonito em solo paulista. Na luta entre dois campeões, o Corinthians, que jogou em casa, obteve o triunfo. Mas o placar apertado, 15 a 13 para os paulistas, revela que não teve jogo fácil. O motivo da derrota apontado foi o fato de a turma de Uberlândia duelar em uma quadra fechada. A equipe era acostumada a jogar ao ar livre.

Outro fator citado foi a iluminação. Segundo os atletas locais da época, o ambiente da quadra da Associação Atlética era mais claro.

## Uma, duas, três vezes campeã!

Quando chegou 1938, a realização do III Campeonato Aberto do Interior já era muito esperada por diversas cidades. Em Uberlândia não era diferente. Mas a participação da terra da Associação Atlética dependia de uma série de fatores. Boulanger Fonseca foi entrevistado pelo jornal *A Tribuna* e apontou o que faltava para a cidade não ficar de fora dos jogos. A prefeitura tinha que inscrever a delegação. A embaixada precisava de auxílio material para custear as despesas.

A responsável por sediar a terceira edição dos Jogos Abertos foi Sorocaba. Mais uma modalidade foi incluída na competição. Além do basquete e da natação, o pedestrianismo passava a fazer parte do campeonato. O evento esportivo foi organizado pelo C. A. Bandeirante e teve a cooperação da prefeitura.

Ser bicampeã da competição tinha um peso. A cidade tinha conquistado renome no mundo da bola laranja. A ida a Sorocaba significava defender o título de melhor do interior em basquete. Não era fácil. Por isso uma pergunta não queria calar: Será que a Associação Atlética manteria a tradição e traria o título para casa? Para Boulanger Fonseca e Silva, a equipe faria de tudo para ganhar o campeonato. “Boa vontade não lhes falta e o que depender de mim não lhes será negado. Para isso tenho treinado as turmas convenientemente”, contava ele sobre seus pupilos para *A Tribuna*. Naquele ano, Boulanger tinha até contratado um técnico para a Associação Atlética. Armando Ventura Meennitte ficou à frente da equipe.

Na terça-feira, dia 18 de outubro de 1938, os atletas da A. A. de Uberlândia embarcaram para Sorocaba. Na despedida da delegação uberlandense, a estação da Mogyana ficou cheia. Torcedores e autoridades marcaram presença. E foi em ambiente festivo que os atletas deixaram a cidade e partiram em busca de mais uma conquista.

Na abertura da maior olimpíada interiorana da América do Sul, as delegações participantes desfilaram pelas ruas de Sorocaba acompanhadas pelos batalhões das escolas de Comércio, Profissional e Ginásio do Estado. O ponto final da parada foi a quadra de basquete do C. A. Bandeirante. Quadra esta construída especialmente para o Campeonato Aberto do Interior.

Na competição de bola ao cesto, 16 cidades se inscreveram, mas, com a desistência de Bauru e Itapetininga, 14 disputaram a supremacia do esporte da bola laranja: Araras, Botucatu, Campinas, Franca, Ipamery, Itu, Lins, Monte Alto, Paraguassu, Presidente Prudente, Santo Anastácio, Sorocaba, Tietê e Uberlândia. A cidade mineira competiu em todas as modalidades (natação masculina, natação feminina e pedestrianismo).

No basquete, Uberlândia enfrentou cinco cidades. E saiu invicta do torneio. Venceu Presidente Prudente, fazendo 57 pontos contra apenas 18 da adversária. Bateu Campinas por 25 a 21. Derrotou Itu pelo placar de 29 a 21. Fez 34 pontos em cima de Franca, que registrou 29. Por fim, como em um *replay*, enfrentou Sorocaba na decisão do Campeonato e ganhou da concorrente pela contagem de 29 pontos a 23. E a história se repetia. Os cestobolistas da A. A. de Uberlândia defenderam o título de melhor equipe de basquete do interior.

Helio, Bira, Brayerson, Geraldo, Zico, Hubayde, Zenon, Adjardes, Paulo e Olavo. Esses foram os heróis desta conquista épica. Bira foi o cestinha da Atlético local, marcando 48 pontos na competição e ficou em quarto no *ranking* da competição. Uberlândia sagrou-se tricampeã da terceira edição dos Jogos Abertos. Além do primeiro lugar em basquete, a cidade mineira ficou em sexto em pedestrianismo, segundo em natação masculina e venceu na modalidade de natação feminina também.

Boulanger Fonseca, em depoimento para *A Tribuna*, contou que, apesar do espírito esportivo com que os jogos se desenvolveram, o clima em cima dos uberlandenses era pesado. Os torcedores das equipes adversárias torciam para que a então bicampeã do interior fosse derrotada no início da competição. Mas as vibrações contrárias não atrapalharam o conjunto de Uberlândia, que derrotou todos os adversários.

O triunfo no torneio de Sorocaba empolgou a população uberlandense. A vitória projetava ainda mais o nome da cidade para o Brasil, uma vez que delegações de vários estados participaram do Campeonato. A Associação Atlético de Uberlândia marcava seu nome na competição que hoje leva o nome do seu idealizador e se chama Jogos Abertos Horácio Baby Barioni.

Três vezes campeã. Três vezes consecutivas. A menina dos olhos do Triângulo Mineiro encheu sua terra de orgulho. A Associação Atlético de Uberlândia, nascida em uma reunião no campo de futebol, que começou seus trabalhos em uma quadra não cimentada e sem iluminação, cresceu. Fez o seu basquete ser visto, ser admirado, ser motivo orgulho. Ser tricampeã do Campeonato Aberto do Interior, uma competição que se tornou a maior olimpíada interiorana da América do Sul, foi um feito simplesmente espetacular. O basquete uberlandense entrava para a história e se tornaria a partir dali uma tradição típica da cidade do Triângulo Mineiro.

## **Mais amistosos, mais competições, mais Associação Atlética de Uberlândia**

Em fevereiro de 1939 a vitoriosa Associação Atlética de Uberlândia fez uma partida interestadual com o Clube Esportivo da Penha. Penha tinha conquistado o título da segunda divisão da Federação Paulista de Bola ao Cesto de forma invicta. Uberlândia venceu o Penha por uma contagem elevada. O placar não foi divulgado pela imprensa uberlandense da época. No entanto, sabe-se que foi uma vitória fácil em cima do adversário. E bastou isso acontecer para o público uberlandense taxar o time concorrente como fraco. Os críticos do jogo não levaram em conta o forte quadro de jogadores da A. A. de Uberlândia. Isso gerou uma revolta e a resposta foi parar n’*A Tribuna*. Uma matéria esportiva estampava “O PENHA não é um quadro sem valor, como pensam os pouco entendidos em matéria cestobolística”.

Outra partida entre mineiros e paulistas foi agendada: Associação Atlética de Uberlândia *versus* Antarctica Cestobol Clube de Ribeirão Preto. Os jogos de basquete entre as equipes estavam marcados para acontecer nos dias 21 e 22 de abril de 1939. Só que o encontro interestadual de bola ao cesto teve que ser adiado. É que o quinteto que defenderia a Atlética local não estava nas suas melhores condições. Alguns jogadores uberlandenses adoeceram e, assim, por motivos de força maior, as partidas foram remarcadas para maio.

Maio chegou e com ele o encontro entre o Antarctica e a Associação Atlética. Foram duas disputas com o quadro local. Os uberlandenses marcaram 28 a 24 pontos no primeiro dia de confronto e 27 a 26 no segundo. Uberlândia venceu, mas não foi uma vitória fácil em cima dos adversários. Nenhum dos times cedia terreno e o placar era sempre apertado, ora favorecendo um, ora favorecendo outro. A pequena diferença na pontuação refletia a força de ambas as equipes. Só que a partida foi um tanto quanto tensa. Teve jogadores nervosos. Teve atletas impacientes. E teve muitas reclamações dirigidas aos juízes. Nada disso, entretanto, apagou o brilho dos jogos. As performances foram empolgantes e a exibição da Associação Atlética de Uberlândia lhe rendeu a vitória em cima do quadro ribeirão-pretano.

Em 1939, também aconteceu o IV Campeonato Aberto do Interior. O certame foi realizado em Campinas, São Paulo. A A. A. de Uberlândia partiu rumo à cidade sede dos jogos. E nem só de jogadores a caravana uberlandense foi constituída. Também seguiram viagem muitas pessoas para assistirem aos jogos. Era a torcida do basquete de Uberlândia marcando presença em Campinas. Sendo assim, os atletas uberlandenses puderam contar com seus admiradores em

terras paulistas. No campeonato, a Associação Atlética local venceu São Carlos, Ribeirão Preto e Ipamery. Ao regressar de Campinas, os desportistas mineiros foram bem recebidos em Uberlândia. Os uberlandenses não saíram campeões, mas ficaram entre os melhores conjuntos.

No ano de 1940, a Associação Atlética de Uberlândia completou o seu oitavo aniversário. Em agosto daquele ano, a equipe da Atlética local iria disputar partidas de vôlei e basquete com os atletas do Ciclo Moto Clube de Belo Horizonte. Tratava-se de esquadras infantojuvenis entre o time uberlandense e a equipe visitante. Não estamos falando de qualquer amistoso. Eram partidas festivas: elas faziam parte do programa de comemoração do oitavo aniversário de fundação da equipe que elevava o nome de Uberlândia a uma escala nacional quando o assunto era o basquete.

Os jogos festivos ocorreram nos dias 18 e 19 de agosto. Os defensores da Associação Atlética eram Walter, Olicio, Mauro, Lelio, Ecio, Helvio, José, Joel, Roldão, Samora e Mario. O *Correio de Uberlândia* destacava que o basquete se tratava de um esporte que o time uberlandense já praticava com grande acerto. Tanto é que os cestobolistas de Uberlândia eram tricampeões do interior.

O encontro das turmas infanto-juvenis da A.A. Uberlândia e do Ciclo Moto Clube de Belo Horizonte foi bastante esperado. A primeira partida aconteceu no dia 18 de agosto, às 20 horas, e o amistoso que reuniu os esportistas do interior *versus* os da capital sucedeu-se de forma tranquila. O placar foi favorável ao time uberlandense, que venceu a partida por 21 pontos contra 17 do Ciclo Moto Clube. No segundo encontro o time local não repetiu a dose e quem levou a melhor em quadra foi a equipe de Belo Horizonte. Os visitantes ganharam pela contagem de 23 a 20.

No mesmo ano, a esquadra principal de basquete do Clube Atlético Mineiro embarcou em Belo Horizonte na quarta-feira, dia 4 de setembro, rumo a Uberlândia. Uma viagem com objetivo certo: disputar duas partidas de bola ao cesto com a considerada vitoriosa turma da Associação Atlética de Uberlândia. Pelo expresso da Mogiana, os jogadores belo-horizontinos chegaram a Uberlândia na manhã de sexta-feira, dia 6 de setembro. Na estação ferroviária uberlandense desembarcaram as equipes de basquete e vôlei do Atlético Mineiro. Também vieram para a cidade representantes dos jornais *Folha de Minas* e *Estado de Minas*, acompanhando as turmas esportivas.

Os atletas de basquete de Belo Horizonte chegaram animados para enfrentar o quadro uberlandense. O *Correio de Uberlândia* até anunciou que os cestobolistas da capital se encontravam em ótima forma para a disputa com os uberlandenses. E não podemos dizer o contrário da turma

de Boulanger Fonseca, que também estava no páreo: preparadíssima para o embate. Assim, a expectativa não podia ser outra senão a da realização de duas grandes partidas.

A expectativa se confirmou: “Os jogadores de basquete do Clube Atlético Mineiro vieram proporcionar aos amadores do movimentado esporte, nesta cidade, duas excelentes partidas jogadas com a nossa Associação Atlética Uberlândia, a que Boulanger Fonseca emprega o melhor dos seus esforços como dirigente e como técnico”, dizia o *Correio de Uberlândia*.

As partidas foram equilibradas. No primeiro jogo, os jogadores locais demonstraram supremacia em relação aos adversários e venceram por três pontos de diferença: 31 a 28. Na segunda e última partida entre uberlandenses e belo-horizontinos, o time local estava sendo derrotado por 18 a 4. Com 14 pontos de diferença, o quinteto da Associação Atlética de Uberlândia teve de se esforçar para não fazer feio em casa. A turma lutou bravamente e conseguiu melhorar a pontuação e quase igualar ao placar do adversário. Sabem os três pontos de diferença do primeiro jogo a favor de Uberlândia? Então, a diferença permaneceu a mesma na segunda partida. O que mudou foi o protagonista da história: o Atlético Mineiro venceu a A.A. Uberlândia por 36 a 33.

No ano de 1940 o campeonato de Jogos Abertos do Interior chegava à sua quinta edição. Na sexta-feira, dia 11 de outubro, os atletas uberlandenses partiram com destino a São Carlos, estado de São Paulo, em um trem especial da Mogiana para disputar os V Jogos Abertos. A chefia da caravana da Associação Atlética de Uberlândia ficou por conta de um craque, o jogador Geraldo Gerks.

Em homenagem ao prefeito municipal, um incentivador dos esportes locais, a embaixada esportiva de Uberlândia foi chamada de *Dr. Vasco Gifoni*. O embarque dos atletas uberlandenses foi acompanhado por figuras importantes do meio esportivo e social, como o presidente da Associação uberlandense, Boulanger Fonseca, o prefeito, Vasco Gifoni, e o delegado regional de polícia, Zaluar de Campos Henriques.

A embaixada de Uberlândia seguiu para a cidade sede dos Jogos Abertos do Interior com três equipes para disputar três modalidades: basquete, natação e pedestrianismo. O time de bola ao cesto foi escalado pelos jogadores Helio, Adjorne, Hubayde, Breno, Ene, Menicus, Olavo, Bira, Zico, Brayerson, Fernando e Geraldo.

E não só de atletas foi composta a caravana uberlandense. Além dos esportistas de basquete, natação e atletismo, mais de sessenta pessoas também embarcaram no trem rumo a São Carlos para assistirem aos jogos dos representantes de Uberlândia na competição. Boulanger

Fonseca não acompanhou a delegação no embarque, mas seguiria para a sede do campeonato na semana seguinte para chefiar a embaixada de Uberlândia.

Onze dias depois da partida, pela mesma Mogiana regressaram os atletas uberlandenses. Na bagagem nenhum troféu, mas nada de tristeza também: “Embora não tenham trazido os loiros da vitória, mesmo assim os nossos rapazes se mostravam bem dispostos e deixavam transparecer um grande contentamento, talvez por pisarem o solo de sua cidade”, contava o *Correio de Uberlândia*.

Alguns fatores foram apontados como prejudiciais para a turma de Uberlândia. A falta de conforto, mudança de clima, ausência de mais assistência técnica ao time, já que somente Boulanger cuidava dessa parte; foram as justificativas para a equipe não ter conquistado o campeonato.

Dos seus jogos de basquete, a Associação Atlética local venceu três. O primeiro deles foi contra os jogadores da casa. São Carlos levou a melhor e venceu por 35 a 33. Já na segunda partida, o time uberlandense conseguiu vencer Itápolis pelo placar de 21 a 11. Contra Olímpia, no terceiro jogo, a A. A. de Uberlândia se deu bem de novo e derrotou os adversários por 34 a 23. Na quarta partida, Uberlândia venceu novamente, marcando 31 pontos e desse vez batendo Franca, que fez 25. O quinto adversário da A. A. de Uberlândia foi Guaratinguetá, que venceu a Associação por 26 a 19. No último jogo, os uberlandenses perderam mais uma vez: Piracicaba derrotou a equipe pelo placar de 37 a 19.

Santos sagrou-se campeã dos Jogos Abertos de 1940. O vice-campeonato foi para Campinas e Piracicaba. Uberlândia não venceu o campeonato, mas ficou bem colocada na competição. A cidade faturou o quarto lugar no V Campeonato de Jogos Abertos do Interior, graças ao empenho dos atletas que defenderam o esporte uberlandense.

Bem, se Uberlândia não levou o troféu da competição, pelo menos teve uma vitória: conquistou em cheio o carinho e a amizade da cidade de Santos. Na edição do dia 5 de novembro de 1940, o *Correio de Uberlândia* estampou uma matéria escrita por Jaime Pereira Pinto. A reportagem foi publicada no jornal *O Diário de Santos* e replicada em Uberlândia pelo *Correio*, pois falava sobre a cidade mineira e a amizade com Santos nos Jogos Abertos: “Eis, pois, santistas, a nossa maior amiga: Uberlândia. Cidade bela e encantadora do Triângulo Mineiro. A Ella devemos ser gratos reconhecidos”.

## Uma nova história do basquete amador uberlandense

A tradição de basquete em Uberlândia foi criada pela Associação Atlética de Uberlândia. A equipe de Boulanger Fonseca foi bastante expressiva e elevou o nome da cidade a uma escala nacional quando o assunto era o esporte da bola laranja. Com a Associação Atlética, Uberlândia ganhou renome esportivo. O basquete uberlandense ficou conhecido. Tornou-se admirado e temido. Era bonito ver aquela turma jogar. O time tornara-se o terror dos concorrentes, porque se tratava de um adversário de peso.

Depois de dez anos de existência, chegava ao fim a era vitoriosa da Associação. É que em 1943 começa a se delinear uma nova história do esporte de bola ao cesto. Surgia um novo clube e, com ele, o segundo time de basquete amador de Uberlândia. Uma nova geração vitoriosa. Nascia o Uberlândia Tênis Clube (UTC). O clube foi fundado em abril, resultado da fusão do Uberlândia Clube e da Associação Atlética de Uberlândia.

A ideia da criação da instituição era fazer um clube social e esportivo que levasse o nome de Uberlândia Tênis Clube e seguisse o modelo do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte. A diretoria do UTC ficaria responsável pela Praça de Esportes Minas Gerais. A ideia saiu do papel e se tornou realidade. A chamada Praça de Esportes era de gerência do Estado, mas o terreno tinha outro dono: a Prefeitura. Com a formação do Uberlândia Tênis, a administração da Praça de Esportes ficou por conta do clube. Em 1978, a área foi doada para o Estado e o UTC continuou administrando o local. Só em 2005 que todas as praças esportivas foram transferidas para os municípios, como aconteceu no caso uberlandense.

Apesar de o dia 15 de abril ser considerado a data do surgimento do UTC, a imprensa noticiou o acontecimento um pouco antes. No dia 1º de abril daquele ano de 1943 foi publicado no jornal *Correio de Uberlândia* um convite. Não se tratava de um convite qualquer. Era nada mais nada menos que a convocação do público para a inauguração do novo empreendimento esportivo “O snr. dr. Prefeito Municipal, e as Diretorias do Uberlandia Clube Sociedade Recreativa e da Associação Atletica de Uberlandia convidam aos sócios dessas entidades e a todas pessoas interessadas para assistirem hoje, dia 1º de Abril, às 20 hs. Na sede do Uberlandia Clube a fundação do Uberlandia Tenis Clube, resultante da fusão das duas entidades acima”.

O Uberlândia Tênis Clube começou a participar das competições esportivas dois meses depois de sua criação. A estreia das equipes do clube ficou marcada para os dias 12 e 13 de junho de 1943. Na programação estavam jogos de vôlei e basquete. E como primeiro adversário o UTC teve o Centro de Cultura Física de Uberaba.

Em 1944, o Uberlândia Tênis Clube recebeu a visita de uma ilustre equipe de basquete. É que a delegação esportiva de Franca desembarcou na cidade em agosto. A embaixada francana foi recepcionada na estação da Mogiana pelos representantes do clube uberlandense. Entre eles, o cara que comandava os esportes locais, Boulanger Fonseca e Silva. A equipe de Franca, que foi chefiada pelo professor Mario Latorraca, ficou hospedada nos hotéis Rex, Minas e Gloria. Os visitantes aproveitaram a noite para passear pela cidade mineira.

No outro dia, os passeios continuaram. A turma de Franca fez um *tour* pelas instituições escolares de Uberlândia. Na visita ao Ginásio Mineiro, o quadro francano assistiu a uma partida de vôlei dos alunos. Já na Praça de Esportes Minas Gerais, a delegação recebeu uma homenagem. É que uma demonstração de natação foi dedicada aos desportistas de Franca.

Depois de curtirem um pouco do que os uberlandenses tinham a oferecer aos paulistas, era chegada a hora da disputa. Foram dois jogos entre Franca e UTC. Na primeira partida os uberlandenses foram mais bem-sucedidos e derrotaram a equipe visitante pelo placar de 37 a 20. Já na segunda disputa quem levou a melhor foi Franca, que fez 28 pontos em cima de Uberlândia, que conseguiu marcar 23.

Como cada equipe venceu um jogo, no quesito de vitórias, as duas cidades terminaram os amistosos empatadas. Além do mais, as partidas foram tranquilas e o clima de esportividade tomou conta de todos. Pereirinha, Lambari, Olavo, Braiersen e Mauro representaram Uberlândia. Terminados os jogos, a festa continuou fora das quadras. O *happy hour* foi no Bar da Mineira. É que os dirigentes do UTC ofereceram aos visitantes cervejas e guaranás. Foi nesse clima amigável que a noite esportiva terminou. No outro dia, pela manhã, o conjunto de Franca embarcou no trem de volta para casa.

O ano continuou e as visitas de equipes paulistas também. Em novembro, outra delegação veio a Uberlândia disputar partidas de Vôlei e Basquete: Santos. Era uma equipe daquelas! A cidade já havia conquistado o título de campeã dos Jogos Abertos do Interior por quatro vezes consecutivas, nos anos de 1940, 1941, 1942, 1943 e 1944. No esporte da bola laranja, o primeiro encontro entre Santos e Uberlândia aconteceu no sábado dia 3. Os santistas derrotaram os donos da casa por 38 a 16. No domingo o jogo virou. E a vitória foi dos uberlandenses, que fizeram 27 pontos contra 17 dos adversários campeões do interior.

Em 1945 foi realizada a reforma da quadra de basquete da extinta Associação Atlética de Uberlândia, localizada na rua Santos Dumont. Foi um período ruim para o basquete de Uberlândia, que ficou quase todo o ano sem receber partidas do esporte da bola laranja.

O tempo passou. Já fazia um ano que os uberlandenses apaixonados pelo basquete não tinham o prazer de assistir a um jogo da modalidade na cidade. Era muito tempo sem presenciar o esporte que tinha se tornado tradição. Até que, no dia 5 de maio de 1946, essa história mudou. Uberlândia recebeu a turma de cestobolistas de Ribeirão Preto e a quadra recém-reformada serviu de palco para mais um embate de bola ao cesto.

O grande dia da disputa foi marcado por uma chuva inesperada em Uberlândia, o que prejudicou o andamento do jogo. Na noite esportiva, houve uma partida preliminar. O UTC se saiu melhor e marcou 24 pontos, enquanto a turma de Ribeirão Preto fez 22. A equipe local jogou com Galba, Olavo, Abílio, Juarez e Lambary. Já Altimont, Budy, Paulo e Juca defenderam Ribeirão Preto. No duelo principal, os jogadores uberlandenses não resistiram e foram derrotados pelos atletas de Ribeirão por 33 a 27. Os visitantes jogaram com Cissa, Ferreirinho, Tula, João e Humaitá e o UTC entrou em quadra com Mauro, Taes, Pereirinha, Decio e Brayerson. O cestinha da partida foi Cissa, que marcou 11 pontos.

## O basquete nas práticas escolares

Na década de 40 o basquete das escolas ganha notoriedade. O ano de 46 constituiu um marco para o esporte de bola ao cesto praticado pelas turmas escolares. Foi o ano do primeiro Campeonato de Basquete de Uberlândia que reuniu clubes e escolas. Participaram da competição o Tiro de Guerra 60, o Instituto Brasil Central, o Colégio Estadual, a Academia de Comércio Mário Porto e o Uberlândia Tênis Clube. Para abrir os trabalhos, foi realizado um Torneio Início na quadra da antiga Associação Atlética no dia 23 de maio.

O Torneio Início foi marcado pela presença de muitos torcedores. O primeiro confronto foi entre o Instituto Brasil Central, que jogou com Mauro, Scafuto, Juarez, Danda, Berrite e Jarmund; e o Colégio Estadual que formou com Tales, Otto, Lambary, Derval, Fernando, Vanderley e Braga. O Instituto venceu o Colégio por 23 a 22. A segunda partida ficou por conta da Academia do Comércio e Tiro de Guerra 60. Galba, Poli, Olavinho, Lambão e Bocarra defenderam a Academia. Pelo Tiro de Guerra 60 atuaram Pereira, Abílio, Ulisses, Franqueiro e Cota. E fazendo 34 pontos em cima do Tiro de Guerra que marcou 32, a Academia do Comércio venceu o jogo.

No segundo dia de embate, o Colégio Estadual enfrentou o Tiro de Guerra 60 e venceu pela contagem de 47 a 18. O Uberlândia Tênis Clube entrou em quadra contra o conjunto do Instituto Brasil Central e perdeu por um ponto de diferença: 25 a 26 marcou o placar. Dando prosseguimento ao campeonato, o Instituto Brasil Central jogou com o Tiro de Guerra 60 e triunfou, fazendo 42 pontos contra 32 do adversário. No mesmo dia o UTC derrotou a Academia do Comércio por 37 a 32. O final do jogo foi marcado por um episódio triste. Após sofrer a derrota, Olavinho, da Academia, agrediu o árbitro da partida a pontapés.

Em meio ao Campeonato de Basquete de Uberlândia, o UTC recebeu a visita do time de bola ao cesto do Colégio Ateneu Paulista, de Campinas. Na quinta-feira, dia 14 de maio, a equipe local enfrentou o time campineiro. Na noite esportiva, o público foi um espetáculo à parte. A torcida lotou a quadra da antiga Associação Atlética para ver de pertinho o embate entre mineiros e paulistas. Mas a equipe uberlandense jogou mal e foi derrotada em casa pelo placar de 37 a 32.

Na noite de quinta-feira, dia 20 de junho, foi realizada a final do primeiro Campeonato de Basquete da cidade. Nos últimos dois encontros, os jogadores do Uberlândia Tênis enfrentaram os atletas do Tiro de Guerra 60. O UTC não teve dificuldade em quadra e ganhou por 45 a 34. Já Instituto Brasil Central enfrentou a Academia do Comércio. Na partida decisiva, o Instituto

passou fácil pelo adversário e marcou 47 pontos contra 27 da Academia. E assim, o Instituto Brasil Central foi campeão invicto da competição.

No ano de 1946 também aconteceu a primeira Olimpíada Colegial. A olimpíada entre os estabelecimentos de ensino de Uberlândia foi promovida pelo UTC e contou com as modalidades de basquete, vôlei, atletismo e natação. O grande vencedor da modalidade de basquete foi o Colégio Estadual, que também ganhou no vôlei e natação e terminou o certame como o campeão geral. O segundo lugar ficou com Ginásio Brasil Central e o Liceu de Uberlândia faturou a terceira colocação.

Em 1947 foi realizado o II Campeonato Aberto de Basquete. Com a participação da Associação Profissional dos Bancários, da Associação dos Atiradores do Tiro de Guerra 60, da Associação Esportiva e Cultural e do Boa Vontade, a competição cidadina de bola ao cesto teve início no dia 21 de junho. A solenidade de abertura do torneio aconteceu na quadra do Liceu de Uberlândia. Após a cerimônia, as turmas disputaram o Torneio Início. O público marcou presença e viu o conjunto dos Bancários brilhar em quadra. A equipe derrotou o Boa Vontade e a Associação e sagrou-se campeã do Torneio Início de basquete.

Dias depois começava para valer o segundo Campeonato de Basquete na Praça de Esportes. O primeiro jogo foi entre o Tiro de Guerra 60 e a Associação Cultural. O vencedor foi o Tiro de Guerra, que bateu o adversário por 30 a 17. Na segunda partida, o Boa Vontade derrotou os Bancários pelo placar de 41 a 18. E lá se foram quatro rodadas até chegar o dia da grande final. A disputa do terceiro lugar ficou por conta das equipes do Boa Vontade e Associação dos Bancários. Na briga pelo título entraram em quadra o Tiro de Guerra 60 e a Associação Cultural. Na primeira disputa, os bancários venceram o Boa Vontade por 27 a 21. No duelo principal do dia, o Tiro de Guerra fez bonito em quadra e marcou 49 pontos, derrotando a Associação Cultural, que marcou 35.

O Campeonato de Basquete de Uberlândia continuou a ser realizado e em 1948 chegou à sua terceira edição. O Torneio Início reuniu o UTC, o Boa Vontade, o Mocidade Atlético, a Associação Acadêmica de Comércio Mario Porto, o Fluminense e o Tiro de Guerra 60. O Fluminense venceu o torneio e o vice-campeonato ficou com o Boa Vontade.

## O UTC nos Jogos Abertos do Interior

A Associação Atlética de Uberlândia participou dos Jogos Abertos do Interior desde a sua primeira edição em 1936 até 1942. A partir de 1943, o UTC continuou com a tradição. Na sua primeira participação, foi a Sorocaba. A embaixada uberlandense partiu rumo à cidade sede do evento esportivo em setembro. Luiz Rocha e Silva, presidente do clube, e Boulanger Fonseca, diretor do departamento esportivo, seguiram viagem junto com os atletas de Uberlândia que disputaram os torneios de basquete, vôlei, natação e tênis.

A terra do Uberlândia Tênis Clube candidatou-se para ser a sede dos Jogos Abertos do Interior de 1944, mas não conseguiu sediar o evento e a competição foi realizada em Taubaté. A delegação do UTC compareceu aos jogos realizados na cidade paulista. Uberlândia não conquistou o título de campeã, mas conseguiu ficar classificada em segundo lugar nas modalidades de natação e vôlei feminino. Na contagem geral, a cidade mineira ficou em quarto lugar. No ano de 1944 também se cogitou Uberlândia como sede dos próximos Jogos Abertos, no caso o campeonato de 45, o que não aconteceu. A escolhida para realizar os jogos foi Campinas.

Em Campinas, na classificação geral dos Jogos Abertos de 1945, Santos conquistou o primeiro lugar. O vice-campeonato ficou com Campinas e Bauru foi o terceiro colocado. Uberlândia ocupou a sexta posição junto com Ribeirão Preto. O UTC não conseguiu a vitória no basquete masculino, mas teve uma equipe que brilhou nas terras paulistas. Foram as atletas do vôlei feminino. Elas, que tinham conquistado o segundo lugar na modalidade em 1944, conseguiram um feito inédito. Conquistaram a supremacia do vôlei no X Campeonato Aberto do Interior, levando para casa a taça *Federação Paulista de VolleyBall*.

Em 1946 a cidade de Santos sediou os XI Jogos Abertos do Interior. A competição aconteceu no início de outubro. Uberlândia, que participava do torneio desde o seu início, lá em 1936, mais uma vez se fez representar. Na despedida da caravana foi realizado um festival com jogos de basquete e vôlei. A delegação uberlandense levou 70 pessoas para Santos para disputar as modalidades de basquete, vôlei feminino, natação e tênis. Santos foi a grande campeã dos jogos e Uberlândia não conseguiu conquistar nenhum triunfo.

Uberlândia continuou sendo representada nos Jogos Abertos pelo UTC durante os próximos anos. Foi a Ribeirão Preto em 1947, a Santos em 1948, a Rio Claro em 1949, a Sorocaba em 1950, a Santos em 1951, a Ribeirão Preto em 1952, a Jundiaí em 1953, a Sorocaba novamente em 1954. Mas em 1955 a cidade quebrou a tradição e foi a primeira vez que não

compareceu aos Jogos Abertos de Piracicaba. Até aquele ano, Uberlândia era a única cidade a participar de todas as edições do evento desde sua criação em Monte Alto. O motivo? A falta de ajuda financeira. É que a prefeitura negou o pedido de verba oficial para o UTC ir aos Jogos daquele ano. Depois voltou a participar mais algumas vezes. No basquete não houve triunfos. Já a equipe feminina de vôlei conseguiu o bicampeonato em 1949 e foi vice-campeã em 1950.

## Nem tudo foram flores: Crises no basquete de Uberlândia

Nem só de flores vivia o basquete. Mesmo se tornando uma tradição em Uberlândia e tendo vivido muitas glórias, volta e meia uma crise assolava o esporte da bola laranja. Muitas das vezes pela realidade de ser amador. Os atletas não recebiam salário para jogar. Para sobreviverem, tinham que conciliar trabalho e basquetebol. Ou escola, trabalho e basquetebol. Às vezes faltavam jogos. Outras vezes tinham que recorrer à ajuda financeira das pessoas para participarem de competições. E, muitas vezes, faltava apoio.

Houve uma ocasião em que um atleta teve que jogar descalço. Foi em junho de 1946. Saiu uma ordem da direção do Uberlândia Tênis Clube: os jogadores ficavam obrigados a arcar com os materiais esportivos necessários para jogar a partir daquele momento. Era uma espécie de ter que tirar dinheiro do próprio bolso para defender o clube. O episódio gerou desentendimentos com os atletas. Daí, certo dia havia um jogo entre o Instituto Brasil Central e a Escola Técnica de Araguari em Uberlândia. Um cestobolista do UTC foi procurar o seu material para iniciar os preparativos do confronto. Só que um fiscal do clube acabou impedindo o jogador e disse a ele que, por ordens superiores, os atletas tinham que levar seus materiais para usarem em quadra. Não havia mais tempo para nada. Já estava na hora do embate e, então, o esportista não achou outra solução: jogou descalço! A imprensa não poupou críticas ao clube pelo acontecido. Disse o jornal *Correio de Uberlândia* na ocasião que era “ridículo para um clube de tradição em todo território Nacional”.

Outro episódio foi o acúmulo de derrotas do UTC jogando em casa. Ainda em 1946, a fase era crítica quando se tratava de vencer. A equipe não estava conseguindo ganhar dos adversários em Uberlândia e foi colecionando uma série de derrotas no primeiro semestre do ano, atuando nos próprios domínios do clube.

Nessa era do basquete amador, havia dificuldades para custear as viagens dos atletas. Não existia patrocínio e os jogadores não recebiam ajuda de custo. Para participar de campeonatos fora da cidade, o UTC precisava contar com o auxílio da prefeitura para cobrir os gastos. E quando não tinha o apoio público municipal, era preciso recorrer à ajuda popular. Foi o que aconteceu em 1947, quando por pouco a delegação de Uberlândia não participou dos Jogos Abertos de Ribeirão Preto. O jeito foi correr atrás do povo. Deu certo! Os atletas fizeram campanha e conseguiram mobilizar o público. Com o auxílio, a delegação pôde participar do certame em terras paulistas.

Por falar em Jogos Abertos do Interior, o basquete uberlandense também foi sofrendo declínio na competição. A geração de basquete do Uberlândia Tênis Clube não conseguiu triunfos na modalidade como o feito da Associação Atlética de Uberlândia, que conquistou o tricampeonato do interior. A cidade foi aos poucos sofrendo uma queda no quesito vitórias. Alguma coisa parecia estar errada e o basquete pedia socorro.

## O basquete do Uberlândia Tênis Clube na década de 50

Com o passar dos anos, Uberlândia ia se desenvolvendo. Em 1950 o número de habitantes da cidade já ultrapassava os 56 mil. O basquete continuava sendo praticado pelos apaixonados pelo esporte da bola laranja. Em 1952 foi criado o Campeonato do Obelisco, uma competição de basquete entre as cidades fundadoras dos Jogos Abertos de 1936 em Monte Alto. O objetivo do evento era comemorar a criação do Campeonato Aberto do Interior por Baby Barioni e preservar a memória dos jogos que tinham se tornado a maior olimpíada interiorana da América do Sul. A primeira festa comemorativa ficou por conta de Monte Alto, a pioneira na realização do campeonato. Uberlândia participou da primeira edição e candidatou-se para sediar os II Jogos do Obelisco.

Eis que o público uberlandense pôde ver ao vivo e a cores o Campeonato Obelisco na cidade. Uberlândia realizou mesmo o evento. Na primeira disputa da competição, Franca perdeu para Olímpia por 36 a 28. Antes do segundo jogo, entre Piracicaba e Uberlândia; os jogadores, fundadores e autoridades locais de Uberlândia que conquistaram o campeonato de 1936 em Monte Alto foram homenageados. Na sequência entraram em quadra paulistas contra mineiros. Na disputa, Piracicaba foi melhor e venceu Uberlândia por 53 a 44.

Na derrota dos uberlandenses Celso, Luis, Abílio, Haroldo, Tales, Pico e Walter para os piracicabanos Manuel, Marden, João, Travagline, José e Munhoz teve torcedor que caiu no choro. O episódio foi relatado pelo *Correio de Uberlândia*: “citamos aqui um espetáculo inédito: um rapaz e uma moça chorando, como duas crianças, após o término do jogo de ter Uberlândia perdido!”. Depois, aconteceram outros jogos, como entre Uberlândia e Franca, mas os resultados não foram divulgados na imprensa uberlandense.

Em 1955 um desportista que muito já tinha feito pelo basquete uberlandense foi homenageado. Estamos falando de Boulanger Fonseca e Silva. O homem dos esportes já tinha trabalhado muito pela modalidade e, junto com os atletas da extinta Associação Atlética, trouxe para a cidade o tricampeonato dos Jogos Abertos do Interior. Depois do esporte da bola laranja, Boulanger deu sua contribuição para o futebol de Uberlândia. Ele se tornou o presidente do Uberlândia Esporte Clube (UEC) em 1948 e continuou no posto até 1959.

Naquele ano de 1955, o desportista completaria mais um ano de vida no dia 17 de abril. Então, amigos e admiradores de Boulanger Fonseca planejaram uma festa para homenageá-lo. A ideia partiu de Jaime Koss e logo se espalhou para a cidade. Muitas pessoas manifestaram

interesse e quiseram participar do tributo. A homenagem, que estava planejada para o dia do aniversário de Boulanger, teve que ser transferida e foi realizada no fim de maio.

Como Boulanger Fonseca era presidente do Uberlândia Esporte, fizeram um busto de bronze do desportista no Estádio Juca Ribeiro, que era o campo do clube na época. Tratava-se de uma forma de reconhecimento por tudo o que Boulanger fez pelo esporte uberlandense, tanto no setor amador quanto no profissional. Era uma forma de agradecer o cara que tinha se tornado uma lenda do desporto citadino. O cara que fez a cidade ser conhecida pela sua prática esportiva fora de Minas Gerais.

Em 1956 a equipe de basquete de Uberlândia participou do Campeonato do Interior de Minas Gerais em Uberaba e conquistou o vice-campeonato. O quinteto do UTC só perdeu a final para os donos da casa por 65 a 45. No ano seguinte, Uberlândia foi a cidade sede das eliminatórias dos jogos de basquete e vôlei do certame do interior mineiro que iria acontecer em Juiz de Fora.

As delegações de São Gotardo, Araguari, Patos, Araxá e Uberlândia se inscreveram para participar da fase eliminatória. No basquete, defrontaram-se em quadra uberlandenses e araguarinos. A partida estava difícil e Araguari vencia por 12 pontos de diferença, até que os uberlandenses reagiram ao jogo. 19 a 19, marcava o placar. A partir daí Uberlândia deslanchou em quadra e, surpreendendo a todos, de virada venceu a partida que terminou com a contagem de 43 a 29. Defendendo os donos da casa estavam Mardem, Romeu, Gonzaga, Batista, Sergio, Natal, Rubens, Joãozinho e Afraninho. Já Agenor, Ataulfo, Aloisio, Luiz, Roberto, Cícero, Laércio João Gomes e José Divino jogaram para Araguari.

Com esse resultado, Uberlândia ganhou a vaga para o campeonato do interior em Juiz de Fora, já que as demais cidades inscritas nas eliminatórias não compareceram na fase classificatória. Além do basquete, o vôlei de Uberlândia (feminino e masculino) também conquistou o direito de ir ao certame do interior. E, assim, a cidade participou do campeonato em Juiz de Fora.

Já em 1958, o Uberlândia Tênis Clube conseguiu o direito de sediar as eliminatórias regionais do campeonato do interior de basquete e vôlei. A cidade estava entusiasmada para receber a fase classificatória do certame. “Ia tudo muito bem, obrigada” até que aconteceu um episódio engraçado. As federações de vôlei e basquete de Minas Gerais retrocederam na decisão de Uberlândia ser a sede da competição. Por uma nova deliberação, Patos de Minas foi a escolhida para o evento. A notícia pegou a Comissão Municipal de Esportes uberlandense de surpresa e deixou os apaixonados pelo esporte da bola laranja tristes.

Os responsáveis de Uberlândia pelo evento não gostaram da confusão feita pelas federações. Eugênio Arantes, o presidente do UTC da época, foi a Belo Horizonte para falar com os presidentes das Federações Mineiras de Basquete e de Vôlei. Não tinha acordo. O que Eugênio queria era que a palavra dos responsáveis pela bagunça armada fosse cumprida e Uberlândia pudesse ser a sede do campeonato. O presidente do UTC soltou o verbo e foi incisivo: “Se Uberlândia não for a sede dos regionais de vôlei e basquete, conforme fôra anteriormente estabelecido, não participaremos dos ditos certames”. A fala de Eugênio foi publicada no *Correio de Uberlândia*.

Para resolver o problema, como num passe de mágica, os presidentes das federações deliberaram que Uberlândia já estava classificada para disputar o Campeonato do Interior Mineiro que aconteceria em Poços de Caldas ou Belo Horizonte. E esse foi o dia em que Uberlândia venceu um jogo sem nem mesmo jogar.

## Wlamir Marques e Pecente: um *show* à parte em Uberlândia

No dia 31 de janeiro de 1959, o basquete do Brasil conseguiu um feito inédito. Conquistou pela primeira vez o título do Campeonato Mundial Masculino. A competição foi disputada no Chile. A última partida foi com os donos da casa. O Brasil venceu o Chile com uma boa diferença no placar: 73 a 49.

Na campanha rumo ao lugar mais alto do pódio, o Brasil bateu o Canadá, marcando 69 pontos a 52. Depois foi derrotado pela então União Soviética por 73 a 54 e venceu o México pelo placar de 78 a 50. Sendo assim, a equipe brasileira avançou para a segunda etapa da competição. Ai o Brasil ganhou de Formosa por 94 a 76 e da Bulgária por 62 a 53. Depois sofreu mais uma derrota para a União Soviética pela contagem apertada de 66 a 63. Na sequência passou por cima de Porto Rico pelo placar de 99 a 71, dos Estados Unidos por 81 a 67 e, finalmente, pelo Chile, quando se tornou o campeão da disputa do Mundial.

O selecionado brasileiro foi formado por Amaury Antônio Pasos, Carmo de Souza, apelidado de Rosa Branca, Edson Bispo dos Santos, Fernando Pereira de Freitas, Jathyr Eduardo Schall, José Maciel Senra conhecido como Zezinho, Otto Carlos Phol da Nóbrega, Pedro Vicente Fonseca, chamado de Pecente, Waldemar Blatkauskas, Waldyr Geraldo Boccardo, Wlamir Marques, o “Diabo Loiro” e Zenny de Azevedo, que tinha o apelido de Algodão. Togo Renan Soares, conhecido como Kanela, comandou o time no Mundial.

Em fevereiro daquele ano histórico para o basquete brasileiro, Uberlândia teve o prazer de receber dois campeões mundiais de bola ao cesto. Wlamir Marques e Pecente vieram à cidade mineira com o time do qual faziam parte, o XV de Piracicaba. Os dois atletas eram a atração mais esperada do amistoso entre o Uberlândia Tênis Clube e o time de Piracicaba. Tratava-se de um *show* à parte, pois todos queriam ver de pertinho os craques que tinham conseguido o título no Mundial de Basquete.

Era sábado, dia 7 de março de 1959, quando a delegação do XV de Piracicaba chegou em terras mineiras. Além de Wlamir e Pecente, o quadro piracicabano trazia também Edio, Artur, Nascimento, José de Paula Motta, Zé Carlos, Zé Obinha, Tezzi e Paulo para jogar nas quadras do Triângulo Mineiro. O esperado encontro entre os visitantes e os uberlandenses aconteceu na quadra do Liceu. O UTC foi representado por Sérgio, Mardem, Natal, Rubens, Celso, Sá, Pereira e Lioni.

Diante de um gigante, Uberlândia foi um mero espectador. O XV de Piracicaba passeou em quadra e fez mais que o dobro de pontos feitos pelo Uberlândia Tênis Clube. Foram 119 a 42.

Mas a derrota já era esperada, e o que importava naquela noite de sábado era assistir ao espetáculo de bola ao cesto proporcionado ao público uberlandense. Aliás, o público compareceu em peso para ver as estrelas do basquete. Wlamir Marques foi o cestinha da partida e fez 42 pontos. Só a pontuação do craque se igualou ao placar final do UTC no jogo. Além do mais, Lioni Gargalhoni, jogador do UTC da época, revela que Wlamir marcou um ponto e tanto na partida. O atleta fez uma bandeja do meio da quadra! Era mesmo um craque do esporte da bola laranja.

## ***Show do UTC nos Jogos Abertos da Alta Mogiana***

Em 1960 Uberlândia esteve presente em Mirassol, nos Jogos Obelisco. Araçatuba sagrou-se campeã do certame. Em setembro daquele ano aconteceu a primeira Olimpíada Colegial Cristiano Barsante, promovida pela União dos Estudantes Secundários de Uberlândia (U.E.S.U). O Colégio Brasil Central foi o grande campeão da primeira olimpíada colegial da U.E.S.U. Posteriormente, a equipe de basquete do UTC recebeu o time campeão de Araçatuba na Praça de Esportes. Rubens, Sérgio, Mardem, Pico e Lioni jogaram com categoria e aplicaram uma derrota ao time visitante pela contagem de 50 a 31. O ano ainda tinha muito que render para o basquete uberlandense. E rendeu!

Uberlândia, a cidade jardim; e Uberaba, a capital do zebu. Esse era um clássico no esporte da bola laranja na década de 60. No sábado, dia 1º de outubro de 1960, as duas equipes se enfrentaram na quadra do Uberaba Tênis pelo campeonato regional. Não havia favorito. Ambos os times já tinham vencido Ituiutaba e Araguari. Ambos os times chegaram ao confronto com moral. Ambos tinham possibilidades de ganhar. Mas no tão esperado embate, o que ganhou foi a falta de esportividade. Os árbitros não deram conta do recado. O que se viu no jogo foi uma peleja de pontapés e socos entre jogadores, árbitros e torcedores. De quem foi a culpa? Isso depende de quem respondia a pergunta. Os uberabenses a colocaram na arbitragem de Uberlândia. Já os uberlandenses apontaram que o problema veio do árbitro de Uberaba. Com esse acontecimento, o UTC não voltou para o jogo do dia seguinte. O caso Uberlândia *versus* Uberaba foi entregue à Federação Mineira de Basquetebol.

No dia 22 de outubro, Uberaba e Uberlândia voltaram a se enfrentar. Dessa vez na quadra da Praça de Esportes Minas Gerais. O episódio de Uberaba não se repetiu. A torcida uberlandense mostrou o seu espírito esportivo e recebeu bem a delegação visitante. Os jogadores do UTC deram uma lição nos adversários. Aos insultos, agressões e ao jogo violento vivido em Uberaba, Uberlândia respondeu com trabalho. Responderam com técnica. Responderam com 49 a 40 no placar da partida. E a cidade se tornou bicampeã do Triângulo Mineiro. Lioni, Pico, Mardem, Sérgio, Rubens e Ricardo representaram Uberlândia. Tonho, Zezão, Dauro, Ney, Anjinho e Idário formaram o conjunto de Uberaba.

No fim de 1960, mais um jogão em Uberlândia. A seleção de basquete de Minas Gerais, que iria disputar o Campeonato Brasileiro de bola ao cesto, pousou em terras uberlandenses no fim de dezembro. A Praça de Esportes Minas Gerais foi o palco para o encontro entre a bicampeã do Triângulo Mineiro e o selecionado mineiro. Embalado pela torcida, o Uberlândia

Tênis Clube levou a melhor no primeiro confronto e derrotou a seleção mineira por 39 a 37. Já no segundo, o jogo virou e quem venceu foi o Selecionado de Minas Gerais, que fez 39 pontos contra 36 de Uberlândia. O UTC jogou com Mardem, Rubens, Sérgio, Pico, Lioni e Aloisio. Já a equipe estadual se formou com Israel, Betinho, Ubirajara, Ladeira, Afonso, Luiz Fernando e Ernesto.

Se a década de 30 foi a década da Associação Atlética de Uberlândia, a de 60 ficou marcada por outra geração. Foi a vez de outra equipe brilhar. Foi a vez de o UTC triunfar. Em 1960 a delegação de Uberlândia já mostrou sua força nos Jogos Abertos da Alta Mogiana realizados em Batatais. A cidade fez uma participação vitoriosa. Levou equipes esforçadas que lutaram muito para trazer troféus para casa. No vôlei feminino e no atletismo não teve para ninguém. Uberlândia triunfou! O time de vôlei foi o grande campeão da Alta Mogiana daquele ano.

Sérgio, Mardem, Pico, Lioni, Ataulfo, Ricardo, Aloisio, Marcos, Rui, Lacilde, Rubens e Cazeca representaram o esporte de bola ao cesto uberlandense em território paulista. Os pupilos de Thales de Assis, técnico do Uberlândia Tênis, deram *show* em quadra. O UTC não venceu, mas conquistou o terceiro lugar na modalidade. O melhor ainda estava por vir. E iria acontecer nas dependências mineiras.

O espetáculo uberlandense continuou no ano seguinte. E foi em casa, porque Uberlândia trouxe os Jogos Abertos da Alta Mogiana para solos mineiros. Sim, a cidade sediou a quarta edição da competição. É que Walter Manhães, o presidente da Comissão Municipal de Esportes de Uberlândia na época, conseguiu trazer para a cidade o campeonato de 1961.

O certame reuniu diversas equipes dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. A festa começou no dia 4 de julho com a abertura oficial dos IV Jogos Abertos da Alta Mogiana. Cerca de três mil desportistas vieram para os jogos na cidade. Houve desfile dos atletas participantes pelas ruas de Uberlândia. Como orientados pela Comissão Organizadora do campeonato, os comerciantes e trabalhadores públicos da prefeitura fizeram meio expediente para que todos pudessem assistir à parada poliesportiva pelas ruas. As delegações desfilaram pelo centro da cidade sob aplausos. Foi uma bonita festa de abertura.

A Praça de Esportes Minas Gerais e o Praia Clube foram os locais de realização dos jogos. Aliás, teve até uma reforma na quadra para a ocasião: “Quando foi realizar os jogos da Alta Mogiana aqui em Uberlândia, eles providenciaram uma arquibancada de madeira, porque só tinha um pedaço da arquibancada de um lado na quadra, era muito pequena”, relembra Reny Simão, que era atleta do UTC na época.

O apoio do público e o *show* dos atletas nas competições fizeram do certame um sucesso. A participação do basquete uberlandense nos Jogos Abertos da Alta Mogiana foi muito positiva. O time do UTC chegou à final da competição e fez uma decisão histórica com um timão do basquete brasileiro: Franca! Na época a equipe francana contava com jogadores da seleção brasileira. Hélio Rubens era um deles. O mesmo Hélio Rubens que muitos anos depois viria para Uberlândia fazer história como treinador de outra equipe uberlandense.

O time de basquete do UTC fez o dever de casa. Ganhou do time de Hélio jogando em Uberlândia. E, assim, levou o título da modalidade na competição. O que aconteceu naquela ocasião foi um verdadeiro *show* do UTC nos Jogos Abertos da Alta Mogiana. “Essa foi uma das competições mais duras que nós fizemos, porque eram times muito bons, principalmente a final. Foi com Franca e nós ganhamos por 2 ou 3 pontos, eu não estou lembrado muito bem não [do placar], mas foi 2 ou 3 pontos só”, recorda Rubão, um dos responsáveis pela conquista do UTC no campeonato.

Para Marcão, que também era um dos atletas do Uberlândia Tênis Clube nos Jogos da Alta Mogiana, a conquista foi uma das mais significativas para a cidade. “Nós ganhamos de Franca que era um time muito bom”, recorda ele. Lioni, outro craque que ajudou Uberlândia a ganhar a competição, relembra uma fala sua para Hélio Rubens tempos depois da vitória histórica em cima de Franca: “Só quero que você lembre que você perdeu jogando aqui dentro de Uberlândia nos Jogos da Alta Mogiana. Você nunca falou que você perdeu de nós aqui na nossa região. Só que você perdeu aqui os jogos abertos da Alta Mogiana”, conta Lioni sobre brincadeira com Hélio depois da sua vinda para Uberlândia nos anos 2000.

Além do primeiro lugar de bola ao cesto masculino, Uberlândia se saiu bem em outras modalidades. A cidade também ficou com o título do xadrez masculino, bocha, vôlei feminino e ciclismo. Foi vice-campeã no vôlei masculino, natação masculina, tênis de mesa, atletismo feminino e futebol de salão. E ficou na terceira colocação no atletismo masculino, basquete feminino, natação feminina e tênis masculino.

## O evento do ano!

Já 1963 foi o ano do primeiro título Estadual da cidade do interior mineiro. Primeiro, o Uberlândia Tênis Clube venceu o Campeonato Mineiro de basquete do interior adulto em janeiro de 1963. O time do UTC, formado por Sérgio Santos, Lioni, Rubão, Walter (o Pico), Marcão, Ataulfo, Ricardo Fonseca (o Bambu), Mardem, Reny Simão e Romenos Simão, e comandado pelo técnico Thales de Assis Martins, fez um lindo feito jogando na capital mineira. Três partidas e três vitórias. Foi assim, de forma invicta, que Uberlândia passou por Montes Claros, Lavras e Governador Valadares. “O time de maior dificuldade pra gente foi a equipe de Lavras”, recorda Reny Simão.

Depois da vitória dentro de quadra, os campeões do interior festejaram fora dela. “A comemoração nossa, eu lembro, era regada a guaraná, alguma coisa desse tipo. Quase ninguém bebia. Sempre tinha um jantar, alguma coisa assim quando saía dos jogos. Eu me lembro bem quando fomos campeões do interior, a gente saiu em Belo Horizonte e fomos para um restaurante e a comemoração foi isso, restringia a isso”, conta Reny.

Mesmo com as dificuldades que o esporte amador enfrentava, os cestobolistas uberlandenses trouxeram a vitória para a cidade. Passaram por cima da falta de verbas para cobrir as despesas. Venceram os obstáculos e se tornaram campeões do interior de Minas Gerais. Marcão, irmão de Rubão, era um dos reservas da equipe e conta que os jogadores de basquete do UTC não ganhavam nada para jogar. “Nem material recebia. Tudo era por nossa conta, inclusive eu usava tênis do meu irmão, que ele parava de usar e eu usava. Mas era tudo com dificuldade, tudo por nossa conta”, lembra Marcão, uma das “crias” do UTC, como ele mesmo diz. “Nós jogávamos tudo por amor. Teve uma época aqui que a gente comprava até calção”, relata Lioni, outro jogador do clube uberlandense.

Toda vez era assim. O campeão do interior enfrentava o destaque da capital pelo Campeonato Estadual de Basquetebol. E o palco da peleja? Era sempre Belo Horizonte. Mas em 1963 foi diferente. As atenções voltaram-se para Uberlândia que sediou a final do certame mineiro entre o Minas Tênis Clube e Ginástico de Belo Horizonte, Ilusão de Governador Valadares e o Uberlândia Tênis Clube.

A decisão do Campeonato Mineiro foi entre o Uberlândia Tênis Clube e o Ginástico. De um lado, o time do interior. Do outro, a equipe da capital. O campeão seria decidido numa série melhor de três. “Quando resolveu fazer esse torneio, melhor de três jogos aqui, para disputar o campeão com o Ginástico que tinha sido o campeão da capital, aí pra gente foi aquela coisa. Foi

o evento do ano pra gente”, relembra Reny Simão. Primeiro, Uberlândia venceu o Ginástico por 41 a 40. Depois foi derrotado pelo adversário de Belo Horizonte por 54 a 39.

A grande final valia o título. A arquibancada estava lotada. Uma multidão foi apreciar o esperado encontro entre os dois clubes na Praça de Esportes Minas Gerais. O UTC de Sérgio Santos, Lioni, Rubão, Walter (o Pico), Marcão, Ataulfo, Ricardo Fonseca (o Bambu), Mardem, Reny Simão e Romenos brilhou. “Felizmente a nossa turma jogou muito bem, então nós superamos pela capacidade de cada jogador nosso e a torcida ajudou muito”, recorda Lioni. O atleta descreve o ambiente do jogo: “a quadra pequena e o povo gritando sem parar”. E foi assim, embalados pelos torcedores, que o Uberlândia Tênis Clube entrou em quadra e fez 55 a 41 em cima do Ginástico. Uberlândia conseguia mais um feito inédito. Conquistava o primeiro título uberlandense pelo Campeonato Estadual de Basquetebol Adulto. É, foi realmente o evento do ano! Quem sabe, até o evento da década.

A conquista foi inesquecível. “Nunca decidia aqui em Uberlândia. A vez que decidiu nós ganhamos do Ginástico, tanto é que nós fomos campeão mineiro”, destaca Marcão. É claro que o feito foi comemorado com muita festa pelos uberlandenses. “Teve festa na cidade por todo canto. Não saímos de carro de bombeiro pela cidade porque não existia isso”, brinca Lioni.

Naqueles primeiros anos da década de 60, o UTC era composto por ótimos jogadores de basquete. Foram os anos dourados do basquete amador uberlandense. “Nós tínhamos um time muito bom na cidade. Era muito bom! E só de gente que morava aqui, porque antigamente era assim”, relembra Reny Simão, que jogava basquete pelo Uberlândia Tênis Clube. Ele conta que Lioni e Walter eram os cestinhas do time na época. “E a gente contava com um pivô alto [...]. Era o Rubens Guilherme. Era alto, 1,93m. Hoje, 1,93m qualquer jogador tem. A maioria tem a partir dessa estatura. Ele era um dos poucos que conseguia enterrar uma bola, isso, a gente que ia jogar fora, era uma sensação quando ele enterrava uma bola”, recorda Reny.

Na campanha vitoriosa do UTC no Campeonato Mineiro, o elenco uberlandense deu *show* de basquete em quadra. “Quem fazia mais pontos era o Lioni e o Walter, mas quem ajudava muito na defesa, os outros jogadores também eram muito aguerridos, corriam muito, marcavam muito bem. O Rubens fechava o garrafão, o Sérgio e tinha o Mardinho, o Mardem Grama”, relembra Reny.

E o que o basquete uniu a vida não separou. O legado que o basquete deixou para esses caras espetaculares do título de 63 foi a amizade. Essa amizade construída no esporte atravessou décadas e perdura até os dias atuais. “Até hoje nós temos essa turma do basquete, até hoje nós reunimos para tomar uma cerveja, jogar conversa fora”, descreve Marcão. Lioni conta que os

amigos do basquete se reúnem uma vez por ano para colocar o papo em dia. “A gente faz um jantar, todos participam. Os que estão vivos ainda participam. É muito animado, é muito bom. Nós somos muito amigos, muito mesmo, a família. A gente acompanha as notícias um do outro”, destaca Reny Simão.

O esporte da bola laranja proporcionava muitas alegrias aos atletas do Uberlândia Tênis Clube. O ambiente em que viviam era prazeroso. “Então era um clima muito agradável. Até hoje nos vemos, porque o esporte faz amigos. Eu graças a Deus tenho muitos amigos graças ao esporte”, emociona-se Marcão ao relembrar da importância que o basquete teve em sua vida.

O basquete era um esporte que atraía o público de Uberlândia. Para Reny Simão, a modalidade “despertava a atenção, pelo menos era a visão que a gente tinha da época, era cidade pequena. Era interessante como era um time de sucesso, vamos dizer, pelo tamanho, pelas proporções, era eu acho que movimentava [a cidade]. Era um atrativo que tinha, tinha pouca coisa na época. Nem televisão tinha, era só o rádio”, lembra Reny.

Por falar nisso, o basquete daquela turma vitoriosa deixou saudades. E deixou saudades nos jogadores da época. Marcão diz que sente falta dos jogos, da torcida e do ambiente gostoso que o esporte propiciava. “Você dentro da quadra e o povo gritando seu nome, gritando o nome do clube, torcendo com vontade”, rememora o atleta, todo saudoso da época. Lione conta que dá muita saudade “da alegria, de tudo. Você tinha muita amizade em Uberlândia, era muito conhecido”, destaca o craque de 63. “Era uma amizade muito boa, as viagens eram alegres, a companheirada era boa, dá saudade demais da conta”, conta Rubão, outro craque da conquista do Campeonato Mineiro.

## Noite de gala do basquete em Uberlândia

O ano de 1963 foi épico para o basquete do Brasil. Na noite de sábado, dia 25 de maio, no Maracanãzinho, o selecionado brasileiro do esporte da bola laranja se igualou ao feito da seleção brasileira de futebol: tornou-se bicampeão mundial. A equipe verde e amarela entrou na disputa na fase final do IV Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino sediado pelo país. Primeiro, o Brasil ganhou de Porto Rico pela contagem de 62 a 55. Depois, venceu a Itália por 81 a 62. Na sequência derrotou a Iugoslávia pelo placar de 90 a 71, a França por 77 a 63 e a antiga União Soviética por 90 a 79. E foi com essa trajetória vitoriosa que a seleção brasileira de basquete chegou à final da competição.

O Brasil pegou uma pedreira na decisão. Era nada menos que a seleção dos Estados Unidos. O ginásio do Rio de Janeiro lotou. O público pôde ver naquele dia histórico para o basquete brasileiro um jogão. Pôde assistir o país fazer 85 pontos em cima dos Estados Unidos, que marcaram 81. Pôde testemunhar a conquista invicta do selecionado brasileiro. A festa foi toda verde e amarela no Maracanãzinho. Com o feito, o público foi à loucura: “É com o pé, é com a mão, o Brasil é bicampeão”, cantaram os torcedores. Amaury, Sucar, Paulista, Mosquito, Fritz, Jathyr, Victor, Wlamir, Ubiratan, Rosa Branca, Waldemar, Menon foram os heróis do bicampeonato mundial. E o mesmo Kanela do título de 59 estava à frente da equipe.

Nesse inesquecível ano de 1963, a equipe de basquete do Corinthians de São Paulo veio a Uberlândia. A visita propiciou uma noite de gala aos aficionados pelo esporte da bola laranja. Era uma visita especial. Na Praça de Esportes Minas Gerais, os uberlandenses puderam assistir a um espetáculo de basquete. De um lado da quadra, o campeão mineiro. Do outro, o time que tinha no elenco craques bicampeões mundiais: Wlamir e Ubiratan.

O jogo foi uma sensação em Uberlândia. Os cestobolistas do time paulista, juntamente com os campeões mundiais de basquete, chegaram à cidade mineira no dia 15 de junho para o esperado amistoso. Muitas e muitas pessoas foram ver a partida que tinha como principais atrações as estrelas do Mundial de Basquete.

Reny Simão recorda o *show* que Wlamir e Ubiratan davam em quadra. Aliás, o Ubiratan, naquele amistoso, já chegou mostrando o seu bom basquete logo no aquecimento. “A primeira vez que eu vi uma pessoa que pega duas bolas e enterra uma e a outra. E a gente ficou apavorado. No aquecimento, pegou duas bolas assim, corria e ‘tchu’ [enterrava]”, lembra Reny. E como era jogar com os bicampeões mundiais? “Não tinha nem jeito. O Ubiratan era monstro dentro da quadra. Eu sou fã dele, sou fã do Wlamir”, relembra Marcão. Para Reny, “era mais um evento

que a gente trazia para a cidade, para mostrar para a população, porque não tinha condição. O time deles era bem superior. Era muito bom. Eram os ídolos nossos da época”.

Nos primeiros minutos do prélio, o UTC saiu na frente e fez 4 a 0 em cima do Corinthians. Só que o jogo virou. “Eles ganharam fácil. No comecinho nós demos um apertinho, mas depois eles embalaram”, conta Marcão. “Quando o Corinthians chegou tava lotada a quadra. Porque foi muito famoso o basquete. Quando o Corinthians entrou sem o Wlamir, Ubiratan, pois o técnico deixou o Wlamir e o Ubiratan de fora, pensamos, ‘nós vamos ganhar desse timinho’. E quando começou o jogo, nós começamos muito fortes, ganhando deles nos primeiros 5 minutos, 10 minutos. Aí eles assustaram com aquilo, a turma era muito boa, tinha muita fama [...]. Depois, eles colocaram o Wlamir e o Ubiratan. O Ubiratan era pivô e o Wlamir de ala, mas fazia de tudo. Ele era um craque. Aí nem se comparou. Aí não demos conta”, relata Lioni sobre o amistoso com o grande time paulista.

Os locais se esforçaram, mas não conseguiram bater o adversário de peso. Uberlândia foi derrotada por 69 a 52. A diferença do placar foi pequena, considerando o gabarito do Corinthians. E tudo acabou em um jantar. Lioni revela que, depois do amistoso, os atletas do UTC e do Corinthians foram jantar juntos e puderam conversar fora das quadras.

## O basquete uberlandense ganha a Universidade

Em maio de 1964 o Drinks Clube de Uberaba veio a Uberlândia. A visita marcou o encontro entre o clube uberabense e o UTC. Na partida de basquete, o Uberlândia Tênis derrotou o adversário por uma grande diferença na contagem: 71 a 32. No mês seguinte, o então campeão mineiro foi mostrar o seu basquete em Morrinhos, no estado de Goiás. No embate entre mineiros e goianos, o time uberlandense, que contava com Pico, Sérgio, Lioni, Marcão e Calil, não conseguiu vencer. Em um jogo tenso, Morrinhos fez 54 a 47 em cima do UTC.

Depois, o UTC recebeu a AABB de Brasília na Praça de Esportes Minas Gerais. A equipe uberlandense derrotou a brasiliense por 96 a 54. Outro amistoso marcante daquele ano de 64 foi contra o Palmeiras. Tratava-se de outro adversário de peso. O time palmeirense trouxe na bagagem os campeões mundiais Jathyr e Mosquito. Além deles Edson, Eduardo e Rached completaram o time. Emil Assad Rached era um gigante literalmente. O atleta media 2,20 metros! Como o mais alto do basquete do Brasil, ele foi outra atração à parte do confronto e, como conta Marcão, foi muito esperado pelos jogadores de Uberlândia. “Eu lembro que esse jogo com o Palmeiras, eles me puseram e eu fui cumprimentar o Emil Rached, tinha 2,20m. A torcida fazia aquela gozação”, conta Reny Simão.

Ainda no ano de 1964, Araguari sediou os Jogos Abertos da Alta Mogiana. Era a sétima edição do certame. As modalidades de atletismo, basquete, bochas, futebol de salão, natação, tênis de mesa, tênis de campo, vôlei e xadrez fizeram parte do programa esportivo. O campeonato foi realizado em agosto e Uberlândia faturou troféus nas disputas. Tornou-se campeã em vôlei feminino, xadrez masculino e bocha. No basquete, a cidade foi vice-campeã e Franca conquistou o título na modalidade. A delegação uberlandense também levou o segundo lugar em tênis masculino e vôlei masculino e ficou na terceira colocação em natação masculina.

Em 1965 o certame da Alta Mogiana foi realizado em Ribeirão Preto. Mais uma vez, Uberlândia participou da competição. Os jogadores do UTC, nessa época, costumavam viajar para os locais de competições e amistosos de Kombi ou de trem de ferro. “A gente chegou a viajar também com a Companhia Mogiana, nos Jogos Abertos da Alta Mogiana era comum. Deve ter uma situação especial para viajar, um passe especial. O comboio saía daqui de Araguari, já saía com os atletas, passava em Uberlândia, pegava gente, passava em Uberaba, pegava. Eu me lembro que quando foi em Ribeirão Preto foi assim”, recorda Reny Simão. Os jogos aconteceram no estádio Palma Travassos e no Ginásio da Cava do Bosque. O time de bola ao cesto conseguiu a terceira colocação na modalidade. Além do mais, os uberlandenses conquistaram o vice-

campeonato em bocha. Classificaram-se em quarto lugar em vôlei feminino, em quinto no vôlei masculino e sexto em tênis de mesa.

No fim da década de 60, a sensação do mundo esportivo de Uberlândia eram as olimpíadas universitárias. Em 1965, o basquete uberlandense ganha o mundo universitário. É que, em setembro daquele ano, acontecia pela primeira vez a realização da olimpíada na cidade. O ano marcou a inauguração da Faculdade de Engenharia. O Conservatório Musical de Uberlândia já existia desde 1957, a Faculdade de Direito desde 1959, a de Filosofia, Ciências e Letras desde 1960 e a de Ciências Econômicas desde 1963.

A primeira Olimpíada de Uberlândia reuniu as representações dessas escolas de ensino superior. A maratona teve como palco a Praça de Esportes Minas Gerais. Foi o início de uma tradição que perdura até hoje. A cidade viveu sob o clima de harmonia propiciada pela grandiosa festa que girava em torno do esporte. As primeiras modalidades da olimpíada foram o basquete masculino, futebol de salão, vôlei masculino e feminino e tênis de mesa masculino e feminino.

No dia da abertura dos Jogos Universitários a chuva tomou conta da cidade. Mesmo com a chuvarada, o entusiasmo dos universitários reinou na festa de abertura. Um aluno da engenharia fez o Juramento do Atleta, seguido da execução do Hino Nacional. Ali era dada a largada da Olimpíada que movimentou Uberlândia entres os dias 28 e 30 de setembro. Assim como costumava acontecer nas Olimpíadas estudantis, o maior evento esportivo universitário atraía muita gente para assistir às competições. “Eram jogos que eram bem concorridos, então tinha bastante público, tanto os jogos colegiais, quanto os universitários”, lembra Rubens Guilherme.

A Faculdade de Direito levou o título de basquete, que também venceu na categoria de futebol de salão. Com o feito, a equipe foi a grande campeã da primeira Olimpíada Universitária. O segundo colocado no certame foi a Faculdade de Ciências Econômicas. E o terceiro lugar ficou para a Engenharia.

Em 1966, o time de basquete dos universitários de Uberlândia foi a Brasília para participar do aniversário da capital. Nos confrontos, o *show* de basquete era certo. Os uberlandenses superaram Viçosa e Brasília. No primeiro jogo, Uberlândia derrotou Viçosa por 85 a 55. Na segunda partida, a equipe local venceu os donos da festa por 62 a 57. Ataulfo, Tubal, Célio, Calil, Marcão e Edson honraram o nome de Uberlândia e trouxeram para a cidade o troféu de campeão e medalhas.

No encontro cestobolístico, o atleta uberlandense Calil sofreu uma grave contusão no jogo contra Viçosa. O acidente em quadra foi tão grave que deixou o jogador desacordado por 15 horas. O episódio deixou Uberlândia desfalcada para o segundo confronto. A equipe teve que

disputar a partida sem ter reservas. Mas no fim deu tudo certo e o time local conseguiu a vitória na capital brasileira.

No ano de 1966 foi realizada a segunda edição dos Jogos Universitários. A segunda Olimpíada contou com a presença das Faculdades de Ciências Econômicas, Direito, Filosofia e Engenharia. A festa poliesportiva aconteceu entre os dias 26 e 30 de maio. Para abrir os jogos houve o desfile olímpico das delegações universitárias pela avenida Afonso Pena, além do clássico Juramento do Atleta e execução do Hino Nacional.

Nas disputas dos jogos quem levou a melhor foi a Faculdade de Ciências Econômicas. A equipe da Economia venceu no basquete e conseguiu outras vitórias importantes: xadrez e futebol de salão. A Faculdade de Engenharia foi a vice-campeã das Olimpíadas e a Faculdade de Direito ficou com o terceiro lugar.

Em 1967, os Jogos Universitários chegaram a sua terceira edição. A abertura foi pura festa. Teve fanfarras e os atletas participantes com seus uniformes olímpicos no desfile de início do evento. A Faculdade de Economia sagrou-se bicampeã de basquete no certame. A equipe também levou a melhor na classificação geral, terminando em primeiro lugar nos jogos. A segunda colocação ficou com a turma da Engenharia e do Direito.

Um ano depois, em 1968, aconteceram os IV Jogos Universitários que foram realizados na Praça de Esportes. A Economia se tornou tricampeã de bola ao cesto e ficou em primeiro lugar na classificação geral, seguida pela Engenharia em segundo e Direito em terceiro. No ano de 1969 foi realizada a quinta edição da Olimpíada Universitária. A Faculdade de Economia venceu pela quarta vez a modalidade de basquete. Também conseguiu ficar em primeiro lugar em futebol de salão, vôlei masculino, xadrez e tênis de mesa masculino. E, assim, a Economia tornou-se tetracampeã dos Jogos Universitários.

As Olimpíadas dos universitários continuaram com força na década de 70. Em 1970, os Jogos Universitários chegaram à sexta edição. O certame aconteceu no Palácio dos Esportes e marcou a estreia do novo ginásio esportivo do UTC. O público compareceu em peso e lotou o local dos jogos. Pela quinta vez consecutiva, a Economia venceu a modalidade de basquete e conquistou também o primeiro lugar da classificação geral do certame. O ano também marcou a conquista do vice-campeonato dos universitários de Uberlândia na Olimpíada Universitária de Minas Gerais. O selecionado de universitários uberlandenses foi formado por Fazendinha, Aloízio, Celinho, Ataulfo, Lioni, Tubal e Elias.

## **O basquete do UTC agita o fim da década de 60 e início dos anos 70**

Em 1968, Uberlândia, como a campeã de basquete do Triângulo mineiro, sediou o Campeonato do Interior de Minas Gerais. A competição reuniu as cidades de Oliveira, Governador Valadares, Araguari, Sabará, Formiga e Uberlândia. Os jogos aconteceram na Praça de Esportes Minas Gerais. O UTC venceu o Siderúrgica de Sabará por 66 a 39. Depois derrotou o quadro de Araguari, em uma partida que empolgou o público presente. Os uberlandenses passearam em quadra e venceram fácil a equipe vizinha pelo placar de 98 a 26.

O Uberlândia Tênis Clube foi campeão invicto da competição, terminando o certame com 0 pontos perdidos. O conjunto uberlandense que brilhou na quadra da Praça esportiva foi formado por Celinho, Rubão, Ataulfo, Dico, Ricardão, Marcão, Calil, Tubal, Lione, Picigueli, Aluizio e Fazendinha. Os craques locais, sempre acompanhados de sua torcida, não decepcionaram. Além do título, o UTC teve o cestinha do campeonato – Ataulfo –, que fez 51 pontos nos jogos.

O ano de 68 teve o dia da Independência bastante agitado. Naquele 7 de setembro foram programados jogos entre os times do Praia Clube e da Escola de Engenharia de São Bernardo do Campo. A disputa interestadual incluiu duas modalidades: basquete e vôlei. O encontro movimentou a cidade. Porém nas disputas entre mineiros e paulistas, a equipe de São Bernardo do Campo levou a melhor em quadra e venceu o Praia Clube por 40 a 38.

Em 1969, o jornal *Correio de Uberlândia* realizou o concurso esportivo para eleger os atletas preferidos do povo de 1968. A apuração contemplava os desportistas do basquete, futebol profissional, futebol amador, futebol de salão, vôlei, tênis de campo, tênis de mesa, xadrez e bocha.

Na corrida dos preferidos do público, nove atletas foram eleitos, cada um de uma modalidade. Sérgio Santos foi o escolhido, com 1803 votos, como o jogador preferido do basquete uberlandense. Ganharam ainda: Renato do futebol profissional, Italino do futebol amador, Hugsmar Quintino do futebol de salão, Maurício Bernardes do tênis de campo, Agnaldo do tênis de mesa, Roberto Zardo do xadrez, Carlos Piva de bocha e Henrique Botelho de vôlei. Os vencedores do concurso foram homenageados com um coquetel no restaurante Garibaldi. Na solenidade, os atletas receberam diplomas de consagração pública por terem sido escolhidos como os melhores em suas respectivas modalidades.

Em janeiro de 1970, Pico, Marcão, Rubão, Celinho, Ricardo e outros atletas viajaram para Belo Horizonte para disputar a categoria adulto do Campeonato Mineiro de Basquete do Interior. O selecionado uberlandense sagrou-se vice-campeão do interior mineiro. Isso porque, na partida decisiva contra Varginha, a equipe de Uberlândia demonstrou cansaço em quadra. A condição física não foi favorável ao UTC, o que resultou na derrota do clube. A cidade de Formiga classificou-se em terceiro lugar.

Na época houve uma polêmica entre o time de Uberlândia e a equipe de Varginha. É que no ano anterior Varginha não tinha quadro de basquetebol e, de repente, um ano depois chegou à competição com um elenco fortíssimo e venceu o certame de forma invicta. Até aí tudo bem. Só que a delegação campeã estava contando com jogadores de times paulistas na disputa mineira. Na época o então presidente do UTC, Eugênio Pimentel Arantes, falou ao jornal *Correio de Uberlândia* sobre o episódio que resultou na perda do título pelos uberlandenses. Ele destacou que a delegação de Uberlândia ficou impressionada e desconfiava a respeito do feito de Varginha.

O UTC não recorreu à Federação Mineira a respeito desse episódio e Eugênio Pimentel foi direto ao falar sobre o assunto quando perguntado. Disse ele em entrevista ao *Correio de Uberlândia*: “Porquanto a única satisfação que temos que dar será para com os nossos associados e torcedores que compreenderão que o UTC perdeu o campeonato do interior em 69, não para um clube mineiro, e sim para vários clubes paulistas rotulados como Varginha Tênis Clube”.

Em 1970 surgia, ainda, um novo empreendimento no Uberlândia Tênis Clube. Tratava-se de um ginásio construído graças ao trabalho de Eugênio Pimentel Arantes, Tubal Vilela da Silva Neto, Seme Simão, Sérgio Santos, Rubens Guilherme e Vasco Vieira. Para inaugurar a obra do ano do UTC, uma grande festa. Festa porque era a estreia do Palácio dos Esportes, o novo ginásio do Uberlândia Tênis. E nada melhor do que estreiar com jogos.

Na sexta-feira, dia 21 de agosto, após as solenidades de inauguração, como é de praxe, foram realizados os primeiros jogos na nova quadra. Primeiro, uma partida de futebol de salão. Depois, uma de vôlei. E, para fechar a noite, um duelo de basquete. A seleção juvenil do Uberlândia Tênis Clube enfrentou o Ginástico de Belo Horizonte e foi melhor, vencendo o adversário por 56 a 49. A equipe uberlandense jogou com Clélio, Flávio, Paulo, Kleber, Ricardo, China, Paulo Diniz e Marcos, e o Ginástico formou com Maximiliano, Edelbert, João Bosco, Rui, Léo e Luiz Otávio. Kleber, do UTC, foi o cestinha do jogo, marcando 20 pontos. No dia seguinte, o Minas Tênis, também de BH, bateu o UTC por 66 a 60. O ginásio recebeu o nome de Homero Santos, homenageando o deputado da época, admirador dos esportes e que ajudou na construção da obra.

A inauguração da nova quadra trouxe amistosos para Uberlândia. Em outubro de 1970, o time de basquete do América Mineiro fez uma visita à cidade. A equipe da capital enfrentou o quadro de basquete do UTC no Palácio dos Esportes Homero Santos nas categorias juvenil e adulto. No juvenil, o América, que jogou com Salum, Formigão, Neife, Candinho e Luiz, derrotou os uberlandenses Ricardo, Kleber, Klélío, Paulo, Flávio, Fernando e Maurício por 52 a 39. Já na disputa de adultos, os locais venceram os atletas da capital por 68 a 48. Célio, Klélío, Rubão, Ataulfo, Ricardo, Helias, Fazendinha, Paulo, Aloisio e Marcão constituíram o time do UTC, enquanto Formiga, Candinho, Sérgio, Carlos, Luiz, Neife, Lino, Betão, Willian e Carone formaram a equipe do América.

Depois foi a vez de Uberlândia receber o campeão mineiro de basquete no Palácio dos Esportes do UTC. O visitante, Minas Tênis Clube, levou o título estadual em 1970 e trouxe os campeões para enfrentar os atletas locais. No amistoso de basquete juvenil, o UTC venceu o adversário da capital por um placar apertado, marcando 35 a 33. Já no jogo entre adultos, a equipe uberlandense deu *show* em quadra, dominou o jogo e venceu os campeões mineiros por um placar folgado: 59 a 32! Ataulfo, Aloizio, Ricardão, Elias, Rubão, Célio, Paulinho, Fernandão, Marcão e Klélío foram os craques do UTC. Pelo Minas jogaram Ricardo, Ronaldo, Marcelo, Tito, Cláudio, Surubi e Hernani.

E teve revanche entre o Minas Tênis Clube e o Uberlândia Tênis Clube. Alguns dias depois de serem derrotadas em solos uberlandenses, as equipes de basquete juvenil e adulto de Belo Horizonte receberam os times de Uberlândia na capital mineira. O UTC viajou com a expectativa de trazer a vitória para casa, já que tinham derrotado o adversário recentemente. Doce ilusão. Os cestobolistas locais se enganaram e foram derrotados em ambas as categorias.

No fim de novembro, outro amistoso muito esperado aconteceu no Palácio dos Esportes. O UTC recebeu os quintetos juvenil e adulto do Clube Esperia de São Paulo. A equipe local ainda não tinha engolido a perda do Campeonato Mineiro de Basquete do Interior para Varginha, que havia utilizado jogadores paulistas na disputa mineira. Atletas do clube paulista jogaram para Varginha na ocasião. No jogo entre juvenis, o Esperia venceu por 56 a 54, mas na partida de adultos a vitória foi uberlandense. O time do Uberlândia Tênis Clube bateu o adversário por 50 a 48. Na partida de basquete adulto, o UTC utilizou Rubão, Fazendinha, Celinho, Ataulfo e Elias. Já o Esperia contou com Silas, Sérgio, Fernando, Ferro, Marco, Milton, Celso, Carlos e Vagner.

No ano de 1971, em meio às dificuldades com realizações de treinos, o UTC fez um amistoso com o Praia Clube. No confronto, o Uberlândia Tênis demonstrou que o seu basquete continuava sendo bom e derrotou a equipe praiana por 69 a 65. O UTC utilizou Pico, Sérgio,

Célio, Marcão, Aluizio, Rubens, Marcos e Renato. Já o Praia jogou com Ricardo, Ataulfo, Fazenda, Clério, Ricardão, Paulo, Flávio e China. Ainda naquele ano fraco para o basquete citadino, o time juvenil do Uberlândia Tênis Clube recebeu a equipe do Clube de Bagres de Franca no Palácio dos Esportes. Os locais derrotaram o time visitante por 69 a 65.

## Uberlândia como sede de eventos esportivos

Em 1972 Uberlândia foi a sede dos VII Jogos Universitários de Minas Gerais. A abertura do evento ocorreu no dia 21 de maio, com um desfile das delegações participantes: Divinópolis, Belo Horizonte, Governador Valadares, Itajubá, Itaúna, Lavras, Ouro Preto, Uberaba, Juiz de Fora, Viçosa e Uberlândia. A festa poliesportiva tomou conta da cidade. Cerca de 800 universitários representaram suas equipes na Olimpíada regional.

Os Jogos Universitários Mineiros tiveram duração de uma semana. As disputas de basquete, vôlei, tênis de mesa, tênis de campo, xadrez, natação, judô, atletismo e futebol de salão fizeram parte da programação do evento. Durante essa semana, o que se viu em Uberlândia foi o clima de esportividade tomando conta da cidade. Diversas outras cidades vieram para participar das competições. Os jogos movimentaram o ambiente citadino e levaram um grande público ao Palácio dos Esportes do UTC.

No primeiro jogo pelo basquete, os uberlandenses passaram fácil pelo time de Governador Valadares, marcando 96 pontos contra 32 dos adversários. Aloísio, Ataulfo, Célio, Fransérgio, Fazenda, Paulo Diniz, Ricardão, Miguel e Wander formaram o elenco de Uberlândia. Já Governador Valadares jogou com Júlio, Paulo, Sérgio, Robertinho, Eduardo, Hélio e Tarciso. Na sequência, os locais derrotaram Viçosa por 64 a 12. No dia da partida, a equipe de Viçosa não queria enfrentar a equipe uberlandense, alegando falta de condições técnicas para jogar com o time de casa, mas mudou de ideia e foi ao embate. Foi uma peleja nada comum. Tudo terminou com apenas dois atletas de cada time em quadra e o jogo teve que acabar antes do tempo.

Na final, Uberlândia pegou a equipe da Engenharia de Belo Horizonte. Foi um jogão! Valia o título de campeão. Os times deram o máximo em quadra e fizeram um espetáculo que os apaixonados pelo esporte da bola laranja puderam assistir de camarote. E deu Uberlândia, que venceu o adversário por 60 a 56. Os universitários uberlandenses conquistaram o título de campeão de basquete do VII Jogos Universitários Mineiros. Aliás, a cidade sede da competição foi a vencedora dos jogos, ficando em primeiro lugar da classificação geral.

A cidade de Uberlândia foi o palco da realização de eventos esportivos outras vezes. Como aconteceu em 1976, quando Uberlândia trouxe para a cidade a Taça Brasil de Basquetebol Juvenil. É que o UTC conseguiu vitórias espetaculares no campeonato mineiro e conquistou o título estadual. As performances dos mineiros nas quadras levou o então presidente da CBB,

Alberto Cury, a indicar a cidade como sede do certame. Em abril foi dada a largada de um dos maiores eventos esportivos da época em Uberlândia.

Os jogos da Taça Brasil começaram no dia 17 de abril. Participaram da competição o Olímpico Clube de Amazonas, Jaó de Goiás, Rio Branco da Paraíba, Minas Brasília Tênis Clube de Brasília, Clube Náutico de Pernambuco, Riachuelo e Automóvel Clube Fluminense do Rio de Janeiro, Jundiaí Tênis Clube e Palmeiras de São Paulo, Saldanha da Gama do Espírito Santo, A. A. Banco do Brasil do Rio Grande do Norte, Metrópole do Rio Grande do Sul e o campeão de Minas, o Uberlândia Tênis Clube.

A competição projetou Uberlândia para o cenário esportivo nacional. As disputas da V Taça Brasil de Basquetebol Juvenil foram realizadas no Palácio dos Esportes do UTC. A festa foi bonita nas quadras do Triângulo Mineiro. A animação tomou conta da cidade e o local dos jogos recebeu uma grande torcida.

O Jundiaí Tênis Clube de São Paulo levou o título da Taça Brasil e Uberlândia foi vice-campeã, fazendo uma campanha espetacular no certame. O time uberlandense superou inúmeras equipes fortes no esporte da bola laranja pelo Brasil afora. E aconteceu um episódio polêmico no fim da competição. O Náutico do Pernambuco não se conformou com o resultado e foi ao Tribunal para recorrer de uma partida do clube. Com a vitória do time na Justiça, o Náutico ficaria na segunda colocação. Coube à Justiça Desportiva decidir quem seria o campeão do certame. Antes da decisão oficial, a CBB e a FMB confirmaram o UTC como o segundo colocado da Taça. E no fim, a Justiça manteve a classificação do campeão e do vice.

Em outubro de 1977, o ginásio do UTC foi reformado. A intenção dos dirigentes do clube era sediar pela segunda vez a Taça Brasil de Basquetebol. Deu certo, pois os planos de trazer o certame para a cidade se tornou realidade. Sim, Uberlândia sediou a sexta edição do Campeonato Brasileiro de Basquete Juvenil. A competição reuniu sete equipes do Brasil: Clube Curitibano de Curitiba, Fluminense do Rio de Janeiro, Jaó de Goiânia, Minas Tênis Clube de Belo Horizonte, Motonáutica de Brasília, Pirelli de Santo André e Uberlândia Tênis Clube. O time uberlandense foi à luta e almejava conquistar o título, já que no ano anterior tinha ficado na segunda colocação. Só que não deu para o UTC. O Minas Tênis foi campeão invicto e o Uberlândia Tênis conseguiu terminar o campeonato em quarto lugar.

## **A década do basquete juvenil**

Em 1973, o Uberlândia Tênis Clube participou do Campeonato Estadual de basquete infantojuvenil e adulto em Belo Horizonte, representando o Triângulo Mineiro. O UTC conquistou a terceira colocação na classificação geral em ambos. E o ano de 1974 foi ainda melhor para o esporte da bola laranja de Uberlândia. É que a delegação de basquete juvenil da cidade foi a Belo Horizonte disputar o Campeonato Mineiro da categoria no fim de janeiro. O UTC passou fácil por Itaúna, Sete Lagoas e Formiga na fase de classificação e garantiu vaga na semifinal. Fez 64 a 43 contra Itaúna, 67 a 27 no jogo com Sete Lagoas e 54 a 37 em cima de Formiga. Depois enfrentou Varginha e venceu por 71 a 23. Na sequência derrotou Formiga novamente pelo placar de 52 a 29 e por fim bateu o Figueira de Governador Valadares por 71 a 53. O UTC saiu invicto e conquistou o título de campeão mineiro.

Nesse ano de 74, o Uberlândia Tênis Clube fez um amistoso com a equipe de Oswaldo Cruz, de São Paulo, e perdeu por 79 a 64. A equipe também foi a Franca enfrentar o time de basquete francano em abril. Ao apito final da partida, tudo igual no placar: 76 pontos para cada lado. Já em um jogo com Uberaba em 1975, a equipe juvenil de Uberlândia foi derrotada pelo Jockey Club por 76 a 24. Depois foi a vez de o Corinthians fazer um amistoso com Uberlândia. O time paulista compareceu à cidade para jogos amistosos de basquete e futebol de salão. No esporte da bola laranja, os atletas uberlandenses venceram o grande Corinthians de forma apertada: 64 a 62!

Em 1975 também foram realizados os Primeiros Jogos de Integração Regional com as modalidades de basquete, vôlei, futebol de salão, atletismo e natação. Participaram do certame as cidades de Uberaba, Jaboticabal, Franca, Batatais, Ituverava e Uberlândia. No basquete, o UTC representou a cidade e venceu Ituverava por 94 a 36, Jaboticabal por 43 a 38 e Uberaba por 65 a 50. Os resultados foram positivos para Uberlândia, que foi bem nas demais modalidades disputadas e conseguiu a liderança de todas ao longo da competição. No fim, a cidade mineira sagrou-se campeã dos Jogos de Integração Regional.

O ano de 1976 foi cheio para o basquete uberlandense. A começar pela excursão que o Uberlândia Tênis Clube fez pelo estado de São Paulo com sua equipe juvenil. A turma uberlandense partiu rumo a São Paulo em janeiro. Em terras paulistas, os mineiros estrearam jogando com o Palmeiras no Parque Antártica. Os uberlandenses já começaram a série de amistosos muito bem, batendo a Sociedade Esportiva Palmeiras por 84 a 72. O segundo adversário foi o Santo André, que também foi derrotado pelo UTC pelo placar de 62 a 50.

Uberlândia ainda venceu a equipe de SÍrio. A excursão foi vitoriosa, pois na bagagem o time juvenil só trouxe uma derrota, que foi contra o Corinthians.

Ainda no ano de 1976, a equipe do UTC foi a Belo Horizonte disputar o Campeonato Estadual de Basquete Juvenil. O time juvenil de Uberlândia conseguiu ser o campeão do interior no certame de forma invicta. Venceu Pará de Minas por 103 a 28, Juiz de Fora por 73 a 47, Lavras por 113 a 56, Patos de Minas por 90 a 43 e Alfenas por 137 a 35. Os resultados revelam que os uberlandenses deram *show* em quadra e exibiram um basquete evoluído na capital do estado.

Sendo o UTC campeão do interior, o clube ganhou a vaga na disputa pelo título do Campeonato Mineiro. Minas Tênis Clube, Mackenzie, Lavras e Uberlândia formaram o quarteto das finais da competição em Belo Horizonte. O Uberlândia Tênis Clube venceu o Mackenzie por 57 a 54. Em seguida derrotou Lavras por 94 a 58. A equipe chegou à decisão contra o Minas Tênis Clube e não decepcionou. O UTC fez bonito de novo e trouxe o título mineiro para casa, marcando 100 pontos contra 82 do adversário da capital.

Marquinho, Betinho, Clayton, Formigão, Pai-Nego, Roberto, Mauro, Fernando, Eni, Walter, Carlão e Sérgio. Esses foram os nomes dos campeões. Comandados por Moacir Dias, o Gato, os atletas juvenis conseguiram uma grande conquista para o basquete uberlandense. Pai-Nego foi, ainda, o cestinha do campeonato com 86 pontos.

Já na categoria adulto, as cidades de Uberlândia, Varginha, Lavras, Campo Belo, Siderúrgica de Sabará, Itaúna, Pará de Minas e Garfo de Governador Valadares participaram do Campeonato Mineiro do Interior. Marco Antônio, Everton, Clayton, Carlos Alberto, Pai-Nego, Roberto Lani, Fernandinho, Ênio, Carlos Alberto Sousa e Sérgio constituíram o elenco do UTC no certame. No primeiro jogo contra o Siderúrgica, Uberlândia saiu na frente e fez 87 pontos a 69. Venceu o Garfo por 93 a 66. E deu dobradinha no campeonato mineiro interiorano, pois a equipe de adultos do UTC, assim como a juvenil, conquistou o título de campeã do interior.

Como campeão do interior, o UTC disputou o título Estadual de Basquetebol Adulto com o Ginástico de Belo Horizonte. No primeiro jogo, realizado no Palácio dos Esportes, a equipe local derrotou o time de BH por 76 a 69. A segunda rodada aconteceu na capital e o Uberlândia Tênis Clube foi derrotado pelo Círculo Militar de Belo Horizonte por 71 a 64 no tempo complementar, depois do empate de 38 a 38. Na sequência, a equipe uberlandense venceu o Garfo Clube de Valadares por 107 a 69. A terceira rodada foi realizada em Uberlândia e o UTC fracassou diante do Círculo Militar perdendo pelo placar de 70 a 66. A equipe uberlandense ainda

derrotou o Ginástico por 78 a 70 e o Garfo de Valadares por 78 a 69. Porém, o campeão do certame foi o Círculo Militar, e o Uberlândia Tênis Clube conseguiu o vice-campeonato.

Já em 1977, Uberlândia sagrou-se campeã de basquete do interior mineiro e sediou a fase final do Campeonato Mineiro de Basquete Juvenil. Mais uma vez o Palácio dos Esportes foi palco para um certame de bola ao cesto. A competição foi disputada por nove equipes: Minas Tênis Clube, Olímpico e Ginástico, Ituiutaba Tênis Clube, Uberaba Tênis Clube, Garfo Clube de Governador Valadares, Bom Pastor de Juiz de Fora e Uberlândia Tênis Clube. O time do UTC, dirigido por Élcio, foi formado por Betinho, Walter, Mauro, Sérgio, Clayton, Gelatina, Marco Antônio, Formigão, Enio e Fernando. O UTC conseguiu chegar à final do campeonato mineiro junto com o Minas Tênis, Ginástico e Olímpico. Os quatro times entraram em ação para disputar a decisão do Estadual. A equipe uberlandense fracassou na grande final e ficou com o vice-campeonato. O Minas Tênis Clube levou o título, o Ginástico ficou em terceiro lugar e o Olímpico em quarto.

Nesse mesmo ano, a equipe de basquete juvenil de Uberlândia jogou com Patos de Minas e levou a melhor em quadra. Venceu o time Caiçara nos dois jogos disputados. O primeiro pelo placar de 69 a 61 e o segundo por 69 a 59. O UTC também realizou amistosos com a equipe de Pinheiros, do estado de São Paulo, em junho. Mineiros e paulistas se enfrentaram no ginásio do clube de Uberlândia. As disputas aconteceram em dois dias. No primeiro, a equipe juvenil do Pinheiros venceu os locais por 91 a 76. Já na categoria de adultos, o UTC derrotou o clube paulista pelo placar de 80 a 74. No segundo dia, os atletas locais juvenis perderam para os visitantes por 78 a 75 e os adultos ganharam pela contagem de 77 a 68.

No ano de 1978, o UTC repete o feito de sua equipe juvenil de 1976: a conquista do Campeonato Estadual de Basquete. A final do certame foi disputada em Belo Horizonte e contou com Governador Valadares, Ginástico, Olímpico, Minas Tênis Clube e Uberlândia Tênis Clube. Primeiro os juvenis de Uberlândia derrotaram a equipe de Governador Valadares por 107 a 48. Depois o UTC venceu o Ginástico pelo placar de 78 a 75. Na sequência bateu o Olímpico por 76 a 54. Na decisão a equipe uberlandense pegou o Minas e não caiu. Fez 80 pontos em cima do adversário, que marcou 71, e se tornou campeão mineiro de basquete.

O ano ficou marcado por uma visita ilustre em Uberlândia. A equipe do Flamengo veio à cidade e acabou derrotando o UTC em amistosos. O primeiro jogo ficou 85 a 76 para o time visitante e o segundo 84 a 79. O ano teve um significado especial para o esporte da bola laranja de Uberlândia. O UTC inaugurou o placar eletrônico no Palácio dos Esportes. Era um avanço para a prática do basquete na cidade.

Em 1979 o UTC conquistou o Campeonato Mineiro do Interior Juvenil e, mais uma vez, ganhou vaga na disputa da competição estadual. Na competição, a equipe uberlandense venceu o Minas Tênis por 82 a 80, depois derrotou Sete Lagoas por 64 a 53. E aí o Uberlândia Tênis Clube chegou à grande final do certame contra o Ginástico. O time que entrou em quadra foi muito bem e apenas por dois pontos de diferença acabou perdendo o jogo para o adversário pelo placar de 63 a 61. O título ficou para o Ginástico e Uberlândia conquistou o vice-campeonato Estadual de Basquetebol Juvenil.

A década de 70 foi, de longe, a década do basquete juvenil. Foi a década em que a categoria conseguiu se destacar nas disputas da modalidade. O time juvenil do UTC disputou amistosos, conquistou vitórias e trouxe títulos para a cidade. A equipe uberlandense, além de ter sido campeã mineira em 1976 e 1978, se destacou na competição nacional da categoria. Uberlândia foi até palco para o certame: a cidade sediou a Taça Brasil de Basquete Juvenil em 1976 e 1977 e a equipe do UTC conseguiu o vice-campeonato brasileiro no ano de 1976.

## Aos trancos e barrancos

A década de 1980 não ficou marcada por grandes conquistas. Mas o basquete do UTC, mesmo com as dificuldades da época, não parava. Ou quase não parava. Às vezes, a falta de verba atrapalhava os planos da equipe uberlandense. Mesmo aos trancos e barrancos, a bola laranja de Uberlândia era representada nos seletivos e competições. Quando não era o basquete adulto que dava o ar da graça nas disputas, era o infantil que agitava o universo esportivo de Uberlândia.

Em 1982, o UTC participou do seletivo para a Taça Brasil de Basquete Masculino Adulto. A disputa classificatória foi realizada em Uberlândia. O time uberlandense enfrentou o Mackenzie do Rio de Janeiro em uma série melhor de três. Como o UTC levou a melhor no duelo, acabou se classificando para o certame nacional.

Na Taça Brasil, 16 equipes entraram na briga pelo título. Os times foram divididos em 4 grupos na primeira etapa. O Uberlândia Tênis Clube ficou no grupo B, que era integrado também pelo Fluminense, Jóquei Clube de Goiás e Monte Líbano. O UTC encerrou sua participação ainda na primeira fase, já que não conseguiu avançar na competição. O campeão da Taça foi o Monte Líbano. No ano de 1983, o time adulto de basquete do UTC participou do Torneio Seletivo da Taça Brasil de Basquetebol Adulto Masculino, mas acabou não conseguindo se classificar. O mesmo aconteceu em 1984.

Em 1986, a cidade de Uberlândia sediou o Campeonato Estadual de Basquete Adulto Masculino. Uberlândia Tênis Clube, Patos Tênis Clube e Uberaba Tênis Clube representaram o interior e o América, Ginástico e Minas Tênis Clube, a capital. Na partida final da competição defrontaram-se UTC *versus* Minas Tênis Clube. Não teve jeito. O Minas dominou o jogo, derrotou o UTC e conquistou o título do Campeonato Estadual. O time uberlandense ficou com o vice-campeonato.

No ano de 1988, Uberlândia realizou a final do Campeonato Estadual de Basquete Infantil Masculino valendo o Troféu Anglo. O time do UTC triunfou. Conquistou o título na disputa contra Patos de Minas, Lavras e Olímpico de Belo Horizonte. Já o basquete masculino adulto do UTC voltou à cena em 1989, quando participou do Campeonato Estadual de Basquete. Além do time de Uberlândia, disputaram do certame as equipes de Lavras, Sete Lagoas, Atlético Mineiro, AABB, Ginástico e Minas Tênis Clube.

Primeiro, o UTC fez dois jogos contra o Atlético, em casa. No ginásio do Clube, a equipe uberlandense perdeu o primeiro embate por 93 a 88 e venceu o segundo pelo placar de 92 a 76.

O time era dirigido pelo técnico Márcio Brasileiro. Depois, o UTC jogou fora de casa e perdeu para o Ginástico pela contagem de 83 a 50. Na sequência, os uberlandenses conseguiram vitória fácil em cima de Sete Lagoas por 95 a 43.

O Uberlândia Tênis Clube jogou, ainda, com a AABB de Belo Horizonte. Só que o time acabou perdendo nos últimos 7 segundos da partida para a AABB. Segundo uma matéria publicada no *Correio de Uberlândia*, a equipe local foi derrotada graças ao árbitro. Isso mesmo! O jogo estava empatado por 75 a 75. Aí, na última jogada, o mesário apitou, decretando o fim da partida. No lance, o jogador da equipe de Belo Horizonte marcou dois pontos, mas quando a bola passou pela cesta o apito final já tinha tocado. Mesmo assim, o árbitro deu a cesta como convertida e ainda concedeu um lance livre para a AABB. Assim, a partida com o final polêmico terminou 78 a 75 para o time da capital.

Já no jogo entre o UTC e Lavras, os uberlandenses venceram por 96 a 82, sem polêmica, sem nada, só mostrando o bom basquete do time. E desse jeito terminou o primeiro turno da competição com três vitórias e três derrotas. No retorno do certame, o UTC bateu o Ginástico por 110 a 106. Depois jogaria com Sete Lagoas, mas o time não compareceu para a partida. O UTC não conseguiu classificar para as finais do campeonato, mas destacou-se entre as equipes do interior.

Naquele ano de 1989, o UTC tinha pela frente a disputa do seletivo para o torneio brasileiro do esporte da bola laranja. Do seletivo iriam sair os times classificados para o Campeonato Nacional de Basquete Masculino de 1990. O campeonato veio para substituir a então Taça Brasil de Basquete. Era a primeira edição do novo formato da competição entre os melhores clubes do Brasil.

O time do UTC era formado por Fernandinho, Everson, Guilherme, Rubão, Mário, Cássio, Rodrigo, Dereck, Reinaldo, Júlio, André Machado e Felipe. A equipe iria disputar o seletivo. Iria, mas a falta de recursos entrou em jogo e tirou o time de Uberlândia da fase de classificação para o Campeonato Nacional. O clube não tinha recursos para custear os gastos da participação da delegação uberlandense na etapa classificatória, como viagens, alimentação e hospedagem. Sem grana para arcar com as despesas, as autoridades do UTC tentaram recorrer a empresários da cidade e da região, mas foi em vão. Somente com o patrocínio do colégio Anglo, não deu para a turma do basquete de Uberlândia participar.

## O UTC e o Campeonato Nacional de Basquete

Em 1990, o UTC participou do Campeonato Estadual Masculino Adulto. A equipe de Uberlândia foi a melhor do primeiro turno, classificando sem problemas para a segunda fase do certame. Na primeira etapa, o UTC venceu Sete Lagoas, a AABB, o Minas Tênis Clube, o Ginástico e o Sport Club de Juiz de Fora. O time só perdeu para o Atlético/Mackenzie. Na semifinal, o Uberlândia Tênis Clube jogou com o Minas Tênis e ganhou por 88 a 85. Depois foi batido pelo Atlético por 61 a 56. Os uberlandenses conquistaram o terceiro lugar na competição e ficaram classificados para participar do seletivo do Campeonato Nacional de Basquete do ano de 1991.

Por falar em Campeonato Nacional, o ano de 1990 marcou o início do novo formato da competição brasileira do esporte da bola laranja. Foi o ano de estreia do Campeonato Nacional de Basquete Masculino que substituiu a Taça Brasil. Doze equipes entraram na disputa pelo título da primeira edição do certame: Franca, Lwart-Lwarcel, C. A. Monte Líbano, C. A. Sírrio, C. A. Pirelli, EC Ginástico, Minas Tênis Clube, Atlético Mineiro, Vasco da Gama, Flamengo, Sogipa e AABB/DF. O time de Franca foi o grande campeão da temporada.

Um ano depois, em 1991, acontecia a segunda edição do torneio. E não é que teve participação uberlandense no II Campeonato Nacional de Basquete Masculino? O UTC entrou na briga pelo troféu da competição junto com Franca, C. A. Pirelli, S.E. Palmeiras, Rio Claro, Ipê/Perdigão/Soler, EC Ginástico, Minas Tênis Clube, Corinthians Sport Clube de Santa Cruz do Sul, Sogipa e Jóquei Clube de Goiás. Era a primeira vez que o basquete uberlandense chegava à disputa nacional com seu quadro masculino adulto. Fernandinho, Amilton, Rubão, Feitosa, Mário, Marcão, Guilherme, André, Derick, César, Júlio e Jairo formaram o elenco do UTC e Márcio Brasileiro dirigiu o time.

A competição foi realizada entre os meses de janeiro e abril de 1991. A primeira fase do Campeonato Nacional foi dividida em duas chaves. O Grupo A formado pelo UTC/Uberlândia, Palmeiras, Pirelli, Minas Tênis Clube e Sogipa e o Grupo B composto por Franca, Jalles, Ginástico, Corinthians de Santa Cruz do Sul, Rio Claro e Jóquei. Na disputa, os times de cada chave jogaram entre si em turno e retorno.

Na abertura da competição, o UTC enfrentou o C.A. Pirelli em São Paulo. Fora de casa, a equipe de Uberlândia foi derrotada por 112 a 80. Em seguida, teve um encontro tipicamente mineiro no Nacional. Uberlândia Tênis Clube *versus* Minas Tênis Clube. Só que o Minas levou a melhor, jogando no ginásio do UTC e venceu o time uberlandense pelo placar de 105 a 62.

Depois, o UTC foi a Porto Alegre e perdeu para Sogipa pela contagem de 109 a 86. Os uberlandenses caíram, ainda, jogando em casa, diante do Palmeiras pela contagem de 108 a 72, fechando o turno com quatro derrotas.

No retorno, a equipe de Uberlândia pegou o C. A. Pirelli, no ginásio do UTC, e mais uma vez perdeu por 102 a 78. Na sequência, o encontro mineiro se repetiu. Em Belo Horizonte, o UTC foi batido pelo Minas por 76 a 69. Depois o time uberlandense jogou com o Sogipa, em Uberlândia, e venceu pelo placar de 73 a 67. Essa foi a única vitória do UTC no certame, já que a equipe fechou a fase de classificação com uma derrota para o Palmeiras por 122 a 86 na casa do adversário. Com sete derrotas e apenas uma vitória, o Uberlândia Tênis Clube não avançou para as quartas de final e encerrou a sua participação no Campeonato Brasileiro em décimo primeiro lugar. Franca ficou com o título da competição, tornando-se bicampeã, e o Ipê/Perdigão/Soler levou o vice-campeonato. Corinthians Sport Clube, da Santa Cruz do Sul, ficou com a terceira colocação.

No ano seguinte, o UTC fez o seletivo para o 3º Campeonato Nacional de Basquete Masculino de 1992. A fase classificatória para a competição brasileira foi realizada no ginásio do clube. Quatro equipes se classificaram para o torneio: Minas Tênis, Sogipa, UTC e Jóquei Clube. Na primeira fase do Campeonato Nacional, o UTC enfrentaria o Corinthians de Santa Cruz do Sul, Sogipa, Rio Claro, Sírío e Remo de Belém do Pará. Enfrentaria. O time de Uberlândia acabou não participando da competição por falta de patrocínio. Mas a terceira edição do certame aconteceu e o time de Rio Claro foi o campeão, o Ipê/Banespa foi vice e Franca ficou com a terceira colocação.

Em 1993 não houve o Seletivo para o 4º Campeonato Nacional de Basquete Masculino. Assim, o UTC nem teve como tentar a classificação para o certame. O campeonato foi realizado de fevereiro a abril daquele ano. Na ocasião, Franca conquistou o tricampeonato, Ipê/Banespa conseguiu o vice-campeonato e Rio Claro terminou na terceira colocação.

O ano de 1994 marcava a realização do 5º Campeonato Nacional de Basquete Masculino, entre os meses de janeiro e abril. O Corinthians de Santa Cruz do Sul, que era dirigido pelo Ary Vidal naquela temporada, sagrou-se campeão. Franca levou o vice-campeonato e Rio Claro conquistou o terceiro lugar.

O ano ainda reservou uma conquista para o basquete de Uberlândia. É que a Associação de Paraplégicos de Uberlândia (Aparu) levou o título do Campeonato Brasileiro da segunda divisão de basquete sobre cadeiras de rodas. A competição aconteceu em Vitória, no Espírito Santo, entre os dias 21 e 25 de setembro.

Depois, foi a vez do 6º Campeonato Nacional de Basquete Masculino. A competição começou a ser disputada em agosto de 1994 e se estendeu até abril de 1995. 21 equipes participaram da competição: Sírio, Rio Claro, Sabesp/Franca, Dharma/Yara/Franca, Telesp Clube, Suzano, Palmeiras, Guarú, Ipê/LA Gear, Nosso Clube/Lua, Pinheiros, Ginástico, Uberlândia Tênis Clube, Minas Tênis Clube, Flamengo, Liga Angrense, Tijuca, C. E. E. Friburgo, S.E. Akros, Corinthians de Santa Cruz do Sul e Ponta Grossa.

A equipe do UTC foi formada pelos jogadores Rubão, Cássio, Dereck, Siderlô, Pai-Nego, Everson, Fernandinho, Luiz Carlos e Angelo Junior, Marcão, Paulão, Maurão, Paulo Santiago e Lovell Doyle. O técnico Ângelo Nunes Dias começou a dirigir o time, mas no decorrer do torneio ele foi demitido e Guilherme Kroll passou a comandar o UTC. Rio Claro foi o campeão da temporada 1994/1995, o time de Dharma/Yara/Franca foi vice-campeão e o Ypê/LA Gear ficou com a terceira colocação. O Uberlândia Tênis Clube terminou a competição em 20º lugar, na frente, apenas, do Ginástico. A equipe uberlandense fez 20 jogos, dos quais somou 19 derrotas e 1 vitória.

Naquele ano de 1995, a equipe juvenil do UTC, dirigida pelo técnico Guilherme Kroll, conquistou o Campeonato Mineiro do Interior, em Juiz de Fora. O time de Uberlândia venceu o Olímpico de Juiz de Fora por 67 a 60, a Caldense por 72 a 57, Lavras pelo placar 96 a 69, Coromandel por 99 a 74 e Valério de Itabira pela contagem de 87 a 79.

Em 1996, o Campeonato Nacional de Basquete Masculino chegou a sua sétima edição. Na competição que foi realizada de janeiro a maio, o Corinthians/Amway de São Paulo conquistou o título, o Corinthians/Pony de Santa Cruz do Sul conseguiu o vice-campeonato e o Rio Claro ficou com a terceira colocação.

Nesse ano de 1996 a Confederação Brasileira de Basquete (CBB) criou a Liga B. Na época, o técnico Guilherme Kroll montou uma associação de jogadores de basquete em Uberlândia e a equipe decidiu participar da competição. O time uberlandense adotou o nome de Grife Esporte. O nome Grife veio da academia do treinador Guilherme Kroll. A liga B contou com a participação de 10 equipes, divididas em duas chaves. As duas mais bem classificadas garantiam vaga na Liga A do ano seguinte. No Grupo do UTC, estavam, além do time de Uberlândia, Londrina, Blumenau, Tijuca e Fluminense. As equipes jogaram entre si em turno e retorno. Não existem muitas informações a respeito dessa Liga B, o que o *Correio de Uberlândia* divulgou foram alguns jogos realizados pelo UTC e que o clube terminou em terceiro lugar do seu grupo.

Já em 1997, entres os meses de janeiro e abril, foi realizado o 8º Campeonato Nacional de Basquete Masculino. Franca foi a grande campeã da competição. O Corinthians de Santa Cruz do

Sul sagrou-se vice-campeão e o Corinthians de São Paulo conseguiu o terceiro lugar. Nesse ano de 1997, o UTC participou pela primeira vez do Campeonato Mineiro de Basquete Feminino categoria juvenil, mas foi eliminado ainda na primeira fase. A equipe uberlandense perdeu para o Mamoré de Patos de Minas por 56 a 54 e para o Patos Tênis Clube pelo placar de 66 a 32. No mesmo ano, o time de basquete sobre cadeiras de rodas da Aparu conquistou o Campeonato Brasileiro da segunda divisão pela segunda vez em sua história.

## 1998: Nasce um campeão

Na cidade onde o basquete já tinha feito história na década de 30 e 60, havia um sonho ainda não concretizado: ter uma equipe profissional de basquete masculino adulto na Liga Nacional de Basquete. Em 1998, a diretoria da então Unit (Centro Universitário do Triângulo), do Grupo Salgado de Oliveira, buscava parceria para montar o time em Uberlândia. O projeto foi desenvolvido com o apoio da Futel (Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer). Na época, Lione Gargalhoni, o velho conhecido do esporte da bola laranja de Uberlândia, campeão da Alta Mogiana em 1961 e campeão mineiro de 1963, era o diretor da fundação e ajudou a tirar a ideia do papel.

Em julho daquele ano, Lione foi ao Rio de Janeiro para conversar com Ary Vidal e com diretores do Grupo Salgado de Oliveira para concretizar o desejo de se formar um grande time do esporte de bola ao cesto em Uberlândia. A diretoria da antiga Unit investiu pesado e em agosto de 1998 o sonho se tornou realidade. O projeto deu certo graças a Wellington Salgado, o dono do Grupo, que se tornou o presidente do time. A Futel, então, entrou com a infraestrutura para treinamentos e jogos e ficou por conta da universidade arcar com os custos do time.

Surgia naquele ano a primeira equipe profissional de basquete da cidade. Com a mascote Lobo Guará, o time levou o nome fantasia da universidade patrocinadora: Unit/Uberlândia. Fantasia porque a Razão Social era UTC (Uberlândia Tênis Clube). O clube se designava Unit até o fim de 2004 e a partir de 2005 passou a se chamar Unitri. A troca aconteceu porque a universidade que o mantinha teve que alterar sua denominação. É que uma instituição universitária de Sergipe, também Unit, entrou com uma ação contra o estabelecimento de Uberlândia devido ao uso do termo. E aí houve a alteração na sigla do Centro Universitário do Triângulo e, por consequência, do time de basquete. Aqui vamos nos referir ao conjunto da bola laranja de Uberlândia por Unitri ou Unitri Uberlândia. Mas é bom lembrar que o quadro também ficou conhecido em todo o Brasil por Uberlândia Basquete.

À frente do primeiro elenco do Unitri um nome daqueles: Ary Vidal! Ele mesmo, em carne e osso. Um grande treinador no universo da bola laranja. Ary tinha sido técnico da Seleção Brasileira de Basquete e de diversas equipes pelo Brasil afora e no currículo trazia títulos importantes. “O Ary Vidal era o nome de destaque no Brasil, como técnico de seleção brasileira, então, quando ele veio pra cá, nós tivemos essa felicidade de começar justamente com um técnico

de renome internacional. Ele foi muito bom pra iniciar o basquete na cidade, trouxe muito movimento, muitos jogadores de fora”, lembra Cardoso, o mordomo da equipe por 17 anos.

Ary Ventura Vidal, conhecido como Ary Vidal, nasceu em 28 de dezembro de 1935 e morreu no dia 28 de janeiro de 2013. Natural do Rio de Janeiro, ele começou sua carreira como treinador de basquete em 1959, comandando o Tijuca Tênis Clube. De lá em diante, a carreira deslanchou. E teve vida longa. Ary dirigiu a Seleção Brasileira de Basquete Masculino e conseguiu grandes triunfos com o selecionado: foi medalha de bronze no Mundial de 1978 (Filipinas), bronze nos Jogos Pan-Americanos de 1979 (San Juan), ouro nos Jogos Pan-Americanos de 1987 (Indianópolis), ouro no Pré-Olímpico das Américas de 1988 (Uruguai) e bronze nos Pan-Americanos de 1995 (Mar Del Prata).

E tem mais! O treinador foi campeão Sul-Americano com a seleção do Brasil em 1977 (Chile) e 1985 (Colômbia), vice-campeão em 1979 (Argentina) e medalha de Bronze em 1987 (Paraguai) e 1995 (Uruguai). Conquistou, ainda, o quinto lugar da modalidade nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988 (Coreia) e sexta colocação nas Olimpíadas de Atlanta em 1996 (Estados Unidos). O treinador também comandou a Seleção Adulta Feminina, conquistando o título do Campeonato Sul-Americano de 1965.

Pelos clubes brasileiros, Ary Vidal, além do Tijuca, dirigiu o Flamengo, o Fluminense, o Vasco da Gama e o Angra dos Reis do Rio de Janeiro, o Clube do Remo do Pará, o Sírio de São Paulo, o Corinthians de Santa Cruz do Sul – pelo qual foi campeão brasileiro em 1994 –, o Minas Tênis Clube de Minas Gerais e aí chegou em Uberlândia em 1998 para iniciar os trabalhos da recém-criada equipe. Depois, foi técnico do Sport Club Recife.

Desde o início, o intuito de Ary era formar um elenco forte com jogadores de expressão nacional e trazer, ainda, americanos. O objetivo? Disputar o Campeonato Mineiro já em 1998 e conquistar a vaga para a Liga Nacional em 1999. Mais do que isso. A ideia era fazer o Unitri ser uma equipe renomada no cenário nacional. Na ocasião, Ary Vidal revelou esse desejo ao jornal *Correio de Uberlândia*: “Está provado que o basquete é viável e nossa intenção é fazer aqui um time forte que com certeza será conhecido em todo país”. Falou e disse! Ary já previa o futuro da nova equipe de Uberlândia. O Brasil estava prestes a conhecer uma potência do esporte da bola ao cesto.

Marck Brown, Dedé, Rodrigo, Alessandro, Fernando Minucci, Gastão, Jonathan Robert, Luiz Felipe, Cadum, Juliano, Roberto, Kleber, Ricardo, Humberto, Fióra e os uberlandenses Todão e Pai-Nego formaram o primeiro time do Unitri Uberlândia. A comissão técnica foi constituída por profissionais que já tinham passado pelo UTC: os auxiliares Guilherme Pires e

Elcio (Tiúra), os supervisores Fernandinho e Luisão, o preparador físico Fábio Soares (Brutus), o médico Abelardo Testa Penna Júnior, o fisioterapeuta Vinícius Emanuel e o mordomo Giuseppe Urzeta, conhecido como Cardoso.

Foi em clima de festa que aconteceu a apresentação oficial da nova equipe de basquete à imprensa. Os dirigentes do time organizaram um coquetel para a ocasião no dia 31 de agosto, data de aniversário da cidade de Uberlândia. Já a torcida teve que esperar um pouco mais para ver ao vivo e a cores o elenco do Unitri, já que o time entrou em quadra pela primeira vez em Belo Horizonte, no Torneio Início do Campeonato Mineiro realizado no fim do mês de setembro.

O Torneio Início significou a estreia do Unitri nos campeonatos de basquete. A primeira disputa trouxe também o primeiro troféu para o recém-criado time de basquete de Uberlândia. A competição, com duração de três dias, aconteceu na capital mineira e contou com a participação do Minas Tênis Clube, Olympico, Ginástico e Unitri. O certame era o primeiro teste do novo time. O Unitri passou! A equipe uberlandense venceu os três confrontos que jogou e se tornou campeã invicta (venceu o Ginástico por 81 a 65, o Minas Tênis por 98 a 85 e o Olympico pelo placar de 109 a 62). Além da conquista, o Unitri garantiu vaga para a Copa Centro-Oeste. Na época, Ary Vidal afirmou que outros títulos viriam. E não é que vieram mesmo! Esse era só o começo de uma caminhada rumo ao primeiro lugar no basquete nacional.

O Unitri só jogou diante do público uberlandense pela primeira vez em outubro de 1998, na Copa Cidade de Uberlândia de Basquete. A competição, realizada no UTC, marcou oficialmente a apresentação da equipe à torcida de Uberlândia. A disputa contou com a participação das seleções de Minas Gerais e Brasília, o campeão metropolitano brasileiro – o APCEF – e o Unitri. O Unitri já começou o torneio massacrando o adversário em quadra. Fez 109 a 58 sobre a Seleção de Brasília. Depois derrotou o APCEF por 107 a 75, e, por fim, ganhou da Seleção Mineira sub-22 por 85 a 54. As três vitórias em casa garantiram mais um troféu para a equipe. Naquele ano de estreia do Unitri, o Pivô Todão, que fazia parte do elenco, foi convocado para a Seleção Mineira categoria sub-22 e junto com a equipe conquistou o título brasileiro.

Depois da bela estreia no Torneio Início, o Unitri se tornou o favorito ao título do Campeonato Estadual de Basquete Masculino Adulto. Inicialmente, a competição teria a participação de quatro equipes: Unitri, Minas Tênis Clube, Ginástico e Olympico. Porém, na véspera do início da competição o Olympico desistiu da disputa. Só que a programação dos jogos já tinha sido divulgada pela Federação Mineira de Basquete (FMB). As partidas do time desistente foram consideradas como WO e os pontos, computados para seus adversários.

A primeira fase do torneio foi aberta no dia 20 de novembro e teve o ginásio do Uberlândia Tênis Clube como palco. Jogando em casa, o Unitri começou bem no Campeonato Estadual e venceu os dois jogos que disputou. A equipe uberlandense bateu o Minas Tênis pela contagem de 84 a 58 e o Ginástico por 100 a 74. Depois, o time foi a Belo Horizonte disputar o retorno do Campeonato Mineiro. Na capital, o Unitri derrotou o Ginástico por 103 a 84 e na sequência ganhou do Minas por 78 a 54.

Em primeiro lugar na fase de classificação, o Unitri avançou para a final do campeonato. Na disputa pelo título com a equipe comandada por Ary Vidal lá estava o Minas Tênis. A série melhor de três partidas determinaria o campeão de 1998. O Unitri era favorito. No primeiro jogo da final, foi a Belo Horizonte e venceu o time da capital. Depois em Uberlândia, o Unitri fez 82 a 70 em cima do Minas e se tornou campeão invicto do certame mineiro. Sim, o Unitri provou que era o melhor de Minas Gerais.

“Em 1998, quando a Unitri pela primeira vez ganhou, foi uma emoção grande, porque primeiro a gente tava acostumado a apanhar de Belo Horizonte no futebol, [pelo] Cruzeiro e Atlético. Então, a gente em 98 teve um título mineiro, um título estadual que pra nós também foi emocionante”, relembra o radialista Luiz Humberto Lara, que narrava os jogos do time uberlandense. “A torcida fez uma festa danada”, completa. A conquista tinha um sabor mais que especial. Garantia a tão sonhada vaga para a Liga Nacional de 1999. Esse foi o primeiro título estadual da equipe, mas era o segundo do basquete de Uberlândia, que tinha conquistado o seu primeiro em 1963 com o UTC.

O Unitri ainda disputou a Copa Centro-Oeste de Basquete com as equipes de Ulbra/Tocantins, Esporte Cuniã/RO e o APCEF/Brasília. A fase de classificação da Copa foi dividida em dois circuitos, um realizado em Uberlândia e o outro, em Palmas. Nos jogos disputados em Uberlândia, o Unitri, diante da torcida, fez bonito e venceu todos os duelos. Bateu o Cuniã/RO pelo placar de 91 a 34, o Ulbra/Tocantins por 124 a 37 e o APCEF/Brasília por 76 a 52. Na segunda rodada, a equipe de Uberlândia deu *show* em quadra novamente e, dessa vez, fora de casa. Mais três jogos. Mais três vitórias. E, claro, a classificação para o quadrangular final sem nenhuma derrota sequer. O Unitri venceu o Cuniã por 134 a 49, o Ulbra/Tocantins por 132 a 47 e o APCEF/Brasília por 89 a 56.

Invicto, o Unitri foi para o quadrangular final da Copa Centro-Oeste de Basquete em Brasília. Na disputa, além da equipe de Uberlândia, estavam o Vizinhança de Brasília, APCEF/Brasília e o Minas Tênis de Belo Horizonte. O Unitri venceu a competição, conquistou

mais um título para sua coleção e ganhou o direito de participar da Supercopa Caixa de Clubes, que reunia os campeões das regiões Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte.

Na final da Supercopa, o Unitri/Uberlândia (campeão da Copa Centro-Oeste), o São José/Amapá (campeão da Copa Norte), o Saldanha da Gama/PE (campeão Copa Nordeste) e o Ulbra/Porto Alegre (campeão da Copa Sul) se enfrentaram. O time uberlandense venceu as três partidas que realizou. Ganhou do São José/Amapá (93 a 67), do Saldanha da Gama-PE (69 a 62) e do Ulbra/Porto Alegre (89 a 83). E, assim, os comandados de Ary Vidal terminaram o ano com mais uma conquista. Levaram o título da Supercopa. O Unitri fechou o ano com chave de ouro, afinal a temporada de estreia da equipe rendeu cinco títulos para o basquete de Uberlândia.

## O início de mais um sonho

Janeiro de 1999 chegou e com ele o início da realização de um sonho. O Unitri iria disputar pela primeira vez o Campeonato Nacional de Basquete Masculino. Era a décima edição do torneio. Mais uma contratação foi efetuada para a temporada. O pivô Robert, que defendia o Tijuca do Rio de Janeiro, chegou ao time para disputar o certame nacional. COC/Ribeirão Preto, Mackenzie, Franca, E. C. Pinheiros, Santo André, Mogi, Unitri/Uberlândia, Botafogo FR, Flamengo, CR Vasco da Gama, Tilibra/Bauru, RBM/Corinthians de Santa Cruz do Sul, Ulbra/Porto Alegre e Grêmio Londrina entraram na disputa do torneio brasileiro.

A estreia do Unitri foi contra o Pinheiros, em São Paulo, e teve um gostinho de derrota. É que o time de Uberlândia perdeu para os paulistas por 85 a 80. No segundo jogo fora de casa, mais uma derrota. A equipe de Uberlândia caiu diante do Bauru/Tilibra por 80 a 74. Na sequência jogou em casa, embalada pela torcida, que compareceu ao UTC para ver o time de Uberlândia na disputa pelo Nacional. Contra o Mackenzie, que liderava a competição e tinha a grande atração do basquete na equipe – Oscar Schmidt –, o Unitri vacilou novamente e somou sua terceira derrota consecutiva por 96 a 92.

A primeira vitória uberlandense na Liga veio no jogo contra o Ulbra de Porto Alegre. O Unitri passeou em quadra, jogando em casa, e venceu por 102 a 75 o adversário. Depois venceu o Corinthians do Rio Grande do Sul por 80 a 69, mas na sequência foi derrotado pelo Londrina por 71 a 66. Após a derrota, o jogador americano Jonathan Robert foi dispensado da equipe em razão de problemas familiares. Fióra também deixou a equipe para se dedicar a sua faculdade no Rio de Janeiro. O Unitri, ainda, caiu diante de Franca, jogando em casa, por 116 a 85. Mais tarde, jogando no ginásio do UTC com o apoio da torcida, o time reabilitou-se ao vencer de virada a equipe de Ribeirão Preto/COC por 93 a 87. Para dar continuidade aos trabalhos no Campeonato Nacional, mais dois atletas foram contratados: o pivô americano Jamal Marques Bragg, que já tinha jogando na NBA, e o ala Luís Felipe, que havia jogado pela seleção brasileira.

Depois, o Unitri perdeu para o Flamengo por 84 a 78, venceu o Santo André por 90 a 86, mas na sequência foi batido pelo Botafogo por 117 a 112. Na derrota para o Botafogo, um torcedor atirou uma bola de plástico no final do jogo e causou tumulto na partida. O time uberlandense vencia o adversário por 98 a 97, mas nos últimos segundos a bola de plástico arremessada na quadra deu uma reviravolta. O Botafogo cobrou o cumprimento do regulamento, que tem como regra a punição de dois lances livres e a posse de bola para o outro time quando a torcida de uma certa equipe joga objetos na quadra. E aí a confusão estava armada! Foram mais

de 40 minutos de paralisação até que o árbitro penalizou o Unitri. O Botafogo converteu apenas um dos dois lances livres a que teve direito. 98 a 98 era o placar final e a decisão do confronto foi para a prorrogação. Nos cinco minutos dos acréscimos, os uberlandenses não se encontraram no jogo e acabaram perdendo por cinco pontos de diferença. Ah, se não fosse aquela bola de plástico! O resultado poderia ter sido outro. Poderia, mas não foi. O incidente ainda ocasionou em uma multa de R\$ 7 mil para o clube, devido à punição aplicada pela CBB. Depois o Unit foi derrotado pelo Vasco por 92 a 81 no último jogo do primeiro turno do Campeonato. O time fechou o turno em décimo primeiro lugar.

No retorno do campeonato, o Unit pegou o Pinheiros e venceu pelo placar de 118 a 91. Na sequência, perdeu para o Bauru por 90 a 86, para o Mackenzie por 110 a 102 e para o Ulbra de Porto Alegre pela contagem de 100 a 89. Depois, o time de Uberlândia venceu o Corinthians/RBM por 93 a 82, o Londrina/Aguativa por 104 a 95, Franca por 83 a 82 e Ribeirão Preto pelo placar de 89 a 86. Ainda no retorno, perdeu para o Mogi na prorrogação por 97 a 91, mas ganhou do Flamengo em seguida pela contagem de 93 a 89. Derrotou o Santo André por 105 a 92 e caiu diante do Botafogo pelo placar de 81 a 73. Na partida decisiva do segundo turno da competição, o Unitri caiu diante do Vasco por 105 a 93. E foi com essa derrota que o time de Uberlândia se despediu da competição.

O Unitri terminou o Campeonato Nacional em nono lugar e para se classificar para as quartas de final precisava ter conseguido ficar entre os oito primeiros colocados. Na sua primeira campanha no Campeonato Brasileiro, o time uberlandense fez 37 pontos: dos 26 jogos disputados, a equipe somou 11 vitórias e 15 derrotas. O campeão da décima edição do Campeonato Nacional de Basquete Masculino foi o time de Franca.

Depois da disputa da Liga Nacional, os dirigentes do Unitri já começaram a pensar nos reforços da equipe para a próxima temporada, a de 1999/2000. O técnico Ary Vidal passou a coordenar a equipe e Milton Cetrini, o Carioquinha, tornou-se o novo técnico do Unitri. Para ser o novo supervisor, o uruguaio Fernando Larralde foi contratado. Fernando Larralde chegou em 1999 e permaneceu na função até 2015, quando o Unitri encerrou suas atividades. Quanto ao elenco, o armador Marc Brown e o ala Dedé permaneceram no time. O pivô Macetão chegou para fazer parte da equipe ainda na disputa do Nacional. Os pivôs Telmo, Vagnão e Luisão e os alas Cambraia e Douglas foram contratados para a nova temporada. O pivô Maurão e o ala Clark também acertaram com o Unitri.

Com o time pronto para a temporada, o Unitri tinha pela frente o Torneio Início do Campeonato Mineiro. A competição entre o Unitri, o Minas Tênis e o Ginástico aconteceu em

solo uberlandense. E foi no ginásio do UTC que o time de Uberlândia conquistou o título do Torneio Início e ficou com a vaga mineira para a Copa Centro-Oeste de 1999.

O primeiro circuito da Copa Centro-Oeste foi realizado em Porto Velho. O Unitri disputou três jogos e saiu vitorioso em todos eles: ganhou do Cesarim/Rondonópolis pelo placar de 90 a 48, do Dom Bosco por 114 a 47 e do Ypiranga pela contagem de 82 a 45. A segunda fase aconteceu em Rondonópolis e, de novo, o time uberlandense ganhou facilmente dos adversários. Bateu o Cesarim por 111 a 62, o Dom Bosco por 113 a 44 e o Ypiranga por 104 a 39. O Unitri venceu, ainda, a terceira etapa da Copa, batendo o Dom Bosco por 127 a 47, o Ypiranga por 121 a 55 e o Cesarim pelo placar de 178 a 49. Na final, o time de Uberlândia jogou em Brasília e venceu o Dom Bosco por 116 a 39, o Acreano por 146 a 55 e o Minas Brasília por 93 a 69. Com o feito, o Unitri se tornou bicampeão da Copa e se classificou para a Supercopa Caixa de Basquete.

Terminada a Copa, foi a vez de disputar o Campeonato Estadual Adulto. Pelo certame mineiro quatro times se enfrentaram: Unitri e Praia Clube, de Uberlândia; e Ginástico e Minas, de Belo Horizonte. Foi a primeira vez na história que duas equipes de Uberlândia participaram da competição. Aliás, a participação do Praia se deu em razão de um convite feito pela equipe do Unitri, que temia a não realização do campeonato devido à falta de times.

No primeiro turno do Campeonato Mineiro, o Unitri derrotou o Minas Tênis por 89 a 73, o Ginástico por 92 a 67 e o Praia Clube por 113 a 56. No segundo turno Unitri e Praia se enfrentaram. O Unitri bateu o adversário uberlandense por 100 a 72 e também venceu o Ginástico pelo placar de 100 a 75 e o Minas Tênis por 95 a 58. Já o Ginástico derrotou o Praia por 92 a 83 e o Minas por 77 a 72. Assim, o Unitri e o Ginástico foram para a decisão do campeonato. Primeiro o time de Uberlândia derrotou o Ginástico em Belo Horizonte por 111 a 90. O segundo embate foi disputado em casa, no ginásio Homero Santos do UTC. A torcida se fez presente. Cerca de 1500 pessoas foram assistir de pertinho ao duelo entre o Unitri e a equipe da capital. Nem foi preciso de um terceiro jogo, porque o Unitri bateu o Ginástico na segunda partida por 93 a 74 e se tornou bicampeão mineiro. Com a conquista o time garantiu vaga na disputa da Liga Nacional de 2000.

Depois do Campeonato Mineiro, o jogador norte-americano Kenneth foi contratado. O Unitri tinha mais uma missão naquele ano: disputar a SuperCopa Caixa de Basquete. Participaram da competição as equipes campeãs das Copas Norte (Macapá/AP), Nordeste (Sport Recife/PE), Sul (Londrina/PR) e Centro-Oeste (Unitri/Uberlândia). O time mineiro era o favorito ao título da SuperCopa e não decepcionou. Conquistou invicto o bicampeonato do certame.

## Um degrau por vez

A segunda participação do Unitri na Liga Nacional foi em 2000. Era o 11º Campeonato Nacional de Basquete (CNBM). COC/Ribeirão Preto, Franca, Mogi, Casa Branca, Barueri/Vasco, Hebraica, Unitri, Botafogo, Flamengo, Vasco da Gama, Ipiranga, RBM/Corinthians, Bauru e Londrina participaram da disputa. Fúlvio, Hélio, Dedé, Paulo, Wagnão, Telmo, Kenneth, Luizão, Douglas, Macetão, Cambraia, Charles, Júlio, Marc Brown formaram o elenco do Unitri para o torneio nacional. E no comando do time, Milton Cetrini, o Carioquinha.

A equipe uberlandense começou o primeiro turno do campeonato em grande estilo. Jogou no UTC, no dia 30 de janeiro, contra o RBM/Corinthians. O ginásio ficou lotado para a estreia do time no Campeonato Nacional. Poucos minutos antes do início do jogo, a entrada do UTC ficou congestionada de tanta gente querendo entrar. Nas arquibancadas, tinha gente de todas as idades empurrando o time com gritos de apoio e vaias para o adversário. Foi nesse clima de festa que o Unitri venceu o RBM/Corinthians pelo placar de 96 a 78.

No segundo jogo, Unitri *versus* Franca, e o ginásio Homero Santos superlotado. Só que a equipe uberlandense não obteve um resultado positivo e perdeu por 93 a 83. Na sequência, ainda jogando em casa, o time uberlandense ganhou de Bauru pela contagem apertada de 86 a 83. Em seguida, atuou fora, com o COC/Ribeirão Preto e foi derrotado por 99 a 88. A partida teve a presença da torcida organizada Inferno Verde, que viajou para acompanhar o time em terras paulistas. Aproximadamente 150 componentes da Inferno Verde marcaram presença em Ribeirão Preto e fizeram muito barulho no ginásio do adversário do Unitri. Depois, a equipe de Uberlândia perdeu para o Mogi/Valtra por 90 a 78.

Na sexta rodada do Campeonato, o Unitri pegou o Flamengo de Oscar Schmidt. A equipe carioca estava invicta, mas o time de Uberlândia, embalado com a vibração da torcida, deu *show* em quadra e conseguiu quebrar a invencibilidade do time carioca: 122 a 103 marcou o placar final a favor do Unitri. Na sequência, mais uma vitória para o basquete local que fez 87 a 75 em cima do Londrina. O time ainda venceu o Botafogo por 100 a 93 e perdeu para o Vasco por 107 a 93. Voltou a ganhar no jogo contra o Casa Branca pelo placar de 94 a 90 e também bateu o Hebraica por 98 a 86 e o Ipiranga pela contagem de 91 a 67, mas, fechando o primeiro turno, o Unitri perdeu para o Barueri/Vasco por 83 a 81.

No retorno, a equipe de Uberlândia enfrentou o RBM/Corinthians em Santa Cruz do Sul e saiu vitorioso, marcando 92 a 85 em cima do adversário. Em seguida, venceu o Franca por 97 a

89, foi derrotado pelo Bauru por 98 a 92 e voltou a ganhar contra o Ribeirão Preto, no ginásio do UTC, pelo placar de 83 a 80 e do Mogi pela contagem de 89 a 76. Depois, o Unutri foi ao Rio enfrentar o Flamengo e novamente bateu o time carioca por 128 a 127. A vitória veio na prorrogação depois do empate por 110 a 110 no tempo normal. O último ponto do jogo foi marcado pelo ala Cambraia e levou os demais jogadores e a torcida do Unutri ao delírio.

Nos jogos entre Unutri e os times Botafogo e Vasco, realizados no ginásio Homero Santos, os ingressos esgotaram-se em apenas quatro horas de vendas. Com o ginásio lotado, o time uberlandense não repetiu as últimas atuações e perdeu para o Botafogo por 95 a 90 e para o Vasco pelo placar de 82 a 79. Depois venceu o Casa Branca por 84 a 80 e o Hebraica pela contagem de 104 a 97. Na sequência, jogou em casa e bateu o Ipiranga por 103 a 78. Na despedida do retorno, a equipe uberlandense venceu o Barueri por 100 a 93 e se classificou para as quartas de final em segundo lugar, atrás apenas do Vasco da Gama.

Era a primeira vez que o Unutri se classificava para os *playoffs* do Campeonato Nacional de Basquete Masculino – disputados em uma série melhor de cinco partidas. O time de Uberlândia pegou o Mogi. Para a partida longe de casa, a direção do time de Uberlândia colocou três ônibus para os torcedores irem apoiar a equipe em Mogi das Cruzes. E o Unutri abriu os jogos das quartas de final com vitória pelo placar de 78 a 73. Na segunda partida, o público lotou o ginásio do UTC e viu o time bater novamente o Mogi por 91 a 83. Nem foi preciso de mais jogos, porque na terceira rodada o Unutri derrotou o adversário por 96 a 84, fechando a série em 3 a 0, e garantiu vaga na semifinal do campeonato.

No embate da semifinal deu Unutri *versus* Flamengo. Na abertura do *playoff*, o time uberlandense foi ao Rio, mas voltou com uma derrota na bagagem por 90 a 79. A segunda rodada foi realizada no UTC e a equipe de Uberlândia foi derrotada pela segunda vez pelo placar de 107 a 102. Com o resultado negativo, o então técnico do time – Carioquinha – foi demitido. Ary Vidal ficou à frente da equipe na reta final da Liga Nacional. O terceiro jogo contra o Flamengo era tudo ou nada para o Unutri. Quatro mil torcedores lotaram o ginásio Homero Santos do UTC para apoiar a equipe no jogo que valia a sua continuidade no Campeonato Nacional. Mas não deu! Apesar de ter sido um jogo equilibrado, o Unutri perdeu pela terceira vez pela contagem de 108 a 101 e ficou fora da decisão do torneio.

Flamengo e Vasco da Gama disputaram a final. O Vasco, comandado por Hélio Rubens, conquistou o título do 11º Campeonato Nacional de Basquete Masculino (CNBM). O Unutri ficou em terceiro lugar e ganhou vaga para participar da Liga Sul-Americana em 2001 pela

primeira vez. Assim, subindo um degrau por vez, o Unutri dava mais um passo em direção ao pódio mais alto do basquete brasileiro.

Depois do Campeonato Nacional, o técnico Carlos Alberto Rodrigues, conhecido como Carlão, foi contratado para dirigir o time uberlandense no segundo semestre de 2000. O armador Marc Brown, os pivôs Paulão, Luiz, Fernando, Everaldo, Savoy e Daniel; e os alas Cambraia, Dedê, Hélio, Ricardo e André completaram o elenco para a temporada 2000/2001.

Em outubro começava o Campeonato Estadual Adulto que se estendia até novembro. No torneio havia duas equipes uberlandenses mais uma vez: Unutri e Praia Clube. Além delas, os times João Monlevade, Pará de Minas, Mackenzie e Minas Tênis disputaram a competição. As equipes se enfrentaram na primeira fase do campeonato. Com as melhores campanhas na etapa de classificação, o Unutri e o Minas Tênis foram para a final do torneio. Na decisão – disputada na série melhor de três – o time uberlandense foi a Belo Horizonte e bateu o Minas pelo placar de 98 a 76. Depois, duelando no ginásio do Uberlândia Tênis Clube, o Unutri derrotou o Minas pelo placar elástico de 112 a 65 e conquistou o seu terceiro título consecutivo no Campeonato Mineiro. Praia Clube e Mackenzie brigaram pelo terceiro lugar e os praianos levaram a melhor (venceram o adversário da capital por 93 a 79 e 86 a 85), terminando a competição na terceira colocação.

Em pouco tempo de existência, o basquete do Unutri conseguiu resgatar o prestígio esportivo da cidade de Uberlândia. Com o bom desempenho nos Campeonatos Mineiro e Nacional, os jogos na cidade se tornaram um grande evento. O esporte foi atraindo mais apaixonados e o público, que lotava o ginásio do UTC, fazia do local um caldeirão. No Campeonato Nacional de 2000, o Unutri foi a revelação. Isso fez do basquete uma mania entre crianças, jovens, adultos e idosos. Uniforme e álbuns de figurinhas da equipe viraram febre entre os torcedores na época.

## Levando o basquete de Uberlândia para fora do país

A primeira disputa do ano de 2001 era o 12º Campeonato Nacional de Basquete Masculino. A competição começou em janeiro e se estendeu até junho. COC/Ribeirão Preto, Franca, Valtra/UMC, Casa Branca, Unisanta, Hebraica, Unitri/Uberlândia, Botafogo, Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense, Ipiranga, Bauru/Tilibra, Sogipa, Londrina e Universo/Ajax entraram na corrida em direção ao primeiro lugar do basquete brasileiro.

O Unitri se armou para a luta que estava por vir com Daniel Piccoli, Hélio Vitor L. C. Lima, André Luiz C.S Barbosa, André Gustavo A. Faria, Marc Brown, Paulo Fernando M. Castro, Daniel Nascimento Costa, Luis Fernando Souza, Anderson Eurípedes, Patrick Steven Savoy, Everaldo José Noveli, Ricardo Luis Probat, Luis H. M. Cambraia, Ricardo Barbosa Ferreira e Talvane Moreira de Souza. Carlos Alberto Rodrigues, o “Carlão”, era o técnico e Ary Vidal, o diretor técnico. Marcus Vinícius Hygino Jr. (assistente técnico), Fernando Larralde (supervisor), Abelardo Testa Penna Júnior (médico). Dr. Vinícius Emanuel (fisioterapeuta), Fábio Soares Miranda, o “Brutus”, (preparador físico) e Giuseppe Urzeta (mordomo) completaram a comissão técnica para a temporada.

O Unitri terminou a fase classificatória em quinto lugar com 51 pontos. Na campanha, a equipe fez 30 jogos, dos quais computou 21 vitórias e 9 derrotas. Ainda no primeiro turno da competição, o técnico Carlão foi demitido e o treinador Miguel Ângelo da Luz passou a comandar o time.

Nas quartas de final, o Unitri e COC/Ribeirão Preto se enfrentaram. O primeiro jogo foi no ginásio Homero Santos no UTC. Em casa, a torcida foi ao ginásio agitar o time e botar pressão na equipe adversária. Mesmo com o apoio do público, o Unitri tropeçou no time de Ribeirão Preto e foi derrotado pelo placar de 87 a 84. No último quarto de jogo, o COC/Ribeirão Preto tinha uma vantagem de 19 pontos. A equipe ia bem e trocava passes de bola. A torcida gritava “olé”! Faltando 7 minutos para o marcador zerar, Marc Brown, que já era um grande ídolo dos torcedores uberlandenses, roubou a bola e por pouco não mudou o jogo. A torcida inteira se levantou para apoiar o Unitri. Ela empurrava o time e vaiava o adversário. Os jogadores locais reagiram e empataram o jogo em 80 a 80, mas aí o COC/Ribeirão Preto conseguiu se sobressair nos instantes finais do confronto e venceu.

Na segunda partida do *playoff*, o Unitri viajou para Ribeirão Preto. A torcida do time uberlandense se fez presente em terras paulistas para dar aquela impulsionada na equipe. Só que o Unitri caiu diante do COC/Ribeirão Preto pela contagem de 81 a 74 pontos. Para se manter vivo

no campeonato, o time de Uberlândia precisava de uma vitória, mas ela não veio. Mais uma vez o Unitri perdeu do COC/Ribeirão Preto pelo placar de 100 a 71. Assim, somando 3 a 0 na série melhor de cinco, o time de Ribeirão Preto se classificou para a semifinal e o Unitri se despediu do campeonato, terminando em quinto lugar na classificação geral. O Vasco da Gama, dirigido pelo técnico Hélio Rubens, sagrou-se bicampeão e Ribeirão Preto faturou o vice-campeonato.

Naquele ano de 2001, a Liga Sul-Americana chegava à sua sexta edição. O torneio com clubes da América do Sul começou a ser disputado em 1996. A competição tinha um gostinho especial para o Unitri, afinal marcava a primeira vez que o time iria disputá-la: era a equipe uberlandense levando o basquete de Uberlândia para fora do país. O Unitri galgava mais um degrau na sua trajetória no esporte da bola laranja.

O torneio contou com 16 equipes divididas em quatro grupos. Na chave do Unitri estavam também o Estudiantes de Olavarria (Argentina), Los Piratas (Colômbia) e o Real Santa Cruz (Bolívia). A equipe uberlandense conseguiu se classificar para os *playoffs* da Liga em segundo lugar do seu grupo. No mata-mata, o Unitri enfrentou o Gimnasia Y Esgrima da Argentina, mas não conseguiu passar pelo time argentino. O Gimnasia fechou a série melhor de três em 2 a 1.

O Estudiantes de Olavarria conquistou o título do campeonato e o time uberlandense terminou entre os oito melhores na competição. A participação do Unitri foi importante para levar o nome do time e da cidade de Uberlândia para o Brasil afora e pela América do Sul. A equipe, nessa época, já se despontava como uma das melhores do país.

Depois do Campeonato Nacional, a direção do Unitri contratou outro técnico para comandar a equipe no Campeonato Estadual de Basquete. Marco Antônio Aga chegou a solo uberlandense para trabalhar com o basquete da cidade. Era a arrumação do time para a temporada 2001/2002. O armador Valtinho, o ala Márcio, o pivô Adriano e o ala/armador Tony Harris foram contratados. Cambraia, Hélio, Paulão, Ricardo, Ivan, Vargas, Juliano, Jackson e Alexandre completaram o time.

Para começar a nova temporada, o Unitri disputou o 38º Campeonato Sul-americano de clubes entre os dias 18 e 22 de outubro, em Margaridas, na Venezuela. A competição reuniu as equipes de Clube UTE (Equador), Defensores Sporting Clube (Uruguai), Delfines de Cabinas (Venezuela), Espartanos de Margarita (Venezuela), Estudiantes Olavarria (Argentina), Paisas de Medellin (Colômbia) e o time de Uberlândia. O Delfines de Cabinas acabou vencendo o torneio e o Unitri ficou na quarta colocação geral.

Já em novembro de 2001, o técnico Aga e o elenco do Unitri viajaram para o Pará de Minas, local da realização da primeira fase do Campeonato Estadual Adulto, na expectativa de

conquistarem mais uma vez o título do torneio. Participaram do certame mineiro o Unitri/Uberlândia, Praia Clube, Viçosa, Alfenas, Governador Valadares, Pará de Minas, Mackenzie e Minas Tênis. O Unit deu *show* de basquete e terminou a primeira fase invicto. O Praia Clube também participou do certame. Ganhou dois dos três jogos disputados.

A segunda rodada da fase de classificação foi disputada em Uberlândia. Mais uma vez, o Unitri venceu todos os jogos e se classificou em primeiro lugar. O Praia também passou para a próxima etapa do campeonato na quarta colocação. Como o primeiro colocado enfrentava o quarto, a semifinal foi entre os dois times uberlandenses. Minas Tênis Clube e Governador Valadares, segundo e terceiro lugares respectivamente, disputaram a outra vaga na final.

Na disputa tipicamente Uberlandense, o Unitri levou a melhor e passou fácil pelo Praia. No primeiro jogo venceu por 137 a 76 e no segundo por 124 a 67. A decisão do certame ficou por conta do Unitri e do Minas Tênis. A equipe de Uberlândia foi a Belo Horizonte para o primeiro embate final e derrotou o Minas por 101 a 90. Só faltava um passo para a conquista do tetracampeonato Estadual. Só mais uma vitória sobre o Minas Tênis. O jogo era em casa, no ginásio Homero Santos. Com o apoio da torcida, o time uberlandense não decepcionou. Bateu o Minas Tênis por 93 a 68. Aliás, o Unitri não perdeu um jogo sequer no campeonato. Foi assim que a equipe tornou-se tetracampeã do Campeonato Estadual de Basquete Masculino Adulto.

## 2002: É penta!

No 13º Campeonato Nacional de Basquete Masculino, 17 clubes iniciaram a corrida rumo à supremacia do basquete do país: COC/Ribeirão Preto, Franca, Valtra/Mogi, Hebraica, São Caetano EC, Uniara, Unitri/Uberlândia, Universo BH/Minas, Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense, Campos, SE Bandeirante/Irmãos Zen, Bauru/Tilibra, Corinthians, Londrina, Universo/Ajax.

Marco Antonio de Paiva Aga comandou o Unitri. No elenco estavam os jogadores Tony Harris, Helio, Paulão, Adriano, Valtinho, Ricardo Probst, Ivan, José Vargas, Juliano, Cambraia, Márcio, Ricardo Barbosa Ferreira, Jackson e Alexandre.

O Unitri/Uberlândia terminou a primeira fase em terceiro lugar, atrás apenas de Bauru e Vasco da Gama (que fizeram 59 pontos). O Unitri fechou a etapa de classificação com 57 pontos: venceu 25 dos 32 jogos que disputou. Nas quartas de final se deparou com o Uniara. Na série melhor de cinco, o time paulista fez 3 a 1 e avançou na competição. Já a equipe uberlandense terminou o 13º Campeonato Nacional de Basquete Masculino em quinto lugar. Bauru levou o título e o Uniara faturou o vice-campeonato. Valtinho se destacou no certame: o armador jogou 36 jogos e fez 320 assistências, sendo considerado o melhor em assistências no Campeonato Brasileiro de 2002. Cambraia levou a quinta colocação no quesito melhores em 3 pontos. O jogador fez 53 pontos em 19 jogos.

Depois do Campeonato Brasileiro de 2002, Aga deixou o comando do Unitri e José Roberto Lux, conhecido como Zé Boquinha, se tornou o técnico da equipe. A equipe renovou com Valtinho, Juliano e Tony Harris, contratou Edu Mineiro, Farofa, Kanya e Estevam. A temporada começava a todo vapor com o Campeonato Mineiro de Basquete Masculino. Oito equipes entraram na briga pela hegemonia do esporte da bola laranja mineiro: Unitri, Praia Clube, Viçosa, Pará de Minas, Santa Luzia, Mackenzie, Minas e Caldense. Os times do Unitri e do Minas eram os únicos profissionais do Estado.

Na primeira fase, disputada em dois circuitos, quatro equipes foram para os *playoffs*, Unitri e Praia disputaram uma vaga na final do Campeonato Mineiro. Minas e Mackenzie entraram em quadra lutando pela outra vaga na grande decisão. No primeiro jogo entre as equipes uberlandenses, o Unitri derrotou o Praia por 135 a 65. Depois, ganhou de novo pelo placar de 136 a 71 e foi à final da competição contra o Minas, que bateu o Mackenzie na série semifinal.

Na abertura da final, o Unitri venceu o Minas por 94 a 90, jogando em casa, no ginásio do UTC. O segundo confronto da decisão foi em Belo Horizonte e o time de Uberlândia ganhou

por 83 a 82 da equipe da capital. A vitória trouxe a conquista de mais um título estadual. O Unitri era penta! O time garantiu o seu quinto troféu consecutivo na disputa. No ano em que o Brasil se tornava pentacampeão com o seu futebol na Copa do Mundo, a bola laranja de Uberlândia conquistava um feito daqueles: também conquistou o pentacampeonato no torneio mineiro de basquete. Era o ano de 2002 marcando também outro esporte, outra competição – mesmo sendo de menor expressão – e fazendo a história do Unitri.

## No meio do caminho tinha um COC/Ribeirão Preto

Em 2003, acontecia a décima quarta edição do Campeonato Nacional de Basquete Masculino. Era mais uma oportunidade de o Unitri conseguir realizar aquele sonho alimentado desde a criação do time em 1998: ser campeão brasileiro. Trazer o título nacional para a cidade de Uberlândia era a maior ambição do Unitri.

Em janeiro começava a maratona de jogos. Ali também renascia na equipe e nos torcedores uberlandenses a esperança do título inédito. O Unitri se preparou para a guerra de gigantes que estava por vir. A equipe sofreu mudanças em relação ao ano anterior. Apenas três jogadores permaneceram no elenco. O armador Valtinho, tido como um dos melhores na sua posição, o ala Juliano, que se destacava nas cestas de três pontos, e o ala/armador Tony Harris, que levantava a torcida com sua marca: as enterradas! Sendo assim, o Unitri formou com Tony, Marritt, Estevam, Farofa, Valtinho, Gustavo, Espiga, Juliano, Edu, Mãozão, Rapa, Lucas, Douglas, Guilherme e Leonardo. No comando, José Roberto Lux, o Zé Boquinha.

O 14º Campeonato Nacional de Basquete Masculino começou a ser disputado no dia 26 de janeiro e se estendeu até 29 de junho de 2003. COC/Ribeirão Preto, Mogi/Valtra, Uniara/Araraquara, E.C. Pinheiros, Limeira, Bauru Basquete, Franca Basquete, Casa Branca, Unitri/Uberlândia, Universo/Minas, Flamengo, Vasco da Gama, ACF/Campos, Bandeirante, Sport Club Ulbra, Londrina e Universo/Ajax participaram da competição.

O objetivo do técnico da equipe, Zé Boquinha, era terminar a primeira fase do campeonato na primeira colocação. Deu certo. O Unitri chegou aos *playoffs* com moral. Classificou-se em primeiro lugar para as quartas de final do campeonato. A equipe de Uberlândia venceu 27 das 32 partidas que disputou. Perdeu apenas 5 jogos. Fez 59 pontos, 5 a mais que o segundo colocado, o também mineiro Universo/Minas, que somou 54. Uma campanha espetacular!

Nas quartas de final o time de Uberlândia pegou Vasco da Gama. Começava ali a série melhor de cinco valendo vaga na semifinal. No primeiro jogo, o Unitri foi ao Rio de Janeiro e trouxe a primeira vitória para casa por um placar apertado de 103 a 101. A partida foi cheia de emoção. Quando o cronômetro do tempo normal zerou, o placar anunciava o empate entre as duas equipes: 84 a 84! O jogo foi para a prorrogação. O empate permaneceu até a contagem de 90 pontos para cada lado. Foi aí que um lance de Valtinho fez a diferença e mudou o rumo do jogo: com uma roubada de bola do armador, a jogada terminou com uma cesta de três pontos de Espiga. A partir daí, o Unitri levou a melhor e, por apenas dois pontos de diferença, saiu da

quadra com a vitória. O confronto teve três cestinhas, que marcaram 26 pontos: Valtinho do Unitri e Vargas e Marquinhos do Vasco.

O segundo confronto foi em casa, no ginásio do UTC. Com o apoio da torcida, o time de Uberlândia fez bonito em quadra e mais uma vez ganhou do adversário por 77 a 74. O Unitri venceu na raça e a vitória só veio nos últimos segundos da partida. Espiga foi o destaque do duelo e, com 22 pontos assinalados, terminou o jogo como o cestinha. Na série melhor de cinco jogos, o Unitri fez 2 a 0 em cima do Vasco da Gama.

A terceira rodada também aconteceu em terras uberlandenses e colocou o time direto na próxima fase do campeonato: o Unitri fez 85 pontos a 70 em cima do Vasco e fechou a série das quartas de final em 3 a 0. Sob o coro de “eliminados” e “um, dois, três, o Vasco é freguês” dos torcedores de Uberlândia, a equipe carioca deu adeus ao campeonato e o Unitri seguiu para o *playoff* semifinal.

Na semifinal deu Unitri *versus* Universo/Ajax. Três ônibus foram disponibilizados para os torcedores irem a Goiânia apoiar o time fora de casa. No ginásio Rio Vermelho, o time uberlandense perdeu para os goianos por 95 a 92. O jogo foi muito equilibrado e o que derrubou o Unitri foi uma cesta de três pontos marcada pelo adversário no último segundo da prorrogação. É que o tempo normal da partida terminou empatado em 82 a 82. No tempo extra, o Universo/Ajax estava na frente até que os uberlandenses conseguiram chegar ao empate. Mas faltava um segundo para o fim. Um segundo parece pouco, mas pode fazer a diferença no basquete. Foi o que aconteceu naquele dia. No último segundo da prorrogação, o ala Rogério, do time goiano, recebeu a bola de uma cobrança de lateral e arremessou. O arremesso certo resultou na derrota do Unitri por três pontos de diferença no placar. 1 a 0 na série melhor de cinco para o Universo/Ajax.

Após a derrota em Goiânia, o Unitri tinha pela frente dois jogos em Uberlândia. O cenário mudava de figura, afinal jogar em casa tinha um gostinho especial: a torcida fazia o ginásio do UTC ferver e, muitas vezes, desestabilizava o adversário. Era uma força daquelas para motivar os jogadores do time uberlandense. A torcida fez sua parte e compareceu em peso. Os jogadores também fizeram o dever de casa e venceram o Universo/Ajax por 78 a 76. Com a vitória, a série semifinal ficou empatada em 1 a 1. Só que o terceiro confronto também foi em Uberlândia e, de novo, o Unitri ganhou do adversário. Pelo placar de 91 a 85, o Unitri fez 2 a 1 em cima do Universo/Ajax.

No quarto jogo, o Unitri tinha a chance de ir para a final, caso ganhasse. Já o Universo/Ajax tinha que vencer de qualquer jeito para se manter vivo no campeonato. O embate

foi em Goiânia. O time goiano tentou, mas o Unitri foi melhor e aplicou uma derrota de 78 a 70 no Universo/Ajax e fechou a série em 3 a 1. Se tem uma palavra que descreve aquele fim de jogo na capital goiana, essa palavra é emoção. Esse foi o sentimento que tomou conta da equipe técnica, dos jogadores do Unitri e dos torcedores que tanto esperavam por esse momento. O momento em que o time de Uberlândia fosse à decisão do Campeonato Nacional de Basquete Masculino. Pronto, a espera terminava ali. O Unitri chegou à final da competição pela primeira vez na história. O adversário? COC/Ribeirão Preto!

Na decisão, dois gigantes em uma busca inédita: o título de campeão brasileiro. De um lado Unitri/Uberlândia. Do outro, o COC/Ribeirão Preto. A abertura da série final entre mineiros e paulistas foi em Ribeirão Preto no dia 5 de junho de 2003. Não deu para o Unitri. O time uberlandense caiu diante do COC/Ribeirão Preto por 78 a 70. O jogo foi equilibrado e a equipe de Uberlândia até conseguiu abrir 10 pontos no placar durante o terceiro quarto da partida, mas no último o COC/Ribeirão Preto explorou bem o garrafão, virou o jogo e garantiu a vitória.

A segunda rodada da decisão aconteceu em Uberlândia no dia 8 de junho. Mais de 4 mil torcedores foram ao ginásio Homero Santos no UTC assistirem à partida e viram um jogão entre os finalistas do Campeonato Brasileiro. Por um ponto apenas de diferença o Unitri venceu o COC/Ribeirão Preto: 91 a 90! Os dois times usaram a tática da marcação forte dos adversários. O jogo foi muito disputado e as duas equipes se alternavam no placar. O terceiro quarto terminou com o COC na frente, fechando em 67 a 66. No último tempo, a torcida fez sua parte e empurrou o time. Os jogadores responderam com trabalho e garra. Conseguiram a vitória e empataram a série final em 1 a 1.

O armador Valtinho, do Unitri, e Alex, COC/Ribeirão Preto, foram os cestinhas do jogo com 23 pontos. A partida foi tão equilibrada que as duas equipes tiveram números idênticos em vários quesitos das estatísticas. Cada time somou uma enterrada no jogo, fez 36 pontos no arremesso de dois pontos e 24 na cesta de três pontos. Os cestinhas da partida também empataram. A única diferença foi na cobrança de lances livres, já que o Unitri marcou 31 pontos e o COC/Ribeirão assinalou 30.

O jogo seguinte da série melhor de cinco foi novamente em solo uberlandense e aconteceu no dia 12 de junho. A busca de ingressos para o confronto foi intensa e eles se esgotaram em apenas 40 minutos do início das vendas. A fila para comprar o passaporte para assistir de pertinho o terceiro duelo dos finalistas do Campeonato Nacional começou a se formar na madrugada do dia anterior da partida. O resultado foi um ginásio lotado e uma torcida entusiasmada. Mas o Unitri perdeu pelo placar de 86 a 76. A derrota complicou a situação do

time uberlandense, pois o adversário estava em vantagem na série melhor de 5, contabilizando 2 a 1.

O Unitri chegou ao quarto jogo com o peso de duas derrotas e uma vitória. Era tudo ou nada para o time de Uberlândia. Se vencesse forçava o quinto jogo, se perdesse o COC/Ribeirão Preto ficava com o título. Ou seja, para o Unitri era vencer ou vencer! A disputa foi em terras paulistas e foi realizada no dia 15 de junho. Cerca de 300 torcedores viajaram para Ribeirão Preto para apoiar o Unitri fora de casa. Os uberlandenses chegaram a ficar à frente na contagem de pontos e, ao fim do terceiro quarto, o Unitri vencia o adversário por 63 a 58. Só que no último tempo o COC foi melhor e conseguiu virar o jogo. O placar de 83 a 74 anunciava o COC como o campeão de 2003. A equipe de Ribeirão Preto fechou a série final em 3 a 1. E o Unitri se tornou o vice-campeão do disputado Campeonato Nacional.

Tony Harris, Brent Alexander Merritt, Estevam, Farofa, Valtinho, Gustavo, Espiga, Juliano, Edu, Mãozão, Rapa, Lucas, Douglas, Guilherme e Leonardo formaram o elenco daquela disputa. No comando da equipe estava o técnico José Roberto Lux. Mario Augusto Saraiva era o preparador físico, Fernando Larralde, o supervisor; Giuseppe Urzeta, o mordomo e Wellington Salgado o presidente. Juntos eles conseguiram fazer a melhor campanha do time no Campeonato Nacional de Basquete até então e lideraram a competição até as finais.

O time de Uberlândia brigou pelo título e chegou muito perto da conquista tão esperada. O Unitri quase conseguiu o almejado troféu, mas tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho tinha um COC/Ribeirão Preto. E o grito de “é campeão” ficou engasgado na garganta dos uberlandenses.

Em 2003, não teve título para o Unitri, mas teve o segundo lugar da competição. E teve Valtinho como a melhor assistência do campeonato. O armador fez nada menos que 350 assistências nos 43 jogos que disputou. O mesmo Valtinho foi o quinto melhor em recuperação de bolas. O craque recuperou 96 bolas nas partidas. Estevam também ficou entre os melhores no *ranking* do campeonato. O pivô faturou o terceiro lugar de melhor bloqueio: foram 44 no total de 35 jogos em que atuou.

Depois da disputa do Campeonato Nacional, Valtinho e Estevam foram convocados para integrar a seleção brasileira de basquete. Estevam acabou não integrando a equipe, mas Valtinho se apresentou. A seleção tinha dois importantes campeonatos pela frente: o Campeonato Sul-Americano realizado em Montevideu (Uruguai) e os Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (República Dominicana).

A seleção foi dirigida pelo técnico Aluísio Ferreira, o Lula. Os atletas Marcelo Machado, Arnaldinho, Dedé, Valtinho, Tiagão, Demétrius, Alex Garcia, Varejão, Guilherme, Renato, André Bambu e Thiago Splitter formaram o elenco selecionado. Juntos, eles conquistaram o título do Sul-Americano de 2003. Para os Jogos Pan-Americanos, a única diferença no time foi a saída de Tiagão e a entrada de Murilo na seleção. O Brasil foi medalha de ouro no Pan, tornando-se bicampeão da competição na época.

Em julho de 2003, um grande nome do basquete do Brasil chegou a Uberlândia para dirigir o Unitri: Hélio Rubens Garcia! Hélio Rubens chegou para fazer história com a equipe uberlandense. Chegou para marcar para sempre a história do time. O técnico veio para comandar o Unitri nas temporadas de 2003/2004 e 2004/2005.

Até aquele ano de 2003, Hélio Rubens já tinha sido oito vezes campeão brasileiro (1990, 1991, 1993, 1997, 1998 e 1999 por Franca; e 2000 e 2001 pelo Vasco da Gama). O cara que fez uma carreira de sucesso como jogador e, ainda mais, como técnico de clubes do Brasil e da seleção brasileira, veio comandar o Unitri na busca pelo pódio mais alto do basquete brasileiro. Ele chegou chegando! E de cara já prometeu dar à cidade de Uberlândia o almejado inédito título.

Para reforçar o Unitri, outros jogadores foram contratados. O pivô Cláudio Antônio Gomes, o Brasília, que tinha passagens pelo Sírio, Corinthians, Bandeirante, COC/Ribeirão Preto e carregava no currículo a conquista do Campeonato Nacional de 2002 pelo Bauru, foi um deles. Também vieram o pivô Wanderson Camargos e o armador Helinho, filho de Hélio Rubens, que ostentava cinco títulos nacionais (1997, 1998 e 1999 por Franca, e 2001 e 2002 pelo Vasco da Gama). A equipe fechou, ainda, com os armadores Valtinho e Leonardo, os alas Tony Harris, Rogério, Guilherme, Paulo e Cambraia, os pivôs Juliano e Estevam, Janjão e Douglas.

Com o novo técnico e a equipe da temporada definida, o Unitri foi à busca do hexacampeonato mineiro. Começava mais uma edição do Campeonato Estadual e a primeira etapa da competição foi realizada em Uberlândia. Unitri, Praia Clube, Ginástico, Olímpico e Minas entraram na disputa. O Unitri terminou a fase de classificação invicto e avançou na competição. Na semifinal enfrentou o Santa Luzia e conquistou a vaga na final, fechando a série – melhor de três – em 2 a 0. Assim, o Unitri foi à sua sexta decisão seguida e pegou o Minas no embate final. Na disputa da série melhor de cinco partidas, o Unitri conseguiu o triunfo contra o arquirrival mineiro. Fechando a série das finais em 3 a 0, o Unitri se tornou hexacampeão do Campeonato Mineiro, que começou em novembro e só terminou em dezembro.

Em janeiro de 2004, o Unitri disputou a Copa Centro-Sul em Londrina Paraná. A competição chegou ao fim com três times empatados: Unitri, Minas e Universo/Ajax. O time

uberlandense levou o troféu da Copa por ter o maior saldo *average* (resultado da divisão entre o total de pontos convertidos e o número de pontos sofridos pelo time ao longo da competição). O Ajax se classificou em segundo lugar e o Minas ficou com a terceira colocação.

## Um grito engasgado na garganta

Em 2004, 16 equipes participaram da Liga Sul-Americana: Boca Juniors, Libertad Sunchales e Atenas de Córdoba da Argentina; Cocodrilos e Marinos de Oriente da Venezuela; Universidad Católica e Llanquihue do Chile; Los Paisas de Medellín da Colômbia; Unitri/Uberlândia, Minas e COC/Ribeirão Preto do Brasil; Olimpia e Trouville do Uruguai; Desportivo San Jose do Paraguai; Real Santa Cruz da Bolívia e La Salle Guayaquil do Equador. Era a segunda vez que o Unitri disputava a competição.

A primeira fase foi dividida em quatro grupos. No chaveamento, o Unitri enfrentou três equipes e terminou a etapa de classificação invicto. Venceu o La Salle Guayaquil por 98 a 73, o Marinos de Oriente pelo placar de 104 a 82 e o time Los Paisas de Medellín pela contagem de 87 a 78.

Nas quartas de final, Unitri e Minas se enfrentaram na série melhor de três. Quem vencesse estaria na semifinal. A equipe uberlandense foi a Belo Horizonte e perdeu para o time da capital por 94 a 87. O segundo jogo foi em Uberlândia. O Unitri precisava vencer para provocar o terceiro jogo da série. E assim foi feito. Por 83 a 71, os uberlandenses bateram o Minas. No embate decisivo, jogando de novo em casa, o Unitri conquistou a vaga na semifinal da Liga Sul-Americana ao vencer o Minas por 91 a 75.

Na semifinal deu Unitri *versus* Libertad Sunchales. A abertura foi em Uberlândia e o time local saiu na frente na série melhor de três, vencendo o adversário por 64 a 60. Na sequência, a equipe uberlandense viajou para a Argentina para o segundo jogo lutando pela vaga na decisão da competição. E deu certo! O Unitri chegou à final da Liga Sul-Americana pela primeira vez em sua história ao derrotar o Libertad em Suchales, na Argentina, pela contagem de 86 a 81.

A final foi entre Unitri e Atenas de Córdoba. Um duelo entre brasileiros e argentinos. A disputa da série melhor de cinco iria definir o campeão do torneio. A primeira partida foi no ginásio do UTC e o Unitri perdeu em casa pelo placar de 83 a 82. Por apenas um ponto de diferença, o Atenas de Córdoba abriu a série em 1 a 0. No segundo jogo, também realizado em Uberlândia, o time da casa deixou tudo igual na série, vencendo os argentinos por 86 a 85.

O terceiro jogo foi na Argentina. Em Córdoba, o Unitri perdeu por 97 a 90. Com a vantagem de 2 a 1, o Atenas de Córdoba poderia decidir o campeonato no quarto jogo também realizado em território argentino. Mas o Unitri deu *show* em quadra e bateu os donos da casa por 113 a 104, empatando a série final por 2 a 2. Com esse resultado, a decisão da Liga Sul-Americana ficou para o quinto jogo, que foi em Uberlândia.

O jogo que valia o título aconteceu no dia 20 de abril. O ginásio do UTC ficou lotado. Do lado de fora uma multidão acompanhou a partida pelo telão instalado em frente ao local do jogo. Estima-se que 4 mil pessoas passaram por lá. O público transformou a quadra em um caldeirão. A expectativa do título era enorme. Só que, por três pontos de diferença, o Unutri foi derrotado pelos argentinos pelo placar de 79 a 76. O Atenas de Córdoba ficou com o título, fechando a série em 3 a 2. Já o Unutri conquistou o vice-campeonato da Liga Sul-Americana de Basquete Masculino 2004.

O Unutri perdeu a final, mas fez uma ótima campanha no torneio. Para Cambraia, “a trajetória até a final foi uma trajetória muito positiva, o sentimento é também de realização, mas, quando se perde a oportunidade na final, isso no primeiro momento, gera uma frustração muito grande, mas depois isso acaba se acertando e fica na história mesmo”.

Como o título daquele Sul-Americano era muito esperado, os torcedores e a equipe do Unutri ficaram com o sabor amargo da derrota. Apesar de terminar a competição em segundo lugar, a tristeza foi o sentimento geral daquele dia 20 de abril. Assim como aconteceu no Campeonato Nacional de 2003, o grito de campeão ficou engasgado, mais uma vez, na garganta dos uberlandenses. “Nossa, nós choramos demais da conta”, recorda Cardoso após o resultado negativo na final do torneio. “Os jogadores choraram, eu chorei, o técnico chorou, todo mundo chorou”, completa.

Muitos não engoliram aquele resultado. A equipe ficou frustrada com a derrota. “A gente ficou porque nós éramos favoritos, fomos prejudicados pela arbitragem, mas de qualquer forma foi um título muito importante também”, lembra Hélio Rubens. Ao mesmo tempo, o time estava no meio do Campeonato Nacional e precisava dar a volta por cima para conseguir bons resultados no torneio. É o que recorda Helinho: “a gente sabia das reais possibilidades da gente ganhar o título. Nós ficamos tristes com a perda da Liga Sul-Americana, mas sabíamos que não podíamos esmorecer, que não podíamos deixar aquilo nos abater, já que a gente tinha outra competição que era o brasileiro. Enfim, eu acho que todos nós ficamos tristes, mas tivemos a cabeça no lugar de ter a serenidade, de ter o discernimento que a gente tinha feito o melhor e preparar para o que a gente tinha pela frente”.

## “Ou, ou, ou é campeão!”

Em 1999, um nono lugar. Em 2000, um terceiro. Em 2001, um quinto. Em 2002, um quinto lugar de novo. Em 2003, um vice-campeonato. O trabalho continuava. A espera continuava. E o sonho de ser campeão brasileiro de basquete continuava. Sonho dos dirigentes do time. Sonho dos atletas. Sonho da comissão técnica. E, claro, sonho dos torcedores.

No dia 25 de janeiro de 2004 começava a maratona de jogos do 15º Campeonato Nacional Masculino, que ia até o mês de junho. A busca pelo título contou com 16 equipes: Universo/BRB, Universo/Ajax, Unitri/Uberlândia, Universo BH/Minas, Londrina, ACF Campos/Universo, Flamengo, Tijuca Tênis Clube, Sport Club Ulbra, URB/Blumenau, COC/Ribeirão Preto, Corinthians/UMC, Franca Basquete, Casa Branca, Paulistano e Uniara/Araraquara.

O Unitri fez uma excelente campanha na fase de classificação. Pelo segundo ano consecutivo, o time uberlandense chegou às quartas de final como líder. Foram 30 jogos. Desses, 24 vitórias e 6 derrotas. A equipe somou 54 pontos, enquanto o segundo colocado foi o Flamengo, que fez 52.

O primeiro adversário nos *playoffs*? Universo BH/Minas! Um clássico mineiro em plenas quartas de final do Campeonato Nacional de Basquete. Na estreia do mata-mata, o time uberlandense foi a Belo Horizonte. Não foi um duelo fácil. No tempo normal as duas equipes empataram: 71 pontos para cada lado. O jogo foi para a prorrogação, mas o empate continuou. Foi necessário mais um tempo extra para decidir a partida. Só aí que saiu o vencedor. O Unitri mostrou sua força na quadra e venceu o Minas por 92 a 89, abrindo a série por 1 a 0.

Para a segunda rodada, outro cenário. O ginásio do UTC serviu de palco para mais um *show* de bola laranja. O público marcou presença e entoou gritos de “um, dois, três, o Minas é freguês” quando o marcador zerou e o Unitri venceu a partida por 84 a 78. O time de Uberlândia fez 2 a 0 em cima do Minas, ficando uma vitória da classificação para a próxima fase. O terceiro jogo, também no UTC, podia colocar o Unitri direto na semifinal. E colocou! Por 96 a 85, a equipe uberlandense venceu o Minas e fechou a série melhor de cinco das quartas de final por 3 a 0.

Na semifinal deu Unitri contra Corinthians/UMC. Em Mogi das Cruzes, o time uberlandense, que era favorito ao título, teve sua pior derrota do campeonato. Caiu por 21 pontos de diferença: 89 a 68 a favor do adversário. Mas em Uberlândia a história foi diferente. No UTC, o time de casa passeou em quadra e venceu fácil o segundo confronto por 81 a 55. No terceiro duelo, também realizado no ginásio do UTC, o Unitri ganhou pelo placar de 90 a 79 e fez

2 a 1 na série melhor de cinco da semifinal. Só faltava mais uma vitória para a equipe uberlandense chegar à final da competição. E ela veio no jogo realizado em Mogi das Cruzes. A vaga na decisão foi conquistada com o triunfo da equipe de Uberlândia sobre o Corinthians pelo placar de 83 a 72. Fazendo 3 a 1, o time fechou a série com chave de ouro e chegou a sua segunda final no Campeonato Nacional de Basquete Masculino.

A sensação de chegar àquela final foi muito gratificante. “É difícil descrever, sabe?! É difícil falar. É bom demais você jogar uma final, tudo o que a gente quer. Luta o ano inteiro, treina pra caramba, só pra isso. Quando você tá disputando a final, nossa, é bom demais, bom demais! E a gente tava confiante pra caramba, o time bem, todo mundo jogando certinho, o time afinado, perfeito. Então a gente tava confiante que aquele ano não passava não”, lembra Valtinho.

Na final, o Unitri tinha um baita desafio: O Flamengo! O time carioca que fechou a série melhor de cinco da semifinal por 3 a 2 contra o Universo/Ajax. Unitri e Flamengo buscavam o título inédito de campeão brasileiro. Era um duelo de gigantes. A equipe uberlandense foi ao Rio de Janeiro para a disputa da abertura da decisão no dia 27 de junho. No primeiro quarto, o Unitri saiu ganhando por 25 a 23, mas no segundo tempo o Flamengo virou o jogo e fez 44 a 41 a seu favor. A equipe carioca continuou vencendo e fechou o terceiro período por 58 a 54. O último tempo mudou o rumo da partida. O que parecia vitória certa do Flamengo se transformou em derrota devido a erros dos jogadores. Já o Unitri brilhou em quadra e conseguiu virar o placar. Fim de jogo: 80 a 69 para o Unitri. Em pleno ginásio da Tijuca, os uberlandenses abriram a série final por 1 a 0.

Para o armador Helinho, esse foi um dos jogos mais emocionantes que fez pelo time uberlandense: “o jeito que tava o ginásio Tijuca abarrotado e parte da torcida do Unitri foi lá torcer pra gente. A pressão que tava e a gente ter ganho lá dentro do Flamengo eu acho que foi uma partida que me marcou muito”, lembra Helinho.

O segundo duelo da decisão foi em casa, no ginásio do UTC, no dia 29 de junho. A torcida compareceu em peso e fez do local um caldeirão. O Unitri entrou em quadra e brilhou. A ótima atuação refletiu no resultado final. Por uma diferença de 38 pontos, o time de Uberlândia bateu o Flamengo. 112 a 74 foi o placar final da partida, e o Unitri fez 2 a 0 na série melhor de cinco.

Uma vitória separava o Unitri do lugar mais alto no pódio do basquete nacional. A festa da torcida já começou ali mesmo naquela segunda vitória do time sobre o Flamengo. A esperança do título deixava de ser só esperança: se transformou em confiança. Confiança da equipe e confiança dos torcedores. “A gente tava muito confiante porque a gente tinha ganho dois jogos já e a gente sabia que ia jogar com o apoio de uma torcida que ia abarrotar o ginásio, mas, ao mesmo tempo,

dá aquele frio na barriga, que eu acho importante pois mostra que a gente tava concentrado naquilo que tinha que ser feito”, conta Helinho.

O dia esperado chegou. Dia 30 de junho de 2004. Era a terceira partida entre Unitri e Flamengo. E poderia ser a última, se o time uberlandense vencesse. Não deu outra! O ginásio Homero Santos se transformou em um caldeirão. O local não comportava tanta gente. Muitas pessoas tiveram que acompanhar o duelo pelos telões espalhados pela cidade de Uberlândia. O UTC virou uma loucura naquele dia: “os portões foram fechados porque não tinha ingresso para todo mundo que queria ir lá assistir. Então, a capacidade do UTC, 3.100 pessoas que o bombeiro aprovou, mas deveria ter umas 3.500. E tinha mais 10 mil de fora. A cidade inteira queria ir lá assistir”, recorda o radialista Lara.

Como conta Lara, mais de 3 mil torcedores foram ao Uberlândia Tênis Clube ver ao vivo e a cores o jogão entre mineiros e cariocas. “A gente acreditava muito no potencial deles naquela época. Principalmente porque tava jogando dentro de casa que com o apoio da torcida a gente sabia que poderia dar certo. Nós da arquibancada já entramos entusiasmados e não paramos de gritar um minuto”, relembra Flaviano, membro da Inferno Verde.

Antes de ir para o vamos ver, o elenco se preparava no vestiário para o grande momento. “A gente tava muito feliz assim, todo mundo dentro do vestiário, concentrado, conversando sobre o jogo, às vezes fazia uma brincadeira para descontrair, mas muito motivados. Eu lembro da progressão do meu pai. Ele falando o quanto aquele título era importante para nós. O quanto nós batalhamos pra chegar até ali, ali era o momento de fechar com chave de ouro”, recorda Helinho.

Para Hélio Rubens, jogar uma final é sempre tenso. Apesar disso, a equipe ficou concentrada para a decisão. “A gente teve equilíbrio emocional pra saber o que fazer, pra estar equilibrados, porque a gente sempre teve o *slogan* que treino é jogo e jogo é guerra, claro que no bom sentido”, lembra o técnico. E foi nesse clima que a equipe uberlandense entrou em quadra e fez bonito.

Já no início da partida, a torcida fazia coro para o adversário: “Flamengo, pode esperar, a sua hora vai chegar”, relembra a torcedora Reilla. O primeiro quarto foi equilibrado e terminou empatado em 19 a 19. No segundo, o Unitri vencia por apenas um ponto de diferença. Os jogadores foram para o vestiário com o placar de 37 a 36. No terceiro período, o time uberlandense deslanchou. As jogadas iam acontecendo. Os jogadores encestavam. Os minutos iam passando. De cesta em cesta, o Unitri ia enchendo o placar. Com a contagem de 66 a 44 a seu favor, a equipe foi para o último quarto. Faltava pouco para a vitória do Unitri.

Antes do fim do jogo, o público já fazia festa e mandava o recado: “é campeão”! O som ecoava pelo ginásio e embalava os jogadores. O apito final decretou 81 a 66 para o Unitri Uberlândia. Sim, a festa foi toda mineira no UTC. E finalmente aquele grito de campeão que estava engasgado na garganta dos torcedores pôde sair. Os torcedores foram ao delírio e faziam coro em alto e bom som: “É CAMPEÃO, É CAMPEÃO!”. “A gente tava com a derrota engasgada no nacional há muito tempo assim, então ter aquela vitória foi maravilhoso”, recorda Reilla.

O sonho de ser campeão se tornou realidade naquele dia 30 de junho de 2004. A data entrou para a história do basquete uberlandense. Um dia inesquecível mesmo. O Unitri conquistou o tão almejado título e levantou a taça do 15º Campeonato Nacional de Basquete Masculino em casa, diante da torcida. A cidade vivia um momento mágico e inédito na sua história esportiva. O esporte que tinha se tornado tradição em Uberlândia deixou sua marca no basquete nacional.

Os jogadores Tony Harris, Estevam, Wanderson, Valtinho, Helinho, Cambraia, Juliano, Brasília, Rogério, Janjão, Douglas, Guilherme, Leonardo, Paulo e o técnico Hélio Rubens foram os heróis do brasileiro de 2004. Eles ficarão marcados para sempre na história do time, pois levaram o basquete de Uberlândia ao topo do esporte no país.

A conquista também marcou a vida dos jogadores. “Foi um momento ímpar que ficou guardado na memória de cada um de nós que estávamos lá”, destaca Helinho. Para Cambraia, “foi um momento muito especial, de realmente realização, de conquista, de chegar aonde a gente tava buscando há tanto tempo. Então foi uma festa muito grande, foi um momento de extravasar mesmo, aquilo que estava por acontecer por tanto tempo”.

O Nacional de 2004 foi um ano e tanto para o Unitri. “Foi uma época que você começa a pensar, foi muito boa. Nossa, perfeito!”, relembra Valtinho. São muitas as lembranças daquela época. “O time era bom, o ginásio lotado todo jogo, todo mundo fazendo festa, esperando a gente ganhar. Era um time bom pra caramba e a gente conseguir o título, independente se foi em cima do Flamengo ou não, sabe, tava engasgado. A gente querendo, tinha sido vice do brasileiro no ano passado, vice no sul-americano e nós conseguimos o título. Era tudo que Uberlândia queria, que o Wellington queria, sabe aquelas coisas que todo mundo precisa? Pô, foi sensacional, foi uma coisa maravilhosa”, recorda o armador.

Houve uma explosão de alegria no ginásio. Foi com muito barulho vindo das arquibancadas que a equipe do Unitri recebeu o troféu. A taça foi entregue pelo então presidente da Confederação Brasileira de Basquete (CBB), Gerasime Nicolas Bozikis. Depois vieram as

medalhas, fotos e muita festa. O técnico Hélio Rubens desfilou pela quadra com uma faixa de agradecimento feita pela torcida. “Hélio Rubens, obrigado de coração por tantas emoções que nos fez!”, estampava o cartaz. Era uma homenagem ao treinador por tudo o que ele tinha proporcionado aos uberlandenses apaixonados pelo basquete.

Receber aquela mensagem de gratidão marcou Hélio Rubens. “Foi muito emocionante porque é o reconhecimento e nós nos dedicamos de corpo e alma. Todos os jogadores felizes, as famílias, e isso é uma coisa que permanece para o resto da vida porque foi algo realizado com ideal de serviço. Isso aí são coisas que não têm preço. Fazer tudo com absoluto amor”, conta o técnico.

A festa no ginásio do Uberlândia Tênis Clube foi regada a champanhe. É que a comemoração dentro da quadra começou com um banho de espumante dos jogadores. Como era uma festa típica mineira, nada como ter uma comida típica também, não é? Pois então, teve até pão de queijo sendo distribuído para a torcida na celebração no UTC. A comemoração teve direito, ainda, à tradicional volta olímpica dos atletas e até peixinho dos craques do título. “Teve peixinho, tinha espumante, jogamos água no Hélio e depois nós fomos para um restaurante comemorar, jantar e ficamos até tarde comemorando”, recorda Brasília.

E claro que teve festa da torcida em quadra também. Quando as formalidades acabaram, os torcedores invadiram a quadra. Queriam comemorar com os heróis daquele dia épico para o basquete uberlandense. Queriam comemorar a conquista com os responsáveis por ela: os jogadores! A emoção tomou conta de todos. E entre lágrimas e risos, as pessoas expressavam o sentimento que carregavam naquele momento. O que aconteceu no ginásio após a conquista do Unitri? “Loucura, todo mundo pulando, todo mundo feliz. Você via a cara do torcedor, todo mundo feliz assim. Parecia que tinha acontecido uma coisa muito boa pra eles”, conta Valtinho.

A alegria não coube nos quatro cantos da quadra do UTC e se espalhou pelas ruas de Uberlândia pela noite adentro. O clima de euforia e empolgação continuou fora do ginásio. “Nós fizemos carreata no carro de bombeiros, saímos curtindo, fazendo a maior farra. Depois, se não me engano, nós fomos para a Unitri, lá na universidade, aí teve trio elétrico e fizemos farra. Depois fomos todo mundo jantar juntos para comemorar, relaxar, tomar um champanhe pra comemorar o título realmente todo mundo junto”, relembra Helinho.

Uma legião de torcedores acompanhou a carreata que seguiu rumo à Unitri (Centro Universitário do Triângulo), faculdade que dava nome ao time e o patrocinava. A torcida ia fazendo festa pelas ruas de Uberlândia: “era foguete, muito foguete e buzina”, conta Reilla. “Nós andamos de carreata, o povo seguindo a gente. Gente de bicicleta, de moto, carro. Aí nós fomos

lá pra Unitri, tinha chope, todo mundo feliz, tomo mundo, sabe. Pelo menos, acho que parece que por um dia, depois que acabou, pelo menos aquela noite, todo mundo esquece um pouco as coisas ruins que tem assim e fica feliz”, recorda Valtinho.

O armador Valtinho ganhou também o troféu de melhor jogador da competição. O que ele sentiu? “A gente joga basquete, a gente quer ser campeão, não penso muito no individual, mas o ano muito bom, o ano tava sobrando, as coisas dando certo, não me machuquei. Então, tava num ritmo muito forte, muito legal. Nas finais eu joguei bem os *playoffs*. Graças a Deus deu tudo certo. Eu fico feliz, lógico, você treina, você faz tudo, se esforça pra ser campeão. Se vier alguma coisa a mais, beleza, mas eu não jogo pra isso, eu jogo pra ajudar o time. Deu certo, pô, bom pra caramba, mas o mais importante é o título, é o time sempre”, destaca Valtinho.

No caminho percorrido rumo ao título, o Unitri fez uma campanha espetacular. Foram 40 jogos, com 33 vitórias e sete derrotas apenas. “A gente falava que cada jogo tinha sua história, que jogo era guerra mesmo, no bom sentido. Então, a gente enfrentava todo mundo como se fosse a última vez da nossa vida e isso faz com que todo mundo produza mais, cresça mais”, lembra Hélio Rubens sobre o desempenho do time na competição. A conquista do Campeonato Nacional garantiu vaga para o Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões que seria disputado nos mês de setembro daquele ano.

Para Uberlândia, a conquista teve um significado sem precedentes. O time colocou a cidade em destaque no país, levando seu nome a uma escala nacional. O sabor do título brasileiro era muito especial, ainda mais por se tratar de um lugar aonde o esporte da bola laranja tinha se tornado uma paixão. “Eu acho que foi a consolidação de um centro, de uma cidade, que sempre teve certa tradição no basquete e que ela se consolidou nesse momento no cenário nacional dizendo ‘olha, essa cidade aqui faz basquete e faz muito bem’”, ressalta Cambraia.

A equipe vencedora do Campeonato Nacional de 2004 era muito unida e tinha no elenco ótimos jogadores. Um dos fatores que levaram o Unitri a ser campeão foi a própria estrutura do time: “Eu acho que foi esse misto de comprometimento, de experiência, de planejamento que fez com que a gente levantasse o título”, ressalta Helinho. O grupo se dava bem e isso foi outro motivo apontado como crucial para o sucesso na competição. “O time era muito bom. Não tinha egoísmo, por parte de nenhum jogador, então jogava todo mundo juntos, um pro outro, não tinha rixa de ninguém”, lembra Brasília.

Para Lara teve um fator a mais que fez toda diferença. “A união do grupo, a qualidade dos jogadores e, uma das principais coisas, comando. Comando se chama Hélio Rubens”, aponta o

radialista. É o que também pensa Cardoso: “eu acho que o técnico, o técnico foi primordial no negócio. Foi o técnico que motivou muito eles [os jogadores]”.

## O Unitri no Campeonato Sul-americano de Clubes Campeões

Depois da missão cumprida no Campeonato Nacional de Basquete, era hora de montar o elenco para a próxima temporada, a de 2004/2005. O ala/pivô Juliano foi o único dispensado e o pivô Mãozão foi contratado. Ele já tinha jogado pelo Unitri na temporada anterior, mas no brasileiro de 2004 estava atuando pelo Flamengo. O desafio seguinte após a inédita conquista do certame nacional foi o Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões. Como campeão brasileiro de 2004, a equipe uberlandense foi representar o Brasil na competição.

Deportivo San Jose do Paraguai, Unitri/Uberlândia do Brasil, Clube Atlético Boca Juniors da Argentina, Regatas Lima do Peru, Delfines de Miranda e Guacharos da Venezuela, Piratas de Medellin da Colômbia e Provincial Llanquihue do Chile disputaram o torneio de campeões Sul-Americanos. A cidade de Assunção, no Paraguai, sediou a disputa entre os dias 7 e 11 de setembro de 2004.

Na primeira rodada o Unitri enfrentou o Piratas de Medellin. O time de Uberlândia derrotou o adversário por 91 a 79. A vitória veio na prorrogação. A partida estava prestes a acabar e o time colombiano estava vencendo. O pivô Brasília conseguiu empatar no fim do jogo convertendo dois arremessos livres: 75 a 75 marcou o placar. No tempo extra, o Unitri deslanchou em quadra e venceu o adversário por 91 a 79. No segundo jogo, o Unitri passeou em quadra e ganhou do Gracharos pelo placar de 91 a 78. Depois perdeu do Boca Juniors por 94 a 83. Na semifinal duelou com o Delfines de Miranda e foi derrotado por 87 a 84. Na final, caiu por apenas um ponto de diferença diante do Deportivo San Jose pela contagem de 92 a 91. O Boca Juniors foi o campeão do certame, o Delfines de Miranda levou o vice-campeonato e o Deportivo San Jose terminou na terceira colocação. Já o Unitri ficou em quarto lugar na classificação geral.

Já o Campeonato Estadual aconteceu em novembro de 2004. O Unitri terminou a fase de classificação em primeiro lugar, seguido do Minas Tênis Clube, Mackenzie e Praia Clube. Assim, as duas equipes uberlandenses se enfrentaram na semifinal da competição, enquanto os dois times da capital fizeram o outro confronto dos *playoffs*. Na final deu Unitri contra Minas. O primeiro jogo da decisão foi em Belo Horizonte e os uberlandenses ganharam pelo placar de 93 a 50. A segunda partida foi em casa, no ginásio do UTC, e a equipe de Uberlândia derrotou o Minas por 73 a 69. Com duas vitórias na série melhor de três, o Unitri conquistou o heptacampeonato. Sim, o time chegou a sua sétima vitória consecutiva no certame mineiro no ano de 2004.

## Do Brasil para a América do Sul

O mês de fevereiro de 2005 marcava o início dos jogos da 9ª Liga Sul-Americana. Participaram do campeonato 14 equipes. No chaveamento, Club Atletico Olimpia, Deportivo San Jose, Gimnasia y Esgrima e Universo/Ajax formaram o grupo A; Boca Juniors, Espe Quito e Marinos de Oriente fecharam o grupo B; Atenas de Córdoba, La Salle e Flamengo constituíram o grupo C; Club Trouville, Cocodrilos, Regatas de Lima e Unitri/Uberlândia compuseram o grupo D.

Da chave da qual o time uberlandense fazia parte, duas equipes avançaram para os *playoffs*. O Cocodrilos e o Unitri se classificaram para as quartas de final. Na campanha da primeira fase, a equipe de Uberlândia venceu o Club Trouville por 80 a 67, o Regatas de Lima pelo placar de 95 a 66 e perdeu para o Cocodrilos pela contagem de 83 a 80.

O adversário do Unitri na fase de mata-mata foi o Atenas de Córdoba. O mesmo Atenas que um ano antes superou o Unitri na final da Liga e ficou com o título. Sim, era como se os dois times revivessem aquela decisão em plena quartas de final. O primeiro jogo foi realizado em Uberlândia. E foi com o ginásio do UTC lotado que o Unitri venceu o Atena de Córdoba por 85 a 68. Na série melhor de três, o time uberlandense saiu na frente, fazendo 1 a 0 na Liga Sul-americana.

O segundo confronto aconteceu em Córdoba. O jogo foi dramático e muito disputado. No primeiro quarto do duelo entre Unitri e Atena de Córdoba houve empate por 24 a 24. No segundo, tudo ia bem para o Unitri e o placar marcava 40 a 34 para o time de Uberlândia. No terceiro, os uberlandenses continuaram na frente, fechando o período com 60 pontos contra 52 do adversário. Só que no último tempo os argentinos conseguiram empatar o jogo e o placar ficou 74 a 74. O jogo foi para a prorrogação, mas deu empate de novo. Uma segunda prorrogação foi necessária. Aí o Unitri conseguiu se sobressair com bolas de três marcadas por Cambraia e Mayron Brown e o time venceu o Atenas de Córdoba por 99 a 91. Diferente do que aconteceu na final de 2004, o Unitri saiu da quadra feliz com o resultado e se classificou para a semifinal da Liga.

No *playoff* semifinal o Unitri pegou um time daqueles. Nada menos que o Boca Juniors. O primeiro jogo foi em Buenos Aires, na Argentina. Jogando fora de casa, o Unitri foi derrotado pelo time argentino pelo placar de 80 a 73. O segundo confronto da série melhor de três foi em Uberlândia e a equipe local tinha que vencer de qualquer jeito para continuar viva na competição.

E assim fez. O Unitri bateu o Boca Juniors no ginásio do UTC pela contagem de 76 a 68. Com a vitória uberlandense, a série ficou empatada em 1 a 1.

O terceiro duelo era decisivo. Quem vencesse estava com o pé na final. O palco para o confronto entre brasileiros e argentinos foi, mais uma vez, o ginásio do UTC. O elenco do Unitri foi ao embate e deu *show* de basquete. Fez 100 a 74 no Boca Juniors, fechou a série por 2 a 1 e despachou o time argentino da competição. O destaque do jogo foi o armador Valtinho, que terminou a partida como o cestinha com 24 pontos e ainda brilhou em quadra com oito assistências e três rebotes. Além dele, o armador Helinho e o ala Cambraia se destacaram nas cestas de três pontos com seus arremessos certos. A vitória colocou o Unitri na final da Liga Sul-Americana de 2005. A sua segunda final no campeonato.

Com o adeus dos argentinos, o Unitri tinha a chance de, mais uma vez, trazer para a cidade de Uberlândia uma conquista inédita. O título tinha escapado das mãos do Unitri um ano antes e os uberlandenses tinham mais esse grito preso na garganta. A final da Liga Sul-americana de 2005 foi tipicamente brasileira. Unitri/Uberlândia *versus* Universo/Ajax. Mineiros *versus* goianos. O Universo/Ajax chegou à decisão do certame depois de superar o Cocodrilos na série semifinal. Era a primeira vez na história da Liga que duas equipes brasileiras disputavam a final do campeonato.

O primeiro jogo da série melhor de cinco foi em Goiânia no dia 20 de abril. Nesse jogo, Hélio Rubens preparou uma motivação especial para os jogadores do Unitri. O mordomo Cardoso recorda que os familiares dos atletas gravaram um vídeo para eles com palavras de incentivo. O vídeo foi passado para o elenco no dia do grande duelo. “O Hélio Rubens fez com que as esposas deles gravassem um vídeo motivando os maridos, dando prestígio pros maridos, dizendo que elas acreditavam neles, acreditavam na equipe, então todas as esposas dos jogadores fizeram uma mensagem e ninguém sabia disso. Ninguém sabia. Só o Hélio Rubens que sabia, ele que tava organizando isso aí”, lembra Cardoso.

O Unitri teve a presença da sua torcida em terreno goiano. Cerca de 300 torcedores viajaram para apoiar o time em busca da vitória. Mas não foi jogo fácil e o time uberlandense foi derrotado na prorrogação pelo Ajax por 93 a 91, já que no tempo normal as duas equipes empataram por 78 a 78. O radialista Lara recorda que a vitória do time goiano veio no último lance do jogo: “Um lateral pro Universo/Ajax de Goiânia, todo mundo marcou todo mundo, mas cobraram um lateral rápido. Um jogador do Ajax dominou e girou e [converteu cesta] de três”. Para o armador Valtinho, esse foi um dos jogos mais difíceis do Unitri: “Nós perdemos lá, perdemos na casa deles, na última bola. Nós ganhamos o jogo inteiro e perdemos na última bola,

no último segundo. Foi uma frustração, todo mundo arrasado no vestiário”, lembra o armador. “Nesse dia foi um baque geral na delegação”, conta Lara.

Novamente em Goiânia, a segunda partida foi realizada no dia 21 de abril. Os comandados de Hélio Rubens almejavam uma vitória para empatar a série. E conseguiram. O Unutri venceu o Universo/Ajax por 80 a 60. O principal nome do jogo foi Valtinho, que agiu como um maestro, deu ritmo ao jogo e terminou como o cestinha com 26 pontos. Na terceira rodada, a equipe uberlandense jogou em casa no dia 27 de abril e a torcida lotou o ginásio do UTC. O Unutri perdia a partida até o intervalo do segundo período, mas no terceiro tempo a situação mudou. Helinho agiu como um líder dentro de quadra, e os jogadores do Unutri deslancharam. Fim de jogo e a equipe de Uberlândia garantiu a vitória por 84 a 74 e a vantagem da série final por 2 a 1.

No quarto confronto, o Unutri tinha a chance de ficar com o título. Só precisava vencer mais aquele duelo. Era noite de quinta-feira, dia 28 de abril de 2005. Quase três mil torcedores lotaram as arquibancadas e fizeram do ginásio do UTC um caldeirão. O jogo começou tranquilo com o Unutri na frente no placar até o fim do segundo tempo. O time uberlandense vencia o Universo/Ajax por 44 a 30. Parecia que a vitória viria facilmente. De repente, os goianos reagiram ao jogo e diminuíram a diferença na contagem de pontos.

A tensão tomou conta dos torcedores. Quando faltavam poucos minutos para o fim, o Ajax virou o jogo. Mas os jogadores de Uberlândia não deixaram por menos. Alexander Blackwell colocou o Unutri à frente de novo. Faltando apenas três segundos para a partida acabar, Cambraia fez o lance mais festejado do jogo: o ala marcou cesta de três pontos, assegurando a vitória dos donos da casa sobre o Universo/Ajax por 71 a 66.

Aquela cesta de Cambraia foi a cesta da vitória e deixou a torcida eufórica. “Isso marcou muito na minha carreira, porque, além do título, eu vinha de um momento bastante desafiador. Eu já tava com 35, 36 anos de idade e no final eu lembro de eu entrando pra poder jogar, pra estar em quadra e, assim, a idade é algo que realmente faz a diferença. Então eu vinha de uma situação de busca sempre pra ter a oportunidade de jogar e eu vinha de uma situação que eu não estava jogando muito. Então naquela época, nessa temporada, eu tive que me sacrificar muito, me dedicar muito e além do título, que foi extremamente importante, eu ainda fui coroado pelo meu esforço, pela minha dedicação, pela minha disciplina com essa cesta no último segundo, que foi a coroação da minha carreira”, recorda Cambraia.

O Unutri fechou a série melhor de cinco por 3 a 1. A equipe galgava mais um degrau na sua caminhada vitoriosa. Aquela noite de quinta-feira foi outro marco na história do time. O Unutri conquistou o título inédito de campeão da Liga Sul-Americana de 2005. O ginásio do Uberlândia

Tênis Clube ficou pequeno para tamanha alegria. A torcida e toda a equipe do time uberlandense puderam soltar, finalmente, aquele grito que ficou engasgado um ano antes quando ficaram com o vice-campeonato.

Houve uma explosão de emoção na quadra do UTC. “Eu acho que é um título internacional e poucos times do Brasil conseguiram conquistar e a gente teve a oportunidade de conquistar e no ano anterior a gente tinha batido na trave. Então, assim, foi realmente a forma para falar assim ‘a gente merecia aquilo lá, mas não certo, mas agora deu, então nós podemos comemorar e curtir bastante porque foi pra lavar a alma assim’”, recorda Helinho.

Nas palavras de um dos maiores responsáveis pela conquista, o que aquele título significou “foi um espetáculo, porque o pessoal da confederação, eles não estavam torcendo para nós não. Então acabou o campeonato e nós fomos campeões e teve um jantar lá no hotel e a gente olhava pro pessoal da Confederação que tinha torcido contra a gente, como se a tivesse contando uma piada, todo mundo caía na gargalhada. Mas de felicidade pelo título conquistado”, relembra Hélio Rubens.

A festa começou ali dentro da quadra. O Unitri levantou o troféu de campeão Sul-Americano e os jogadores e comissão técnica receberam suas medalhas de ouro. Teve muita comemoração regada a banho de champanhe. E não parou por aí. Teve aviãozinho na quadra. E teve desfile da equipe do Unitri em carro aberto do Corpo de bombeiros. Assim como aconteceu na conquista do Campeonato Brasileiro, a carreata seguiu rumo à universidade Unitri, patrocinadora da equipe, e foi acompanhada pelos torcedores. “Eu lembro que nós fomos lá pra Unitri. Tinha um caminhão do corpo de bombeiros e nós fomos numa carreata até na Unitri. E aí a torcida toda acompanhando, as pessoas correndo, outros carros, de moto, então foi uma passeata mesmo até lá e lá foi uma festa grande”, recorda Cambraia. Houve queima de fogos pelas ruas de Uberlândia e na porta da faculdade distribuíram chope para os presentes naquela festa.

Naquela noite, os jogadores fizeram festa com os torcedores, mas a comemoração não se prolongou por outros dias, já que a equipe estava em meio à disputa do Campeonato Nacional de 2005. “Eu lembro que um dia ou dois dias, a gente ia jogar uma partida do brasileiro, então, a noite saímos todo mundo, mas no outro dia não dava nem para comemorar, porque tinha que treinar porque no outro dia tinha jogo do brasileiro”, conta Valtinho.

Tony Harris, Estevam, Wanderson, Valtinho, Helinho, Cambraia, Juliano, Brasília, Rogério, Janjão, Douglas, Guilherme, Leonardo, Paulo e o técnico Hélio Rubens formaram a equipe sul-americana de 2005. O armador Valtinho foi eleito o MPV (jogador mais valioso) do campeonato.

Além de o Unitri ter o melhor jogador do campeonato, ainda teve outro destaque na Liga. É que Hélio Rubens foi escolhido como o melhor técnico do torneio.

Hélio Rubens cumpriu a sua promessa de trazer títulos para o time uberlandense. Ele conseguiu um feito daqueles para Uberlândia. O técnico vitorioso fez o seu trabalho com maestria. Para ele, são vários os elementos que fizeram o Unitri triunfar. “Primeiro o relacionamento, segundo o treinamento forte. Porque eu falava que treino era jogo e eles [os jogadores] treinavam como se fosse jogo e, depois, nós fomos ganhando o entrosamento muito grande. Quando a gente falava no vestiário, falava como se fosse uma irmandade mesmo: que a gente pode, a gente quer, a gente acredita, estamos juntos, essas coisas que motivam as pessoas”, recorda o treinador.

O técnico Hélio Rubens sempre prezou pelo bom relacionamento com a equipe que comandava. “A gente precisa de um relacionamento pautado pela honestidade, pelo ideal, pela amizade e a gente sempre teve isso”, conta o treinador. “Esse tipo de relacionamento é um grande investimento para conseguir o resultado que se quer e os objetivos”, ressalta. Ele conta que o elo construído ali com o elenco do Unitri foi algo que permaneceu com o tempo. “Com isso ficou, até hoje eu tenho esse relacionamento, mesmo estando ausente, já cada um para um lado, a gente tem esse entrelaçamento. É uma coisa que perdura pro resto da vida, porque foi muito autêntico, foi muito sincero, foi muito natural”, lembra Hélio Rubens.

## Na trave, ou melhor, no aro!

O 16º Campeonato Nacional Masculino aconteceu entre os meses de janeiro e junho de 2005. Universo/BRB/DF, Universo/Ajax, Minas, Unitri/Uberlândia, Londrina, São José dos Pinhais, Liga Macaense, Telemar, Ulbra/Torres, Joinville, COC/Ribeirão Preto, Corinthians/UMC, Franca Basquete, Paulistano, Uniara/Araraquara e Limeira entraram na disputa em direção à supremacia do basquete nacional.

O Unitri se classificou para a segunda etapa da competição em terceiro lugar, somando 53 pontos. Foram 30 jogos disputados, com 23 vitórias e 7 derrotas. Os dois primeiros colocados foram o Telemar e COC/Ribeirão Preto, respectivamente, com 56 pontos. O quesito desempate entre as duas equipes foi o saldo *average*. Já o time uberlandense teve a melhor defesa da competição na fase de classificação.

Na última rodada da primeira etapa do Campeonato Nacional de Basquete Masculino, o Unitri tinha de enfrentar o Universo/Ajax. Ambos os times pertenciam ao Grupo Salgado de Oliveira. A equipe de Uberlândia já estava classificada para as quartas de final. Só que a história não era a mesma para o adversário do time mineiro. O Universo/Ajax tinha que vencer de qualquer jeito para se classificar para os *playoffs*. Mas deu tudo errado para o Ajax nesse jogo e tudo certo para o Unitri. O técnico Hélio Rubens colocou os reservas jogando. Mesmo sem jogar com os titulares, o Unitri esteve à frente no placar toda a partida. No fim, o time de Uberlândia venceu por 80 a 72 e o Universo/Ajax foi eliminado da competição.

Nas quartas de final o Unitri enfrentou o Paulistano. No ginásio do UTC, os donos da casa derrotaram o time paulista por 100 a 93 e largaram na frente na série melhor de cinco. No segundo confronto realizado em Uberlândia, o Unitri venceu de novo, pelo placar de 100 a 96. Com o resultado, o time uberlandense fez 2 a 0 em cima do Paulistano e ficou a uma vitória da semifinal. Mas ela não veio no terceiro jogo realizado no ginásio Hebraica em São Paulo. Fora de casa, o Unitri foi derrotado por 88 a 78. O Unitri não bobeou no confronto seguinte. Só faltava ganhar mais um jogo para o time uberlandense ir direto para a semifinal do campeonato. E foi o que aconteceu na quarta disputa realizada em São Paulo. Os mineiros derrotaram o Paulistano por 96 a 92 e garantiram vaga para os jogos da próxima fase.

Na semifinal de 2005 um duelo de campeões. Os dois últimos vencedores brasileiros se encontraram: COC/Ribeirão Preto, campeão de 2003, contra Unitri Uberlândia, campeão de 2004. No primeiro jogo o Unitri foi a Ribeirão Preto. O ginásio Cava Bosque foi palco para a vitória do time mineiro pelo placar apertado de 87 a 86. A partida teve como cestinha o pivô

Estevam que fez 30 pontos para o Unitri. O segundo confronto também foi em Ribeirão Preto. Mas o resultado não foi o mesmo. A equipe de Uberlândia perdeu por 83 a 77. O ala Cambraia, do Unitri, foi o cestinha do jogo com 21 pontos. A série ficou empatada por 1 a 1.

Na terceira rodada da semifinal, o Unitri jogou em casa, no ginásio do UTC. Os uberlandenses bateram o adversário paulista por 95 a 85 e ficaram a uma vitória da grande final da competição. O quarto confronto também foi em Uberlândia. No tempo normal de jogo deu empate por 77 a 77. A partida foi para a prorrogação e o Unitri bateu o COC/Ribeirão Preto pelo placar de 85 a 81. Estevam foi o cestinha com 22 pontos. E pela terceira vez consecutiva o Unitri chegou à final do Campeonato Nacional. Era a chance da conquista do bicampeonato.

Na decisão Unitri *versus* Telemar. Mineiros e cariocas na corrida rumo ao título. A abertura da final foi no Rio de Janeiro. A equipe uberlandense caiu diante do Telemar por 87 a 71. O time do Rio de Janeiro abriu a série final por 1 a 0. O segundo duelo também foi no Rio. Jogando fora de casa, o Unitri perdeu mais uma vez, já que o Telemar fez 94 a 91 em cima dos uberlandenses. Com a segunda derrota, o Unitri se complicou na final do campeonato, enquanto o Telemar fez 2 a 0 na série melhor de cinco.

Com mais uma vitória, o Telemar levaria o título. O terceiro jogo era de vida ou morte para o Unitri. Os torcedores lotaram o ginásio do UTC, palco do confronto, e viram o time uberlandense vencer o adversário por 96 a 91. A série final estava 2 a 1 para o Telemar. O Unitri tinha que vencer o quarto duelo para levar a decisão para o quinto jogo.

A torcida compareceu em peso ao UTC na expectativa da vitória dos uberlandenses. Das arquibancadas, eles empurravam a equipe com gritos de guerra. Mas não deu para o Unitri. O Telemar ganhou pelo placar de 106 a 92 e conquistou o título do Nacional de 2005, fechando a série em 3 a 1. O Unitri chegou à final do Campeonato Nacional, mas não levou o título. Foi como se a bola tivesse ficado na trave, ou melhor, batido no aro no fim do jogo, mas não entrado. Para Hélio Rubens, o time foi prejudicado na final pela arbitragem: “a gente foi prejudicado, muito prejudicado e mesmo assim foi um jogo duro, jogo igual, mas fomos vice-campeões e não deixa de ser um título importante também”, destaca o técnico.

Quando a partida terminou, os torcedores aplaudiram os jogadores da equipe de Uberlândia, afinal eles ficaram em uma ótima colocação na competição. O bicampeonato não veio, mas o time conquistou um importante vice-campeonato. O que a equipe sentiu? “A sensação num primeiro momento de frustração, de não ter conseguido conquistar. Nós sofremos uma derrota, mas que, depois também participar, disso foi demais. O vice-campeonato, o segundo lugar é uma posição que enriquece o currículo”, recorda Cambraia.

## Vice no Sul-Americano de Clubes Campeões

Depois da conquista do vice-campeonato, era hora de arrumar a equipe do Unitri para a temporada de 2005/2006. Hélio Rubens saiu do comando do time. Os jogadores Valtinho, Estevam, Brasília, Alexander Blackwell, Lucas Cipolini e Cambraia renovaram contrato. E novos atletas chegaram para compor a equipe: Marcelinho, Hélio, Alfredo e Charles. Para dirigir o Unitri o técnico Ricardo Guimarães Cardoso, o Cadum, foi contratado.

Como vice-campeão brasileiro, o Unitri tinha pela frente o Campeonato Sul-americano de Clubes Campeões. Só que, antes da competição, o time disputou o Torneio Joaquim de Oliveira entre os dias 9 e 11 de setembro de 2005. A competição serviu de preparação para o Sul-americano de Clubes. Participaram do torneio o Unitri/ Uberlândia, o Universo/Ajax, o Universo/Brasília e o Minas Tênis Clube de Belo Horizonte. O Unitri acabou conquistando o primeiro título da nova temporada. E foram campeões invictos. A equipe uberlandense venceu o Minas por 98 a 86. Na sequência ganhou do Universo/Ajax por 65 a 61. No último jogo, o time mineiro venceu o Universo/Brasília por 102 a 91.

O 42º Campeonato Sul-americano de Clubes Campeões foi realizado entre os dias 20 e 24 de setembro. Oito equipes participaram da competição. O Grupo A contou com o Ben Hur da Argentina, Espe do Equador, Unitri/Uberlândia do Brasil e Deportivo San Jose do Paraguai. O Grupo B foi formado pelo Boca Juniors da Argentina, Libertad Sunchales da Argentina, Delfines de Miranda da Venezuela e Salto do Uruguai.

Na fase de classificação, o Unitri venceu o Deportivo San Jose por 96 a 77 e o Espe pelo placar de 104 a 70. Na sequência foi derrotado pelo Ben Hur por 79 a 72. Com duas vitórias, o time avançou no campeonato. Na semifinal enfrentou o Libertad Sunchales. Em confronto único, o Unitri bateu o adversário argentino por 69 a 62 e foi para a decisão contra o Boca Juniors. No *playoff* final, a equipe de Uberlândia caiu diante do Boca pelo placar de 85 a 75. Os argentinos levaram o título e o Unitri ficou com o vice-campeonato.

O Campeonato Estadual de 2005 foi realizado de outubro a dezembro. Oito equipes foram em busca do título mineiro: Unitri, Praia Clube, Minas, Olympico, Mackenzie, Ginástico, Santa Luzia e Betim. O Unitri iniciava a busca pelo octacampeonato mineiro. No jogo de abertura do Campeonato Estadual de Minas Gerais de 2005, os dois times uberlandenses, Unitri e Praia, se enfrentaram. O Unitri derrotou o Praia por 122 a 72.

Após o duelo entre si, Unitri e Praia foram a Belo Horizonte para as demais disputas válidas pela primeira fase da competição. Os times locais iniciaram bem a participação no torneio

e voltaram de Belo Horizonte com vitórias. O Praia ganhou do Olympico pela contagem de 82 a 72. O time praiano foi derrotado pelo Santa Luzia por 89 a 77 e pelo Mackenzie por 92 a 72, mas venceu o Betim pelo placar de 93 a 67. O Unitri, por sua vez, bateu o Mackenzie por 108 a 73. Na sequência, passou fácil pelo Olympico, fechando o jogo pela contagem de 102 a 32. Depois, o Unitri passeou em quadra e derrotou Betim por 152 a 31, nada menos que 121 pontos a mais que o adversário. E ainda venceu o Santa Luzia com facilidade pelo placar de 113 a 52, encerrando o primeiro turno do campeonato invicto.

Na segunda fase do Campeonato Estadual, Unitri e Praia voltaram a se enfrentar. E, de novo, vitória fácil do Unitri por 122 a 63. Depois, o Unitri entrou em quadra e deu *show* de basquete contra o Olympico, derrotando o adversário pelo placar de 136 a 34. Já o Praia também foi bem e aplicou uma derrota ao time de Betim por 121 a 67. O mesmo Betim também caiu diante do Unitri pela contagem de 150 a 62. O Praia conseguiu ainda uma vitória importante sobre o Olympico por 73 a 52. Na semifinal, Unitri e Ginástico se encontraram. O Unitri abriu a série melhor três ao derrotar o Ginástico, no ginásio do UTC, por 107 a 42. No segundo jogo, o Unitri venceu de novo. O placar de 95 a 50 colocou o Unitri na final do campeonato.

Na luta pelo oitavo título, um velho conhecido: o Minas, de Belo Horizonte. No primeiro jogo da decisão, o Unitri foi à capital mineira. Fora de casa, o time uberlandense venceu o Minas por 94 a 83 e abriu a série melhor de três por 1 a 0. O segundo jogo foi no ginásio do UTC. A partida teve direito a enterradas do pivô Estevam que levantaram a torcida, infiltração de Blackwell e ainda cestas de três pontos de Hélio e Blackwell. Em casa, o Unitri derrotou o Minas pelo placar de 110 a 104. Por 2 a 0, a equipe fechou a série final e conquistou o octacampeonato. Era o oitavo título consecutivo do Unitri no Campeonato Estadual Masculino Adulto.

## Um campeonato sem campeão

Na temporada 2005/2006, o esquema do Campeonato Nacional de Basquete Masculino mudou. Era a 17ª edição do torneio que começava em dezembro de 2005 e ia até junho de 2006. A fase de classificação foi dividida em grupos. Inicialmente havia dois: o Grupo A formado pelo Joinville, Universo/Ajax, Unitri, Flamengo, SEB/Brusque, Americana Basketball, Conti/Amea/Assis, Paulistano e São Paulo F.C./Santo André; e o Grupo B constituído pelo Universo/BRB/DF, Minas, Londrina, Sport Club do Recife, Bandeirantes/Rio Claro, COC/Ribeirão Preto, Franca, Pinheiros e Bauru.

O Unitri formou com Marcelinho, Alfredo, Cambraia, Charles, Valtinho, Estevam, Blackwell, Hélio, Guilherme, Tischer, Wellington, Rodrigo e Brasília. À frente da equipe, o técnico Cadum. O time de Uberlândia se classificou em primeiro lugar da sua chave, passou pelas oitavas de final, chegou às quartas de final, mas não avançou na competição. Após a primeira fase do Nacional, Cadum foi dispensado do Unitri e Miguel Ângelo da Luz passou a dirigir o time na continuação do Brasileiro.

Nas oitavas de final, o time uberlandense enfrentou o Sport Club Recife. O Unitri fechou a série melhor de cinco em 3 a 0. Venceu o Sport por 100 a 68, 110 a 71 e 87 a 78, respectivamente. Nas quartas de final pegou o COC/Ribeirão Preto. Primeiro, o Unitri foi derrotado pelos paulistas pelo placar de 102 a 92. Na sequência perdeu por 96 a 92. Na segunda derrota para o COC, Miguel Ângelo da Luz deixou o seu cargo de treinador e o preparador físico e assistente técnico Mário Augusto Saraiva assumiu interinamente. Só que a equipe de Uberlândia perdeu o terceiro duelo por 112 a 109 e deu adeus à competição.

O campeonato foi marcado por muita confusão. Quando ia começar a disputa das oitavas de final, os jogos foram cancelados pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB). Isso aconteceu para atender a uma liminar concedida pela Justiça. É que a equipe do Telemar entrou com uma ação visando sua participação no Campeonato Nacional. Primeiro, a Justiça anulou todas as partidas realizadas e proibiu a continuação do torneio. Para atender à liminar, a CBB incluiu os times de Uniara/Araraquara, Winner/Limeira, Telemar/Rio, Grajaú, Keltek/Basketball e Ulbra/Torres no certame. A competição tinha, até então, dois grupos: A e B. Com a nova solução apresentada, foi criado o grupo C, com os seis clubes integrados ao campeonato. Os times tiveram que jogar entre si em turno e retorno. Os dois mais bem classificados disputariam os *playoffs* com as demais equipes.

Bagunça foi o retrato daquele campeonato. Depois do tumulto gerado com a Justiça e a inclusão das novas equipes, o Campeonato recomeçou. COC/Ribeirão Preto e Franca chegaram à decisão e até jogaram a primeira partida do *playoff* final. Mas no fim das contas o campeonato terminou sem um campeão.

Passado o pseudocampeonato, o técnico Ênio Vecchi assumiu o comando do Unitri para temporada 2006/2007. O Unitri disputou a 10ª Liga Sul-Americana de Clubes entre os meses de fevereiro e maio de 2006. Quinze equipes participaram da edição: Ben Hur, Libertad Sunchales e Boca Juniors da Argentina; COC/Ribeirão Preto, Unitri/Uberlândia, Universo/Ajax e Universo/BRB/DF do Brasil; Marinos de Oriente e Guaros de Lara da Venezuela; Paysandu e Aguada do Uruguai; Deportivo San Jose e Libertad do Paraguai; Ancud do Chile e Regatas de Lima do Peru.

A primeira fase foi na cidade de Paysandu, no Uruguai. A equipe uberlandense foi derrotada pelo Marinos de Oriente por 83 a 81, mas venceu o Ancud por 103 a 86 e o Paysandu pelo placar de 90 a 83. Assim, o Unitri se classificou para as quartas de final e pegou o Guaros de Lara. O primeiro duelo foi em Uberlândia e o Unitri bateu a equipe da Venezuela por 108 a 73. Na sequência, jogou fora de casa e venceu por 89 a 82. No terceiro confronto, também fora de casa, o Unitri ganhou pelo placar de 87 a 79 e garantiu vaga na semifinal da Liga.

No *playoff* semifinal, Unitri contra Ben Hur. A abertura da série melhor de três foi em Uberlândia. Os donos da casa aplicaram uma derrota nos argentinos pelo placar de 80 a 75. O segundo e o terceiro confrontos foram na cidade de Raphaela, na Argentina. Jogando fora dos seus domínios, o Unitri perdeu para o adversário por 77 a 71. Na sequência, mais uma derrota pela contagem de 85 a 83. O Ben Hur fechou a série por 2 a 1 e o Unitri deu adeus à Liga Sul-Americana.

A decisão do título ficou por conta do Ben Hur e o COC/Ribeirão Preto. A final foi disputada na série melhor de cinco e o time da Argentina levou a melhor. Fazendo 3 a 1 na equipe paulista, o Ben Hur tornou-se o campeão da Liga de 2006. O COC/Ribeirão Preto ficou com o vice-campeonato e o Unitri conquistou o terceiro lugar da competição. Marcelo Machado, Hélio, Estevam, Valtinho, Alfredo, Cambraia, Brasília, Charles, Alexander Blackwell, Guilherme, Lucas Tischer, Wellington e Rodrigo formaram a equipe do Unitri da disputa da Liga Sul-Americana. Ênio Vecchi dirigiu o time na campanha que terminou com o terceiro lugar do torneio.

## **Fechando o ano com chave de ouro**

O ano de 2006 ainda contava com mais três missões para o Unitri: o 11º Torneio de Campeões no Chile, a 2ª Copa Joaquim de Oliveira e o Campeonato Estadual Adulto. O primeiro da temporada 2006/2007 foi a competição internacional que aconteceu entre os dias 11 e 15 de agosto de 2006. O Unitri foi a única equipe brasileira presente na competição. Além do time de Uberlândia, o Gimnasia y Sgrima, o Atenas de Córdoba e o Ben Hur da Argentina; o Universidad Concepción e Universidad Católica do Chile completaram a lista de equipes participantes da disputa. Os times foram divididos em dois grupos na fase de classificação.

No grupo do Unitri tinha o Ben Hur e o Universidad Católica. Na primeira rodada do torneio, a equipe uberlandense derrotou o Ben Hur por 71 a 59. Na sequência ganhou do Universidad Católica pela contagem de 78 a 65 e foi à semifinal contra o Universidad Concepción. Pelo placar de 97 a 90 em cima do Universidad Concepción, o Unitri chegou à grande final do certame. Na decisão, o time de Uberlândia pegou o Universidad Católica do Chile. Mesmo jogando na casa dos adversários, com a torcida contra, o Unitri venceu os chilenos por 78 a 73 e conquistou o título do 11º Torneio de Campeões no Chile.

Toda viagem era assim. Aeroporto, avião, hotel, ginásio. A equipe ficava concentrada e viajava para cumprir o objetivo: jogar. Era uma rotina pesada. Não dava tempo de aproveitar a viagem para conhecer os lugares. Mas no Chile foi diferente. Depois da missão cumprida dentro de quadra, foi a hora de curtir fora dela. O elenco do Unitri ganhou folga e pôde aproveitar para conhecer o Chile. Para Cardoso, essa foi uma das melhores viagens que fizeram: “porque a cidade [era] muito bonita e nos levaram para passear nas montanhas de neve”, recorda o então mordomo da equipe. “Foi o único lugar que nós conseguimos passear”, lembra Cardoso. A Cordilheira dos Andes foi um dos pontos turísticos visitados pelo time.

A Copa Joaquim de Oliveira era o desafio do Unitri no fim do mês de agosto e início de setembro. O time uberlandense estreou com vitória diante da torcida sobre o Minas por 91 a 71. Na sequência, ganhou do Universo de Brasília por 95 a 84. O último confronto da equipe de Uberlândia foi o Rio Claro. Por apenas um ponto de diferença no placar, o Unitri bateu o adversário: 85 a 84. A partida decisiva foi realizada no ginásio do UTC. Os donos da casa só venceram após a cobrança de um lance livre pelo pivô Alexander faltando 15 segundos para o fim do jogo. Antes do lance, os dois times estavam empatados por 84 a 84. Alexander marcou 21 pontos e foi o cestinha do jogo. Com a vitória, o Unitri levou o título da 2ª Copa Joaquim de Oliveira.

A partir do mês de setembro, o compromisso do Unitri era o Campeonato Estadual Adulto. A edição de 2006 se estendeu até 2007. O Unitri terminou a fase classificatória em primeiro lugar. Na semifinal, enfrentou o Praia Clube e venceu, garantindo vaga na decisão da competição. A final foi disputada pelo Unitri e pelo Minas e só aconteceu em 2007.

A decisão do Campeonato Mineiro de Basquete Masculino de 2006, que ficou para 2007, começou no dia 2 de março em Belo Horizonte. Era uma briga pelo nono título mineiro seguido do time. O Unitri foi derrotado pelo Minas por 94 a 91 no primeiro jogo. Para levar o título, o time uberlandense teria que vencer os dois confrontos seguintes. Mais de três mil torcedores lotaram o ginásio do UTC, local da segunda disputa, e viram o Unitri vencer o time da capital pelo placar de 85 a 67 e empatar a série final por 1 a 1. O armador Valtinho foi o cestinha do jogo, com 22 pontos.

O confronto decisivo foi também na cidade de Uberlândia no dia 14 de março de 2007. A torcida lotou as arquibancadas do ginásio do UTC. O tempo normal do jogo entre Unitri e Minas terminou empatado por 85 a 85. A partida foi para a prorrogação e o empate permaneceu por 98 a 98. Foi necessário mais um tempo extra. Depois de muita tensão, contusões de jogadores, exclusão de atletas pela quinta falta na partida e duas prorrogações é que o campeão do torneio mineiro foi definido. O time de Uberlândia ganhou do Minas pelo placar de 111 a 106. Com a vitória, o Unitri se tornava enecampeão mineiro. O seu nono título consecutivo.

Para Valtinho, essa partida foi muito marcante. “A gente tava perdendo do Minas na final do Mineiro por 9 pontos faltando 40 segundos, torcedor indo embora. Nós viramos o jogo, ganhamos e, assim, com certeza vários torcedores não viram e devem ter ido embora pensando que a gente tinha perdido, porque o jogo tava perdido mesmo e a gente olhava assim e o torcedor indo embora meio xingando a gente e a gente virou. Aí a gente virou no último segundo, ganhamos o jogo e fomos campeões mineiro aquele dia”, recorda o armador.

“Foi uma coisa inacreditável, porque tava perdido e todo mundo indo embora xingando a gente, a gente virou, ganhou e quem tava no ginásio, quem ficou no ginásio, nossa, pulou, invadiu a quadra, foi louco. Esse jogo foi louco, foi umas das partidas mais emocionantes”, lembra Valtinho. Aliás, a estrela do jogo final foi o armador Valtinho, que foi o cestinha com 38 pontos. E sabe qual foi o som que mais ecoou pelo ginásio naquele dia 14 de março? “O Minas é freguês!”. Afinal, era mais uma conquista em cima do Minas.

Na equipe enecampeã estavam Hélio Vitor, Valtinho, Alfredo Luiz, Cambraia, Wagner Carvalho, Patrick Mathias, Pedro Aldebaran, Gustavo Rodrigues, Charles Marcio, Guilherme Augusto, Daniel Barone, Brasília, Manteiguinha, Douglas Ângelo e Alexander Blackwel. Ênio

Vecchi dirigiu o time na disputa que terminou com o final feliz para os uberlandenses. Aliás, missão dada, missão cumprida para o time Unitri. A equipe encerrava 2006 com mais três títulos, logo fechou o ano com chave de ouro.

## Terceiro lugar no Nacional

O Campeonato Nacional de Basquete Masculino 2006/2007 foi realizado entre os meses de novembro de 2006 e julho de 2007. Manteiguinha, Hélio, Douglas, Wagner, Patrick, Valtinho, Alfredo, Cambraia, Barone, Brasília, Charles, Alexander, Guilherme, Pedro e Gustavo formaram a equipe do Unitri para a disputa. À frente do time estava o técnico Ênio Ângelo Vecchi. Mário Augusto Saraiva era o assistente técnico, Daniel B. Pereira, o médico; Silas Pereira Rezende, o fisioterapeuta; e Giseppe Urzeta, o mordomo.

O Unitri Uberlândia terminou a primeira fase do Campeonato Nacional em terceiro lugar com 40 pontos. Foram 23 jogos, com 17 vitórias e 6 derrotas. O primeiro lugar ficou para o Universo/DF, que fez 45 pontos, e o segundo para Franca, que atingiu os mesmos 40 pontos que o time uberlandense, mas conseguiu um maior saldo *average*.

Nas quartas de final, o Unitri pegou o Bandeirantes/Rio Claro. O primeiro jogo da série melhor de cinco foi no ginásio do UTC. O Unitri venceu o adversário paulista por 88 a 87. Já no segundo confronto o time sofreu uma derrota em casa pelo placar de 86 a 63 para o Bandeirantes/Rio Claro. Com a série empatada em 1 a 1, a equipe de Uberlândia foi a Rio Claro. Fora de casa, o Unitri conseguiu uma vitória importante por 85 a 81. O quarto duelo aconteceu na cidade paulista e foi decisivo. O elenco de Uberlândia ganhou do Rio Claro pelo placar de 87 a 78 e fechou a série por 3 a 1. O resultado garantiu a vaga do time uberlandense na semifinal contra Franca.

No início do *playoff* semifinal, o Unitri foi a Franca. O jogo foi emocionante. A definição do vitorioso só veio no último segundo da partida. É que a equipe de Uberlândia perdia por um ponto de diferença no placar. Aí, Valtinho recebeu falta e teve direito de cobrar dois lances livres. Com os arremessos certos, o time uberlandense virou o placar. O jogo terminou com aquele mesmo um ponto de diferença, o que mudou foi o protagonista: o Unitri venceu por 75 a 74. No basquete é assim, um segundo pode mudar tudo. Foi o que aconteceu naquele embate entre Franca e Unitri. A equipe de Uberlândia largou na frente e abriu 1 a 0 na série melhor de cinco.

O segundo confronto entre mineiros e paulistas foi novamente em Franca. O duelo foi marcado por tensão e por um final espetacular. Faltando três minutos para zerar o cronômetro, Franca estava à frente no placar. Eram 10 pontos a mais que a equipe de Uberlândia. O elenco do Unitri fez três cestas consecutivas na linha de três pontos e diminuiu consideravelmente a diferença. A 12 segundos do fim do jogo, o time paulista ainda vencia, mas por apenas um ponto:

87 a 86. Mas, na reta final, Franca fez mais dois pontos em cobrança de falta. Depois, Valtinho sofreu falta. O armador teve uma estratégia para não terminar o jogo derrotado: acertou um lance livre e jogou a bola no aro, de propósito, na segunda cobrança. Com o feito, pegou o rebote e fez cesta. Que jogada! A partida ficou empatada por 89 a 89 e teve que ir para a prorrogação. Para Flaviano, da Inferno Verde, esse jogo foi muito marcante. “Eu me lembro de uma vez, de uma bola que o Valtinho tava perdendo por uns três pontos e o último lance livre tava na mão do Valtinho. Ele só tinha dois, a única opção era errar um e acertar o outro. Ele acertou o primeiro e o segundo ele jogou de propósito na tabela e empatamos a partida, fomos para a prorrogação e conseguimos ganhar esse jogo. Foi muito emocionante”, relembra Flaviano.

No tempo extra, foi a cobrança de três lances livres pelo Valtinho no fim da partida que definiu o vencedor. O armador converteu as três cestas e o Unitri ganhou de Franca por 99 a 97, em um jogo em que não faltou emoção. O Unitri fazia 2 a 0 na série melhor de cinco. Valtinho brilhou em quadra e terminou com um duplo-duplo, quando um jogador alcança dois dígitos em dois fundamentos do basquete. No caso, o armador foi o maior pontuador do Unitri, com 18 pontos e, ainda, fez 10 assistências no confronto.

Com a vantagem na série semifinal por 2 a 0, tudo caminhava para o Unitri chegar à final do Campeonato Nacional. Só faltava ganhar mais um jogo. Só mais uma vitória colocava o time na briga pelo título. O terceiro confronto era em casa, na quadra do Uberlândia Tênis Clube. A torcida lotou o ginásio. Nos dois primeiros quartos, o Unitri ganhava de Franca, mas o jogo virou no terceiro tempo. E daí por diante não deu para o time mineiro: o adversário fechou a terceira partida por 90 a 87 e a série ficou 2 a 1 para a equipe uberlandense.

Novamente em casa, o Unitri fez a quarta partida da série. Era mais uma chance de ir para a final. A torcida foi ao ginásio do UTC dar aquele apoio aos ídolos do time. Não faltou animação do público, que não parou de empurrar a equipe uberlandense. Mas um pontinho separou o elenco mineiro da classificação para a decisão. O Unitri perdeu para o Franca pelo placar de 73 a 72. E o que parecia impossível aconteceu. Franca empatou a série por 2 a 2. Valtinho foi o cestinha do duelo com 23 pontos. O engraçado foi que o Unitri ganhou os dois jogos fora de casa e o mesmo aconteceu com Franca. Ambos perderam as partidas que realizaram em seus territórios.

A decisão do Campeonato Nacional de Basquete aconteceu em terras paulistas e o confronto era de vida ou morte. Quem vencesse, brigaria pelo título. É, o Unitri tentou, mas perdeu a terceira partida seguida contra Franca. Os donos da casa fizeram 90 a 84 em cima dos

uberlandenses e o Unitri deu adeus à competição e ao sonho de ser bicampeão brasileiro. Valtinho, mais uma vez, se destacou. Anotou 25 pontos e foi o cestinha da partida.

O Franca ganhou a vaga na grande final. Do outro lado da disputa, estava o Universo/BRB, de Brasília, que tinha vencido o Minas na semifinal. O Universo/BRB conquistou o título e o Franca ficou com o vice-campeonato. O Unitri Uberlândia terminou a competição em uma ótima colocação: faturou o terceiro lugar em uma disputa que envolveu 13 times: Universo/BRB, Franca, Unitri Uberlândia, Minas, Paulistano, Bandeirantes/Rio Claro, Flamengo, CR Saldanha da Gama, Joinville, Londrina, Vila Velha, Iguazu Basquete Clube e Grajaú C.C.

Depois de disputar o Nacional, Valtinho, o destaque do Unitri, foi convocado para integrar a Seleção Brasileira de Basquete em 2007. O armador jogou pelo selecionado nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, que aconteceu entre os dias 25 e 29 de julho. Junto com a equipe brasileira, ele conquistou a medalha de ouro. Na final, o Brasil enfrentou Porto Rico e venceu pelo placar de 86 a 75.

Naquele ano de 2007, a Liga Sul-Americana de clubes chegou à sua décima primeira edição. A competição reuniu 16 equipes divididas em quatro grupos: A (Cocodrilos da Venezuela, Gimnasia Comodoro Rivadavia da Argentina, Provincial Osorno do Chile e Alas Peruanas do Peru), B (Ben Hur da Argentina, Deportivo Nonis da Bolívia, Felix Perez Cardozo do Paraguai e Bandeirantes/Rio Claro do Brasil), C (Gatos de Monagas da Venezuela, Malvin do Uruguai, Deportivo San José do Paraguai e Franca do Brasil) e D (Libertad Sunchales da Argentina, Olimpia do Uruguai, Universidad Concepción do Chile e Unitri Uberlândia do Brasil).

A primeira fase da Liga foi realizada em Montevidéu, no Uruguai, no fim mês de fevereiro. O time uberlandense participou da etapa de classificação, mas não avançou para as quartas de final. O Unitri caiu diante do Libertad Sunchales por 91 a 79, venceu o Universidad de Concepción por 90 a 88 e, por último, perdeu para o Olimpia pelo placar de 90 a 71. Com duas derrotas, o Unitri deu adeus à 11ª Liga Sul-Americana de Clubes. A final foi decidida entre Franca e Libertad Sunchales. Na série melhor de cinco, os argentinos derrotaram os brasileiros, mas foi uma final muito disputada e o campeão só foi decidido na quinta partida da série.

## **Fim do Unitri? Um baque geral!**

Em 2007 o basquete de Uberlândia ganhou um capítulo triste na sua história. O Unitri, criado em 1998, que já tinha nove títulos mineiros, um nacional e um sul-americano, além de dois vice-campeonatos brasileiros e um vice-campeonato sul-americano, encerrava suas atividades. Wellington Salgado, o diretor do Unitri, extinguiu o time profissional. Na época, Salgado alegou que a decisão decorria da falta de apoio do poder público de Uberlândia.

A primeira notícia do fim do Unitri saiu em julho. O anúncio gerou muita especulação. Representantes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), do Praia Clube, do UTC e a iniciativa privada organizaram uma comissão que visava criar um novo time de basquete profissional em Uberlândia. Depois, Wellington Salgado voltou atrás da deliberação e renovou contrato com Valtinho, Brasília, Estevam e Charles. Mas em agosto a extinção do Unitri foi confirmada e os atletas que acertaram com o Grupo Salgado foram para Brasília, atuar pela equipe do Distrito Federal também pertencente ao Grupo.

O que teria determinado a extinção do Unitri definitivamente foi a perda do direito de disputar os campeonatos oficiais com o nome do UTC, além das instalações que serviam de centro de treinamento para o time. É que, a partir daquele momento, o clube passaria a ser usado pela nova equipe que estava sendo formada.

O fim do time uberlandense naquele ano de 2007 foi um baque geral. O anúncio deixou um montão de gente abalada. As pessoas pareciam não acreditar que aquilo era real. Os apaixonados pelo basquete de Uberlândia ficaram inconformados. A torcedora Reilla conta que havia conversa, mas não imaginava que, de fato, a equipe pudesse encerrar as atividades: “conversa sempre existe, sempre vai ter, mas eu nunca acreditava. Nunca. Falei: ‘Não, o time sair? Tá doido! Igual o sol nasce amanhã, tem jogo amanhã, não tem lógica assim, sair’. Aí quando saiu eu lembro que eu chorei muito, chorei demais”, recorda ela. O sentimento da torcida? “Foi um impacto, porque o time tava muito bem, o ginásio lotado”, lembra Reilla.

Cardoso, o então mordomo do time, também ficou muito triste com o anúncio da extinção do Unitri. Teve um dia que ele até chorou em frente às câmeras. É que Cardoso e a equipe que trabalhava nos bastidores estavam retirando os troféus do time do UTC para levar para o Centro Universitário do Triângulo (Unitri) e a equipe televisiva foi ao local fazer uma matéria. “Então foi o dia que a televisão foi lá e eu, infelizmente, muito emotivo, chorei em frente à televisão e a televisão gravou e, depois de vários dias, muita gente me encontrava na rua e falava ‘oh, Cardoso, chorei com você’”, lembra Cardoso.

Em outubro de 2007 tinha o Campeonato Estadual que se estenderia até dezembro. Mesmo com o fim do Unitri, a diretoria do time fechou parceria com o Uberlândia Esporte Clube (UEC) para a disputa da competição mineira. Os jogadores que tinham acertado contrato com o Grupo Salgado de Oliveira vestiriam a camisa do UEC/Unitri e o time ainda teria o reforço dos atletas do Universo/Brasília.

E assim aconteceu! O elenco da equipe passou a contar com Valtinho, Charles, Brasília e Estevam, que eram do Unitri/Uberlândia; e Artur, Rossi, Ratto, Marcio Cipriano e Luís Fernando, que pertenciam ao time brasiliense. Além disso, o norte-americano Tony Harris retornou ao grupo do Salgado de Oliveira como reforço para a equipe, mas não chegou a jogar o torneio mineiro.

A então recém-formada equipe de basquete tinha como sede o Distrito Federal e os jogadores só vieram para Minas para a disputa do Mineiro. Mas o UEC/Unitri ganhou o direito de treinar e mandar suas partidas no UTC, depois de uma reunião com o prefeito da cidade na época, Odelmo Leão. Para tanto, um cronograma de horários de uso das instalações do clube foi elaborado.

O outro time na disputa pelo Campeonato Estadual era a equipe formada pelo Praia Clube/UTC/UFU que ficou com o nome de UTC/Uberlândia. O time, além da competição mineira, tinha pela frente o Campeonato Nacional. Os jogadores Leandro Salgueiro, Wellington Alvarenga, Akaoã Frois Martins, Raufe Silva Ançalone, Guilherme Palma, Rodrigo César Silva, Alexandre Henrique, Fernando Garbim e Leandro Bittar, o técnico Carlos Romano e os assistentes Cristiano Grama e Fernando Henrique Pinheiro formaram o elenco do UTC para a temporada 2007/2008.

A estreia do primeiro circuito do Campeonato Mineiro de Basquete Masculino foi em Belo Horizonte. O Unitri/UEC venceu o seu primeiro confronto contra o Athletic/Olympico/ABS de São João Del Rei por 101 a 70. Já o Uberlândia/UTC não foi bem no jogo com o Minas Tênis e perdeu pelo placar de 101 a 35. Na sequência um duelo entre o UTC e o Verdão. O Unitri//UEC massacrou o adversário uberlandense pelo placar elástico de 100 a 32. Depois, o Verdão foi derrotado pelo Minas Tênis por 92 a 74. O time do UTC também foi batido no seu confronto com o Athletic/Olympico por 96 a 84. O Minas terminou o primeiro circuito como o líder da competição e o Unitri/UEC ficou com a segunda posição.

O segundo circuito do Campeonato Mineiro de Basquete foi realizado em Uberlândia. A arena do Sabiazinho foi palco para as disputas em terras uberlandenses. O Unitri/UEC conseguiu superar o Athletic/Olympico pela contagem de 103 a 63. Já o Uberlândia/UTC não passou pelo

Minas, perdendo a partida por 86 a 63. Depois, o Verdão venceu o Minas por 97 a 93 e o UTC conseguiu ganhar a sua primeira partida no campeonato contra Unitri/UEC por apenas dois pontos de diferença: 79 a 77. O time ainda bateu o Athletic/Olympico por 102 a 67. O problema foi que o UTC acabou perdendo todos os pontos conquistados no torneio devido a uma punição aplicada pela Federação Mineira de Basquete (FMB) por atuar com jogador irregular na competição.

No terceiro circuito, disputado em São João Del Rei, o Unitri/UEC perdeu para o Minas por 106 a 99. O UTC, por sua vez, venceu o Athletic/Olympico por 100 a 50. No confronto UEC *versus* UTC, deu UTC, que bateu o adversário por 80 a 69. O UEC levou a melhor contra o Athletic/Olympico marcando 94 pontos contra 43 do rival. E, fechado o circuito, o UTC foi derrotado pelo Minas por 66 a 52.

A decisão do torneio ficou por conta do Unitri/UEC e do Minas. A abertura da final, disputada em uma série melhor de três, foi em Belo Horizonte, mas os uberlandenses foram derrotados por apenas dois pontos de diferença: 80 a 78 marcou o placar. A segunda partida foi em casa, no ginásio do UTC, e o Unitri/UEC tinha que vencer para provocar a terceira partida. E assim foi feito! Pelo placar de 80 a 70, o time de Uberlândia empatou a série por 1 a 1 e levou a decisão para Belo Horizonte. No jogo que valia o título do Campeonato Mineiro, a equipe uberlandense perdeu para o Minas pelo placar de 88 a 69. Era o fim da hegemonia de Uberlândia no basquete mineiro. O time da capital foi o campeão de 2007.

O time que jogou no UEC/Unitri disputou o campeonato carioca pelo Vasco da Gama na mesma época que jogou o mineiro. Isso porque o clube do Rio de Janeiro fez uma parceria com o Universo de Brasília, que era do grupo Salgado de Oliveira, para disputar a competição estadual. A equipe foi para a final dos dois torneios, mas perdeu e ficou com o vice-campeonato de ambos.

O ano de 2007 foi marcado por um episódio triste. Em novembro, o jogador de basquete Tony Lee Harris, que já tinha atuado pelo Unitri e era recém-contratado do grupo Salgado de Oliveira, ficou desaparecido por duas semanas. Depois, o atleta foi encontrado morto na cidade de Formosa, estado de Goiás, com indícios de suicídio. Tony Harris chegou ao Unitri em 2001 e atuou pelo time por quatro temporadas. Com a equipe uberlandense, o ala/armador, ganhou quatro Campeonatos Estaduais, o Nacional de 2004 e o Sul-Americano de 2005.

## O UTC no Nacional de 2008

O Campeonato Nacional de Basquete Masculino de 2008 aconteceu entre os meses de janeiro e junho. Doze equipes participaram da competição: Flamengo, Universo/BRB, Minas, Joinville, Rio Claro, UTC/Uberlândia, Saldanha da Gama, CETAF/Garoto/UVV, Univantes/Bira, FTC EAD, Londrina e Iguazu Basquete Clube.

O representante de Uberlândia foi o UTC, formado por Eduardo Baeta, o Feliz, Guilherme, Alexandre, Jaz, Leonardo, Raul, Ralfi, Fernando, Wellington, Rodrigo, Salgueiro, Fernandez, Olivinha, Adriano e Ricardo. Carlos Eduardo Romano dirigiu a equipe e Cristiano Carvalho Grama era o assistente técnico. O UTC finalizou a primeira fase do Campeonato Nacional em sexto lugar. Dos 22 jogos disputados, o time de Uberlândia venceu 13 e perdeu 9. Na fase de classificação, a equipe fez 35 pontos e avançou na competição.

Nas quartas de final, o time de Uberlândia se deparou com o elenco de Brasília, o Universo/BRB. Primeiro o UTC, jogando no Distrito Federal, perdeu para os brasilienses por 89 a 70. Na sequência, mais uma derrota, fora de casa, por 85 a 72. Depois, o UTC jogou no ginásio do clube e conseguiu uma vitória pelo placar de 85 a 81. No quarto jogo, o UTC/Uberlândia perdeu de novo, em casa, por 75 a 61 para Universo/BRB. O time de Brasília fechou a série por 3 a 1 e foi para a semifinal. Já o UTC deu adeus ao Nacional.

O Flamengo conquistou o título da competição e o Universo/BRB ficou com o vice-campeonato. O UTC terminou o torneio brasileiro em sexto lugar. Nos anos de 2008 e 2009 não houve representante uberlandense na disputa do Campeonato Nacional.

## Na área de novo: a volta do Unitri

Foram três anos longe das quadras até que, em 2010, essa história mudou. O time profissional do Unitri retornou ao cenário do basquete brasileiro em agosto daquele ano. A equipe voltou com o nome de Uberlândia/Unitri/Universo. O armador Valtinho, o ala Brasília e o pivô Estevam, que eram ídolos da torcida uberlandense, foram os primeiros contratados para integrarem o novo quadro da equipe de Uberlândia. Além do ginásio do UTC, o Sabiazinho passou a ser bastante utilizado para os jogos do time.

Cardoso conta que, no período em que o Unitri saiu de cena, alguns funcionários continuaram com suas funções, ou seja, não foram desligados do grupo. “Eu e o supervisor técnico continuamos trabalhando, quer dizer, continuamos tomando conta do material, sabendo que um dia [o basquete] voltaria. Então, nós ficamos três anos ganhando da Unitri, sendo registrados como funcionários e não trabalhávamos, mas sempre tomando conta do material”, lembra Cardoso.

Com o retorno da equipe, o primeiro desafio do novo Unitri foi o Campeonato Estadual de Basquete Adulto Masculino. Uberlândia teve, então, dois representantes na competição mineira: Unitri/Universo e Sesi Esportes. E os dois se enfrentaram logo na abertura da competição. Pelo placar de 96 a 69, o Unitri derrotou o time conterrâneo no ginásio do Sesi Gravatás.

Além das equipes de Uberlândia, os times de Paraíso Basquete, Juiz de Fora, Minas Tênis e Catalão/Olympico entraram na disputa estadual e duelaram entre si. O Unitri chegou aos *playoffs* do campeonato classificado em segundo lugar, atrás do Minas. O time uberlandense teve nove vitórias e apenas uma derrota na fase classificatória. Na semifinal, a equipe enfrentou o Paraíso Basquete e venceu o adversário de São Sebastião do Paraíso.

O Unitri chegou à final do torneio, mais uma vez, com o Minas Tênis. No primeiro duelo da decisão, o time uberlandense saiu na frente. Jogando no ginásio do UTC, o Unitri venceu o adversário da capital mineira por 84 a 69 e abriu 1 a 0 na série melhor de três. O segundo confronto foi em Belo Horizonte. O time entrou em quadra na busca de mais uma conquista. Quando o árbitro apitou o fim do jogo, pelo placar de 88 a 74, o Unitri saiu com o 10º título da equipe no Campeonato Estadual.

A equipe do Unitri, formada pelos armadores Valtinho, Robby Collum e Bernardo, os alas Robert Day, Raul, Soró e os pivôs Brasília, Estevam, Háttila Passos, juntamente com o técnico Ratto e os demais membros da comissão técnica (o auxiliar Rodrigo Silva, o preparador físico

Edicarlos Machado Siqueira e o supervisor Fernando Larralde), pôde comemorar o decacampeonato mineiro de basquete.

Depois do Campeonato Estadual, a missão do Unitri era o Novo Basquete Brasil (NBB). O NBB veio substituir o então Campeonato Nacional de Basquete Masculino Adulto. O novo formato da competição brasileira de bola ao cesto surgiu em 2009 e ficou sob a responsabilidade da Liga Nacional de Basquete (LNB).

A LNB foi fundada em 1º de agosto 2008. A ideia de criar a liga brasileira do esporte da bola laranja tinha objetivo claro: fazer uma liga gerida pelos próprios clubes. Uma liga independente em relação aos organismos oficiais, descentralizada do poder e da união. Em dezembro do mesmo ano, ocorreu o lançamento do NBB pela LNB em parceria com a Rede Globo e chancela da CBB. Na primeira edição do NBB, temporada 2008/2009, o Flamengo sagrou-se campeão. Já no NBB2, temporada 2009/2010, foi o Brasília que levantou o troféu.

O 3º Novo Basquete Brasil (NBB) foi realizado entre os meses de outubro de 2010 e maio de 2011. Brasília, Franca, Pinheiros, Flamengo, Bauru, Unitri, Araldite/Univille, São José, Limeira, Minas, Araraquara, Paulistano, Vitória Basquete, Vila Velha e Assis Basket entraram na corrida rumo ao título do campeonato. Naquela temporada de 2010/2011 o Unitri se formou com Valtinho, Robby Collum, Bernardo, Robert Day, Raul, Soró, Brasília, Estevam, Hátilla Passos e Lucas Cipolini. O técnico Ratto iniciou os trabalhos pelo campeonato brasileiro, mas comandou a equipe só até o fim de fevereiro de 2011. Com Ratto à frente do Unitri, o time conquistou 15 vitórias em 22 jogos pelo NBB. Marco Aurélio Pegolo dos Santos, o Chuí, assumiu a equipe.

Na primeira fase do NBB, o Unitri venceu 18 partidas e perdeu 10. O time uberlandense conseguiu avançar para as oitavas de final da competição. O adversário dos *playoffs* foi o time de Araraquara. Na série melhor de cinco, a equipe de Uberlândia conseguiu vencer os três primeiros jogos, não dando chance para o Araraquara. Primeiro, fez 90 a 63 jogando fora de casa. O confronto teve como destaque o ala Robert Day, que foi o cestinha, com 31 pontos. Aliás, o jogador converteu 15 pontos só em arremessos de três pontos. Valtinho também brilhou com um duplo-duplo: foram 14 pontos e 14 assistências!

Depois, o Unitri derrotou a equipe paulista, jogando na arena Sabiazinho, pelo placar de 89 a 61, e ficou a uma vitória da classificação para as quartas de final. Mais uma vez, Robert Day terminou o jogo como o maior pontuador: o ala anotou 31 pontos. O terceiro jogo também foi em Uberlândia e o Unitri bateu o Araraquara por 74 a 65, fechando a série por 3 a 0. O ala/pivô

Cipolini assinalou 17 pontos e foi o cestinha do jogo. O resultado levou o time para a disputa das quartas de final contra o Brasília, que tinha sido o campeão do NBB de 2009/2010.

O Unitri iniciou as quartas de final jogando em casa. E estreou com vitória. Com o apoio de 3 mil torcedores que compareceram ao UTC, o time de Uberlândia venceu o Brasília por 96 a 91. Robert Day e Valtinho foram os cestinhas da partida com 27 pontos cada um. O segundo confronto da série foi em Brasília e os donos da casa derrotaram o time mineiro pelo placar de 109 a 73. Na sequência, ainda jogando fora de casa, o Unitri perdeu mais um duelo para os brasilienses por 84 a 72. Depois, embalados pelos torcedores no ginásio do UTC, o Unitri conseguiu vencer com raça e determinação, por 80 a 68, e empatou a série em 2 a 2. Robert Day foi o cestinha, marcando 27 pontos.

O quinto jogo valia a vaga para a semifinal do campeonato. Na decisão, no Distrito Federal, não deu para o Unitri, que foi derrotado por 91 a 74. O Brasília fechou a série em 3 a 2 e a equipe de Uberlândia deu adeus ao NBB de 2010/2011. Brasília avançou no NBB e pegou o Pinheiros na semifinal. A outra semifinal foi disputada por Flamengo e Franca. De um lado, Brasília levou a melhor. Do outro, Franca. Na briga pelo título entre Brasília e Franca, o time brasiliense derrotou os paulistas e conquistou o bicampeonato do NBB, já que também tinha vencido o torneio um ano antes, na temporada 2009/2010.

O Unitri terminou a sua primeira participação no NBB na sexta colocação. Na campanha do campeonato, o time disputou 36 jogos, conquistando 24 vitórias e 12 derrotas. Robert Day foi o Cestinha da equipe com 660 pontos, seguindo de Robby Collum com 612. Os dois americanos foram apontados como candidatos de melhores alas da temporada 2010/2011 na lista divulgada pela Liga Nacional de Basquete (LNB) e se tornaram grande ídolos da torcida uberlandense a partir daquele período.

## Unodecacampeão mineiro e quinto lugar no NBB

Na temporada 2011/2012, o elenco do Unitri foi formado por Valtinho, Henrique Coelho, Carioca, Robby Collum, Roberty Day, Soró, Gruber, Estevam, Brasília, Cipolini, André Mellim, Salsicha, Dida e Léo Waszkiewicz. Para comandar os trabalhos, lá estava o Chuí como o técnico da equipe uberlandense.

Em 2011, o Unitri buscava o seu décimo primeiro título mineiro. O Campeonato Estadual de Basquete começou em setembro daquele ano e se prolongou até novembro. Na fase de classificação, o time de Uberlândia fez 14 pontos e avançou na competição. Na semifinal do torneio, o Unitri encontrou pela frente o Olympico. No primeiro confronto, realizado em Belo Horizonte, a equipe uberlandense ganhou a partida do time da capital pela contagem de 81 a 74. O segundo duelo foi em casa, no ginásio do UTC, e o Unitri não teve dificuldade em vencer o Olympico: 104 a 82 marcou o placar! O resultado levou os uberlandenses para a decisão de mais um Campeonato Mineiro de Basquete.

Na final, Unitri *versus* Minas, como já era de costume. Na abertura da decisão, o Unitri jogou em casa e bateu o Minas pelo placar de 92 a 77. O cestinha da partida foi Robert Day, com 20 pontos. O segundo jogo foi em Belo Horizonte. A equipe do Unitri embarcou para a capital com a missão de trazer mais uma vitória para a cidade. E assim fez! O time local venceu o Minas por 82 a 67 e trouxe na bagagem o seu décimo primeiro título para Uberlândia. O Unitri garantia ali o unodecacampeonato mineiro.

Em novembro era chegada a hora de mais uma edição do torneio brasileiro de basquete. Começava o 4º Novo Basquete Brasil (NBB), temporada 2011/2012. O técnico Miguel Arcangel chegou para comandar a equipe no NBB daquela temporada, mas permaneceu no time até o primeiro jogo das oitavas de semifinal e foi demitido. No seu lugar, entrou o técnico Rodrigo Silva.

O Unitri terminou a fase de classificação na quinta colocação. Foram 18 vitórias e 10 derrotas nos 28 jogos disputados. A equipe de Uberlândia chegou às oitavas de final e pegou o Tijuca. No primeiro jogo, realizado no Rio de Janeiro, o Unitri perdeu por 75 a 67. O segundo confronto dos *playoffs* foi em Uberlândia. Os donos da casa derrotaram o Tijuca por 73 a 59 e empataram a série melhor de cinco por 1 a 1. No terceiro embate, novamente em Uberlândia, o Unitri ganhou dos cariocas por 93 a 77. O time uberlandense fechou a série em 3 a 1, já que no quarto duelo bateu o adversário do Rio por 81 a 74.

Nas quartas de final, o Unitri encarou o Flamengo. A equipe de Uberlândia começou jogando em casa, no ginásio do UTC. A torcida lotou as arquibancadas do clube para dar aquela força aos jogadores na disputa contra o time carioca. No tempo normal, deu empate por 90 a 90. O jogo foi para a prorrogação e deu empate de novo: 104 a 104. No segundo tempo extra, a equipe uberlandense perdeu do Flamengo por 110 a 108. O ala Robert Day se destacou e foi o cestinha do jogo com 30 pontos.

Os dois times voltaram a se enfrentar, só que no Rio de Janeiro. Em terras cariocas, os uberlandenses não conseguiram vencer o Flamengo, que fez 70 a 63 em cima do Unitri. O Flamengo tinha, então, uma vantagem de 2 a 0 na série e só precisava de mais uma vitória para seguir adiante na competição. O terceiro jogo também foi no Rio e o Unitri precisava ganhar para continuar vivo no NBB.

E não é que o time uberlandense conseguiu! Mesmo com o ginásio lotado pela torcida adversária, o Unitri bateu o Flamengo pelo placar de 77 a 60.

O quarto jogo aconteceu em Uberlândia e o Unitri entrou em quadra com o apoio da torcida. O UTC se transformou em um caldeirão. Mais de 2 mil torcedores foram ao ginásio colocar pressão no adversário e empurrar o time para a vitória. Deu certo! O Unitri bateu o Flamengo por 87 a 78, empatando a série em 2 a 2, e provocou o quinto e decisivo jogo das quartas de final.

A última partida das quartas de final foi no Rio de Janeiro. Quem vencesse carimbava o passaporte para a semifinal da competição. No jogo definitivo, o Unitri caiu diante do Flamengo pelo placar de 77 a 62. O Flamengo avançou no torneio e o Unitri se despediu do campeonato. No fim, o time de Uberlândia faturou a quinta colocação do NBB. O campeão foi o Brasília, que se tornou tricampeão do certame.

## Palmas para os vice-campeões

Em maio de 2012, o pivô Brasília se aposentou como jogador e se tornou assistente técnico do Unitri. Brasília chegou ao time uberlandense em 2003 e só ficou longe de Uberlândia quando a equipe foi desativada. Pelo Unitri, o pivô foi campeão mineiro 6 vezes, faturou o brasileiro de 2004 e a Liga Sul-Americana de 2005. Os jogadores Valtinho, Robert Day e Robby Collum renovaram com a equipe de Uberlândia. E adivinha só quem voltou a dirigir o Unitri na temporada 2012/2013? Hélio Rubens! Helinho também retornou para defender a camisa do time.

O primeiro desafio de Hélio Rubens e seus comandados foi o Campeonato Estadual de Basquete Masculino. O Unitri iniciava sua busca pelo 12º título mineiro no fim do mês de agosto. Na estreia, a equipe de Uberlândia perdeu para o Minas por 73 a 68. Em seguida venceu o Ginástico por 115 a 57. Na sequência bateu o Mackenzie por 94 a 58. Depois ganhou do Ginástico por 117 a 48, do Mackenzie por 93 a 68, e do Minas Tênis por 85 a 72. A equipe uberlandense ainda venceu o time sub-22 do Minas Tênis por 95 a 76, encerrando a participação na primeira fase do Campeonato Mineiro em primeiro lugar.

Na semifinal, o Unitri e o time sub-22 do Minas se enfrentaram. No primeiro jogo realizado em Belo Horizonte, a equipe uberlandense começou bem a série melhor de três vencendo o adversário por 79 a 54. O segundo confronto foi no ginásio do UTC e o Unitri, atuando em casa, passeou em quadra e fez 104 a 58 no time da capital. Com o resultado, o Unitri garantiu vaga na final contra o Minas.

A abertura da decisão foi em Belo Horizonte. O Unitri bateu o Minas pelo placar de 78 a 73 e ficou perto de conquistar mais um título. Na noite do dia 10 de novembro de 2012, os torcedores lotaram o UTC e puderam ver o time do coração vencer o Minas por 86 a 75 e levantar o seu décimo segundo troféu. Com a conquista, o Unitri garantiu a supremacia do basquete uberlandense no estado de Minas Gerais. Hélio Rubens dirigiu a equipe uberlandense, que contou com Rafael, Robby Collum, Salsicha, Cipolini, Estevam, André Mellim, Luan, Luis Gruber, Valtinho, Leonardo, Helinho, Audrei, Dida e Robert Day.

A quinta edição do Novo Basquete Brasil (NBB) teve número recorde de participantes. Nada menos que 18 equipes entraram na disputa da temporada 2012/2013: Flamengo, Brasília, Uberlândia, Bauru, Franca, Pinheiros, São José, Basquete Cearense, Paulistano, Minas, Limeira, L. Sorocabana, Palmeiras, Mogi, Joinville, Espírito Santo, Tijuca e Suzano. A busca pelo título começou em novembro de 2012 e se estendeu até junho de 2013. O Unitri terminou a fase de

classificação do NBB, temporada 2012/2013, em terceiro lugar. Foram 25 vitórias e 9 derrotas em 34 jogos disputados.

Em abril de 2013, entremeio à disputa do NBB, um episódio nada agradável aconteceu. Helinho sofreu um acidente na quadra durante o treino do Unitri. O jogador se chocou com Estevam numa disputa pela bola. O pior aconteceu. Sem querer Estevam acabou acertando o cotovelo no rosto de Helinho. O atleta foi conduzido ao hospital e chegou a ir para a UTI, mas logo saiu. Dois dias depois, Helinho recebeu alta. Só que o armador quebrou o crânio em dois lugares e o edema provocado pelo acidente acabou provocando uma paralisia facial no armador durante três meses.

“Foi muito triste pra mim. Eu graças a Deus tive a serenidade, a tranquilidade de tá fazendo o tratamento, tá me recuperando porque, realmente, foi um momento muito marcante pra mim. Eu fiquei muito preocupado, quando eu cheguei no hospital, até de risco de morte, enfim, mas graças a Deus tudo ocorreu dentro da formalidade e eu consegui me recuperar bem”, recorda Helinho. Aos poucos, o jogador foi se recuperando e o pior ficou no passado. Foi um susto, mas por sorte não houve sequelas.

Nas quartas de final, o Unitri teve como adversário o Pinheiros. A estreia dos uberlandenses nos *playoffs* do NBB 2012/2013 foi em São Paulo. A equipe triunfou jogando fora de casa. Venceu o Pinheiros por 86 a 67. O segundo confronto foi na arena Sabiazinho, em Uberlândia. No mando de quadra, o Unitri perdeu para o adversário paulista pelo placar de 102 a 97 na segunda prorrogação. A equipe uberlandense vencia o jogo até a 12 segundos do fim, mas o Pinheiros empatou e a partida foi para o tempo extra. Na prorrogação, um novo empate: 87 a 87. No segundo tempo extra, os paulistas conseguiram vencer e empataram a série melhor de cinco por 1 a 1. O destaque da partida foi o ala Robert Day, do Unitri, que anotou 39 pontos e terminou como cestinha.

No terceiro jogo, mais uma decepção: jogando em casa, o Unitri foi derrotado pelo Pinheiros, de novo, pelo placar de 91 a 70. O time de São Paulo abriu 2 a 1 na série válida pelas quartas de final. O quarto duelo era em São Paulo. O Unitri viajou para a capital sob pressão, afinal o time tinha que vencer de qualquer jeito para continuar vivo no NBB. Se perdesse, dava adeus à competição. E não é que deu certo? Os jogadores de Uberlândia passearam em quadra e fizeram 89 a 76 em cima do Pinheiros. A vitória garantiu o quinto duelo, para desempatar a série que estava 2 a 2. O ala Cipolini foi o maior pontuador da partida com 20 pontos.

A decisão das quartas de final aconteceu na Arena Sabiazinho. No último jogo da série, Unitri e Pinheiros entraram em quadra para o tudo ou nada. A torcida lotou as dependências do

ginásio para empurrar o time para a vitória. Foram cerca de 6 mil torcedores que transformaram o Sabiazinho em um caldeirão. O Unitri brilhou. Valtinho se destacou. Como um maestro, conduziu a equipe ao triunfo sobre os paulistas e foi o cestinha, com 22 pontos. O time uberlandense venceu o Pinheiros por 92 a 85 e foi à semifinal do campeonato.

Na semifinal, o Unitri tinha pela frente o Bauru. Fora de casa, o time uberlandense largou na frente no dia 13 de maio de 2003. Venceu o Bauru por 89 a 75 e abriu a série melhor de cinco em 1 a 0. O cestinha da partida foi o ala Audrei, do Unitri, que marcou 23 pontos. O ala/pivô Cipolini também se destacou no jogo: o jogador assinalou 20 pontos e pegou oito rebotes. O segundo jogo foi em Uberlândia no dia 16 de maio. A partida disputada na arena Sabiazinho contou com a pressão de 6 mil torcedores. A torcida, enlouquecida, tinha o grito de guerra na ponta da língua. Ao som de “o campeão voltou”, os comandos de Hélio Rubens deslancharam em quadra e derrotaram o Bauru por 93 a 65. O Unitri abriu 2 a 0 na série semifinal. O time da casa teve, ainda, o cestinha do confronto. O ala Cipolini fez 21 pontos.

O terceiro jogo, do dia 18 de maio, podia colocar o Unitri na final. Bastava vencer! O palco para duelo entre mineiros e paulistas foi a Arena Sabiazinho. O público compareceu em peso no ginásio. A arquibancada começou a lotar cerca de duas horas antes da disputa. O Unitri entrou em quadra com cinco jogadores, mas tinha um sexto fora dela: a torcida. Com o calor dos torcedores, que empurraram o time o tempo todo, o Unitri ganhou do Bauru pelo placar de 80 a 77.

A equipe uberlandense teve três grandes destaques. O ala Cipolini foi o cestinha do time, com 19 pontos, e pegou sete rebotes. Robert Day marcou 17 pontos e Valtinho foi o autor de um duplo-duplo. O maestro fez 15 pontos e 14 assistências! Com a vitória, a equipe fechou a série por 3 a 0. Para a alegria geral dos uberlandenses, o Unitri carimbou a passagem para a decisão do Novo Basquete Brasil edição 2012/2013. É, o campeão tinha voltado. O Unitri chegava a sua quarta final de Campeonato Brasileiro de Basquete. Mas na final do Novo Basquete Brasil era a primeira vez.

O Unitri chegou a sua primeira final de um campeonato nacional em 2003 e foi derrotado por Ribeirão Preto. Em 2004, o time foi o campeão em cima do Flamengo e, em 2005, perdeu para o Telemar, na sua terceira decisão da disputa. Assim, com um título e dois vice-campeonatos, a equipe de Uberlândia voltava a brigar pelo título nacional. O adversário? Flamengo! O mesmo rival da final de 2004. Na decisão inédita do NBB, um concorrente das antigas.

A final foi disputada em um jogo único e decisivo, como funciona no NBB. E ele aconteceu no sábado, dia 1º de junho de 2013. A arena HSBC no Rio de Janeiro serviu de palco para o duelo de gigantes. A equipe do Unitri embarcou no dia 30 de maio para o Rio de Janeiro, para o grande dia. Na despedida, cerca de 50 torcedores foram ao aeroporto incentivar o elenco do Unitri. Na capital carioca, mais de 16 mil pessoas acompanharam o confronto entre mineiros e cariocas. Fora de casa, o Unitri não conseguiu bater o Flamengo que venceu pelo placar de 77 a 70. O Flamengo levou o título e se tornou bicampeão, já que também faturou o troféu no NBB 2008/2009.

O Unitri conquistou o vice-campeonato da edição 2012/2013. Para Edicarlos, que era o preparador físico do Unitri, a final “foi um jogo que foi nivelado por baixo, eu acho que as duas equipes jogaram mal e a gente teve uma grande chance para conquistar a medalha de ouro e deixamos escapar das nossas mãos”. Edicarlos lembra que “era uma partida que a gente poderia ter ganhado e ganhado bem e infelizmente foi um jogo só. Flamengo errou menos naquele dia e acabou conquistando o título”.

A derrota na final deixou a equipe do Unitri triste. Após o apito final, os jogadores foram até a torcida de Uberlândia presente no Rio de Janeiro. “Todos eles, todos, todos, foram até onde a gente tava, não por fora, mas na quadra, bateram palmas”, conta a torcedora Reilla. “Tipo, eles tavam tristes, a gente tava triste, mas era uma tristeza compartilhada”, recorda. “Depois que acabou o jogo ficou um choro no vestiário. Nossa senhora, fomos pro hotel todo mundo chorando”, relembra Cardoso.

Apesar disso, o segundo lugar foi resultado da boa campanha que o time havia feito na temporada. “Eu avalio como missão cumprida porque também garantimos o direito de representar o Brasil na Liga Sul-Americana. Então isso ficou na história de Uberlândia, porque lá, lamentavelmente, depois disso não aconteceu mais nada”, recorda Hélio Rubens.

Robert Day, que se destacou pelo Unitri na temporada, ganhou prêmio individual na competição. Ele foi eleito o melhor ala do torneio. O que ele sentiu? “Muito orgulho, mas depois da derrota é difícil receber uma premiação assim, estava bem triste. Então, pra mim era uma coisa que seria melhor se eu ganhasse um título para frente pra deixar essa tristeza da derrota pra trás. Mas foi um momento bem legal na minha carreira”, recorda Day.

Os vice-campeões? Hélio Rubens à frente da equipe como técnico. Valtinho, Helinho, Dida, Luan, Audrei, Robby Collum, Robert Day, Luis Gruber, Léo Waszkiewicz, Salsicha, Estevam e Cipolini foram seus comandados. Na comissão técnica tinha Rodrigo Silva (assistente técnico), Edicarlos Machado Siqueira (preparador físico), Fernando Larralde (supervisor),

Giuseppe Urzeta (mordomo), Brasília (auxiliar técnico), Leandro Gomide (médico) e Silas Pereira Rezende (fisioterapeuta).

Apesar de terem conseguido uma ótima colocação no campeonato, um misto de sentimentos tomou conta dos membros da equipe do Unitri. Por um lado, a satisfação de terem feito uma ótima campanha no NBB. Por outro lado, a tristeza de não terem conseguido conquistar o primeiro lugar da competição. “Eu acho que o time sentiu o mesmo que eu. Orgulho do nosso trabalho de chegar à final, mas machucou a gente também por não ganhar. Quando você chega ao final de um caminho bem longo, bem difícil, é sempre difícil acabar uma temporada com uma derrota”, rememora Robert Day.

Para Day, aquela temporada foi uma faca de dois gumes: “essa final contra o Flamengo foi legal, foi especial, foi doce, mas foi amargo também pela derrota. Foi legal chegar porque lutamos tanto, com lesões e outros problemas de receber dinheiro, tinha bastante coisa errada que aconteceu nessa temporada, mas chegamos ao fim, nas finais, uma pena que foi um jogo, mas aconteceu assim. Então foi doce chegar, mas amargo de perder. Mesmo assim eu tenho orgulho dessa temporada pelo nosso trabalho”, conta Robert Day.

No voo de volta para Uberlândia, a equipe do Unitri foi homenageada no avião. O comandante anunciou que os vice-campeões do NBB estavam no avião. Os jogadores foram aplaudidos pelos passageiros. “Foi muito legal no avião porque o comandante pedia palmas. Foram dois aviões que a gente pegou, aí o comandante do avião pedia pra gente bater palma que estavam carregando os vice-campeões brasileiros”, recorda a torcedora Reilla, que estava no mesmo voo que o elenco uberlandense.

Os jogadores não esperavam o episódio. “No primeiro voo eles ficaram com muita vergonha. Ainda falei ‘nossa, Helinho, toda vez é assim?’. Aí ele ‘não, é a primeira vez, a gente tá sem reação’. Aí no segundo, eles já tinham entendido, assim, que ia acontecer isso. Mas foi muito engraçado”, relembra a torcedora. “Eles passaram a medalha pra todo mundo do avião, quem quisesse ver, poderia ver, porque aí a aeromoça mostrou a medalha no avião. Essa é uma das memórias mais bonitas que eu tenho”, conta Reilla.

“Foi muito legal receber esse carinho do pessoal do avião, de todos os passageiros. Eu acho que a cidade inteira, a região inteira, tinha muito orgulho do nosso trabalho. E foi legal. Não sei quem avisou eles ou se eles já sabiam mesmo, mas eles anunciaram pelo interfone e foi legal, bateram palmas de mão para nós e deram os parabéns”, relembra o ala norte-americano Robert Day.

No aeroporto de Uberlândia, os jogadores e comissão técnica foram recebidos por torcedores. Os fãs do basquete uberlandense foram lá dar aquele apoio à equipe. Em reconhecimento da ótima campanha realizada no torneio nacional, as estrelas do Unitri foram aplaudidas. Com o vice-campeonato, o time conquistou uma vaga na Liga das Américas de 2014. O torneio internacional reunia as melhores equipes de basquete da América do Norte, Central e do Sul.

## Mais um troféu para a galeria do Unitri

Depois do vice-campeonato, era hora de arrumar a casa para a próxima temporada. No elenco do Unitri algumas mudanças: o armador Robby Collum, que tinha se tornado um grande ídolo do time, deixou a equipe. Também houve a saída do pivô Estevam, que já tinha jogado pelo time por cinco temporadas (de 2002 a 2004 e de 2010 a 2013). Alguns atletas permaneceram e outros chegaram para completar o time. Valtinho, Helinho, Dida, Luan, Rafael, Audrei, Robert Day, Luis Gruber, Leonardo Klassmann, Leandro Cruvinel (Salsicha), Cipolini, Ícaro Parissoto, Rashad Mccants, Ricardo Zanini e Douglas Kurtz formaram o Unitri para as disputas da fase 2013/2014.

Começando os trabalhos tinha o Campeonato Estadual de Basquete Masculino 2013. Na disputa havia três equipes mineiras e até uma goiana. É que o time de Goiânia foi convidado para participar da competição que contava com o Unitri, o Ginástico e o Minas. O circuito mineiro começou em outubro de 2013 e terminou em novembro. O Unitri entrou na luta pelo seu 13º título do Campeonato Mineiro. Na decisão do torneio, os maiores rivais mineiros: Unitri e Minas. No primeiro jogo, o Unitri foi derrotado pelo Minas por 78 a 74, em Belo Horizonte.

O segundo duelo foi realizado no ginásio do UTC e o Unitri precisava vencer para levar a decisão para a terceira partida da série final. Jogando em casa, com o apoio da torcida, o time uberlandense bateu o Minas por 75 a 57. O ala Robert Day foi o cestinha do duelo com 22 pontos. Com a vitória do Unitri, a série ficou empatada por 1 a 1. No confronto decisivo, também realizado em Uberlândia, o Unitri fez valer o mando de quadra e ganhou do Minas pela contagem de 76 a 61. O maestro Valtinho brilhou e terminou como o maior pontuador com 21 pontos. O Unitri fechou a série por 2 a 1 e sagrou-se campeão mineiro.

O time uberlandense levou mais um troféu para a sua galeria. Sim! Mais um troféu para a sua coleção de títulos. Era nada menos que o 13º título estadual da equipe. O Unitri garantia a supremacia do basquete mineiro com mais essa conquista em cima do Minas.

Após o tridecacampeonato, o Unitri entrou na disputa do 6º Novo Basquete Brasil, temporada 2013/2014. Na briga pelo título, 17 equipes se enfrentaram: Basquete Cearense, Bauru, Brasília, Espírito Santo Basquete, Flamengo, Franca, Universo/Goiânia, Liga Sorocabana, Limeira, Macaé, Minas, Mogi das Cruzes, Palmeiras, Paulistano, Pinheiros, São José e Unitri/Uberlândia.

O Unitri se classificou para os *playoffs* em sexto lugar, com 19 vitórias e 13 derrotas dos 32 jogos realizados. Nas oitavas de final, o Franca cruzou seu caminho. Foram necessários cinco

jogos para se conhecer a equipe que avançaria para as quartas de final. Primeiro, mineiros e paulistas jogaram na Arena Sabiazinho e Franca venceu os donos da casa por 68 a 61. Em seguida, jogando de novo em Uberlândia, o Unutri levou a melhor e bateu os paulistas pela contagem de 69 a 67.

O terceiro confronto foi em Franca. Longe de casa, o time uberlandense passeou em quadra e venceu pelo placar elástico de 92 a 61. No quarto encontro, ainda em terras paulistas, Franca derrotou o Unutri por 82 a 74. A série ficou empatada por 2 a 2 e a decisão foi em Uberlândia. No Sabiazinho, o Unutri caiu diante de Franca por 76 a 71 e se despediu do NBB. O Flamengo conquistou o tricampeonato da competição e o Paulistano foi vice-campeão. O Unutri terminou o campeonato em décimo lugar na classificação geral.

Durante a temporada houve mudanças no elenco do Unutri. Na sua segunda passagem por Uberlândia, depois de ganhar dois campeonatos mineiros e conquistar o troféu de vice-campeão do NBB 2012/2013, o técnico Hélio Rubens deixou o Unutri em janeiro de 2014. A sua saída aconteceu, ainda, durante a disputa do torneio nacional. Em seu lugar assumiu o treinador João Batista.

A equipe que disputou a sexta edição da competição foi formada por Valtinho, Helinho, Dida, Luan, Rafael, Audrei, Robert Day, Luis Gruber, Leonardo Klassmann, Leandro Cruvinel (Salsicha), Cipolini, Ícaro Parissoto, Rashad Mccants, Ricardo Zanini e Douglas Kurtz.

No ano de 2014, o Unutri participou da Liga das Américas, competição realizada entre os meses de janeiro e março daquele ano. O time uberlandense participou da fase de grupos. Na sua chave, a disputa aconteceu no México, mas a equipe não avançou na competição. Na ocasião, o Flamengo levou o título da Liga.

## 14 títulos não são para qualquer um

O técnico espanhol Arturo Alvarez chegou para comandar o Unitri na temporada 2014/2015. A nova fase que começava em agosto de 2014 foi marcada pela despedida de grandes ídolos. Entre eles, Robert Day, o norte-americano que tinha conquistado uma legião de admiradores uberlandenses. Day disputou quatro temporadas defendendo as cores do time. Cipolini, que estava há quatro anos no Unitri e era muito querido pela torcida, não teve seu contrato renovado. Há três anos na cidade, Leonardo também se foi. Outro ídolo que saiu de Uberlândia foi o armador Helinho, campeão brasileiro de 2004 e sul-americano de 2005, além de conquistar quatro campeonatos mineiros pela equipe.

O armador Valtinho, uma das maiores estrelas da história do Unitri, também foi embora de Uberlândia para a tristeza da torcida. O camisa 9 do time atuou por 10 temporadas em Uberlândia. Foram 10 títulos mineiros, um brasileiro, um sul-americano e três vice-campeonatos nacionais pela equipe mineira. Valtinho gostava muito da cidade e deixar o Unitri não estava nos seus planos. “Eu gostei muito daí [Uberlândia], de ter jogado. Não queria ter saído, mas acontece. Acabou o time e tudo, então não tem jeito”, conta ele. O armador planejava encerrar a carreira no time mineiro. O sentimento de sair da equipe? “Foi meio estranho, porque, pra mim, eu não pensei que ia acontecer isso. Eu já tinha planos de terminar aí, parar em Uberlândia, então quando aconteceu de mudar, assim, foi muito diferente”, recorda Valtinho.

O que estava acontecendo era uma reformulação do Unitri. O time teve o orçamento reduzido, o que explica as mudanças no planejamento do elenco. A nova equipe formou com Hélio, Taboada, Dida, Audrei, Icaro, Luan, Caleb Brown, O'Neal Mims, Zanini, Vinícius Teló, Douglas, Renan, Luis Gruber, Leandro Cruvinel e Rodrigo Silva.

Em 2014, o Unitri disputou o Campeonato Estadual de Basquete Masculino na busca pelo seu 14º título mineiro. O time uberlandense chegou à final contra um velho conhecido nas finais do Mineiro: o Minas. No *playoff* decisivo, Uberlândia sediou as duas primeiras partidas. Primeiro ganhou por 101 a 98. Em seguida caiu diante do adversário da capital por 73 a 69. O terceiro e o quarto confrontos aconteceram em Belo Horizonte. O Unitri ganhou um jogo por 64 a 55 e perdeu o outro pelo placar de 90 a 72. Com duas vitórias e duas derrotas para cada lado, a série melhor de cinco estava empatada por 2 a 2. O campeão só foi conhecido na quinta e última partida.

No derradeiro jogo da série final, o Unitri jogou diante da sua torcida. Foi um *show* de basquete uberlandense em plena quadra do UTC. O time de Uberlândia esteve à frente no placar

todo o tempo. Logo, o final não poderia ser diferente: o Unitri venceu o Minas por 73 a 67. O armador do Unitri Caleb Brown foi o cestinha do jogo com 27 pontos. Na série melhor de cinco, a equipe de Uberlândia fez 3 a 2 no seu maior rival do campeonato mineiro e levantou o 14º troféu da história do time. O ginásio do UTC foi o palco para mais essa festa.

A equipe de Uberlândia assegurou a sua hegemonia no estado por 14 vezes. Sim, o Unitri foi 14 vezes campeão. 14 títulos é muita coisa. 13 deles foram contra o Minas. Desde que foi fundado em 1998, o time uberlandense só não conquistou o campeonato mineiro em cima do Minas em 1999 quando faturou o troféu jogando a final contra o Ginástico. Foram tantas conquistas sobre o time da capital que a música cantada inúmeras vezes pelos torcedores faz todo sentido: “Um, dois, três, o Minas é freguês!”. A disputa contra o Minas era acirrada, “ele sempre querendo vencer a gente. Sempre era briga ali, mas a gente sempre conseguiu por mais difícil. Teve ano que tava mais certo que eles iam ganhar e eles sempre tentavam fazer um time mais forte para poder ganhar esse mineiro e sempre dava certo da gente ganhar”, relembra Valtinho.

Aliás, o Unitri Foi 14 vezes campeão (1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014) e até poderia ter sido mais, se não tivesse sido desativado por 3 anos (de 2007 a 2010). E se não tivesse fechado as portas em 2015. O que levou o Unitri a vencer todos os campeonatos estaduais que disputou? “Eu acho que foi a estrutura que foi criada, o planejamento”, destaca Helinho. Segundo Brasília, o motivo era porque “o investimento era maior que as outras cidades. Isso ajuda a montar a equipe pensando em vencer o brasileiro, enquanto as outras montam pensando no mineiro”.

Para Cambraia o segredo estava na formação da equipe, que era muito superior às outras. “O campeonato mineiro tem poucas equipes participantes e como nossa equipe sempre foi uma equipe de nível para disputar as primeiras colocações do Campeonato Nacional, a disparidade com as equipes que disputavam o Campeonato Mineiro era muito grande, a não ser o Minas, que esporadicamente conseguia montar uma equipe mais competitiva. E aí dava-se uma competição mais acirrada”, ressalta o ex-jogador.

Depois da disputa do Campeonato Mineiro e de alguns jogos do NBB 2014/2015, o espanhol Arturo Alvarez, foi demitido em janeiro de 2015, após a sequência de derrotas na competição nacional. Carlos Eduardo Romano foi quem assumiu o comando para terminar os trabalhos até o Unitri fechar as portas, pela segunda vez em sua história, em abril de 2015.

Para a torcedora Reilla, o fim do Unitri Uberlândia não aconteceu de uma vez. Ele começou com a despedida dos grandes ídolos do time. “Dessa vez foi acabando aos poucos, tipo não acabou no auge igual acabou em 2007. Acabou pra mim, sinceramente quando eles

demitiram todos os ídolos. Já foi um pedaço do final ali. O time começou a ser desfeito naquele momento pra mim”, destaca Reilla.

Segundo Reilla, os torcedores que acompanhavam o basquete se apegavam com os jogadores e não conseguiam enxergá-los como meros objetos: “você vai e troca e acabou, mesma posição, mesmo salário. Não é assim que funciona, pelo menos não pra quem acompanha desde sempre. E eu não sentia isso dos nossos jogadores também, tanto faz jogar aqui ou jogar a temporada que vem em Brasília, sabe, não era assim”, ressalta.

Com a extinção do Unitri Uberlândia, a cidade fica sem seu grande representante no universo da bola laranja. Fica sem o esporte que se tornou tradição no Triângulo Mineiro com a equipe adulta masculina. O time do Unitri foi uma geração vitoriosa que marcou a vida de inúmeras pessoas, trouxe tantas alegrias e proporcionou emoções únicas. O Unitri vai ser sempre lembrado por ter construído uma história tão rica. Agora, o Unitri é saudade para um monte de gente.

## Galeria das conquistas

### Conquista do I Campeonato Aberto do Interior em 1936

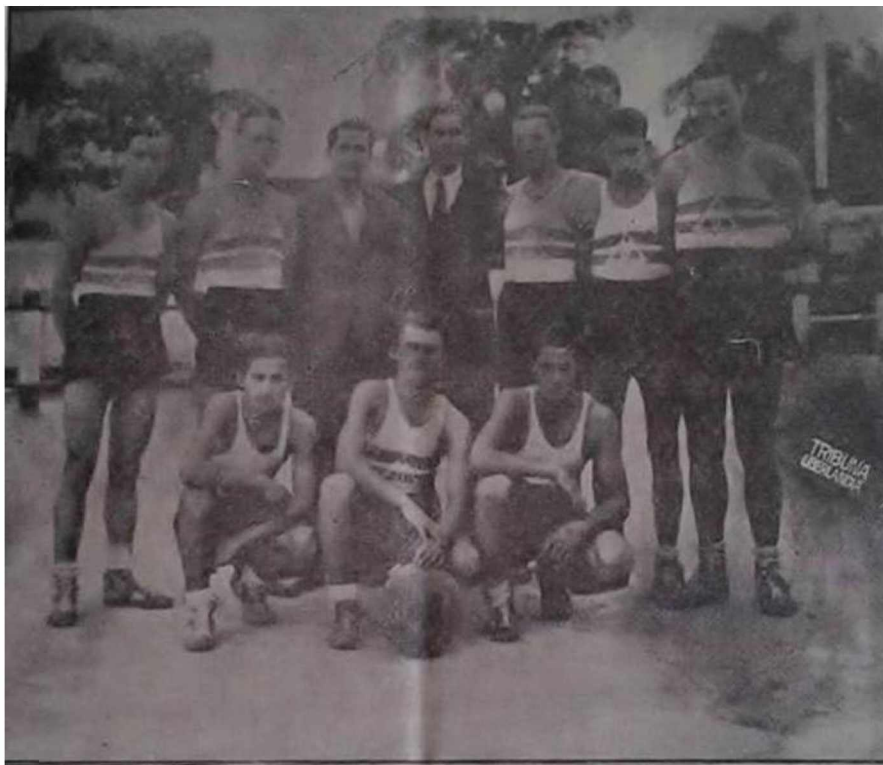


Foto: jornal *A Tribuna*.

### Conquista dos Jogos Abertos da Alta Mogiana em 1961

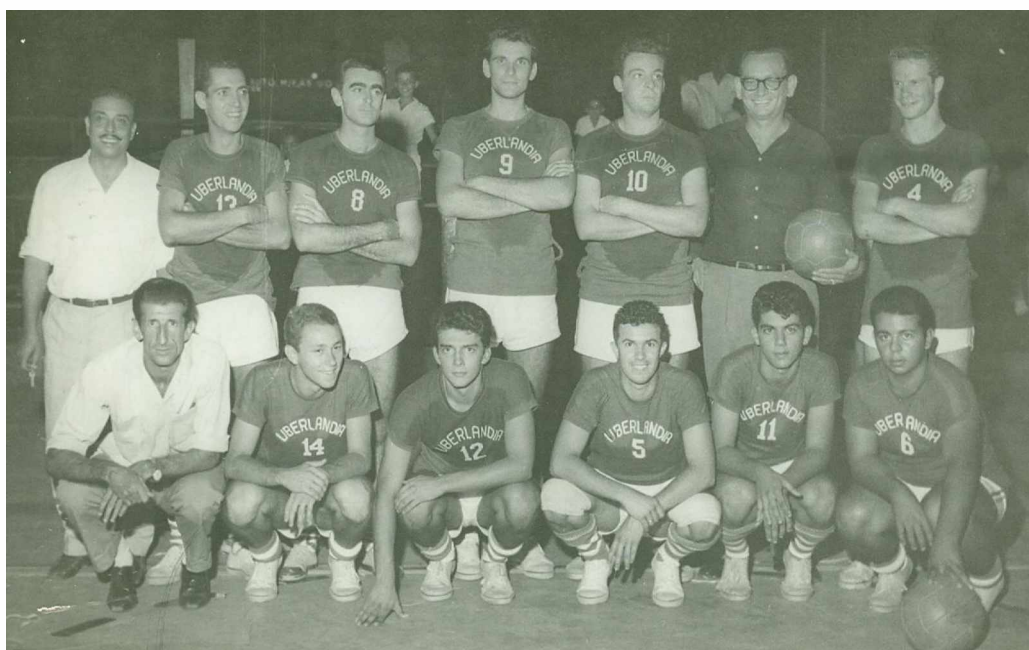


Foto: Arquivo pessoal de Reny Simão.

### Conquista do Campeonato Mineiro de 1963



Foto: Arquivo pessoal de Reny Simão.

### Conquista do Campeonato Brasileiro de 2004



Foto: Arquivo Inferno Verde

## Referências

### Livro

MALVEIRA, Auri. *Wlamir Marques: O Diabo Loiro*. São Paulo: Panda Books, 2013.

### Jornais

*A Tribuna*

*Correio de Uberlândia*

### Sites

*Confederação Brasileira de Basquete (CBB):* <http://www.cbb.com.br/>

*Liga Nacional de Basquete (LNB):* <http://lnb.com.br/>

*Blog Unitri Uberlândia Basquete:* <http://unitriuberlandiabasquete.blogspot.com.br/>

*Correio de Uberlândia Online:* <http://www.correiodeuberlandia.com.br/>

*Globo Esporte:* <http://globoesporte.globo.com/>

*Prefeitura de Uberlândia:* <http://www.uberlandia.mg.gov.br/>

### Entrevistas

Brasília

Cambraia

Cardoso

Edicarlos

Flaviano

Helinho

Hélio Rubens

Lara

Lioni

Marcão

Reilla

Reny Simão

Robert Day

Rubão

Valtinho

**APÊNDICE C- Livro-reportagem digital “Ídolos do Basquete de Uberlândia”**



**Ídolos do Basquete de Uberlândia**  
**Deisiane Cabral**

**Deisiane Cabral**

# **Ídolos do basquete de Uberlândia**

**Uberlândia**

**2017**

**Capa:** Rafael Duarte Oliveira Venancio

O presente livro faz parte do projeto de pesquisa “A Bola Laranja do Triângulo Mineiro” no Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Todas as informações foram coletadas pela autora por meio de pesquisas efetuadas em jornais e *sites* no período de 01/02/2016 a 30/08/2016 e entrevistas realizadas entre 18/08/2016 e 13/10/2016.

## Sumário

Prefácio: Uma arte chamada basquete.....	227
Lione: um ídolo do basquete uberlandense dos anos 60 .....	229
O sexto jogador do Unitri Uberlândia .....	233
Cardoso: Desde o início até o fim .....	241
Lara: o basquete pelas ondas do rádio .....	247
Hélio Rubens Garcia: um colecionador de títulos .....	252
Helinho: uma jornada de sucesso .....	260
Valtinho, o Maestro! .....	267
Robert Day: o norte-americano que conquistou em cheio os brasileiros .....	275
Brasília é boa gente!.....	283
Referências.....	287

## Agradecimentos

Em 2015, eu entrei no curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Escolhi o basquete uberlandense como meu objeto de estudo. Nas minhas pesquisas do mestrado eu tive o privilégio de conhecer não só a trajetória do basquete de Uberlândia, mas também muitas histórias de vidas. Pude conhecer pessoas, sentimentos e tantas experiências.

O meu objetivo era escrever um livro que contasse uma história que não havia sido contada. Eu me desafiei. O resultado é a obra “*A bola laranja do Triângulo Mineiro – A história do basquete de Uberlândia*”. Durante a minha caminhada de pesquisa, eu me deparei com outras coisas. Eram tantas coisas! As entrevistas com as personalidades ligadas ao basquete de Uberlândia revelaram mais que fatos históricos de times.

Eu fui além do meu foco. Eu conheci trajetórias de jogadores. Trajetórias de vida. Sonhos, lutas, realizações. Talento, dedicação e força de vontade. Carinho, respeito, admiração. Ídolos e fãs. Pude conhecer o lado profissional, mas também o humano. O que estava visível para todos e o que não estava. E pude sentir o quanto o basquete é um esporte apaixonante.

Ouvi tantas histórias que eu precisava ir além. Eu queria ir além. Eu não queria guardar apenas nos meus arquivos pessoais. São histórias interessantes de pessoas que marcaram o basquete de Uberlândia. E eu gostaria de dividir isso com outras pessoas. Foi assim que tudo o que eu pesquisei não coube em apenas uma obra. Resultou em um segundo produto. Um livro que conta mais sobre os atores dessa história. Sobre aqueles que ajudaram a construir a trajetória do basquete uberlandense. É um extra, um complemento. Uma forma de conhecermos mais sobre a carreira, a vida e a ligação de cada personalidade com a cidade de Uberlândia.

Eu tenho muito a agradecer a todos que me ajudaram direta e indiretamente na construção desta obra.

A Deus pela vida e por ser meu amparo, meu suporte e meu alento diário.

À minha família por ser meu porto seguro. Ao meu pai José Maria, à minha mãe Jucelina e às minhas irmãs Josi e Geizi, obrigada pelo incentivo de cada dia, pelo carinho de sempre e pela torcida. Enfim, obrigada por tudo.

À Universidade Federal de Uberlândia por me permitir viver essa experiência mágica. Foi por meio dela que realizei o sonho de cursar Jornalismo e foi ela que me abriu as portas

do universo da pesquisa. Obrigada a todos os professores e funcionários que contribuíram nessa jornada acadêmica.

Ao meu orientador, Rafael, por abraçar esse desafio comigo e por me nortear nessa minha caminhada.

Agradeço, especialmente, aos personagens da história do basquete de Uberlândia. Obrigada a cada um que tirou um pouco do seu tempo para dividirem comigo suas vivências, as suas memórias e os seus sentimentos. Obrigada Lioni, Hélio Rubens, Helinho, Valtinho, Brasília, Cambraia, Robert Day, Cardoso, Edicarlos, Lara, Reilla e Flaviano que compartilharam comigo um pouco de suas vidas. Eu mergulhei no mundo de vocês. Eu me envolvi com a história de cada um: do time, dos atletas, comissão, imprensa e torcedores.

E obrigada a todos que fizeram parte do basquete uberlandense, desde a época em que o esporte era amador até a era do basquete profissional. Vocês construíram essa trajetória da bola laranja de Uberlândia. Sem vocês não haveria história. É um honra poder compartilhar agora essas histórias com outras pessoas.

Um mundo mais laranja para vocês!

Deisiane Cabral

## Prefácio: Uma arte chamada basquete

O basquete é mais que uma modalidade esportiva. O basquete é emoção. O basquete é paixão. E o basquete é arte, por que não? O esporte da bola laranja é uma obra de arte para os olhos de quem gosta de apreciar um espetáculo em quadra.

Vai dizer que não é arte aquele lance perfeito? Aquela jogada impecável na linha de três pontos que encontra o caminho para a cesta. Aquela enterrada incrível que faz o público vibrar. Aquela passagem de bola em grande estilo para o companheiro. Os dribles, rebotes, assistências, as cobranças certeiras de lances livres. É bonito de ver. É uma verdadeira obra de arte proporcionada pelo esporte da bola laranja. O palco é a quadra e o espetáculo tem nome: basquete. Os artistas são os jogadores. A arte deles? Um *show* feito com uma bola laranja e lances de arrepiar.

Os jogadores fazem o público vibrar. Eles se tornam ídolos. Eles se tornam heróis. Eles fazem a alegria de uma legião de torcedores. Eles fazem muitos se apaixonarem pela modalidade. Em Uberlândia, passaram muitos craques que encheram de alegria os apaixonados pelo basquete. Que proporcionaram inúmeras emoções graças aos *shows* em quadra. Que marcaram para sempre a história do basquete uberlandense.

Nomes como Lione que foi ídolo na época em que o basquete era um esporte amador. Ícones como Hélio Rubens, o técnico que chegou para trazer o tão esperado título para o Unitri Uberlândia. Craques como Helinho que conquistou inúmeros títulos e conquistou também o coração dos torcedores de Uberlândia. Nomes como Brasília, o pivô que com sua dedicação e seu bom basquete permaneceu no time por oito anos. Ídolos como o americano Robert Day, que com todo seu carisma e seus arremessos certos de três pontos levantava a torcida. Ícones como Valtinho, que atuou 10 temporadas pelo Unitri e se tornou um dos maiores ídolos da equipe. Essas são só algumas estrelas do basquete que aqui representam outros inúmeros jogadores que passaram por Uberlândia, marcaram a história do basquete uberlandense e conquistaram o carinho da torcida.

O basquete também é um espetáculo fora das quadras, protagonizado pelos torcedores. Aliás, como falar do esporte da cesta sem falar da torcida? Aqueles que fazem de tudo pelo time. Entoam gritos de guerra. Vibram. Empurram a equipe para vitória. Amparam nas derrotas. Cobram quando acham necessário. Sorriem e choram com o time. Vivem emoções, alegrias e tristezas. Assim, era a torcida do Unitri Uberlândia, o sexto jogador da equipe.

O esporte da bola laranja é, ainda, arte na voz de narradores. Aqueles que narram partidas. Narram vitórias e derrotas. Narram lances. Narram emoção. Aqueles que levam o *show* que acontece dentro das quadras para as casas dos torcedores. Como fazia Lara, o radialista que transmitia os jogos do Unitri.

E o basquete não deixa de ser arte para quem está nos bastidores cuidando de tudo. É arte por colorir os dias daqueles que trabalham na equipe. Daqueles que cuidam dos materiais. Que cuidam do vestiário. Que estão pertinho de ídolos. Que auxiliam esses ídolos. Como é o caso do mordomo do Unitri, o Cardoso.

Por tudo isso e muito mais, o basquete é uma arte, por que não?

## **Lione: um ídolo do basquete uberlandense dos anos 60**

Nas décadas de 1950 e 1960 o basquete era amador. Os tempos eram outros. Os jogadores não recebiam para jogar. Muitas vezes, eles tinham que tirar do próprio bolso para poder vestir a camisa de um time. Nesse cenário surgiram nomes importantes no universo esportivo de Uberlândia. Nomes que ajudaram a construir a história do basquete da cidade do Triângulo Mineiro. Nomes que trouxeram conquistas para a cidade e que deram orgulho para os uberlandenses. Entre esses nomes, lá estava Lione Tannus Gargalhoni. Um dos jogadores que marcou época defendendo o Uberlândia Tênis Clube.

Lione Tannus é natural da cidade do Prata. Ele saiu da sua terra natal em 1957 e foi para Belo Horizonte para estudar. “Lá eu comecei os meus estudos e comecei a minha vida jogando basquete por uma coincidência muito grande”, recorda Lione. Coincidência porque Lione almejava jogar futebol, mas indo atrás do seu objetivo, o ex-jogador acabou se encontrando com outro esporte: o basquete!

Lione foi fazer um teste no clube Atlético Mineiro para jogar futebol. “Não me deram a resposta, falaram que eu podia voltar”, recorda. Ao sair do teste, ele se esbarrou com o esporte que se tornaria sua paixão. Encontrou com Afonso Araújo Paulino que era presidente do Atlético Mineiro. “Quando eu saio eu encontro o Afonso Araújo Paulino batendo bola”, conta. “Eu entrei, pedi para bater bola com ele, bati bola. Ele falou ‘uai, cê tem jeito para o basquete’. Já desisti até do futebol que não sabia nem se tinha sido convocado ainda. Aí comecei a jogar basquete em Belo Horizonte”, lembra Lione.

O ex-jogador já tinha se aventurado pelo mundo do basquete na cidade do Prata, mas sem nenhuma orientação técnica. Foi em Belo Horizonte que Lione acabou se tornando, de fato, um atleta da modalidade. “Comecei a aprender jogar basquete realmente com ele [Afonso Araújo Paulino]. Ele era um técnico muito competente, um jogador de basquete muito bom também e ele me convidou”, relembra Lione.

Jogando no Atlético Mineiro, Lione disputou o Campeonato da cidade de Belo Horizonte e foi campeão da competição em 1957. “Nós fomos campeões mineiro dentro de Belo Horizonte pelo Atlético Mineiro”, conta cheio de orgulho. Lione permaneceu na capital mineira um ano e depois veio morar em Uberlândia. “Vim embora para Uberlândia porque era mais perto da cidade do Prata, ficava mais perto dos meus amigos, da minha família”, revela.

Ao chegar a Uberlândia, Lione foi atrás de um lugar para continuar jogando basquete. “Eu já vinha com uma bagagem pequena e quando eu cheguei em Uberlândia eu fui procurar bater bola, porque eu já tava gostando muito”, recorda. Lione encontrou o Uberlândia Tênis Clube (UTC), mas na época ele estava sendo reformado. Então, para não ficar parado, ele foi praticar o esporte no Praia Clube. A reforma levou cerca de 30 dias para ficar pronta e, com tudo nos conformes, Lione pôde jogar basquete no UTC. “Aí após esses 30 dias, ou um pouco mais de 30 dias, eles começaram a formar o time Uberlândia Tênis Clube”, relembra.

Lione passou a integrar o elenco do UTC em 1958. “Eu entrei, acho que eles gostaram do meu jeito de bater bola”, conta. “Aí começou a minha vida no Uberlândia Tênis Clube em 58”, completa. Lione vestia a camisa 8 do UTC e jogava na posição de ala. “Eu era muito rápido, tinha velocidade. Eu saía pelas laterais”, conta o ex-jogador.

A turma de basquete do UTC era formada por estudantes. Os jogadores conciliavam os estudos com os treinos. “Todo mundo estudava. A gente treinava depois da escola”, conta Lione. Não havia ajuda de custo. Os atletas não recebiam para jogar. “Nós jogávamos tudo por amor. Tinha uma época que a gente comprava até calção e ainda ajudava na condução pra gente ir em outra cidade”, recorda.

Naquela época, Lione participava de jogos amistosos e campeonatos. Entre os principais torneios estavam a Olimpíada Estudantil, o Campeonato do Interior de Minas Gerais, o Campeonato Estadual Adulto Masculino e os Jogos da Alta Mogiana. Nas competições entre as escolas de Uberlândia, Lione defendia o Colégio Brasil Central, onde ele estudava. Já nos demais certames, ele integrava o elenco do Uberlândia Tênis Clube.

Pelo UTC, Lione teve dois grandes êxitos. Foi campeão dos Jogos da Alta Mogiana em 1961 e campeão mineiro de basquete em 1963. Os Jogos da Alta Mogiana tinham grande representatividade no cenário do esporte da bola laranja brasileiro. Era uma competição conceituada. Na ocasião, jogando em casa o UTC venceu o time de Franca. Venceu uma das maiores forças do basquete da época e uma das maiores de todos os tempos.

Já o Campeonato Mineiro de 1963 foi épico para os uberlandenses. Lione ajudou a trazer a conquista para a cidade. “Naquela época não tinha esses confrontos diretos como tem hoje. A gente tinha que ser Campeão do Interior de Minas Gerais e ir disputar o Campeonato em Belo Horizonte”, conta Lione. Era sempre assim: o campeão do interior enfrentava o campeão da capital e a disputa final era em Belo Horizonte.

O UTC faturava quase todos os campeonatos do interior, mas tinha que ir à capital jogar a final. Até que em 1963, pela primeira vez, a final do certame estadual foi realizada em solos uberlandenses. Era UTC (campeão do interior) *versus* Ginástico (campeão da capital). “Belo Horizonte abriu essa exceção pra nós”, conta Lione. “A nossa diretoria do Uberlândia Tênis Clube conseguiu por intermédio de algumas forças políticas que se fizesse a final do campeonato em 63 aqui em Uberlândia. E quem foi campeão nessa época lá em Belo Horizonte foi o Ginástico Tênis Clube. O Ginástico então veio a Uberlândia jogar a partida melhor de três”, recorda o ex-jogador.

Na quadra do UTC deu Uberlândia. O time uberlandense conquistou, pela primeira vez, o Campeonato Estadual Adulto Masculino. “Por felicidade nossa, nós ganhamos. Foi uma festa muito grande em Uberlândia”, lembra Lione. Aliás, para o ex-jogador o basquete era o esporte da cidade e se destacava mais que o futebol. “O basquete foi muito mais importante para a cidade”, avalia. “Tinha mais vitória para fazer a alegria do povo”, completa.

Para Lione, o basquete representou tudo em sua vida. “Eu sou apaixonado pelo basquete”, destaca. Hoje o esporte é saudade para o ex-jogador. Do que ele mais sente falta? “A alegria de tudo. Você tinha muita amizade em Uberlândia, era muito conhecido”, recorda. “A gente era, assim, muito assediado pela imprensa escrita e falada. A televisada não tinha naquela época. [...] A gente ficava como se fosse o ídolo da cidade. Então eu me sentia muito importante, muito conhecido, todo mundo me elogiava”. lembra Lioni.

Da época vitoriosa, Lione traz mais que saudades. Ele traz amizades. Os atletas que integraram o time vitorioso de 1961 e 1963 tornaram-se muito amigos. Amizade mantida mesmo com o passar dos anos. Uns já se foram, mas alguns atletas daquela época ainda costumam se reunir. É assim com Lioni, Marcão, Rubão, Reny Simão, Sérgio Santos. “Eles são nossos amigos até hoje. Nós temos nossas reuniões de turma, a gente conversa uma vez por ano, bate um papo, nós estamos sempre juntos”, conta Lioni.

Lione jogava basquete porque amava o esporte. “Eu era apaixonado pelo basquete e, às vezes, até me prejudicou na minha vida futura dos meus estudos. Eu estudei no Brasil Central, depois passei em Economia. Não terminei o curso. Aí eu fui morar no Prata e do Prata pra vir aqui [Uberlândia] era mais difícil”, conta.

O ex-jogador de basquete e apaixonado pela modalidade foi diretor da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (Futel). No fim da década de 1990, Lione teve uma participação na implantação do primeiro time profissional de Uberlândia, o Unitri. Time

que trouxe inúmeras glórias para a cidade e levou o nome de Uberlândia Brasil afora e até para a América do Sul. Na época, Lione era diretor da Futel e ajudou a tirar a ideia da criação da equipe profissional do papel: “Aí deu início a essa última arrancada da minha vida”, conta.

Lioni Tannus Gargalhoni se casou e construiu uma família. Aos 79 anos, ele continua trabalhando. É sócio de uma imobiliária em Uberlândia e de uma empresa no ramo agropecuário. Lione também mexe com criatório de cavalos. Lione é um nome muito importante para o esporte uberlandense. É um ídolo do basquete dos anos 60. Graças a ele e de toda a turma da era vitoriosa do UTC, Uberlândia tem muita história para contar. Tem conquistas para se orgulhar! A esse atleta vitorioso, Uberlândia só tem a agradecer.

## O sexto jogador do Unitri Uberlândia

“Para qualquer esporte é essencial, se não tem torcida, não tem graça nada. Mas a de Uberlândia era a identidade do time. Era, assim, era um negócio muito legal”. Essas são as palavras de Valtinho. Essas são as palavras de um ídolo do basquete de Uberlândia. De um jogador que vestiu a camisa do Unitri Uberlândia por 10 temporadas. E traduz um pouco do que era a torcida do basquete uberlandense.

O Unitri Uberlândia chegou de mansinho e conquistou uma legião de torcedores. O time foi crescendo e se tornou um gigante. O time conquistou mais admiradores. O time fez apaixonados. Paixão de gente de toda idade. Quantas crianças crescerem junto com o time nos seus 17 anos de existência?

O esporte da bola laranja contagiou a cidade de Uberlândia. E com o basquete surgiu uma torcida enlouquecida. Aliás, quantas pessoas não enchem a boca de orgulho para falar de uma geração vitoriosa? Quantas não fizeram do basquete do Unitri as suas vidas? Quantas não lamentam com pesar o fim da equipe? Quantas não sentem aquele aperto no peito por terem que falar do time só no passado? Quantas não falam do Unitri com aquela saudade? E quantas não adoram lembrar e contar as histórias que vivenciaram com a equipe?

O Unitri Uberlândia trouxe jogadores que se tornaram ídolos. Os atletas do time viraram referências para um tantão de gente. Tornaram-se queridos. Aqueles que muitos passaram a se espelhar. Influenciaram crianças. Tocaram jovens. Transmitiram alegrias para adultos e idosos. Proporcionaram inúmeras alegrias e emoções para a torcida.

Os torcedores acompanharam de pertinho a história do time. Mais do que isso. Fizeram parte dessa história. Com o basquete em Uberlândia, ir para a quadra se tornou um hábito prazeroso para um monte de gente. Seja na hora dos treinos. Seja na hora do vamos ver. Estar do lado da equipe para incentivar, mostrar apoio e passar calor humano para os jogadores fazia parte da rotina de inúmeras pessoas. Era a torcida mostrando o amor pelo Unitri.

A paixão da torcida uberlandense era nítida. E era tanta que não cabia dentro de cada um. Ela transbordava no ginásio com os gritos de incentivo. Com a vibração do público. Com a festa que os torcedores faziam. A paixão pelo basquete rendeu alegrias únicas, emoções inesquecíveis, comemorações de chegadas aguardadas e risos fáceis com vitórias

impressionantes e com títulos inéditos. Também rendeu tristezas e lágrimas inevitáveis pelas derrotas inesperadas, partidas inimagináveis de jogadores queridos e fim de uma era vitoriosa.

Paixão esta que impressionou jogadores como Helinho. “Eu fiquei impressionado com a paixão da torcida. Porque é uma torcida que apoiava a gente do começo ao fim, fazia fila antes das finais pra tá comprando os ingressos”, conta.

Paixão que marcava os atletas antes mesmo deles fazerem parte da equipe. “Antes de eu ir para Uberlândia eu jogava em Franca. A gente ia, [o UTC] era lotado, todo mundo xingando. É bom tanto pra quem joga a favor, como quem joga contra. Aquele ginásinho pequenininho, a torcida xingando, uma barulheira, é bom pra todo mundo. Então todo mundo já sabia, ‘pô, quando eu vou jogar em Uberlândia, o bicho vai pegar’”, recorda Valtinho.

Paixão que incendiava o elenco do time Unitri. “E a gente que era a favor, era show de bola. “Era legal demais”, lembra Valtinho. E paixão que refletia no rendimento dentro de quadra. “Tem jogador que é bastante influenciado pela torcida, faz jogar melhor, então sempre é importante o apoio da torcida”, avalia Brasília.

Paixão que se transformava em estrondos pelo ginásio e intimidava os adversários. “Você não imaginava o barulho, você nem ouvia o apito do juiz de tanta vibração, de tanta alegria. Era uma coisa fantástica. Intimidava o adversário”, relembra Hélio Rubens. “Dentro do UTC, a pressão sobre o outro time era muito grande”, conta Brasília.

Paixão que empurrava o time para a vitória. “Era aquela coisa de entrar na quadra sabendo que ia ganhar o jogo porque a torcida fazia ganhar o jogo”, recorda Hélio Rubens. “Com certeza, quando a gente jogava no UTC, a pressão da torcida e o ginásio menor, acho que a chance da gente ganhar era maior”, pondera Brasília.

Paixão que rendeu histórias para se contar. “A gente [tem] umas histórias pra contar que eu conto pro povo, assim, e ninguém acredita. Ver a torcida, a torcida dormia de um dia pro outro pra comprar ingresso, umas coisas que... nossa é show! Muito, muito legal!”, recorda Valtinho.

Paixão que fazia os torcedores lotarem o UTC e o Sabiazinho. Que transformava o ginásio em um Caldeirão. “Com certeza era uma panela de pressão. Quando a torcida vinha para o jogo, principalmente no UTC, que era bem acanhado, bem próximo, a torcida já fez com que a Unitri virasse jogo ali com pressão”, recorda o radialista Lara.

“No início então, que não existia uma regra muito rígida em termos de números de torcedores, aquilo ali virava realmente um lugar para nós excelente jogar e pra quem vinha

jogar contra nós, muito difícil. Era um caldeirão mesmo”, lembra Cambraia. “Era um caldeirão assim, era inflamado, principalmente nos jogos finais que a Unitri fazia era inflamado”, conta Flaviano, da Inferno Verde.

Paixão que fazia a torcida ter um diferencial. “A torcida de Uberlândia era diferente dos outros lugares, eu acho que eles tinham um pouco mais sangue, amavam um pouco mais, torceram com um pouco mais de força”, destaca Robert Day.

Aliás, a torcida fez o seu papel na história do basquete de Uberlândia. Ela tinha uma importância gigantesca para o time. “Eu acho que nós representamos um jogador a mais dentro da quadra. Naquele momento de dificuldade, eu acho que com os nossos gritos a gente empurrava eles com a nossa força”, opina o torcedor Flaviano.

E era assim mesmo. O time entrava em quadra com cinco jogadores, mas sabia que podia contar com um sexto jogador fora dela: a torcida. “A torcida quando ela conheceu o basquete, ela foi fundamental porque ela incentivou, ela empurrou. Ela ganhou vários jogos para o Unitri dentro do UTC”, conta o radialista Lara.

Houve partidas que os torcedores do Unitri fizeram toda diferença e empurraram o time para a vitória. Teve vezes que o time estava perdendo e conseguiu virar o jogo por conta da torcida. “Eu lembro de vários, vários jogos que a gente tava perdendo e a torcida, realmente, foi o fator fundamental pra gente conseguir virar o jogo, conseguir buscar o jogo. A torcida de Uberlândia não parava de torcer um minuto e ali dentro, principalmente, ali do UTC era um caldeirão que virava a nosso favor”, recorda Helinho. “Teve vários jogos dessa forma. Alguns a gente perdeu, mas a grande maioria nós ganhamos, tanto é que os títulos conquistados mostram isso claramente”, destaca Hélio Rubens.

Falando em virar o jogo, teve um bem marcante como conta a torcedora Reilla sobre um jogo do Unitri contra o Pinheiros no segundo tempo do time em Uberlândia – pois a torcida divide o basquete do time em dois períodos: o primeiro tempo foi até 2007 quando a equipe encerrou as atividades pela primeira vez e o segundo tempo ocorreu após a volta da equipe em 2010. O jogo foi no Sabiazinho. “Tava lotado, lotado, lotado, lotado. Foi maravilhoso e a gente tava perdendo pro Pinheiros e aí todo mundo começou, a gente perdendo e eu falava pros meninos da Alcateia ‘por favor vamos cantar, vamos cantar, vamos cantar’ e a gente cantava, cantava e aí a gente conseguiu virar no último quarto, sabe. E aí a gente conseguiu a classificação”, recorda Reilla.

O Unitri se tornou um grande time de basquete. E a torcida teve sua participação nisso. “A torcida foi de fundamental importância. Porque quando os jogadores sentiram que, realmente, a torcida tava abraçando o time, aquele calor humano, o time se tornou um time grande. Então se o time não tiver torcida não é um time grande. O que faz um time ser grande também é a torcida. Quando se tem o calor da torcida, quando se tem o incentivo da torcida, o amor, o carinho da torcida, o torcedor passa a ser importante”, ressalta Lara.

A torcida uberlandense fazia muito pela equipe. Fazia muito em prol do basquete. Era um amor bonito de se ver. Sentimento demonstrado pelos torcedores inúmeras vezes. Compareciam aos jogos, marcavam presença nos treinos também. Compravam camisetas. Torciam pela equipe com todas as forças.

Entusiasmada, a torcida se sacrificava em longas filas para não perder o lugar no ginásio em jogos decisivos. Muitas vezes, os torcedores madrugavam para comprar ingressos para os jogos. “Você passava lá na porta do UTC oito horas da manhã, a fila dobrava”, lembra Reilla. Outras vezes, chegaram até a dormir na rua para garantir o passaporte para duelos importantes. “Teve jogos do Unitri em vários anos, principalmente quando o torcedor viu que era um time forte, que era um time competitivo, já no terceiro ano que terminava, por exemplo, o Unitri tava em algum momento de *playoff* e eram 5 jogos, terminava um, amanhã tinha o outro, o pessoal dormia na fila para comprar ingresso. Ali no UTC, a fila ela praticamente contornava o quarteirão. Em muitos jogos aconteceram isso: o torcedor dormiu na fila para garantir o ingresso” recorda Lara

Enlouquecida, a torcida fazia o ginásio tremer. Quanta festa! “A torcida era a imagem do time”, pondera Valtinho. “Você sabia que ia estar lotado, você sabia que a Inferno Verde ia tá ali gritando, todo mundo. O ginásio antes de entrar, uma loucura”, recorda o armador. “Nossa, só de lembrar assim... era uma coisa boa, então a torcida era fundamental pro nosso time”, completa.

Carinhosa, a torcida acompanhava o time nos bastidores. “A gente acompanhava os jogadores sempre. Tudo que tinha em prol do basquete, que a gente poderia estar junto com eles a gente ia. Aeroporto, quando eles iam viajar, a gente ia com a torcida para deixar aquele carinho quando a gente não podia estar acompanhando eles, a gente já dava aquele carinho para eles no embarque e no desembarque quando vinha com vitórias a gente ia lá apoiar eles, dando um agradecimento a eles”, conta Flaviano.

Eufórica, a torcida não poupava gritos de guerra para levantar o elenco do Unitri dentro de quadra. Para apoiar os jogadores. “A gente gritava muito ‘Unitri ôôô’ que era o grito que a gente levantava, realmente, o ginásio quando o time tava precisando. ‘Quando a Inferno canta, a massa se levanta, só dá Unitri’ era outro grito que tinha. ‘Um, dois, três, o Minas é freguês’. ‘Olé, Olô, Unit eu sou’. ‘Explode coração na maior felicidade, é lindo o meu Unitri contagiando e sacudindo essa cidade’, ‘Unit veio pra vencer, Unit veio pra vencer’. Nos últimos, a gente gritava muito ‘U-BER-LÂN-DIA, U-BER-LÂN-DIA’. Antes das partidas a gente gritava o nome de todos os jogadores, da comissão técnica para dar uma incentivada antes de começar a partida”, recorda Flaviano da Inferno Verde.

E não parava por aí. Como conta Reilla, outros gritos ecoavam pelo ginásio. “Valtinho é seleção”, se tornou clássico depois do armador jogar na seleção em 2003. “Pode ganhar, pode perder, sou Unitri até morrer” também virava coro na voz dos torcedores. “Eu acredito” se tornava encorajamento na boca do público. “Olé lê lê lê, olá lá lá, fulano vem aí e o bixo vai pegar” era usado para remeter ao adversário do time de Uberlândia. “Ô ô ô o Helinho é da Alcateia” era ovacionado para se referir ao apoio do armador à torcida organizada Alcateia.

Tudo isso fazia da torcida ser uma das melhores do Brasil. “A torcida de Uberlândia é uma das melhores que eu já vi e olha que nós viajamos muito, Brasil como América do Sul e próprio México. Nós viajamos muito e a torcida de Uberlândia ela é única”, pondera Edicarlos que integrou a comissão técnica do Unitri.

A torcida era um elemento a mais para o time. Dava sentido a toda dedicação da equipe. “O trabalho de um jogador é igual o trabalho do artista, se não tem público não tem pra que. Porque é muito sem graça, muito sem graça mesmo você ir num jogo de portão fechado, por exemplo. Então eu acho, pelo menos eu prefiro acreditar nisso, que a torcida é sempre um combustível para tornar isso mais legal ainda”, destaca Reilla. A torcida fazia valer a pena os jogadores entrarem em quadra e darem o sangue na busca de bons resultados. “Tinha dia que a gente pedia raça e eles respondiam em quadra”, recorda a torcedora.

A torcida do Unitri Uberlândia se doava para o time, mas também recebia carinho do elenco. “Era muito legal ver o carinho que eles tinham com a gente, porque, realmente, aqui em Uberlândia era uma via de mão dupla. Não era só a gente que se doava, sabe. Eles tavam recebendo, mas eles faziam tanta coisa além do dinheiro pra gente que era muito legal”, ressalta Reilla. A relação entre torcedores e jogadores sempre foi ótima. “Era fantástico. Era uma troca entre as duas partes, da torcida com os jogadores. Uma troca de carinho. A gente

era correspondido dentro de quadra, nunca teve nenhuma briga, nenhuma agressão, nem nada. Respeitava tanto de um lado como do outro”, recorda Flaviano.

Durante os 17 anos de existência, o Unitri Uberlândia pôde contar com o apoio de três torcidas organizadas, além de inúmeros admiradores do basquete na cidade. A Garra do Lobo, que depois mudou o nome para Mancha Tricolor, a Inferno Verde e a Alcateia foram responsáveis por agitar, incentivar e ser o sexto jogador do time. A Garra do Lobo (Mancha Tricolor) acabou quando o Unitri encerrou as atividades em 2007.

A Inferno Verde foi fundada em 1982 por torcedores do time de futebol Uberlândia Esporte Clube (UEC). Ela surgiu da iniciativa de amigos que se juntavam para apoiar o clube de futebol uberlandense. “Foi um grupo de amigos da universidade – da UFU – que se juntaram em prol de torcer pro Uberlândia Esporte Clube, que é o clube da nossa cidade. E a partir daí começou a juntar mais membros e mais membros, onde que formou a torcida Inferno Verde em maio de 82”, conta Flaviano, presidente da Inferno Verde.

Quando o time de basquete Unitri Uberlândia foi fundado, a torcida organizada passou também a acompanhar os jogos de basquete. “Nós aqui na cidade temos uma carência enorme do esporte. Nós somos torcedores do Uberlândia Esporte Clube e a agenda deles é só três ou quatro meses durante um ano. Aí como veio o basquete pra cá, a Unitri na época [1998], o Alessandro que era o atual presidente conversou com eles e eles acharam muito interessante o apoio da nossa torcida lá no ginásio e partir daí foi que nós começamos a acompanhar todos os jogos da Unitri”, lembra Flaviano. “Começamos também a viajar junto com a equipe”, completa.

A época que a Inferno Verde chegou a contar com mais associados foi no período em que o basquete virou mania na cidade. “Na época do auge da torcida e do basquete, a torcida chegou a ter mais de 1100 associados, hoje (2016) nós estamos em média de 280 a 300 ativos. Muitos falam que fazem parte da torcida, mas não participam atualmente da Inferno Verde”, destaca Flaviano.

Os torcedores da Inferno Verde tinham um ritual nos dias dos confrontos do Unitri realizados em Uberlândia. “A gente chegava no ginásio, a gente entrava em média 15, 20 minutos antes da partida. Nós tínhamos nosso espaço reservado dentro do UTC. A gente colocava o bandeirão ali pra ninguém sentar e quem ficava junto com a gente ali tinha que cantar também, ficar em pé os 40 minutos da partida, tinha que ficar em pé apoiando a equipe e era soltar grito. Soltar grito e vaia quando o adversário tava com a posse de bola. Posse de

bola do time da Unitri a gente apoiava. Posse de bola do time adversário, a gente vaiava bastante”, conta Flaviano.

Em 2013, outra torcida organizada foi fundada: a Alcateia. A torcida foi criada devido a uma queda do público nos jogos de basquete da equipe uberlandense. Alguns torcedores começaram a sentir a falta da pressão nas partidas realizadas em casa. Com o intuito de incentivar o time nos momentos bons e ruins, torcedores apaixonados pelo esporte da bola laranja de Uberlândia criaram a torcida organizada Alcateia dedicada exclusivamente para a equipe de basquete.

A iniciativa de se criar a Alcateia partiu, principalmente, de sete torcedores: Reilla, Eduardo, Flor, Camila, Diogo, Lucas e Ingrid. “A Alcateia surge, não foi nada programado, foi a partir do Facebook”, lembra Reilla. Uma conversa na rede social resultou na criação da nova torcida organizada. Muitas pessoas começaram a apoiar a ideia. A partir da discussão, alguns torcedores resolveram montar um grupo da Alcateia no Facebook. E foi no grupo que saíram as primeiras decisões da nova torcida, como o nome Alcateia e a presidente Reilla. Tudo feito de forma democrática, por meio de enquetes.

Depois do movimento na internet, foi chegada a hora de tirar a ideia do papel. “A gente foi andar atrás de camiseta, bandeiras, todas essas coisas. Aí a gente pensou ‘não, ainda falta o time ver a gente como organizada, porque não adianta nada a gente fazer tudo isso e o time não ver’. Aí eu fui e conversei com o Larralde e com a Cintia e eles compraram nossa ideia, eles gostaram muito. Só que nós não queríamos entrar de graça”, recorda Reilla. Isso porque o intuito da Alcateia era poder contribuir com a equipe. “Era o único jeito concreto que a gente tinha de ajudar o time. A única coisa que a gente pediu na época foi pra ter sempre o nosso ingresso reservado. Então, quem era da Alcateia mostrava o documento e sempre teria, não teria o risco de acabar. Na época foi a negociação que a gente fez”, conta ela.

Além disso, a Alcateia buscou um atleta para apoiar a nova torcida. “A gente precisava de um jogador também para incentivar a gente”, relembra Reilla. E Helinho abraçou a causa: “o Helinho foi o que falou ‘não, bora fazer isso aí, bora’”, recorda. “Nunca tinha uma quantidade exata de pessoas assim, um dia ia muito, outro dia ia pouco. Só que a nossa ideia não era ser uma torcida grande, era ser uma torcida que fizesse a diferença”, ressalta Reilla. Para entrar para a Alcateia só bastava querer acompanhar os jogos. “Era só querer, só ir. Muitos iam só sentavam perto da gente”, conta.

Para fazer a diferença, os membros da Alcateia procuravam apoiar o time sempre. Nas vitórias e nas derrotas. Nas alegrias e nas tristezas. Os torcedores se dividiam para estar perto da equipe em vários momentos. “Tinha época que o time tava muito mal e aí a gente fazia uma plaquinha ou outra para incentivar. A gente fazia letra de isopor quando tava nos *playoffs*, a gente ia em aeroporto, a gente ia em treino”, lembra Reilla.

Torcer era uma alegria para um monte de gente. Com o fim do Unitri Uberlândia em 2015 restam saudades de tudo isso. “Hoje a gente não tem mais isso. Não tem como mais acompanhar o basquete. Então não tem mais aquela alegria de estar ali dentro do ginásio apoiando, gritando, batendo na mão dos jogadores depois de uma partida que a gente saia vencedor por causa de um ponto e o pessoal vinha e pulava o alambrado lá e ficava junto com a gente. A gente tem muita saudade disso”, destaca Flaviano.

A saudade não se limita apenas aos confrontos, lances e resultados. “Minha maior saudade não são jogos em si. Minha maior saudade é a ansiedade de cada jogo, é a sensação de tranquilidade que eu sentia a hora que eu entrava lá no UTC ou no Sabiazinho. Era você olhar em volta, mesmo que não tinha muita gente, saber que tinham pessoas que compartilhavam aquilo com você. O jogo perto de tudo aquilo que eu sentia era só um detalhe”, conta Reilla. Como Flaviano e Reilla outros tantos torcedores carregam inúmeras lembranças e sentem falta de tudo o que o Unitri Uberlândia foi e representava.

## **Cardoso: Desde o início até o fim**

A história do Unitri Uberlândia se mistura com a história dele. Ele viu o time nascer. Viu a equipe crescer, se fortalecer e conquistar seu espaço no universo do basquete. Viu vitórias e derrotas. Presenciou as conquistas. Viveu grandes emoções com o time uberlandense. E viu o Unitri acabar. Aliás, ele estava lá o tempo todo, desde o início até o fim. Estava bem lá nos bastidores. Era o mordomo do Unitri.

Tudo começou lá em 1998, quando surgiu o time de basquete profissional e só terminou em 2015 com o fim da equipe. Ele é Giuseppe Urzetta, mais conhecido como Cardoso. O apelido veio da loja de fotografia que pertencia ao seu sogro e se chamava Foto Cardoso. Giuseppe começou a trabalhar no estabelecimento com o pai de sua esposa e daí passou a ser chamado de Cardoso do Foto Cardoso.

Giuseppe Urzeta, nascido no ano de 1939, é italiano e está no Brasil desde 1949. Filho único, Cardoso perdeu o pai na guerra em 1940 e a mãe ficou viúva. Em 1947 ele conheceu o tio que morava em São Paulo, em uma visita dele à Itália. A visita rendeu um pedido: que ele mandasse uma carta de chamada para os familiares para que eles pudessem vir para o Brasil. “A minha mãe, dois tios meus, irmãos da minha mãe, pediu para ele mandar uma carta de chamada de imigrantes e quando ele voltou pro Brasil em 47, quando foi em 49 ele conseguiu mandar essa carta de chamada pra minha mãe e esses dois tios meus e aí nós viemos pro Brasil”, lembra Giuseppe.

Cardoso e sua família vieram morar em São Paulo. “Aí nós viemos de navio, ficamos 19 dias viajando de navio”, conta. Primeiro, Giuseppe e a família chegaram em Santos e de lá foram para a capital paulista. Depois, os tios de Cardoso foram para o Canadá, mas ele não quis ir. O motivo? “Foi justamente quando eu conheci minha mulher em São Paulo e aí eu não quis ir. Eu já namorava com ela”, recorda. Ela era Lice Cardoso.

Giuseppe e Lice se conheceram em São Paulo em 1961. O dia em que se viram pela primeira vez está bem guardado na memória de Cardoso: “no dia primeiro de abril”. Era sábado e Giuseppe foi em uma barbearia cortar o cabelo. Lice foi a farmácia comprar bobs para os cabelos. Exatamente na mesma rua. Quando Cardoso foi conversar com o açougueiro, que era ali perto, Lice passou por ele. Os olhares se encontraram. Cardoso não perdeu tempo e foi atrás dela. Da conversa saiu um encontro. Do encontro, um namoro. Do namoro, um casamento que durou quase cinquenta anos. “Fiquei casado com minha esposa quase 50 anos,

nós íamos fazer em outubro 50 anos. Ela morreu em agosto, dois meses antes, em 2014”, conta Cardoso. Fruto da relação vieram três filhos e quatro netos.

No mesmo ano em que se conheceram, 1961, Cardoso e a então namorada vieram morar em Uberlândia, a convite do pai de Lice que residia na cidade. Em 1964, Lice e Cardoso se casaram. Primeiro, Cardoso trabalhou na imobiliária Tubal Vilela com seu cunhado. Depois, ele foi trabalhar no Foto Cardoso, atividade que exerceu até 1992, quando se aposentou e ficou parado até que o basquete chegou para mudar isso. “Aí quando foi em 98, quando o basquete surgiu, aí foi a minha alegria”, lembra Cardoso.

Cardoso começou a trabalhar com o basquete do time Unitri à convite de Sérgio Santos, que era presidente do Uberlândia Tênis Clube (UTC) na época. Ele já tinha uma ligação com o esporte. Tinha sido diretor esportivo do Praia Clube por dois anos, do Cajubá também por dois anos e do UTC durante 8 anos.

Giuseppe ficou com a função de mordomo da equipe. “Sempre o meu trabalho foi cuidar do material”, conta. Ele era o primeiro a chegar no ginásio do UTC nos dias de treinos e jogos – local usado como centro de treinamento do Unitri – e o último a sair. Chegava cerca de duas horas antes para deixar tudo preparado para os jogadores e demais componentes da equipe. “Aí eu ajeitava os uniformes, olhava se a quadra tava limpa, se não tava limpa eu chamava um funcionário para passar um pano, trazia gatorade, arrumava toalha, essas coisas assim. Quando os jogadores chegavam eu já deixava o uniforme de cada um no seu lugar, que já tinha o lugar que eles sentavam, tinha o número deles no local e eu, com a minha modesta inteligência, tinha tirado uma fotografia de todos eles e mandava fazer a fotografia com a fotografia deles e colocava em cima junto com o número. Então toda vez que eles chegavam eles viam seu retrato e seu número no lugar que era deles”, relembra.

A dedicação e o amor à equipe de basquete era tanta que até quando Cardoso ficou impossibilitado de trabalhar, ele não deixou de acompanhar o time. Teve uma vez, entre os anos de 2004 e 2005, que o então mordomo estava com um problema na coluna e ficou afastado da sua função por dois meses. Mas ficar longe das suas atividades na equipe nem de longe queria dizer ficar longe do time também nos treinos e jogos realizados em casa: “mesmo assim eu ia lá de cadeira de rodas”, conta. Ele ia acompanhar o Unitri no ginásio do UTC. “Ia de taxi, o taxi me pegava na porta e me deixava na porta, entrava de muleta e ia até lá dentro e pegava minha cadeira de roda e andava dentro desse ginásio para tudo quanto é lado de cadeira de roda”, recorda Cardoso.

Até quando o time encerrou as atividades em 2007 e só voltou em 2010, Cardoso continuou com sua tarefa de cuidar do material do basquete. “eu e o supervisor técnico continuamos trabalhando, quer dizer, continuamos tomando conta do material, sabendo que um dia voltaria. Então nós ficamos três anos ganhando da Unitri, sendo registrado como funcionário e não trabalhava, mas sempre tomando conta do material”, recorda.

Foram 17 anos dedicados ao Unitri. 17 anos convivendo diariamente com o time. Ficar tanto tempo na equipe, integrando a comissão técnica, para ele foi consequência do seu empenho e dedicação. “Eu acho o seguinte, quando a pessoa é de responsabilidade e gosta do que faz, todas as pessoas gostam de trabalhar com ele”, ressalta Cardoso. “Eu sempre fui daqueles que nunca esperei ninguém mandar eu fazer as coisas. Como eu sempre falei, eu sempre chegava duas horas antes e era o último a sair do ginásio. Eu que fechava o ginásio. Então, todos os jogadores, todos os técnicos que vieram aqui em Uberlândia, sempre gostaram de trabalhar comigo”, conta.

O técnico Hélio Rubens trabalhou com Cardoso nas duas passagens que teve pelo Unitri Uberlândia. Para além do trabalho, eles tinham uma relação de amizade. “Era um amigão. Um amigão. Brincava com ele”, conta Hélio Rubens. “Tudo o que a gente pedia, fazia. Todos nós gostávamos muito dele, que era perfeito no seu trabalho, fazia com amor, com dedicação. Quer dizer, nós tivemos um momento muito privilegiado, porque todos, todos em todas as funções se dedicavam de corpo e alma e o seu Cardoso foi um deles. Exemplo pra todos nós”, pondera o técnico.

Sempre cuidadoso, Cardoso deixava o vestiário do elenco do Unitri nos trinques. “Eu organizava o vestiário. O meu vestiário era muito bem arrumado com todos os times que teve aqui em Uberlândia. Flâmulas que nós ganhávamos das equipes que vinham aqui, as equipes sul-americanas, brasileiras, eu pegava essas flâmulas e punha na parede. Fotografias das equipes quando montava um time, outro assim saía, eu fazia os quadros e trocava no vestiário. Então eu sempre me dediquei muito à equipe, então todo mundo gostava de trabalhar comigo”, relembra ele.

O trabalho de Cardoso possibilitou vivências únicas em sua vida. Como as viagens que ele fazia com a equipe para os jogos. Cardoso pôde conhecer diversas cidades pelo Brasil afora, América Sul e do Norte. Uma das viagens que ele mais gostou de fazer com o Unitri foi para o Chile no ano de 2006. Segundo Cardoso, a cidade é bonita e, na ocasião, ele e os demais membros do time puderam curtir os pontos turísticos do país sul-americano. “Nos

levaram para passear nas montanhas de neve”, recorda. Aproveitar as viagens para passear não era muito comum, mas no Chile foi diferente: “você ficava muito em hotel, você não podia sair; que era, você ia pra jogar, voltava, treinava, voltava pra jogar, pra treinar e lá não, lá era um quase que um passeio”, relembra.

Durante tanto tempo no Unitri, Cardoso sentiu na pele as emoções de jogos, o sabor de vitórias e o amargo de derrotas. Ele já vibrou com o time. Já se emocionou com as conquistas. Como quando o time de Uberlândia foi campeão brasileiro de 2004. Como quando a equipe levou o título da Liga Sul-Americana de 2005. Aliás, a conquista da liga foi a mais emocionante para Cardoso: “porque é um torneio internacional, um torneio que nós um ano antes tínhamos perdido aqui dentro de Uberlândia, então quando nós ganhamos aqui foi uma vitória muito boa”, lembra.

Já chorou com o time. Como quando o Unitri perdeu a final da Liga Sul-Americana para o Atena de Córdoba em 2004. “Nossa, nós choramos demais da conta”, recorda Cardoso. “Os jogadores choraram, eu chorei, o técnico chorou, todo mundo chorou”, completa. Como quando o Unitri encerrou as atividades pela primeira vez em 2007: “muito emotivo, chorei frente a televisão”, relembra ele. Era assim nas derrotas de jogos decisivos, de partidas importantes. “Teve muitas [vezes] que nós perdíamos e aquilo lá abatia muito a gente, o povo ia pro hotel chorando e, como diz o outro, se lamentando por ter perdido o jogo”, conta Cardoso.

Já comemorou títulos no vestiário, porque não tinha como acompanhar o Unitri nos festejos pelas ruas de Uberlândia. “Quando foi campeão sul-americano, eles [jogadores e equipe técnica] saíram de corpo de bombeiros. É, eles foram no corpo de bombeiros, o único que não foi fui eu”, relembra Cardoso. O motivo? “Porque eu tinha que tomar conta do vestiário, tomar conta das roupas”, conta. Mas ele queria ter participado desse momento de farra. “Ah eu queria ir, mas na hora o Hélio Rubens todo ensopado de água, porque jogaram água nele, aí tive que arrumar roupa pra ele, tinha uma camisa de treino lá. E ele foi no caminhão e o único que ficou lá fui eu”, conta. Cardoso não foi na carreata, mas é claro que teve comemoração e foi no vestiário. “Tomei cerveja lá no vestiário junto com os colegas”, relembra.

Cardoso já participou de muitos momentos com o elenco do Unitri nos bastidores. Mas tinha um que ele não chegava perto. “No vestiário, tinha reza, eles rezavam. Interessante que eu nunca participei de reza porque eu sou meio cético nessa parte de religião. Porque é o

seguinte, eu penso assim: se Deus vai ajudar, ele vai ajudar os dois, porque os dois vão pedir. Então nas rezas eu não participava não, mas eles sim, eles se concentravam, o técnico falava, faziam rezas, um falava, outro falava aquele incentivo um ao outro, sempre teve essa parte”, recorda ele sobre o ritual do time antes de entrar em quadra.

E claro que, com a convivência diária, Cardoso fez amizades com jogadores, técnicos e demais membros da comissão técnica do time. Ele fala com carinho dos atletas que passou pelo Unitri. Ele participava, inclusive, de churrascos feitos pelos atletas. “O Valtinho gostava muito de fazer festa, então eu ia muito pra casa dele, vários jogadores faziam festa”, relembra. E construiu uma boa relação com todos. Inclusive era muito querido pelos jogadores. “Eu sempre fui bem, como diz o outro, amigo deles. Então sempre que eles precisavam de alguma coisa, eles me chamavam”, conta Cardoso. “Tanto que todo problema que eles tinham, no apartamento que eles tinham, quando estragava, torneira quebrava, isso ou aquilo, me chamavam pra consertar”, recorda.

Tanto tempo da vida dedicados ao basquete uberlandense resulta em muita história para contar. E resta saudades. Saudades das viagens. “As viagens que a gente fazia. Conheci muitos países, conheci muitas cidades do Brasil. Quase todas as cidades do Brasil eu conheci, então isso daí que hoje eu sinto falta”, conta Cardoso. Saudades das amizades que fez: “a amizade com os jogadores, com as famílias dos jogadores, de vez em quando se reunia na casa de um”, lembra ele.

Do Unitri, o que fica são as inúmeras lembranças dos muitos momentos vividos com o time. Além das memórias, Cardoso guarda uma coleção de *souvenirs* que ele trouxe das cidades que viajava com a equipe. Objetos estes que estão expostos na parede da sala da casa dele. “Quando nós viajávamos, todos os lugares que nós viajávamos eu tinha coisa de trazer aqui”, recorda Cardoso. A maioria são pratos. “Quase toda cidade que nós viajamos eu comprava uma lembrança da cidade”, conta.

Do fim do time de basquete Unitri Uberlândia, além de tudo isso, ainda ficaram alguns materiais. E pensa se Cardoso não os guardou! “Eu pensei ‘eu vou guardar quem sabe um dia volta’. Estou nessa esperança ainda da equipe voltar”, destaca ele. Nas caixas que guardou tem roupas de treinos. “eu tenho quatro uniformes de treino que eu guardei, porque eu pensei ‘vai que um dia volta pra começar depressa e eu já tenho quatro uniformes de treinos. Tenho malas pra viajar, bolsas da Unitri, então eu guardei muita coisa”, conta o mordomo que cuidou desses materiais por 17 anos. Não sabemos se o basquete de Uberlândia vai retornar,

mas se, por acaso, voltar pode contar com alguns pertences que Cardoso fez questão de preservar com o fim da equipe em 2015.

O Unitri Uberlândia cumpriu um papel muito importante na vida de Cardoso. O que o time representou para ele? “Ah, foi na minha velhice, foi uma alegria muito grande porque não esperava no fim da vida ter uns anos de [alegria]”, destaca ele. “Eu tinha 59 anos mais os menos, foi quando eu consegui esse emprego lá na Unitri”, completa. O Unitri ainda está em Cardoso. Está nas lembranças de tantos anos dedicados ao time. Está no uniforme da equipe que ele veste diariamente. Sim, todo dia o seu Cardoso se veste com o calção e com a camisa do time uberlandense. Inclusive, no guarda roupa dele a maioria das peças são os uniformes do Unitri e Cardoso anda com eles por todos os lugares aonde vai.

## **Lara: o basquete pelas ondas do rádio**

Em 1998, o basquete profissional surgiu em Uberlândia com o time do Unitri. Com ele muitos outros caminhos foram abertos e muitas vidas foram marcadas pelo esporte da bola laranja. Foi o que aconteceu com Luiz Humberto Lara, ou simplesmente Lara, como ele é conhecido. “Ou fala em basquete, eu adoro. Foi minha vida, assim”, descreve ele sobre a importância que a modalidade tem em sua história.

Lara fez sua carreira no rádio trabalhando com jornalismo esportivo e com narrações de jogos. Sua ligação com o esporte, podemos dizer, veio do berço. E começou com o futebol. “Quando eu nasci, meu pai já tava envolvido com o futebol. Ele me levava para o estádio, eu era pequeno, foi aí que me despertou o esporte”, conta Lara. É que seu pai, Odilon Lara, já falecido, foi treinador do futebol amador e do profissional e sempre esteve ligado ao Uberlândia Esporte Clube. “O meu envolvimento no esporte foi através do meu pai que toda vida mexeu com esporte. Toda vida! Como diretor, como treinador, como supervisor”, recorda.

No rádio, tudo começou em 1986. Foi quando Lara recebeu o convite do Gui Boa Ventura para trabalhar com ele na Cultura. Era um teste para ele. Convite aceito, lá se foi Lara se enveredando pelo caminho do rádio. “Fiquei três meses só estudando com o pessoal. Aí eu comecei a falar no microfone em 86”, recorda ele.

No veículo de radiodifusão, Lara começou fazendo plantão esportivo. Depois passou a exercer a função de repórter: “fiquei muitos anos de repórter, aí eu comecei com o basquete. Até então eu não narrava futebol. Eu comecei repórter narrador de basquete. Depois de narrador de basquete, eu me tornei também narrador de futebol”, conta.

Quando Lara recebeu a notícia de que teria que trabalhar com o basquete na rádio em 1998, ele não ficou muito feliz não: “não gostei, a princípio não”, relembra. “A gente, no rádio, era só envolvido com o futebol. E o basquete vindo, ninguém sabia o que era basquete, ninguém sabia o que era regra, não sabia nada. A gente queria fazer futebol. E aí me forçaram a fazer o basquete. Bom, e eu fiquei chateado”, conta Lara. Mal sabia ele, naquela época, que pouco tempo depois, o basquete se tornaria uma grande paixão e a cobertura do esporte, uma atividade prazerosa. Ele nem imaginava que o seu trabalho lhe proporcionaria inúmeras alegrias.

Por não conhecer o universo da bola laranja, Lara teve que correr atrás de informações acerca da modalidade. “Comecei a estudar regras, estudar como os jogadores jogavam, como

é que era, como é que não era; porque era a alternativa que eu tinha para continuar na rádio. Sobrou o basquete para mim e eu abracei a causa”, lembra. E foi assim que Lara fez do esporte de bola ao cesto a sua vida no rádio. Ele cobriu o basquete do Unitri Uberlândia desde o primeiro até o último dia da existência do time. “Eu comecei a ir fazer cobertura do basquete, me envolvi e comecei a gostar”, destaca o radialista. O basquete da equipe uberlandense passava então a ser narrado e viajava pelas ondas do rádio por meio da cobertura de Lara.

De lá pra cá foram muitos dias, meses e anos dedicados ao basquete. Foram tantas as coberturas. Tantos treinos, jogos, vitórias, derrotas, campeonatos, viagens pelo Brasil afora e América do Sul. Foram muitas as amizades, contatos com técnicos, jogadores, comissão técnica e torcedores. Nesse tempo, teve comemorações, momentos de felicidade e de tristeza também. Agora são inúmeras as lembranças e muita saudade de tudo o que o Unitri foi e proporcionou ao radialista. “Quando fala em basquete eu, sinceramente, tenho uma saudade danada, porque eu acompanhei a história, acompanhei todos os times, os jogadores, treinadores, né?, conta Lara.

A cobertura do basquete pelas ondas do rádio foi concretizada graças a uma parceria entre a rádio Cultura e o Unitri Uberlândia. E foi se criando uma cultura na cidade entre o esporte e os ouvintes. “Como a rádio fez uma parceria com o basquete, onde tava o basquete, tava a rádio, aí a torcida começava a me ouvir”, recorda Lara. Com isso, surgia um elo entre o radialista e os torcedores do time uberlandense. “Tive, assim também bons conhecimentos e bons relacionamentos até hoje com os torcedores, porque eles me escutavam no rádio, então eles sempre queriam falar de basquete, ia lá no ginásio, me encontrava na rua”, conta ele.

A rotina de Lara incluía participar de tudo o que estava relacionado ao basquete do Unitri. Nos treinos, o radialista estava lá. Nas viagens, também. Estar sempre presente fazia com que a relação entre ele e os jogadores e a comissão técnica fosse próxima. “Era como se fosse família, porque a gente convivia todos os dias. Eu convivia nos treinamentos de manhã e a tarde, que eu ia fazer cobertura; e nos jogos e nas viagens. Eu ficava no aeroporto com eles, no mesmo avião, no mesmo hotel, no mesmo restaurante, no mesmo ônibus. Então foi assim, praticamente era uma família que eu tinha”, descreve Lara.

Durante as viagens, o radialista seguia o mesmo ritmo dos jogadores: ficava concentrado. Não dava para aproveitar o tempo livre para passear pelas cidades que iam jogar. Até por conta da voz, já que nada podia interferir nas suas cordas vocais para não atrapalhar a

narração das partidas. “Eu ficava em regime de concentração também, porque ia só eu da rádio. Então se a gente extrapola um pouco, garganta. Então, eles ficam concentrados assim no apartamento. Desce para o lanche, desce para o almoço, desce para treinar. Então, eu ia junto com eles”, recorda Lara.

Nas suas transmissões, Lara pôde vivenciar momentos únicos e inesquecíveis. Como narrar partidas decisivas. Como narrar vitórias que levaram o time a conquistar títulos de campeonatos. Fazer a cobertura do jogo final entre Unitri e Flamengo no ano de 2004, quando a equipe de Uberlândia levantou o troféu de campeão foi um desses momentos. O que ele sentiu? “Meu Deus do céu, muita emoção! Porque veja bem, a gente não tava acostumado, com o título nacional para a cidade, imagina aí você ver um time de Uberlândia disputando um título nacional? É fantástico, principalmente a gente que fazia uma cobertura, que tava trabalhando, para o jogador nem se fala, para a torcida também. Mas enfim, foi muita emoção, muito emocionante”, relembra o radialista.

Outro momento memorável para Lara foi transmitir a conquista do Sul-Americano de 2005 pela equipe de Uberlândia. “Foi muita emoção. Muito gostoso. Assim, pra gente que é profissional, a gente também tem emoção. O profissional tem que agir com a razão eu falo muito disso, mas pra gente que tá no dia a dia, que faz parte com os jogadores, que faz parte da história é muita emoção você narrar um jogo final que você teve emoção como campeão mineiro, brasileiro e depois sul-americano. Então foi maravilhoso, foi sensacional, gostoso. Realmente, até depois do jogo você não dorme”, descreve Lara.

A disputa daquela Liga Sul-Americana teve um sabor ainda mais especial para o radialista, no âmbito profissional. “O Sul-Americano foi fantástico. O brasileiro também não deixou de ser, mas o Sul-Americano foi mais porque as emissoras de fora, jornais, ligavam sempre pra gente, pra gente fazer um boletim, pra gente passar informação, então foi uma coisa, assim, muito ligada também com a imprensa brasileira”, recorda.

Quando o basquete uberlandense subiu no pódio mais alto do campeonato brasileiro, Lara se sentiu realizado. “Ah foi muito gostoso. Foi uma realização profissional se você quiser saber, porque a gente que faz jornalismo, você também quer participar de grandes eventos, não é? Pra mim foi uma glória, foi a mesma coisa que ganhar uma medalha de ouro em uma olimpíada. Isso aconteceu no brasileiro e isso aconteceu no Sul-Americano também”, avalia Lara.

O trabalho nem sempre foi sinônimo de divulgar boas notícias. Em 2007, por exemplo, Lara foi porta-voz de um anúncio pra lá de triste: o encerramento das atividades do time Unitri na cidade. “O Wellington Salgado me ligava e me passava as notícias para eu dar em primeira mão. Em 2007 ele me ligou e disse ‘pode falar que o basquete acabou e eu vou ficar só em Brasília’. Eu subi na rádio e dei a notícia, aí foi um caos na cidade”, recorda o radialista.

Até 2007, Lara cobria o basquete pela rádio Cultura. Depois, o Wellington Salgado levou o radialista para trabalhar com ele. “Ele não tinha a intenção de ter rádio, ele tinha a TV Vitoriosa, então ele empolgou tanto com o que eu fazia na rádio, que ele comprou uma rádio em Araguari AM, depois ele comprou uma lá em Alagoas, depois comprou uma em Uberaba e depois comprou em Uberlândia. Ele me levou em 2007 pra eu tomar conta da rádio em Araguari primeiro, aí depois foi crescendo”, conta Lara. De Araguari, Lara voltou a trabalhar em Uberlândia na Vitoriosa AM, veículo que permaneceu até 2015, quando o Unitri fechou as portas pela segunda vez em sua história.

Por falar em fim do time de basquete de Uberlândia, a notícia da extinção da equipe não soou bem para Lara não. Foi com tristeza que ele recebeu a informação. “Com muita tristeza, porque pra mim como profissional foi uma história. Cobrir a Unitri, acompanhar a Unitri, eu ia nos treinos de manhã e a tarde, então todos os dias eu tava com a Unitri, então foi, assim, muito triste”, pondera.

Em 2016 fez um ano que o time acabou. E, consequentemente, fez um ano que Lara não narra mais as partidas de basquete do Unitri. Um ano que não faz coberturas do esporte. Um ano sem essa atividade diária foi sinônimo de um ano vazio: “Pra mim foi vazio”, avalia o radialista. Com o fim da equipe de basquete, Lara se desligou do grupo Vitoriosa e voltou para a rádio Cultura.

Mas é claro que dá uma saudade danada de tudo que ele fazia, afinal foram 17 anos cobrindo um esporte que se tornou uma paixão. Do que ele mais sente falta? “Do dia a dia, dos treinos, das viagens, dos jogos, porque a gente, eu, por exemplo; me relacionei com todos os times do Brasil, com os jogadores, com os treinadores”, relata Lara.

Conviver de pertinho com o time que trouxe tantas alegrias para Uberlândia foi acima de tudo um aprendizado para o radialista: “pra mim foi um aprendizado como pessoa e como profissional”, avalia. Ele aprendeu com o saudoso Ary Vidal. Aprendeu com o grande Hélio

Rubens. Aprendeu com Cambraia. Com Helinho. Com Valtinho. E outros tantos que passaram pelo Unitri.

O maior legado veio de dois grandes nomes do basquete brasileiro: Ary Vidal e Hélio Rubens. “Você vai conversando com essas pessoas e você vai pegando muitas coisas, então, o Hélio Rubens, por exemplo, o tanto de coisa que ele passava pra gente. Uma das coisas que eu nunca esqueço é que uma pessoa motivada ela produz muito mais. Então quando existe um insucesso, é porque faltou alguma coisa, principalmente motivação. E trabalhar em equipe também. Esse pessoal, a gente vê eles trabalharem em equipe e você sempre abraça alguma coisa na sua vida profissional e na sua vida pessoal. Então, eu sinceramente aprendi muito com muitas pessoas, mas principalmente com Ary Vidal e com Hélio Rubens que são pessoas de sucesso e eles não chegaram no sucesso por um acaso não. Muito trabalho, muita determinação”, conta Lara.

Além de carregar inúmeras lembranças e saudades do basquete do time uberlandense, Lara traz consigo tudo o que aprendeu com as pessoas que passaram pelo Unitri. Traz o legado de um trabalho feito com profissionalismo e amor. Traz o orgulho de ter feito parte da história vitoriosa do basquete de Uberlândia.

## **Hélio Rubens Garcia: um colecionador de títulos**

No dia 2 de setembro de 1940 chegava ao mundo Hélio Rubens Garcia. Naquele dia, lá na cidade de Franca, interior de São Paulo, nascia um homem que se tornaria uma das maiores estrelas do basquete brasileiro. Filho de Francisco Garcia, o Cachoeira, que marcou o esporte de bola ao cesto de Franca na década de 30. Primeiro, Hélio Rubens se destacou como jogador. Depois, brilhou como técnico e se tornou o treinador mais vitorioso do basquetebol Brasil.

Hélio Rubens chegou a jogar futebol no Francana, mas seguiu carreira mesmo foi no esporte da bola laranja. Sua história com o basquete começou quando ele tinha 17 anos. Foi através do seu professor de Educação Física, Pedro Morilla Fuentes, o Pedroca, que Hélio Rubens iniciou sua trajetória na modalidade na cidade de Franca. Graças a orientação de Pedroca, ele se enveredou pelo universo do basquetebol, ainda no colégio. Para Hélio Rubens o professor “foi um visionário, tanto é que depois ele foi técnico do time de Franca, técnico da seleção brasileira”, lembra.

Em 1959, Hélio Rubens passou a vestir a camisa de Franca nas competições. Ele era armador. Com o time francano vieram conquistas. Foi campeão nacional, da então Taça Brasil de Basquete, nos anos de 1971, 1974, 1975, 1980 e 1981. Levou o vice-campeonato brasileiro de 1979 e conquistou os títulos paulistas de 1973, 1975, 1976 e 1977. Também venceu o Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões de 1974, 1975, 1977 e 1980 e foi vice-campeão do Campeonato Mundial Interclubes de 1975 e 1980.

Hélio Rubens começou a jogar pela seleção brasileira de basquete em 1967, quando ele tinha 26 anos. Na ocasião, foi terceiro lugar no Mundial realizado no Uruguai. Três anos depois, Hélio Rubens passou a ser capitão do selecionado brasileiro. Em 1970, conquistou o vice-campeonato no Mundial da Iugoslávia. Em 1971, levou o primeiro título pela seleção: foi medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali (Colômbia).

Ele também faturou o bronze no Pan de 1975 na Cidade do México (México) e em 1979 nos Jogos de San Juan (Porto Rico). Sagrou-se campeão sul-americano em 1968, 1971, 1973 e 1977. Hélio Rubens também conseguiu o terceiro lugar no Mundial das Filipinas em 1978. Nas Olimpíadas, a melhor colocação foi o quarto lugar Jogos Olímpicos de 1968 realizados na Cidade do México (México).

Hélio Rubens foi um jogador vitorioso e em sua carreira conseguiu vários títulos. Vivenciou inúmeros momentos emocionantes em sua história, mas para ele a final dos Jogos Pan-Americanos de 1971 foi um dos mais marcantes. “Eu fui capitão da seleção brasileira. Uma vez nós estávamos disputando um campeonato Pan-Americano, faltavam alguns segundos, nós estávamos dois pontos atrás e tinha três lances livres, acertei os três lances livres, acabou o jogo e fomos campeões”, lembra ele.

Hélio Rubens parou de jogar aos 41 anos de idade, em 1981. Antes mesmo de se despedir das quadras como jogador, ele já se aventurava como técnico. “Fiquei durante dois anos técnico e jogador e depois eu deixei de ser jogador e passei a ser técnico”, recorda. Hélio Rubens seguiu sua jornada como técnico e dali para frente escreveu uma história de sucesso. Muitas glórias vieram. Muitos êxitos foram conquistados. Com um misto de trabalho duro, dedicação e paixão pelo basquete, ele se tornou consagrado no universo da bola laranja.

Foi na sua cidade natal que Hélio Rubens deu início aos trabalhos de treinador. E, aliás, foi o Franca o time que ele mais dirigiu em toda sua carreira. Na sua primeira passagem pela equipe, ele ficou à frente do clube de 1981 até início de 2000. No comando do Franca, Hélio Rubens conquistou o Campeonato Nacional de Basquete Masculino de 1990, 1991, 1993, 1997, 1998 e 1999. Foi vice-campeão brasileiro em 1982, 1986, 1989, 1994. Levou o time a ser campeão paulista em 1988, 1990, 1992 e 1997 e vice-campeão em 1991, 1993 e 1999. Faturou o título sul-americano em 1990 e 1991 e ficou com o vice-campeonato de 1992, 1993 e 1998.

Em 2000, Hélio Rubens foi dirigir o Vasco da Gama e ficou a frente da equipe até 2003. Ele tinha a missão de fazer do time carioca um campeão. Como na trajetória de Hélio Rubens é assim, mais uma vez, missão dada, foi missão cumprida. Hélio Rubens conduziu o Vasco a ser campeão Nacional de Basquete em 2000 e 2001. Conquistou o título da Liga Sul-Americana de 2000 e venceu o campeonato carioca de 2000 e 2001. Foi, ainda, vice-campeão do Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões no ano de 2000.

Depois do Rio de Janeiro, Hélio Rubens chegou a terras mineiras para dirigir o Unitri Uberlândia. Aliás, não dá para falar do basquete uberlandense sem falar dele. Sem lembrar que ele chegou na equipe no segundo semestre de 2003 e veio marcar para sempre a história do basquete de Uberlândia. Ele chegou e conquistou, ainda mais, o respeito e a admiração da torcida uberlandense.

A história de Hélio Rubens com Uberlândia não começou em 2003 não. Ele já tinha vindo à cidade disputar o Campeonato da Alta Mogiana na década de 60, quando defendia Franca nas quadras. Hélio Rubens também já lecionou na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). “Como a gente jogava e tinha jogadores que passaram a ser diretores lá da universidade, eu fui convidado para dar aula de basquete”, conta. Era uma rotina puxada, pois Hélio dividia o tempo entre dar aula em Uberlândia e treinar basquete em Franca. “Eu saía de Franca às 4h30 da manhã, dava aula na cadeira de basquete na universidade das 7h30 às 11h. Às 11h voltava pra Franca sem almoço para treinar a tarde. Isso foi durante dois anos e meio”, recorda Hélio. Apesar disso, a experiência valeu muito a pena: “foi uma honra muito grande, porque eu fui muito bem recebido, meu relacionamento com os universitários foi muito grande”, destaca.

Em 2003, a situação era outra. Hélio Rubens tinha nas mãos o desafio de trazer conquistas importantes para o Unitri Uberlândia. O treinador experiente conseguiu executar o seu trabalho com maestria. Proporcionou muitas alegrias e emoções aos torcedores uberlandenses ao conduzir a equipe para os tão esperados títulos do Campeonato Nacional de 2004 e da Liga Sul-Americana de 2005. Hélio Rubens ainda levou o time a ser campeão mineiro em 2003 e em 2004, ao vice-campeonato da Liga Sul-Americana de 2004 e ao vice do brasileiro de 2005, ano em que deixou Uberlândia e voltou a comandar Franca.

Após o resultado vitorioso a frente do Unitri Uberlândia nos anos de 2004 e 2005 Hélio Rubens foi condecorado pela Câmara Municipal de Uberlândia com o título de cidadão uberlandense. “Há um reconhecimento e eu também tenho esse reconhecimento pelo apoio maciço da população de Uberlândia, inclusive dos organismos oficiais, prefeitura de Uberlândia. Eu recebi o título de cidadão uberlandense”, ressalta o técnico.

Em seu retorno a Franca, Hélio Rubens comandou o time entres os anos de 2005 e 2012. Nesse período, foi campeão paulista em 2006 e 2007 e vice-campeão em 2008. Faturou a segunda colocação no Campeonato Nacional de 2006 e no Novo Basquete Brasil (NBB) temporada 2010/2011. Também conquistou o vice-campeonato da Liga Sul-Americana no ano de 2007.

No ano de 2012, Hélio Rubens voltou a Uberlândia para dirigir o Unitri na temporada 2012/2013. Ele permaneceu à frente da equipe até janeiro de 2014. Na sua segunda passagem pelo time uberlandense, o técnico levou a equipe aos títulos mineiros de 2012 e 2013 e ao

vice-campeonato do NBB5, temporada 2012/2013. Naquela época, os torcedores uberlandenses ficaram felizes com a volta de Hélio Rubens ao comando do Unitri Uberlândia.

Como técnico da seleção brasileira, Hélio Rubens foi terceiro lugar na Copa América do México em 1989 e no Uruguai em 1997. Também conquistou o vice-campeonato do torneio em 2001 na Argentina. Faturou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá) em 1999. Sagrou-se campeão sul-americano em 1989 no Equador e em 1999 na Argentina e conseguiu a segunda colocação no Chile em 2001.

A torcida uberlandense tem um carinho enorme pelo técnico que tantas alegrias e emoções proporcionou aos apaixonados pela bola laranja. Para Hélio Rubens o fato de ser tão querido em Uberlândia se deve ao trabalho realizado com o basquete da cidade: “porque a gente demonstrava na prática do nosso trabalho na quadra que a gente fazia acima de tudo por amor, por ideal, e não é por, eventualmente, o salário que a gente recebia. E isso tem o reconhecimento muito grande. Então, a gente entrava em quadra com aquela alegria, aquela demonstração de satisfação, de vibração, de participação e isso é muito bonito. O esporte se presta muito para isso”, destaca.

O carinho é recíproco. Ele tem uma ligação forte com Uberlândia. “A minha relação é muito intensa”, diz Hélio Rubens. “De Uberlândia eu gosto de tudo. O povo de Uberlândia é de uma simpatia muito grande. Eu visitei os principais clubes de Uberlândia. Hoje eu sou sócio do UTC. Minha filha casada mora em Uberlândia”, conta ele.

Hélio Rubens leva Uberlândia em seu coração. E fala da cidade com apreço. “As pessoas me perguntam ‘de onde você é?’ eu falo ‘eu sou de Franca e de Uberlândia’”, brinca ele. “Então, para mim Uberlândia é a minha cidade mesmo. Eu tenho duas grandes cidades: Franca, onde eu nasci, e Uberlândia onde eu recebi o título e tenho um grande relacionamento até hoje”, completa.

Como já morou em Uberlândia e ainda mantém uma relação com a cidade, será que ele gosta da comida mineira? “Nossa, não tem melhor. Tanto é que na minha casa aqui em Franca, estado de São Paulo, é só comida mineira”, conta Hélio Rubens. Foram quase quatro anos comandando o basquete uberlandense e deu para sentir saudade. “Para falar a verdade eu tenho saudade de tudo, gostaria até de voltar a dirigir”, brinca. O basquete do Unitri não existe mais, já que encerrou as atividades em 2015, mas se voltasse ao cenário poderia contar com Hélio Rubens: “se me desse a oportunidade de voltar a dirigir Uberlândia eu faria com o maior prazer”, destaca.

No ano de 2016, Hélio Rubens pôde vivenciar uma nova experiência. Ele foi comentarista de basquete dos canais SporTV nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O técnico do esporte da bola laranja mais vitorioso do Brasil ficou muito feliz por somar mais esse feito em sua trajetória. “Foi um espetáculo”, diz ele sobre a oportunidade. “E eles gostaram muito, porque eu falei sobre aquilo que eu mais sei na minha vida que é o basquete. Os detalhes, da personalidade dos jogadores, dos momentos ruins, dos bons. Então, quando você informa isso ao público fica muito mais gostoso de assistir”, lembra Hélio. O trabalho realizado nas Olimpíadas lhe rendeu um diploma e uma medalha do Comitê Olímpico Internacional.

Hélio Rubens é um colecionador de títulos. Tem um currículo invejável. É o técnico mais vitorioso do Brasil pelos clubes. Só de campeonato nacional, ele tem nove conquistas. Hélio Rubens sempre se dedicou de corpo e alma ao seu trabalho em prol do basquete. E ele sempre teve um ingrediente a mais na receita do sucesso: o amor pelo esporte de bola ao cesto. Além do mais, nunca lhe faltou a motivação de fazer aquilo que ele gosta.

Para o radialista Lara, que pôde conviver de perto com Hélio Rubens durante as suas passagens pelo Unitri Uberlândia, o sucesso de Hélio não veio por acaso: “muito trabalho, muita determinação”, pondera Lara sobre o técnico que mais triunfou nos campeonatos brasileiros. “Sempre que você vê uma pessoa de sucesso não é por um acaso, não é por sorte, ela não tem sucesso porque ela dá sorte não. Existe um trabalho, existe comprometimento dessas pessoas, existe muita coisa atrás de sucesso”, destaca Lara.

Na sua forma de conduzir os comandados, Hélio Rubens tinha um diferencial. O que ele buscava era fazer do time mais que uma reunião de jogadores e comissão técnica em busca de títulos. Era transformar o ambiente em um lugar agradável para se conviver. Era fazer do time uma família. “Sabe o que eu falava sempre? Que eu não tinha jogadores, eu tinha irmãos. Eram irmãos. A gente era uma família, isso eu consegui fazer. Era uma família, como se eu fosse o irmão mais velho, não era nem o pai, era o irmão mais velho”, recorda Hélio Rubens.

Hélio Rubens conta que conversava com o elenco que dirigia. “Eu pedia para os jogadores usarem a palavra ‘o que você tá achando desse jogo?’ ‘o que você tá achando desse treino?’ ‘e a sua atuação?’ ‘e a atuação dos seus companheiros?’ ‘e a minha atuação como técnico?’ ‘fala abertamente, porque eu não sou perfeito, eu erro e quero aprender’. Quer dizer, quando o jogador vive num ambiente desse, ele ‘nossa senhora, eu quero isso pra mim, eu nunca vi isso na minha vida, isso me faz bem’ e era o que acontecia”, relembra.

A relação entre Hélio Rubens com os seus comandados era ótima e o carinho entre técnico e atleta permaneceu mesmo com cada um seguindo seu caminho. “Os jogadores, até hoje quando eu encontro com eles, eles me abraçam como se eu fosse o pai deles. Agora, imagina só que alegria, que reconhecimento que existe, até porque todos eles tiveram sucesso, todos tiveram títulos e todos eles cresceram como pessoa e isso pra mim é o mais importante, cresceram como verdadeiros seres humanos, como cidadãos”, conta ele.

Hélio Rubens valoriza o relacionamento. Aliás, essa é uma das armas que o ícone do basquete tinha em mãos por onde passava. “Eu falo que o relacionamento é o maior investimento. A gente precisa de um relacionamento pautado pela honestidade, pelo ideal, pela amizade e a gente sempre teve isso. Eu me orgulho muito de que quando terminava os jogos nos campeonatos, a grande maioria, quase todos os jogadores vinham me agradecer profundamente. As esposas vinham me agradecer profundamente pelo trabalho porque elas sentiam que seus maridos, seus parentes, estavam felizes em participar. Isso é muito melhor que o salário que a gente recebe. Esse reconhecimento é muito mais importante”, conta.

Em Uberlândia foi assim. No Vasco da Gama foi assim. Em Franca foi assim. Hélio Rubens sempre colheu bons resultados porque sempre plantou. Ele plantou trabalho duro. Plantou bons relacionamentos. Plantou carinho e respeito. Colheu conquistas. Colheu a admiração dos seus comandados e dos apaixonados pelo basquete. Colheu o carinho dos torcedores. E dentre tantas coisas boas que vivenciou durante toda a sua vida fica difícil escolher o momento mais feliz que teve. “Eu acho que eu não tive uma maior alegria, porque nos momentos felizes era aquele momento maior e eu tive muitos momentos, principalmente na decisão de título. Então, foram todos muito parecidos, ou por Franca ou por Uberlândia ou pela Seleção brasileira, foram momentos inesquecíveis”, destaca Hélio Rubens.

Até nas frustrações, Hélio Rubens tira lições para a vida. “No final das contas quando a gente avalia, até nas derrotas a gente cresce”, ressalta. “O esporte é um espetáculo por causa disso, porque ele te ajuda até nas derrotas, com relação a sua personalidade, ao seu caráter, aspectos da sinceridade, da honestidade. Então eu fico muito feliz por tudo isso, porque eu fui encaminhado na minha vida através do esporte e tenho obrigação de transmitir isso para aqueles que comigo trabalham, trabalharam, para os meus filhos, meus netos”, pondera ele.

Por falar nisso, para Hélio Rubens, o esporte tem um papel gigante no que diz respeito à educação. “O esporte é realmente um agente educacional, formativo no burilamento da personalidade, na formação do caráter. E o resultado técnico, ele vem naturalmente, mas

esporte educa muito, no relacionamento, no respeito, na disciplina, na superação, na união”, avalia. Tanto é que se perguntar para ele quem é o Hélio Rubens atleta e quem é o Hélio Rubens ser humano, a resposta não poderia ser outra: “eu acho que é o mesmo, porque eu aprendi que o esporte, ele que forma a personalidade, o caráter da pessoa, então o esporte me deu muito isso. Então quando você fala em Hélio Rubens, esporte, educação, pra mim é tudo a mesma coisa”.

Hélio Rubens estimulou muita gente a se apaixonar pelo basquete. Ter feito isso na vida de inúmeras pessoas o deixa satisfeito. “Eu me sinto com a missão cumprida”, revela. O técnico vitorioso foi educado por meio do esporte e o basquete foi um agente na formação do seu caráter. “Na minha vida toda foi assim e eu agradeço muito a Deus, ao meu pai, porque eu perdi minha mãe muito cedo, que nos direcionou através do esporte. E isso me fez um cidadão normal, que é reconhecido. Passei para os meus atletas, passei para os meus filhos e eu fico muito feliz por isso porque é uma missão que vem sendo cumprida da melhor maneira possível”, salienta Hélio Rubens.

O esporte da bola laranja teve um papel importantíssimo na vida de Hélio Rubens. “Eu acho que o basquete, em termos genéricos, representou tudo. Como meio de sustentação material, mas principalmente no aspecto emocional, de personalidade, de caráter, isso é o aspecto espiritual. O basquete é tudo na minha vida”, destaca.

Falar de Hélio Rubens é falar de um gênio. Um gênio do basquete. Um gênio modesto. Um gênio que a sua magia não saiu do estalar dos dedos, mas do seu trabalho duro, da sua inteligência, dos seus conhecimentos e da sua forma de passá-los adiante. Hélio Rubens é o cara que entende e muito do assunto. É o cara que sabe liderar, motivar e ser a diferença em uma equipe. É o cara. “Hélio Rubens é professor. A gente tira o chapéu para ele, foi o cara que deu o título para nós aqui em Uberlândia. Ele é o cara”, afirma Flaviano, torcedor do basquete uberlandense e presidente da Inferno Verde.

Hélio Rubens é o profissional exigente dentro de quadra e a pessoa simpática fora dela. “Na hora de viajar com ele, no aeroporto, dentro do ônibus, um cara muito bacana, muito prestativo, muito amigo, mas no momento que ele entrava no ginásio também ali era o Hélio Rubens, o treinador, um cara vencedor. E ele cobrava muito. Ele repetia uma jogada nos treinos, às vezes, 30 vezes, e acabava o treino, ele sentava no banco e colocava os jogadores para poder arremessar de fora, bola de três. Então fora de quadra é uma pessoa maravilhosa, mas dentro de quadra um profissional a altura, muito exigente”, conta Lara.

O ex-jogador Brasília conta como era Hélio Rubens nos bastidores: “motivador demais, conseguia mudar a motivação do time antes da partida”. Cardoso, que era o mordomo do Unitri Uberlândia, também destaca esse aspecto do treinador. “O Hélio Rubens era muito motivador do esporte. Então ele sempre tinha uma preleção para os jogadores, só ele que eu via que fazia isso [no time uberlandense], sobre motivação, sobre responsabilidade, então foi um técnico que motivou muito os jogadores”, recorda Cardoso.

A torcedora Reilla, e uma das fundadoras da torcida organizada Alcateia que apoiava o Unitri, destaca que não tem como falar de ídolos do basquete sem falar de Hélio Rubens. Tanto o pai, quanto o filho Helinho ganharam a admiração dos uberlandenses. “Eles, realmente, são pessoas maravilhosas, maravilhosas assim! Eu tenho um carinho muito grande pelos dois, muito grande mesmo”, conta ela. Reilla representa uma legião de torcedores que, assim como ela, são fãs da família Garcia.

Não tem como falar do Unitri Uberlândia sem falar de Hélio Rubens. Não tem como falar do Vasco da Gama sem falar de Hélio Rubens. Não tem como falar de Franca sem falar de Hélio Rubens. Enfim, não tem como falar de basquete sem falar de Hélio de Rubens. Em matéria de basquete, ele é mestre!

## Helinho: uma jornada de sucesso

Hélio Rubens Garcia Filho. O nome já diz muito. Já traduz um pouco quem é ele. De onde vem. Ele é filho de um grande nome do basquete brasileiro: Hélio Rubens Garcia, que brilhou como jogador e se consagrou como o técnico mais vitorioso do esporte da bola laranja. Ele é Helinho. O Helinho armador. O Helinho que possui um currículo daqueles! O jogador vitorioso. O craque que brilhou nas quadras e deu espetáculo com suas jogadas. O cara que construiu uma carreira sólida e conquistou a admiração de inúmeros torcedores por onde passou com o seu talento dentro de quadra e o seu carisma fora dela.

Helinho nasceu em 12 de maio de 1975, na cidade de Franca, estado de São Paulo. A sua vocação para a basquete veio do berço, já que ele é de uma família ligada ao universo da bola ao cesto. “Eu venho de uma família de jogadores de basquete. Aos dois anos eu já entrava em quadra com meu pai, porque ele jogava, meus tios jogavam”, conta Helinho. Muito antes disso, na década de 1930, o avô do ex-jogador saía pelas ruas de Franca, na época sem asfalto, em busca de tijolos. O material tinha destino certo. Era para fazer quadras no meio da rua para poder colocar a aro e jogar basquete.

Hélio Rubens foi um grande incentivador para Helinho se aventurar pelo universo da bola laranja. Com a figura paterna envolvida com o basquete, Helinho sempre teve um espelho em casa. Desde criança, ele acompanhava o pai nos jogos da modalidade. “Eu acompanhava ele nos jogos, tanto dentro quanto fora de Franca, as vezes eu ia também”, recorda.

Desde cedo, Helinho pôde contar com um professor daqueles. Em casa, Helinho treinava basquete e contava com uma artimanha preparada pelo pai e o tio, mas que só veio saber tempos depois. “Meu pai, juntamente com meu tio, colocaram uma tabela de vidro, aí acabaram colocando o aro e eu treinava naquele aro”, conta Helinho. Hélio Rubens fez uma proeza para ajudar o filho nos arremessos, quando ele tinha entre 12 e 13 anos de idade: “eu fiz uma mini quadra de basquete e o aro fica a 3,05 m de altura. Eu coloquei na quadra uma cesta de cada lado e o aro na mesma altura, 3,05, só que eu pedi para a pessoa que fez o aro diminuir um pouquinho só o diâmetro, fez um pouquinho menor e não falava pra ele, mas a bola dava para entrar, mas era mais difícil porque era um pouco menor do que o aro normal”, recorda Hélio Rubens.

Com o aro menor, Helinho tinha que caprichar mais para encestar. “Ele [Helinho] falava para mim ‘mas papai aqui em casa a bola é mais difícil de entrar, lá no ginásio é mais

fácil' e eu falava 'capricha, olha a curvatura da bola, a força necessária'", conta Hélio Rubens. Depois de muitos anos é que Helinho ficou sabendo da estratégia do pai. "Com 19 para 20 anos, ele falou assim 'oh, tenho um segredo para te contar: o aro aqui de casa tem o diâmetro menor'. Eu falei 'pô, sacanagem, demorou para me avisar, né?', mas foi por uma boa causa", recorda Helinho. A façanha teve efeito positivo na carreira dele: "acabou me ajudando de um modo geral, assim, a ter mais padrão de arremesso, enfim foi bacana", destaca. Para o pai Hélio Rubens "depois ele virou um grande jogador por conta disso".

Aos 15 anos, Helinho se federou nas escolinhas de basquete de Franca e seguiu a carreira de jogador profissional. A partir daí ele fez sua história no esporte da cesta como armador. Na sua trajetória, Helinho jogou em três equipes. Franca, Vasco da Gama e Unitri Uberlândia. Na sua cidade natal, o ex-armador iniciou sua vida nas quadras e jogou até o fim de 1999. Na primeira passagem pelo Franca, Helinho obteve três conquistas de peso: foi campeão brasileiro de basquete nos anos de 1997, 1998 e 1999. Ele também foi campeão paulista em 1997.

Em 2000, Helinho foi integrar o Vasco da Gama e permaneceu no clube carioca até 2002. Pelo Vasco, o ex-jogador triunfou. Faturou o título do Campeonato Nacional nos anos de 2000 e 2001. Ficou em terceiro no brasileiro de 2002 e foi campeão carioca em 2000 e 2001.

No segundo semestre de 2002, Helinho voltou para o Franca. Um ano depois desembarcou em terras mineiras para defender o Unitri Uberlândia. Na equipe uberlandense, Helinho teve duas passagens. Na primeira, ele chegou na cidade na segunda metade de 2003. Na bagagem já carregava cinco títulos nacionais conquistados com as equipes de Franca e Vasco da Gama.

Quando Helinho chegou em Uberlândia ele teve uma primeira impressão positiva da cidade e da torcida. "Primeiro eu fiquei encantado com a cidade, até hoje eu adoro", conta. "Depois eu fiquei impressionado com a paixão da torcida. Porque é uma torcida que apoiava a gente do começo ao fim, fazia fila antes das finais para tá comprando os ingressos", completa Helinho.

A primeira conquista de Helinho pelo Unitri/Uberlândia foi o Campeonato Mineiro ainda em 2003. Em 2004, ele foi vice-campeão da Liga Sul-Americana com o time. No mesmo ano, trouxe o tão esperado título do Campeonato Nacional para Uberlândia e foi,

ainda, campeão mineiro. Em 2005, levou o título da Liga Sul-Americana e foi vice-campeão brasileiro.

Depois do vice-campeonato Nacional, Helinho deixou a equipe uberlandense e voltou para o Franca, clube que permaneceu até 2012. Defendendo a equipe, o ex-jogador foi campeão paulista em 2006 e 2007 e vice-campeão em 2008. Levou, ainda, o vice-campeonato do NBB3, temporada 2010/2011.

No segundo semestre de 2012, Helinho voltou para solos mineiros. O ex-armador integrou o elenco do Unitri Uberlândia nas temporadas 2012/2013 e 2013/2014. Helinho somou mais dois campeonatos mineiros, sendo campeão em 2012 e 2013, e o vice-campeonato do NBB5, edição 2012/2013 para o seu currículo vitorioso.

Em 2013, Helinho sofreu um acidente em quadra durante um treino do time Unitri Uberlândia, entremeio a disputa do NBB. O jogador se chocou com o colega do elenco Estevam numa disputa pela bola. Com a fatalidade, o ex-jogador sofreu uma lesão grave: quebrou o crânio em dois lugares e teve uma paralisia facial durante três meses. Para o ex-armador essa foi a pior sensação que ele teve na vida dentro das quadras. “Foi muito triste pra mim”, lembra Helinho. “Eu fiquei muito preocupado, quando eu cheguei no hospital, até de risco de morte, enfim, mas graças a Deus tudo ocorreu dentro da formalidade e eu consegui me recuperar bem”, conta.

Na ocasião, Helinho pensou em parar de jogar basquete. “Quando eu tive o acidente, dentro do hospital mesmo, eu cheguei a falar “eu não mexo mais com basquete, eu não quero mais””, recorda. Helinho fez tratamento e conseguiu se recuperar. Ainda bem! E a sua paixão pelo basquete o motivou a não deixar as quadras na época. “Foi, realmente, muito triste, mas conforme fui me recuperando, a vontade foi voltando também”, lembra Helinho.

Em 2014, Helinho voltou para Franca e jogou a temporada 2014/2015 pelo time francano. E foi justamente onde tudo começou que ele encerrou sua carreira de jogador profissional de basquete. Em julho de 2015, Helinho anunciou a aposentadoria aos 40 anos. Sua despedida das quadras aconteceu no dia 29 de agosto do referido ano, quando ele fez seu último jogo com a camisa do Franca. A partir daí, o ex-armador passou a ser gerente executivo do clube na temporada 2015/2016. Em maio de 2016, a história de Helinho ganhou um novo capítulo. Ele foi anunciado como técnico do Franca Basquetebol Clube.

Antes de deixar de ser jogador, Helinho já começou a pensar em seguir carreira como treinador. “Eu imaginava. Muita gente perguntava. Porque meu pai jogou, eu fui jogador.

Meu pai foi técnico, as pessoas perguntavam ‘você vai ser técnico?’. Pra falar verdade, eu não pensava tão antes de eu parar, mas nós últimos três anos que eu tava jogando eu comecei a falar ‘pô, eu acho que eu quero ser técnico, eu quero continuar no meio, eu quero fazer minha parte’. Para tanto, Helinho foi em busca de conhecimentos. “Comecei a estudar mais em relação a ser técnico, comecei a analisar o jogo de uma outra forma, trocar experiências com meu pai”, conta.

Helinho está feliz com a nova experiência. “Eu to gostando muito, é muito mais difícil do que ser jogador eu acho, mas eu to adorando. Eu acho que tem desafios todos os dias, quando você ganha você tem que manter o time motivado, quando você perde você tem que corrigir os erros e motivar o time pro próximo jogo, enfim, o desafio acontece todos os dias da nossa vida”, pondera.

Vestindo a camisa da seleção brasileira, Helinho conquistou o título do Sul-Americano em 1999 na Argentina e, no mesmo ano, faturou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá). Ele participou de dois Campeonatos Mundiais: em 1998 na Grécia e em 2002 nos Estados Unidos. Também foi vice-campeão Sul-Americano em 2001 no Chile.

Helinho vestia a camisa 10. Com ela, o ex-jogador construiu uma carreira sólida. Foi um armador de mãos cheias e talento nato. A bola laranja era mesmo sua amiga. Com ela nas mãos, o que se podia esperar era um espetáculo de basquete. Helinho dava o sangue dentro de quadra. Era um líder! Assumia a responsabilidade quando necessário. Destacou-se com suas cestas de dois pontos, brilhou criando inúmeras oportunidades de jogadas, encantou com suas perfeitas cobranças de lances livres, emocionou com suas lindas cestas de três. Sempre encheu os olhos dos apaixonados pelo basquete. Proporcionou tantas e tantas alegrias e emoções.

Na sua carreira sobrou talento, mas não faltou trabalho duro e dedicação. Segundo Helinho, ele foi um jogador disciplinado e comprometido, atendia o que estava sendo pedido e buscava incessantemente melhorar. Não importava em qual equipe ele estava. Uma coisa era certa: Helinho honrava a camisa do time que defendia. Era o mesmo excelente jogador e o mesmo ser humano incrível, que sempre prezou pela educação e carinho para tratar as pessoas, procurando se relacionar bem com todo mundo. “O Helinho é maravilhoso, fantástico, uma pessoa muito atenciosa, muito educada. Uma pessoa, assim, que respeita demais a torcida, a imprensa, os companheiros”, destaca o radialista Lara.

Aliás, sempre sobraram simpatia e carisma em Helinho. Ele era e é muito atencioso com os torcedores. Não é à toa que o ex-armador contagiou as torcidas dos times dos quais fez parte. Não é à toa que Helinho ganhou o carinho do público por onde passou. “Por onde eu vou eu tento passar o maior carinho para as pessoas porque eu também gosto de receber carinho. Eu tento ser o mais honesto possível, porque eu gosto de pessoas honestas. Eu tento ser autêntico porque eu gosto de pessoas autênticas”, destaca Helinho.

Se relacionar bem com as pessoas, dentro e fora de quadra, para Helinho era de praxe. “Eu acho que esse relacionamento foi o maior investimento que eu tive na minha carreira, na minha vida de esportista, foi o relacionamento que eu construí não só com os meus companheiros, com a comissão técnica, mas também com os torcedores, com as pessoas que gostavam de assistir os jogos”, ressalta.

Helinho foi um jogador vitorioso. Foram muitas as conquistas, mas algumas tiveram um sabor pra lá de especial. “Eu acho que os campeonatos brasileiros que a gente ganhou, por ser um campeonato longo, que você joga a fase de classificação, *playoff*, é uma rivalidade muito grande. Cada um tem a sua marca, mas o de 99 foi muito especial por Franca, o de 2001 foi muito especial pelo Vasco porque eu fui eleito melhor jogador. De 99 eu fui eleito revelação por Franca e o de 2004 pelo Uberlândia. Uberlândia nunca tinha ganho um título, aí o brasileiro ficou muito marcado. Então os três campeonatos brasileiros, um por cada time, eu acho que foram muito marcantes”, destaca.

Helinho cravou seu nome na história do basquete de Uberlândia e conquistou a admiração dos torcedores uberlandenses. Os apaixonados pelo basquete da cidade se sentem gratos por tudo o que Helinho fez pelo Unitri Uberlândia. Se sentem gratos por todas as emoções proporcionadas. Se sentem gratos pelos títulos que Helinho ajudou a conquistar. “Tanto o pai como o filho vieram aqui e fizeram história em nosso basquete. Era outro armador que a gente tinha muita admiração por ele”, lembra Flaviano, membro da torcida organizada Inferno Verde. “O Helinho é um cara que tem um carinho enorme pela nossa torcida também que, nossa, não nem como falar dele como pessoa mesmo”, completa.

O craque também se sente agradecido por ter recebido o carinho dos uberlandenses. “Eu ia nos lugares e o povo falava ‘ pô, obrigado por ter vindo pra cá’, ‘que bom que você tá aqui’, ‘obrigado pelo título’. Na verdade a gente também tinha que agradecer, eu ficava agradecendo porque esse calor humano, sem dúvida nenhuma, foi muito importante para as conquistas que nós tivemos”, recorda Helinho.

Para o ex-armador a sua maior contribuição para o Unitri Uberlândia foi a doação, o comprometimento, a disciplina e o foco no objetivo que era a conquista do título. “Eu acho que esse comprometimento, essa disciplina, faz com que as pessoas passem a te respeitar e admirar a forma com que a gente conduz as coisas”, ressalta Helinho.

A torcida do basquete uberlandense tem muita saudade das atuações de Helinho pelo Unitri. Ele também coleciona saudades das suas passagens pelo Unitri: “eu tenho de ir nos jogos, tudo o que envolvia o jogo, o carinho da torcida, aquele frio na barriga, você passar nos lugares e as pessoas falarem ‘olha, hoje estamos lá, vamos juntos, vou assistir na televisão’. Eu acho que essa sensação daquilo que, realmente, é difícil da gente mensurar, não é palpável é o que mais me deixa com saudade”, conta Helinho.

Helinho deixou sua marca em Uberlândia e levou um pouco da cidade com ele. Morar na cidade foi uma experiência muito agradável para o ex-armador. “Foi incrível, foi uma cidade que marcou a minha vida, fiquei muito feliz de morar aí [Uberlândia] e eu levo Uberlândia como uma segunda casa porque tenho família morando aí, eu vou muito a Uberlândia, eu tenho amigos morando aí, então realmente é a minha segunda casa”, pondera. Da cidade seus lugares preferidos são o Center Shopping e o clube Cajubá. E por falar em Uberlândia, a comida mineira conquistou seu paladar: “Eu adoro comida mineira, aqui em Franca a gente faz muito a comida mineira também”, conta.

Na sua trajetória no basquete, Helinho teve a oportunidade de trabalhar com seu pai inúmeras vezes em todos os clubes em que ele passou. Juntos, eles conquistaram vários títulos. Para Helinho estar perto de Hélio Rubens era motivo de alegria. “Eu falo sempre que eu tinha a sorte, a bênção de ter meu pai, de estar do lado do meu pai, porque é um cara extremamente profissional, comprometido, disciplinado e conseguia passar isso, como poucos, para os seus comandados”, destaca o ex-armador. “Muita gente perguntava ‘você não tem vontade de, de repente, jogar longe do seu pai?’ eu falava ‘eu to do lado do meu pai, o cara comprometido, disciplinado, ganha títulos, tem sucesso, trabalho, eu quero é estar cada vez mais perto dele’”, conta Helinho. “Eu sempre me senti um cara muito abençoado de poder tê-lo como treinador e, principalmente, assim, ter um pai do meu lado o tempo todo”, completa.

Por onde passou, Helinho deixou sua marca, contribuiu com o seu bom basquete e conquistou a admiração de uma legião de torcedores. Ele se tornou motivo de orgulho. Ele se tornou um ídolo. Um craque que inspirou outras tantas pessoas. Um ícone que passou a

estimular muita gente a se apaixonar pelo basquete. Como ele se sente por ter feito isso na vida das pessoas? “Eu acho que é uma das coisas boas que a gente tem na vida como esportista, tentar passar essa paixão e fazer também com que as pessoas se apaixonem pelo esporte que a gente ama. Eu me sinto realizado e eu, assim, eu espero ter feito isso realmente”, destaca Helinho

Que Helinho contribuiu e muito para o basquete brasileiro, isso a gente já sabe, não é? Mas e o que o esporte da bola laranja ensinou para um dos jogadores mais vitoriosos dos últimos tempos? “Eu acho que é de nunca desistir, de você estar buscando os objetivos independentemente do momento que você está passando. Tudo isso são coisas que, realmente, são muito importantes para você ter não só dentro da quadra, mas fora dela também”, ressalta Helinho.

Um dia ele pensou em parar de jogar basquete. Não Parou. Ainda bem! Ele continuou fazendo história no basquete. Agora segue construindo história como técnico. O sucesso foi um aliado em sua jornada. A humildade também. Helinho vai ser sempre lembrado com carinho. Seu nome está na história. Pelo gigante dentro de quadra e pela pessoa especial fora dela. Será sempre um ídolo de Uberlândia. Um ídolo de Franca. Um ídolo do Vasco. Enfim, um ídolo do basquete!

Quem é Helinho? Bem, além de tudo isso, Helinho é o marido da Cristiane e o pai da Maitê e da Luma.

## **Valtinho, o Maestro!**

Quando se fala no basquete de Uberlândia ele é um dos primeiros a ser lembrado. Aliás, como falar do Unitri Uberlândia sem falar dele? Como falar do basquete em geral sem falar dele? Sem falar de Valter Apolinário da Silva. Sem falar de Valtinho, como o armador é mais conhecido no cenário da bola laranja.

Valtinho nasceu em Rio Claro, estado de São Paulo, no dia 31 de janeiro de 1977. Ele brincava de jogar basquete desde a infância. “Quando eu tinha três anos, eu e meus irmãos ganhamos uma cesta de basquete, então por mais que a gente jogava futebol, sempre teve o basquete com a gente. Meu cunhado e minha irmã levava a gente para assistir jogos”, recorda Valtinho. Ele e os irmãos costumavam praticar vários esportes, mas a bola laranja ocupava mais o dia a dia deles: “A gente ia assistir, tinha uma cesta em casa, a vida inteira teve uma cesta e a gente sempre brincava de basquete, ia no clube jogar basquete. O basquete era, assim, o esporte que a gente mais jogava, sempre, quando a gente era criança”, relembra.

Aos 14 anos, o basquete passou a ser mais que apenas uma brincadeira. Valtinho foi descoberto por um técnico na sua cidade natal. “Tava jogando no campeonato escolar”, conta. Com essa idade, a promessa do esporte de bola ao cesto se federou e o basquete se tornou a sua profissão. A promessa se cumpriu. Valtinho se revelou um jogador daqueles. Na posição de armador ele fez sua carreira e se tornou um dos melhores do Brasil.

Valtinho jogou em Rio Claro até os 19 anos. O armador começou a brilhar nas quadras muito jovem e aos 17, já integrava o time adulto. Pela equipe de Rio Claro, Valtinho foi campeão paulista em 1995, ano em que também levantou o troféu do Campeonato Nacional Masculino e conquistou o título do Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões. Em 1996, conseguiu a terceira colocação na competição brasileira e foi vice-campeão do torneio Sul-Americano de Clubes Campeões.

Em 1997, Valtinho passou a integrar a equipe de Ribeirão Preto, onde jogou por dois anos. Pelo COC/Ribeirão Preto, ele faturou a segunda colocação no campeonato paulista de 1997 e foi vice-campeão do brasileiro de 1998. Já em 1999, Valtinho foi para Franca e permaneceu até 2001. Pelo Franca, ele conquistou o Campeonato Nacional de 1999. No mesmo ano, conseguiu o vice-campeonato paulista. Já em 2000 sagrou-se campeão da competição estadual de São Paulo.

Valtinho chegou no Unitri Uberlândia em 2001. Em junho daquele ano o armador foi anunciado como reforço para o time na temporada que se iniciava. Sua missão era ocupar o

lugar de Marc Brown na equipe, o armador norte-americano que tinha se tornado ídolo da torcida uberlandense. “O Marc Brown era o americano que todo mundo amava, gostava e me chamaram pra jogar aí [Uberlândia], para segurar a onda. Era a maior encrência pegar o lugar do Marc Brown”, recorda Valtinho. Mas ele deu conta do recado e em pouco tempo também ganhou o coração da torcida da cidade.

O armador Valtinho nunca tinha jogado em um clube fora de São Paulo. Era a primeira vez que pisava em terras mineiras para defender uma equipe. Já casado com Daniela, ele veio morar em Uberlândia com sua família. “A gente era meio novo, assim. Depois que eu casei, a gente tava em Franca, então a gente nunca tinha morado fora e a gente foi”, recorda. A princípio o armador ficou com o pé atrás: “Sabe quando você vai meio ‘ah, eu vou ficar um ano, depois eu vou embora’”, lembra o armador.

No início, Valtinho e a família costumava ir muito para Franca, pois ainda não estava adaptado com a nova cidade. “No primeiro ano demorou um pouco mais, a gente tinha uma casa em Franca, então a gente direto ia para Franca. No segundo ano, a gente já não queria mais, sabe. A gente se adaptou muito com a cidade”, relembra o armador. A partir daí a história mudou e Uberlândia se tornou um lugar muito querido por Valtinho e sua família. “Começamos a gostar. No final do primeiro ano assim, a gente já tava adorando já a cidade”, conta.

Valtinho abraçou o Unitri Uberlândia e a cidade o acolheu. Começava ali uma história de carinho e admiração entre o armador e a torcida uberlandense. Valtinho chegou para somar. Chegou para fazer a diferença. Chegou para marcar para sempre a equipe de Uberlândia. Com todo seu talento nato, sua dedicação, determinação e garra, Valtinho se tornou um dos maiores ídolos do time.

Vestindo a camisa do Unitri, Valtinho sagrou-se campeão mineiro nos anos de 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006. O armador foi vice-campeão brasileiro em 2003. Em 2004, faturou o título do Campeonato Nacional Masculino, conquista tão esperada pela torcida de Uberlândia. Além disso, Valtinho foi eleito o melhor jogador do torneio brasileiro. No mesmo ano conseguiu o vice-campeonato da Liga Sul-Americana.

Já em 2005, levantou o troféu da Liga Sul-Americana e o levou o prêmio de melhor jogador da competição. Ainda em 2005, o armador foi vice-campeão brasileiro e conquistou o segundo lugar no Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões. Valtinho foi, ainda, vice-

campeão do Torneio Encestando Una Sonrisa no Chile em 2005 e campeão do Torneio em 2006. No ano de 2007, conseguiu a terceira colocação na competição nacional de basquete.

No segundo semestre de 2007, o Unitri encerrou as atividades pela primeira vez e ficou três anos fora do cenário do basquete. Valtinho foi, então, para Brasília e atuou pelo time brasiliense até meados de 2010. Pelo Brasília, o armador faturou o vice-campeonato brasileiro de 2008 e foi vice-campeão da primeira edição do Novo Basquete Brasil (NBB) temporada 2008/2009 e campeão da edição seguinte, a temporada 2009/2010. Em 2010, o armador também levantou o troféu da Liga Sul-Americana.

Na segunda metade do ano de 2010, o Unitri voltou à ativa. Naquele momento, o ídolo retornou ao time uberlandense e permaneceu até 2014. Na sua segunda passagem pela equipe, Valtinho conquistou mais quatro edições do Campeonato Mineiro: 2010, 2011, 2012 e 2013. O armador foi vice-campeão do NBB5, temporada 2012/2013.

Para tristeza geral da torcida de Uberlândia, em 2014 Valtinho saiu do time. Ele deixou a equipe, mas não queria ter deixado. “Eu gostei muito daí [Uberlândia], de ter jogado. Não queria ter saído, mas acontece. Acabou o time e tudo, então não tem jeito”, destaca. Se dependesse do armador, ele continuaria no Unitri. O sentimento? “Foi meio estranho porque eu não pensei que ia acontecer isso. Eu já tinha planos de terminar, de parar em Uberlândia, então quando aconteceu de mudar assim foi muito diferente”, recorda Valtinho. “Eu senti demais, sabe. Tanto de ‘ah, onde eu vou morar?’. Eu senti, eu senti. Demorei pra cair a ficha assim. Aí depois caiu: ‘beleza, vamos embora’, mas eu senti”, conta. O armador sentiu muito e a torcida também, afinal teve que se despedir de um grande ídolo.

Valtinho saiu do Unitri e continuou escrevendo sua história no basquete. Na temporada de 2014/2015, o armador integrou o São José. No período 2015/2016 fez parte do Paulistano e na edição 2016/2017, Valtinho atua pelo Bauru.

Com a seleção brasileira, Valtinho também conseguiu grandes feitos. Foi medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo em 2003 (República Dominicana) e do Rio de Janeiro em 2007 (Brasil). Também conquistou o título do Campeonato Sul-Americano de 2003 realizado em Montevidéu (Uruguai).

Para Valtinho, as conquistas são a consagração da dedicação e esforço do atleta durante toda a temporada. “O campeão, pro jogador, é a recompensa do trabalho, de tanta coisa que você passa no ano”, destaca o armador. Os títulos possuem um significado especial para Valtinho. “Jogador vive disso, de conseguir o título. Quando você consegue um título, é

recompensa sua”, ressalta. “O título é uma coisa [que] faz parte, todo mundo quer isso daí, as vezes joga a vida inteira e não consegue, poucos conseguem”, completa.

Criar oportunidade de jogadas, ler o jogo, dar ritmo a partida e assumir a responsabilidade nos momentos decisivos são características típicas de Valtinho. A sua atuação em quadra rendeu o apelido de maestro. Em uma orquestra de música, o maestro rege os músicos. Ele é o líder que comanda o grupo, o mestre que ensina a ler a partitura e decifrar as notas, aquele que guia a banda. Assim agia o armador Valtinho dentro de quadra. Tal como o maestro lidera a orquestra, Valtinho se destacou por comandar o time. Daí o apelido batizado pela torcida uberlandense: maestro Valtinho! “Porque eu sou o armador do time e a característica minha era dar assistência, passar, fazer o time jogar, e a torcida que inventou isso aí em Uberlândia, o maestro, aquele que comanda a orquestra que era o time, essas brincadeiras. Pegou e a torcida não abria mão de falar que eu era o maestro do time e ninguém podia mexer, ‘oh, o Valtinho é o maestro’”, lembra o armador.

Valtinho é o dono da camisa 9. Com ela passou por vários clubes e fez um fantástico trabalho em quadra. O número 9 continua acompanhando o armador por onde ele passa. O jogador marcou os times que defendeu ao longo da sua trajetória, mas em Uberlândia foi especial. A quantidade de tempo que permaneceu no clube revela isso.

Um ídolo e tanto para os uberlandenses, Valtinho vestiu a camisa do basquete de Uberlândia por 10 temporadas. Nada menos que 10 anos de sua carreira foram dedicados ao time uberlandense. E 10 anos não é pouca coisa. É uma baita história com o clube. É uma baita história com a cidade. Tanto tempo defendendo o Unitri resultou em um apego da torcida pelo armador. “De jogadores nós tivemos vários: tivemos o Valtinho, que é a maior estrela nossa”, destaca Flaviano, presidente da Inferno Verde.

Os torcedores uberlandenses sentem orgulho por Valtinho ter vestido a camisa do Unitri Uberlândia. Sentem agradecidos por ter como referência um jogador que se manteve ídolo por 10 temporadas. Isso não é para qualquer um. Sentem-se felizes por Valtinho gostar da cidade. Valtinho se tornou se não o maior ídolo, pelo menos um dos maiores da história do Unitri. “Pra mim é, pra mim não tem outro”, afirma a torcedora Reilla. O armador tem orgulho de ser considerado um ídolo do time uberlandense. “Eu fico feliz. Feliz porque eu sei de Uberlândia, da história, o que já teve de jogador e eu ser um deles assim... Enfim, eu fico feliz porque eu sei o que nós fizemos na época: de ter jogado, de ter passado por tanta coisa, ter conseguido os títulos, então eu acho que é legal”, revela Valtinho.

O armador sempre tratava os torcedores com muito carinho. “Eu dava atenção. Nunca tinha tempo ruim. Independente se perdesse ou não ou se tava, ou se tá, num shopping ou se tá num restaurante. Se alguém parasse pra cumprimentar ou conversar, ‘ixa’, pode conversar, pode perguntar, pode tirar foto. Pra mim normal, porque era o cara que amanhã ia te ver, torcer por você. [Era] o mínimo que eu podia fazer”, recorda Valtinho.

O ídolo fazia questão de receber bem os torcedores. “A relação com a torcida é tipo assim, você tá ali sempre. A torcida tá ali sempre. É você receber a torcida bem todos os dias. Não é que a gente vai porque a gente quer ser recebido bem, mas tipo assim, a gente podia tanto tá fazendo outras coisas. Eles recebem pra isso, a gente não. Dinheiro, né?! Porque tudo o que a gente ganha não tem preço, mas, assim, o jeito dele receber a gente, dele conversar com a gente, dele acompanhar a gente”, destaca Reilla sobre Valtinho.

Aliás, o nome de Valtinho é sempre tocado quando se fala em Basquete do Unitri Uberlândia. “O Valtinho jogou em vários lugares, mas aqui em Uberlândia com o passar do tempo ele foi diferente, porque ele era muito comprometido com a cidade, com o time Unitri. Ele adorava a Unitri. Ele adora Uberlândia”, conta o radialista Lara. O armador marcou a cidade e a cidade também o marcou. “Eu gosto muito de Uberlândia, eu gosto da cidade, eu gosto de tudo de Uberlândia, foi 10 anos”, destaca Valtinho.

O Unitri Uberlândia representa muito para Valtinho. “Eu acho que foi um time que fiquei marcado assim. Eu joguei tanto tempo, então todo mundo, quem conhece pouco ou conhece muito lembra do Valtinho”, ressalta o armador. Valtinho conta que as pessoas lembram-se dele como jogador do Unitri. “Franca, de Brasília são poucos, mas de Uberlândia todo mundo vai lembrar, porque foi muito tempo, então ficou que meio automático”, destaca Valtinho.

Quando Valtinho chegou ao Unitri em 2001, ele não imaginava ficar por tanto tempo no time. “Não, de jeito nenhum, nunca”, lembra. Só que o tempo foi passando e Valtinho foi ficando. Não existia Unitri Uberlândia sem Valtinho e nem Valtinho sem Unitri Uberlândia. “Deu tudo muito certo, as coisas foram boas, assim, comigo. Tudo, sabe. No primeiro ano não deu muito certo. Segundo ano já foi melhor, nós fomos para a final, terceiro... aí quando eu vi, todo mundo adorava. Tava jogando bem, tinha sido campeão brasileiro, sul-americano, todo mundo gostava, todo mundo conhecia o time, conhecia eu. Foi muito bom. Eu não esperava de jeito nenhum que fosse adaptar tanto, nunca, e ter os amigos que a gente tem”, conta Valtinho.

Jogar no Unitri foi uma experiência e tanto para Valtinho. O armador guarda inúmeras lembranças dessa fase fantástica de sua carreira. “Quando fala de Uberlândia, a primeira coisa que eu lembro é o UTC lotado”, conta Valtinho. Para o armador, a torcida fazia toda diferença: “era sinônimo do nosso time”, destaca. “Nossa aquele UTC era bom. Quando cê fala Uberlândia, sente falta assim, sabe?!”, completa. Para o ídolo é difícil escolher o time que mais gostou de jogar, mas o Unitri é especial: “foi, sem dúvida nenhuma, assim um, ah um lugar que... sabe. Gostei, não sei se mais ou menos, mas um dos mais, ou mais com certeza”, revela.

As pessoas enchem a boca para falar de Valtinho. Porque ele significou muito para o basquete uberlandense e significa muito para o basquete brasileiro. As palavras humildade, simplicidade, competência são sempre usadas em referência a ele. “É uma pessoa que o torcedor em Uberlândia, todo torcedor que você perguntar do basquete adora Valtinho. Por quê? Pela humildade, pela simplicidade dele. E dentro de quadra um guerreiro”, opina Lara. “Valtinho é um cara muito simples. Eu acho que tanto dentro quanto fora de quadra, a gente pode considerar ele a mesma coisa: muito simples, humilde. Um cara bem tranquilo. Um cara família. [...] Um cara que juntava o grupo, que chamava a responsabilidade para ele na hora que precisava ter. É um cara que a gente abraçou ele com muito carinho”, conta Flaviano.

Valtinho começou a dominar as quadras por esse Brasil afora cedo. Já são mais de 20 anos dedicados ao esporte da bola laranja. Nesse tempo, uma legião de pessoas espalhadas pelo Brasil e até fora do país tiveram o prazer de assistir Valtinho jogar. De ver Valtinho ser o Valtinho. De presenciar o maestro brilhar. Nesse tempo, nasceu um mito na forma de armador. Nesse tempo, surgiu um herói de carne e osso. Nesse tempo Valtinho fez história e se tornou um ídolo por tudo o que fez e faz jogando.

Nas quadras, Valtinho enfrentou mais que adversários. Enfrentou obstáculos. Enfrentou várias barreiras chamadas contusões. A mais grave foi em janeiro de 2012, quando Valtinho ficou longe das quatro linhas por quase um ano. Esse foi o momento mais difícil na carreira do armador. “Difícil pra mim era só lesão, sabe, quando eu machucava. Eu me machuquei muito. Uma vez eu rompi aí o ligamento do pé, voltei com muita dor, não conseguia jogar. Fiquei, sei lá, oito meses parado, mas voltei com muita dor jogando. Foi o momento que eu achei que eu ia parar, não conseguia mais, então esse foi o momento mais difícil pra mim”, conta Valtinho.

Valtinho chegou a pensar que não voltaria a jogar. Chegou a pensar que não colocaria os pés de novo dentro da quadra. Pensou errado. Ele se recuperou e voltou para o lugar dele. Voltou para fazer aquilo que ama e trazer mais alegrias para os torcedores. Mais que voltar a jogar, voltou a brilhar. Voltou a ser o maestro!

Por onde passou, ele encantou. Encantou com sua habilidade. Com sua raça de lutar com todas as suas forças para salvar aquela bola que parecia perdida. Com sua inteligência sabia o que fazer para mudar o rumo da partida nos últimos segundos, quando o cronômetro não era amigo do time. Como em um momento em que usou a esperteza para errar um lance livre de propósito, pegar o rebote, converter a cesta e virar o placar do jogo. Como em uma ocasião em que correu muito e fez um peixinho na quadra para pegar uma bola que estava saindo pela lateral. Só para citar como exemplo mesmo, porque os mais de 20 anos de experiência lhe renderam inúmeras jogadas lindas, lances perfeitos e *show* de basquete em quadra.

Valtinho é dono de jogadas que levaram a galera ao delírio. O armador já fez a arquibancada tremer. Fez a alegria de um tantão de gente. Proporcionou emoções únicas em muitos e muitos torcedores. Aliás, Valtinho não é só um armador. É o armador! Prova disso são as inúmeras oportunidades de jogadas que ele criou, a sua maneira de ler o jogo e saber o que fazer e em que momento fazer. Prova disso são os inúmeros títulos que ele conquistou. Prova disso são os prêmios que recebeu como o melhor jogador. Prova disso são os inúmeros jogos em que ele terminou como o que mais assistências distribuiu. E diga-se de passagem, em terra de assistências, Valtinho é rei.

Só que Valtinho não entra em quadra para ganhar nada disso, a sua simplicidade não permite. Ele entra para se doar para o time, ele entra e faz o que ele mais sabe: jogar bem! Ser tão bom naquilo que faz além do talento nato e paixão pelo esporte, é consequência de dedicação. Seu objetivo? Ajudar a equipe. “Cê se esforça para ser campeão, se vier uma coisa a mais, beleza, mas eu não jogo pra isso, eu jogo pra ajudar o time”, destaca o armador.

Valtinho continua fazendo a diferença nas partidas que joga como o experiente armador que é. Continua jogando muito e brilhando nas quadras. Não tem como comparar ele com ninguém. Ele não joga como ninguém, ele joga como o Valtinho que sempre foi. Como um dos melhores armadores do Brasil.

O armador Valtinho é um jogador que sempre deu o máximo de si. Suas jogadas, feitas com maestria. O esforço diário, a doação em prol do time são algumas das qualidades

do atleta. “O Valtinho atleta é o cara que gosta de treinar. Que treina firme, forte, que se dedica, treina pra melhorar mesmo, pra chegar no jogo e dá certo, porque sabe que as coisas não vão bem do céu”, revela o camisa 9.

O armador é um jogador diferenciado, como nas palavras do técnico Hélio Rubens: “O Valtinho foi um jogador, é até hoje um jogador diferenciado, porque ele tem domínio dos fundamentos. Ele quanto mais difícil é o jogo, mais ele aparece, quer dizer, é um cara que tem personalidade mesmo”. “É um jogador que tem na cabeça dele para fazer aquilo que precisa, aquilo que quer, não tem bloqueio psicológico de jeito nenhum, então é um excelente jogador”, completa Hélio Rubens.

E o que dizer do Valtinho ser humano? Para o armador ele é um cara “tranquilo”. Muito além do excelente jogador, há uma pessoa incrível. Valtinho é o marido da Daniela, o pai do André Mellim e do Matheus. É aquele que gosta de estar perto da família e dos amigos quando não está dentro de quadra. Que gosta de pagode. Que ama churrasco. “Eu gosto do suficiente pra viver, gosto de ficar com a família, encontrar os amigos [...] fazer um churrasco, conversar”, conta. “Gosto de tá com os filhos, com a esposa sempre assim, sabe, tranquilo, de boa”, revela o armador.

Valtinho fez e faz um trabalho impecável. É um profissional admirável. Uma pessoa admirável. Um gigante dentro de quadra. Um cara humilde fora dela. Assim é Valtinho, o maestro! O armador é um vencedor não só pelos títulos, mas por tudo o que ele representa. Pelo bom desempenho. Pelo trabalho duro. Pela dedicação. Pelo esforço. Pela raça dentro de quadra. Por dar alegrias para o público. Por fazer com que outras pessoas se apaixonem pelo esporte da bola laranja por sua causa. Pela simplicidade. Por ser um exemplo de jogador e de ser humano. Por ser orgulho. Valtinho é motivo de orgulho para Uberlândia. Para Franca. Para Rio Claro. Ribeirão Preto, São José, Paulistano e Bauru. É orgulho para todos os que amam esportes, especialmente os apaixonados pelo basquete.

## **Robert Day: o norte-americano que conquistou em cheio os brasileiros**

Ele chegou de mansinho. Veio de longe. Outro país. Outra língua. Outra cultura. Um sonho: seguir carreira no basquete. Mais que viver seu sonho, Robert Day veio dos Estados Unidos para o Brasil para brilhar nas quadras brasileiras. Veio para fazer história com o basquete do Brasil. Veio para conquistar uma legião de admiradores com sua habilidade com a bola laranja e sua humildade.

Robert Andrew Day nasceu no dia 13 de janeiro de 1982 em Portland, no Estado de Oregon, Estados Unidos. O norte-americano escreveu sua história no universo da bola laranja como ala. Como ala, Day se destacou. Como ala, Day mostrou o seu talento. Como ala, em pouco tempo Day se tornou um ícone do basquete brasileiro. Tornou-se querido. Admirado. Suas boas atuações despertaram a atenção de todos. Tornaram-se um espetáculo a parte. Dono de um arremesso certo, a cesta de três pontos era sua especialidade.

Era natal e Robert Day ainda era um menino quando seus olhos brilharam diante da televisão ao ver um jogo de basquete. “Eu comecei a jogar basquete com 11 anos de idade e foi assistindo um jogo da NBA durante a época de natal. Sempre passa um jogo com os melhores times. Eu assisti um jogo, eu acho que foi Chicago contra Indiana e ah... eu comecei a amar”, recorda Day. A partir daí, o garoto começou a praticar o esporte que despertou sua atenção naquela época. “Daí eu ganhei uma bola de basquete no Natal e eu fui direto pra quadra e eu comecei a treinar”, conta Day. Nascia ali uma paixão pelo esporte da bola laranja.

Day teve influências para seguir sua caminhada como jogador. Influências de grandes nomes do basquete mundial. Influências chamadas Michael Jordan e Eddie Miller. “Tive muita influência do Eddie Miller e o Michael Jordan. Esses caras, eu gostei muito de assistir jogar. Esses caras eram muito competitivos e jogavam com tudo dos dois lados da quadra, tanto defesa quanto o ataque”, destaca Robert Day.

O começo da carreira de Day não foi nada fácil, mas ele foi à luta para viver o sonho de ser um jogador profissional. Foi à luta para construir sua trajetória no basquete. Primeiro tentou um lugar no time escolar: “Eu fui pra tentar [...] um time de escola e eu não consegui jogar. Os caras falaram que eu tinha que treinar mais. Então eu fui lá e treinei sozinho por um tempão até eu ir em frente e eu ganhei espaço de um time, joguei bem e aí comecei a trajetória da minha carreira”, lembra o norte-americano.

Jogando na escola, Robert Day foi gostando cada vez mais do esporte. E a vontade de fazer do basquete a sua profissão foi crescendo ao longo dos anos. “Eu joguei no time de

escola até o sétimo ano e daí eu ganhei um lugar de um time, mais ou menos de estrelas, da região e viajamos para algumas cidades longe de minha cidade para uns torneios. Essa foi a primeira vez que eu viajei e foi muito legal. Eu gostei. Amei mais. Então me deu mais vontade de treinar, de melhorar”, recorda o ex-jogador. “Depois foi só High School, colégio, aí Universidade e daí fui pro México, profissionalmente”, conta.

Robert Day jogou no Benson Polytechnic High School e na Western Oregon University antes de ir para o México. Foi no país mexicano que Day começou a se despontar no universo do basquete, para depois ganhar mais notoriedade em outro país: o Brasil. “Joguei cinco temporadas e a experiência foi legal”, lembra o ex-jogador sobre sua passagem pelo basquete mexicano.

O norte-americano chegou ao México em 2004 para integrar a equipe Algodoneros de La Comarca. Depois de dois anos no time, o ex-ala deixou as quadras por um tempo. Voltou em 2007 para jogar no Caballeros de Culiacan. Depois jogou no Algodoneros de La Comarca e em 2009 foi fazer parte do Lobos Grises de La UAD Durango. A última equipe foi a que o projetou para além do México.

Robert Day desembarcou em terras brasileiras no segundo semestre de 2010. Chegou ao país para escrever seu nome na história do basquete do Brasil. Chegou para conquistar a admiração dos torcedores brasileiros. Para se tornar um ídolo. Chegou para vestir a camisa do Unitri/Uberlândia. E no time mineiro permaneceu por quatro temporadas.

“Um agente me levou para o Uberlândia”, conta Day. A intenção do agente era levar Robert Day para jogar um torneio na China com um time argentino. Não deu certo. Ainda bem! Day veio para o Brasil. “Esse time não tinha dinheiro suficiente para me pagar o que eu queria, o que ele [o agente] achou que eu merecia. E ele falou que conhecia um time no Brasil, uma situação legal, e foi Uberlândia”, recorda Day.

Day fechou com a equipe uberlandense. E não foi apenas pelo lado profissional. A escolha pelo time brasileiro tinha uma razão para lá de especial: “O que me deixou em Uberlândia foi o clima do time, a cidade, a torcida, a situação inteira. Era um lugar perfeito para jogar e o mais importante para mim é minha família. Era a primeira vez onde eles moraram comigo, meus filhos também e eles adoraram. Então, era um lugar perfeito para minha família inteira”, conta Robert Day.

Para vir para o Brasil, Robert Day teve que enfrentar mudanças. Era um novo país, uma nova cultura, uma nova língua. E foi justamente a língua o primeiro desafio de Day em

terras brasileiras. “Então, quando eu cheguei ao Brasil, eu acho que a maior dificuldade era a língua mesmo. Eu já tava acostumado a ficar fora dos Estados Unidos. A comida é muito boa no Brasil, então eu não sofri por isso não. Sempre sofre com a saudade de família, mas a língua foi difícil”, lembra. Mas Day tirou de letra e se tornou fluente em português com o tempo: “Eu peguei mais rápido do que eu esperava. Eu aprendi bastante espanhol e eu acho que a diferença não é tão grande, só as pronúncias de algumas letras. E daí eu via o alfabeto, tinha jogador que falava português e inglês e também o assistente técnico que me ajudava bastante e me virei assim”, conta.

Quando se fala em Unitri Uberlândia a primeira memória de Day é de uma conversa que teve com o então treinador do time uberlandense, Ratto, quando o ex-ala chegou para atuar na equipe. “Eu acho que eu cheguei e sempre tem esse sentimento de ‘nossa, eu vou encaixar?’, ‘eu vou jogar bem?’, ‘eu vou gostar do time?’. Aí o técnico, o Ratto, chegou em mim falando que ‘oh, eu sei que você arremessa bem, se você errar dez vezes, eu quero que você chute mais dez vezes’ e daí me deu um conforto tão grande que eu senti em casa direto e aí essa é a primeira memória mais forte que eu tenho”, lembra Robert Day.

De cara, Day já gostou da cidade de Uberlândia e da torcida. “A cidade é grande, mas tem o sentido de cidade pequena e eu gostei muito, é a minha cara mesmo”, ressalta o ex-ala. Além do mais, a primeira impressão da torcida foi positiva: “Era uma torcida que amava o basquete e mostrava pelo jeito de torcer, com bastante carinho com os jogadores [...], gostei muito”, relembra.

Pelo Unitri Uberlândia, Robert Day conquistou quatro campeonatos mineiros (2010, 2011, 2012 e 2013) e foi vice-campeão da quinta edição do NBB, temporada 2012/2013. Na campanha do vice-campeonato, Day com suas excelentes atuações em quadra, levou o prêmio de melhor ala da competição.

Depois de quatro temporadas, Robert Day teve que deixar o Unitri para a tristeza da torcida uberlandense. Tristeza por ter que despedir de um ídolo do time. De um jogador excepcional. De uma pessoa incrível. O time passava por uma reformulação e muitos ídolos foram embora da equipe. O momento foi difícil para os torcedores que não queriam sua saída. E foi difícil para o jogador também. “Em 2014 quando eu deixei o Unitri foi muito difícil. Criei uma casa lá com minha família, foi o primeiro lugar onde eles moraram comigo fora dos Estados Unidos. Então, foi um lugar especial, criei muita amizade forte lá [Uberlândia]”,

conta. “Foi um momento ruim mentalmente, mas enfim, eu acho que deu muito certo”, ressalta.

É, deu certo. Day saiu de Minas, mas continuou escrevendo sua história como jogador. Foi para São Paulo. Foi para o Bauru. Foi em busca de mais conquistas. Robert Day se foi, mas continuou sendo um ídolo para a torcida de Uberlândia. Para os amantes do esporte da cesta. E, claro, se tonou ídolo para outras tantas pessoas.

Pelo Bauru, Robert Day foi campeão paulista em 2014, ano em que também levantou o troféu da Liga Sul-Americana. Faturou a Liga Américas em 2015 e conquistou, ainda, dois vice-campeonatos do NBB: temporadas 2014/2015 e 2015/2016.

Na sua passagem pelo basquete brasileiro, Day participou de cinco edições Jogo das Estrelas: 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016. “Particpei de algumas edições do Jogo das Estrelas e significou o trabalho feito mesmo, igual chegar ao final da temporada. [...] Para mim, eu to mostrando minha força como estrangeiro”, destaca Day.

Em 2011, o evento reuniu os melhores jogadores da temporada. Atletas brasileiros e estrangeiros foram divididos em duas equipes: o NBB Mundo (estrangeiros) e o NBB Brasil (brasileiros). Robert Day foi uma das estrelas do NBB Mundo e fez um feito inédito em sua carreira.

Na partida disputada em Franca, o NBB Mundo derrotou o NBB Brasil pelo placar de 115 a 99. Na vitória dos estrangeiros, o então ala Robert Day marcou nada menos que 50 pontos. Desses, 36 foram bolas de três pontos. A atuação impressionou a todos e a pontuação foi a melhor de Day em sua carreira e a melhor de um atleta na história do Jogo das Estrelas. Na ocasião, Robert Day faturou o prêmio de MVP (jogador mais valioso) do jogo. “Eu fiz 50 pontos, ajudei o time ganhar e eu concretei meu nome no Brasil, na Latina América”, recorda o norte-americano. Aliás, Day ainda não foi superado e é dele o recorde de pontos (50) e de bolas de 3 (12 bolas de 3) na competição festiva.

O momento mais difícil da carreira de Day? “Mais difícil acho que parar”, pondera. Era setembro de 2016 quando saiu o anúncio de que Day iria deixar de jogar basquete profissionalmente. O então ala que era admirado por seu talento nato, seu arremesso certo e sua simpatia fora das quadras decidiu se aposentar. Uma decisão nada fácil. Reflexo da situação que vive o esporte brasileiro. Que vive os outros esportes para além do futebol. “Acho que foi uma sequência de negócios que me empurraram para fora. Eu acho que o momento financeiro do país, do Brasil, não me deixou ganhando o que eu queria

financeiramente e quando chegou no mínimo que eu poderia aceitar já era. A família já tava fora da escola, as crianças já estavam fora da escola três meses já nessa época. Eu tava sem receber há um tempão. Todo mundo tem as contas que tem que cuidar e eu já tava no meu limite esperando”, conta Robert Day.

Day tomou a decisão que considerou melhor para sua família. “Eu tinha que tomar a decisão e eu não queria ir pra outro país. Eu acho que meus filhos estavam tão integrados nessa cultura brasileira que eu acho que é errado tirar eles e colocar em outro lugar só por mais uns anos, dois anos, sei lá. Então, ah eu tomei a decisão melhor para a família para voltar e começar aqui [Portland]”, lembra o ex-jogador. Mas parar não foi fácil para Day: “Pra parar de jogar foi difícil. Foi mais difícil porque não foi do jeito que eu queria, que eu esperava, mas foi certo que Deus fecha portas, mas abre outras e ele tava abrindo uma outra pra mim e tava fechando essa. Tava bem claro pra mim”, conta.

Day voltou para sua terra natal. Voltou para os Estados Unidos. Está de novo em casa. Perto da família e de velhos amigos. Sua vida mudou completamente. E tudo vai bem. “A vida está bem aqui agora nos Estados Unidos. To mexendo com casa, vendendo casa, cuidando do lado financeiro. Então eu estou trabalhando com os bancos, ajudando o pessoal a conseguir financiar a casa que eles querem e eu estou gostando”, conta o ex-jogador. Agora Day trabalha em um escritório. “To num time aqui legal, que tem muito apoio. Me sinto como se eu tivesse jogando ainda, igual não, mas no sentido de ter um time de apoio, você pode dar risada, você pode sobreviver junto, lutar junto”, ressalta.

Robert Day encerrou um capítulo importante em sua vida. Pôde viver o sonho de jogar basquete e ser reconhecido por isso. Pôde ver seu mundo pintado de laranja. Pôde mostrar o que sabe fazer de melhor dentro das quatro linhas. Pôde ver um monte gente admirar o seu trabalho. Pôde dar alegria para os torcedores. Pôde proporcionar e vivenciar emoções únicas nas quadras pelo Brasil afora e pelo mundo afora também. Pôde fazer um monte de gente se apaixonar pelo esporte de bola ao cesto.

Aliás, poder estimular as pessoas a se apaixonarem pelo basquete é motivo de orgulho para Robert Day. Ele se sente feliz por ter incentivado outras pessoas a praticar o esporte da bola laranja. “É uma coisa que eu tinha quando eu era criança. Uma razão pela qual eu comecei a jogar. Então para mim é uma coisa de orgulho mesmo, de conseguir fazer esse feito com o pessoal, com a molecada, até com adulto”, destaca.

Day foi importante para o Unitri, mas o Unitri também foi importante na vida dele. “O Unitri significou um dos melhores momentos da minha carreira, depois de tantos anos, oito anos fora do país [Estados Unidos]. Eu, enfim, poderia trazer minha família junto, eu poderia ser uma família fora de casa, fora dos Estados Unidos, e deu uma experiência única, legal para minha família”, ressalta o ex-jogador. Além disso, o time uberlandense o projetou para o cenário nacional e até para fora do país. Robert Day passou a ser reconhecido pelo seu talento, pelo bom desempenho dentro de quadra. “Pessoalmente, foi bem legal porque acho que tive mais visão e respeito no basquete brasileiro que nos outros lugares que eu joguei e eu fiz muito sucesso”, pondera.

Os torcedores de Uberlândia adoravam Day. Adoravam e adoram! O ex-jogador tinha um ótimo relacionamento com a torcida. Fazia questão de estar perto daqueles que acompanhavam o time. Tratava todo mundo bem. Sempre simpático. Sempre educado. Sempre atencioso. Assim era Day fora das quadras. E é por isso que admiração dos torcedores por Day vai além do profissional. É admiração pela pessoa que ele era e é.

O norte-americano conquistou em cheio o carinho dos torcedores. E Day fazia por onde e tentava retribuir todo carinho que recebia. “Para retribuir esse carinho que os torcedores me davam eu jogava com tudo o que tinha. Eu não tinha como retribuir tudo o que eles davam. Eu tentei conversar com cada um que queria conversar, tirar foto, passar o tempo com eles. Acho que esse é o único jeito que eu posso fazer”, conta.

Nas suas passagens pelos clubes brasileiros, Robert Day ganhou vários presentes dos torcedores. Teve um bem marcante que ele recebeu quando deixou o Unitri. “Quando eu saí de Uberlândia a Reilla me deu uma lembrança muito legal: um livro cheio de lembranças, de fotos com as palavras da torcida que amei. Eu tenho guardado num quarto meu que eu fiz de homenagem de basquete”, conta Day. “Eu fiz desde quando ele chegou. Tipo, a capa era a primeira foto dele dando entrevista pra Vitoriosa. E de quando ele foi embora, que a última entrevista que ele deu foi pra TV integração, no Globo Esporte, então a última foto, era um print da entrevista. E no decorrer disso, tinha viagem, tinha fotos deles [jogadores] no Cajubá”, revela a torcedora Reilla.

As quatro temporadas no Unitri foram muito especiais para Robert Day. Hoje fica a saudade de uma época mágica. “Eu tenho muita saudade dessa época”, destaca Day. “Fiz amizade muito forte nesse time. Negócio de basquete é especial por você conviver com o pessoal diariamente e passar mais tempo com eles do que com a família. Então esse grupo que

tivemos lá [Unitri Uberlândia] era muito especial. Todo mundo gostava de todo mundo. Passava muito tempo fora de quadra junto”, recorda. “Essas amizades vão ficar para sempre. Eu tenho bastante contato com todos ainda”, conta o ex-jogador.

Day se tornou um grande ídolo para os torcedores uberlandenses. Mas ele não se vê assim não. “Ah eu acho que esse negócio de grande ídolo eu não sei. Eu não me vejo assim. Eu me vejo como um outro povo de Uberlândia. Eu sempre joguei com humildade e eu sempre tratei todo mundo igual”, ressalta.

Nas quadras, não importava se era treino ou jogo. Day sempre estava inteiro e dava duro. Ralava. Buscava sempre melhorar. Sempre deu muito de si em todas suas atuações. Sempre lutou para fazer o melhor para o time, para conseguir bons resultados e dar alegria para a torcida. “Dei meu coração todo dia. Lutei nos treinos. Lutei nos jogos até o fim do jogo”, destaca o craque. Era assim que ele contribuía para o time que integrava.

Dono de um arremesso certeiro, a cesta de 3 pontos era a especialidade de Day. Sua marca registrada. Uma mistura de talento e nato e muito treino. “Eu fiz bastante treino. Treinando arremessando como eu iria arremessar no jogo. Pensando que era marcado”, conta o craque. “Eu sempre treinei arremessando como eu era no jogo mesmo, eu acho que era uma coisa que me ajudava bastante. Sempre vai encontrar alguém mais alto, mais rápido, então tem que pensar assim e treinar assim”, revela Robert Day.

O basquete foi mais que uma profissão para Robert Day. Trouxe lições. Trouxe grandes aprendizados para ele. “O basquete representou tipo uma escola que tava me ensinando os últimos vinte e tantos anos que eu joguei. Eu comecei a jogar com 11 anos e eu aprendi muito nesses anos sobre vida, sobre derrota, sobre emoção, sobre como perder”, pondera Day. “Me formou no que eu estou hoje”, completa.

Na sua passagem pelo basquete brasileiro, Robert Day deixou um pouco de si no Brasil, mas também leva com ele algumas coisas do país: “O que eu vou levar do Brasil, vou levar o negócio de cultura. Eu acho que o povo do Brasil é um pouco mais carinhoso. Eu sempre fui assim, mas me ajudou a ver mais a importância de família, de cada final de semana todo mundo estar passando um tempo com a família, vivendo junto, isso foi um negócio que eu gostei muito. Aqui nos Estados Unidos todo mundo está correndo ou olhando para frente e aí acaba esquecendo as coisas mais importantes da nossa vida. Então, eu vou levar bastante isso, vou levar umas comidas, como o churrasco. E espero que eu possa levar uns amigos para cá também”, ressalta Day.

Ao todo, foram 23 anos jogando basquete. 23 anos de luta, de sonhos e de realizações. Depois de 23 anos, Day deixou as quadras. E deixou um legado que vai ficar para sempre. Ele marcou a trajetória de dois clubes brasileiros. Deixou as quadras, mas deixou sua marca em cada equipe que atuou. Deixou sua marca no basquete mineiro. No basquete paulista. No basquete brasileiro. Day vai ser sempre lembrado com carinho pelos torcedores por tudo o que fez.

Foram seis anos no basquete brasileiro. Em pouco tempo, Day mostrou um bom estilo de jogo. Com técnica. Com boas atuações. Com lindas jogadas. E o que falar daquele arremesso certo? Perfeito! Era bom. Era tão bom! Parecia uma máquina de fazer três pontos. Mas não era uma máquina. Era melhor. Era humano. Era simplesmente Robert Day. Um ícone do basquete que veio dos Estados Unidos. O norte-americano que conquistou em cheio os brasileiros.

Sua passagem pelas equipes brasileiras rendeu derrotas, vitórias, conquistas. Rendeu bons momentos, alegrias, emoções. Rendeu viagens. Rendeu amigos. Rendeu experiências únicas. Rendeu histórias. Agora, Day é história. E é saudade. A torcida agradece por tudo o que fez. O basquete brasileiro agradece por Day trazer para o país o seu talento. Agradece pelos *shows* em quadra. Pelo espetáculo que proporcionou com as suas jogadas precisas. Com a arte que fazia com seu arremesso de três pontos. Pelas conquistas. Pelo excelente jogador. Pela humildade. Pelo carinho. Valeu, Robert Day!

## **Brasília é boa gente!**

O cara tranquilo, atencioso e determinado. O atleta talentoso, esforçado e focado. Tudo isso não poderia resultar em outra coisa: uma carreira de sucesso. Na bagagem, ele traz não só o sentimento de missão cumprida, mas de muito bem cumprida. Os títulos que conquistou estão aí para provar. Ele ganhou o respeito e a admiração dos torcedores, pois fez muito pelos times em que passou. Jogou, encantou e deixou seu nome marcado na história de vários clubes. Ele é Cláudio Antônio Gomes Clemente. Ele é Brasília como é mais conhecido no universo do basquete.

Cláudio Clemente nasceu em Brasília no dia 9 de dezembro de 1972 e escreveu sua história no basquete brasileiro como pivô. Sua trajetória com a bola laranja começou na sua terra natal. Foi no Distrito Federal, que o ex-jogador teve seu primeiro contato com o esporte. Ele teve influência da família, já que seus irmãos já praticavam basquete: “Eu sou o mais novo, tem três mais velhos: dois homens e uma menina. Os três jogavam”, recorda o ex-pivô.

Tudo começou no Clube Motonáutica. Era lá que Brasília praticava o esporte junto com seus irmãos. Mas foi no Unidade de Vizinhança, com a idade entre 14 e 15 anos, que Brasília se firmou como jogador de basquete. O ex-pivô entrou para a turma infanto-juvenil do clube e permaneceu na equipe brasiliense por dois anos. Depois de vestir as cores do Distrito Federal, era chegada a hora de alçar novos voos. E lá se foi Cláudio Clemente Brasil afora. Ele deixou a capital, sua casa e sua família e foi viver o sonho no esporte em terras paulistas. Ele fez da bola laranja o seu mundo. Fez do basquete a sua profissão.

Um novo estado, um novo clube e mais um passo rumo à sua carreira de sucesso. Foi no Esporte Clube Sírio que Brasília iniciou a nova fase de sua vida profissional. Na equipe, o ex-pivô jogou dois anos na categoria juvenil e atuou pelo clube no time adulto também. “Depois fui pra Telesp Clube, depois Corinthians, depois Banco Bandeirante, COC/Ribeirão Preto, Bauru, Uberlândia, Universo Brasília e Uberlândia de novo”, relembra Brasília sobre as equipes que defendeu.

No ano de 1995, Brasília jogava pelo Telesp e levou o Troféu “Oswaldo Caviglia” de atleta revelação, uma premiação da Federação Paulista de Basketball. Em 1996 chegou ao Corinthians paulista para brilhar. E foi no Corinthians que veio o seu primeiro título nacional. Brasília foi campeão pelo clube em 1996. Em 1997, Brasília defendeu o time Banco Bandeirantes/Barueri. Já em 1998, ele integrou o COC/Ribeirão Preto. Em 1999, o ex-jogador passou a vestir a camisa do Bauru e permaneceu na equipe por quatro anos, até meados de

2003. No Bauru, Brasília conquistou mais um título nacional. Foi campeão brasileiro de basquete em 2002.

No segundo semestre de 2003, Brasília chegou a terras mineiras. Chegou a Uberlândia para integrar a equipe Unitri. Chegou ao Unitri para fazer a diferença. Para jogar, para brilhar e para conquistar títulos. Chegou para marcar ainda mais sua história e marcar a história do time uberlandense.

Na sua primeira passagem pelo Unitri Uberlândia, Brasília conquistou o Campeonato Mineiro quatro vezes seguidas: em 2003, 2004, 2005 e 2006. O ex-jogador foi vice-campeão da Liga Sul-Americana em 2004, mesmo ano em que levantou o troféu de campeão brasileiro pela equipe uberlandense.

O título brasileiro conquistado na equipe de Uberlândia veio para somar a galeria de conquistas de Brasília. “Por sorte assim, eu sempre tive em times bem competitivos. [...] Eu já tinha título do Corinthians, eu já tinha o título de Bauru. Aí pra mim foi, não foi mais um, mas assim, foi importantíssimo também pra juntar com os outros dois de antes”, lembra o ex-pivô.

Em 2005, o ex-jogador levou o vice-campeonato brasileiro e se tornou campeão da Liga Sul-Americana. O título da Liga teve um sabor mais que especial, pois a conquista culminou com a volta de Brasília às quadras depois de um momento difícil em sua carreira: “Eu passei uma temporada, uma boa parte da temporada recuperando de cirurgia. Da final eu já participei. Aí foi melhor ainda porque eu tava voltando de uma cirurgia difícil pra caramba assim, [foi] mais importante do que os outros títulos até”, conta o ex-jogador. Ainda em 2005, Brasília conquistou o segundo lugar no Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões.

Entre os anos de 2007 e 2010, quando o Unitri encerrou as atividades pela primeira vez, Brasília foi defender a equipe do Distrito Federal, o Uniceub Brasília. Pela equipe brasiliense, o ex-pivô foi vice-campeão brasileiro em 2008, faturou o vice-campeonato da primeira edição do Novo Basquete Brasil (NBB) temporada 2008/2009 e conquistou o título da segunda edição do NBB, temporada 2009/2010. No ano de 2010, Brasília também se sagrou campeão da Liga Sul-Americana com o time da capital.

Na segunda metade do ano de 2010, com o retorno do Unitri, Brasília voltou a defender a camisa da equipe uberlandense. No time de Uberlândia, ele jogou as temporadas de 2010/2011 e 2011/2012 do Novo Basquete Brasil (NBB). Em maio de 2012, Brasília se aposentou como jogador e se tornou assistente técnico do Unitri. “Parei de jogar com 40 anos.

Tava chegando a hora”, brinca o ex-pivô. “Saí de casa com 18, aí fui até 40. Então foram 22 anos de basquete. Tava chegando a hora já [de parar]”, recorda Brasília.

Brasília foi assistente técnico do Unutri nas temporadas 2012/2013 e 2013/2014. Como assistente, ajudou a equipe a conquistar o vice-campeonato do NBB5, temporada 2012/2013. Em 2014, o ex-jogador assumiu a função de técnico interino do time pelas últimas duas rodadas do NBB. Integrar a comissão técnica do time foi uma experiência muito diferente daquilo que Brasília já tinha vivido no basquete. “Nunca tinha nem imaginado”, lembra o ex-jogador.

Para Brasília a bagagem de atleta conta para auxiliar na função de assistente técnico e treinador, mas é preciso de mais. “Essa experiência toda conta, mas ainda precisa de uma outra preparação, acho que só jogar e passar pro outro lado é difícil. Conta experiência, conta muito conhecimento que tem, mas ainda falta completar um pouquinho. Um pouco mais de estudo pra melhorar. Trocar assim rápido é difícil. Passar de um lado pro outro é difícil”, conta Brasília.

Seja dentro de quadra, brilhando como pivô, seja fora dela, auxiliando e treinando os jogadores, Brasília ficou ao todo oito anos em Uberlândia. Foram oito anos no Unutri. Oito anos que marcaram a vida de Brasília. Oito anos em que Brasília deixou sua marca na trajetória do time uberlandense. Oito anos em que houve alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, chegadas e partidas. Em que não faltaram lances lindos. Cestas marcantes. *Show* de basquete em quadra e comemorações.

Nesse tempo o que sobressaiu foi a garra de um jogador que buscava fazer o seu melhor para o time. Que tinha muita concentração e que não deixava nada o atrapalhar na hora do vamos ver. Que fazia de cada treino como se fosse um jogo e de cada jogo como se fosse um treino.

O ex-pivô Brasília era o atleta concentrado. Aquele que não deixava a torcida afetar a sua atuação. “Eu sou bem fechado pra isso assim, eu tento entrar na quadra, nem a favor nem contra, eu tento eliminar um pouco”, revela Brasília sobre como costumava agir antes dos jogos.

Brasília era o atleta que se doava da mesma forma nos treinos e jogos. Como ele era antes de entrar em quadra? “O mesmo, igual do dia de treino, normal. Não mudava nada na rotina, nada. A mesma coisa”, destaca o ex-pivô. Na hora do vamos ver, um pouco de

nervosismo, mas Brasília garante: “Um pouquinho de nervosismo tem, mas não era nada em excesso não”.

Cláudio Clemente chegou a Uberlândia e se adaptou fácil a cidade. A fácil adaptação veio da facilidade que Brasília tem de lidar com mudanças. Eu saí de Brasília e fui pra São Paulo, eu não sou preso assim. Eu cheguei na cidade e falei ‘ah, eu to aqui, eu vou viver aqui’. Eu não reparo muito assim”, recorda. Depois de morar na capital paulista, Brasília viveu em cidades pequenas: “Fiquei muito tempo em São Paulo, uns 10 anos em São Paulo, depois eu fui pra Ribeirão e Bauru que eram menores. Acho que não senti essa diferença de ser cidade grande, cidade menor. Eu não me ligo muito”, ressalta ele.

Brasília se formou em Educação Física pelo Centro Universitário do Triângulo (Unitri) e se especializou em crossfit quando ainda integrava o time do Unitri. Em 2014, o ex-jogador de basquete abriu um Box oficial do esporte em Uberlândia. “Parei de jogar, já tava estudando Educação Física. Aí passei pra comissão técnica. Comecei a preparar pro crossfit, fazer os cursos de crossfit, preparar e pensando em treinar e depois saí do time aí que eu corri atrás pra montar. Então, foram praticamente os dois anos que eu fiquei na comissão técnica que eu fui estudando e treinando pra preparar”, conta Brasília.

O Unitri teve um papel relevante na carreira de Brasília. “Eu fiquei muito tempo. Foi, assim, esse final de, praticamente, final de carreira meu e ainda estar em equipe de ponta, disputando título”, destaca o ex-jogador. Sobre o time uberlandense, Brasília avalia: “Foi importante pra mim, pra carreira”.

Dos tempos de jogador, Brasília carrega algumas amizades, inúmeras lembranças e saudades. A maior delas? “É de ficar na quadra, de tá esse dia a dia ali convivendo com o pessoal do time. Tem a parte profissional de chegar, treinar, trabalhar, mas você chega, você acaba que se diverte, conversa”, revela. “É uma convivência muito boa, assim, dentro do time”, completa Brasília.

O atleta de velocidade. O pivô ágil. Raciocínio rápido dentro de quadra. Força de vontade. Essas eram algumas características de Brasília como jogador. E o que dizer do ser humano Brasília? “Sei lá, parecido com o atleta, sei lá. [...] Difícil, sei não”, responde Brasília ao tentar falar de si. Só essa fala, já mostra sua simplicidade. Sim, Brasília é simples, extremamente educado, muito responsável e atencioso. Enfim, Brasília é boa gente!

## Referências

### Jornal

*Correio de Uberlândia*

### Sites

*Blog Unitri Uberlândia:* [unitriuberlandiabasquete.blogspot.com.br/](http://unitriuberlandiabasquete.blogspot.com.br/)

*Confederação Brasileira de Basquete (CBB):*

<http://www.cbb.com.br/>

*Correio de Uberlândia:* [www.correiodeuberlandia.com.br](http://www.correiodeuberlandia.com.br)

*Franca Basquete:*

[www.francabasquete.com.br/](http://www.francabasquete.com.br/)

*Globo Esporte:*

[www.globoesporte.globo.com](http://www.globoesporte.globo.com)

*Liga Nacional de Basquete (LNB):*

<http://lnb.com.br/>

*Vasco da Gama:*

[www.vasco.com.br/](http://www.vasco.com.br/)

### Entrevistas

Cláudio Antônio Gomes Clemente (Brasília)

Edicardos Machado Siqueira (Edicarlos)

Flaviano Henrique Rodrigues (Flaviano)

Giuseppe Urzetta (Cardoso)

Hélio Rubens Garcia Filho (Helinho)

Hélio Rubens Garcia (Hélio Rubens)

Luiz Humberto Lara (Lara)

Lione Tannus Gargalhoni (Lione)

Luis Henrique Miranda *Cambraia (Cambraia)*

Robert Andrew Day (Robert Day)

Reilla Mendes (Reilla)

Valter Apolinário da Silva (Valtinho)